



**GISELE MARIA
DE OLIVEIRA
CARVALHO**

**CIDADÃS DO MUNDO:
VIAGEM INDEPENDENTE E PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO NO FEMININO**



**GISELE MARIA
DE OLIVEIRA
CARVALHO**

**CIDADÃS DO MUNDO:
VIAGEM INDEPENDENTE E PROCESSOS DE
SUBJETIVAÇÃO NO FEMININO**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Turismo, realizada sob a orientação científica dos Professores Doutora Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista, Professora Catedrática do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e Carlos Manuel Martins da Costa, Professor Catedrático do Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo.

Tese realizada com o apoio financeiro da CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil.



Dedico este trabalho à memória da minha amada Tequinha. Uma mulher que transformou minha história com seu amor incondicional. Amor cuja força e grandeza acolhe, liberta e empodera.

o júri

presidente

Prof. Doutor Luís António Ferreira Martins Dias Carlos
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

Prof^a. Doutora Maria Aline Salgueiro de Seabra Ferreira
Professora Associada da Universidade de Aveiro

Prof^a. Doutora Inês Cláudia Rijo de Carvalho
Professora Auxiliar da Universidade Europeia

Prof^a. Doutora Larissa Latif Plácido Saré
Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará

Prof^a. Doutora Sara Vidal Maia
Investigadora da Universidade do Minho

Prof^a. Doutora Maria Manuel Baptista
Professora Catedrática do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro
(Orientadora)

agradecimentos

Gratidão à Deus pela oportunidade que me foi dada de morar e estudar em Aveiro, Portugal. Foi uma longa jornada de ricos e intensos aprendizados. Através do amor e através da dor eu caminhei longas estradas até chegar à conclusão desta tese.

Andei pelos caminhos de dentro e de fora. Nas estradas de fora, partilhei vida e amor fraterno com tantas pessoas lindas que me ajudaram a me tornar quem hoje eu sou.

A todas elas, gratidão!

Nos caminhos de dentro reconheci o amor próprio, amadureci e hoje vibro minha essência verdadeira.

Mãe, pai, família e amigos, gratidão por vibrarem junto comigo! Desde a tristeza até alegria, com vocês essa jornada foi possível. E foi linda.

Gratidão às viajantes deste estudo que partilharam suas vidas e suas inspiradoras jornadas independentes.

À professora Maria Manuel, meu coração cheio de admiração, respeito e amizade.

Ao professor Carlos Costa, gratidão por sua acolhida, disponibilidade e orientação ao longo do processo.

Esta investigação trouxe tantos aprendizados científicos e para minha vida, e um deles eu gostaria de registrar: amor partilhado sabe tão bem!

palavras-chave

Viagem independente, ócio humanista, género feminino, processos de subjetivação.

resumo

Este estudo apresenta a viagem independente sob o olhar das especificidades do género feminino, e busca identificar quais os elementos que influenciam a motivação e a performance de um grupo de mulheres brasileiras em viagens independentes ao exterior. A análise de quinze entrevistas realizadas em profundidade com as viajantes, fez emergir um conjunto vasto de temas transversais como género, ócio humanista e processos de subjetivação. Os depoimentos das viajantes confirmam situações de preconceito, limitação, assédio e constrangimento vividas em suas jornadas. O que significa dizer que as performances dessas viajantes ganham visibilidade e agregam valores nas esferas pública e privada. Esse movimento pode resultar numa subtil transformação de padrões estabelecidos, ao romper limites, desconstruir preconceitos de género e contribuir para o empoderamento da mulher enquanto sujeito de direitos. A viagem independente assume um papel metafórico nesta investigação e nos convida a repensar as relações humanas. Finalmente, o estudo pretende sensibilizar o leitor para os desafios que envolvem as questões de género que, por sua vez, são capazes de expandir as possibilidades dos processos de subjetivação no feminino.

keywords

Solo travel, humanistic leisure, feminine gender, subjectivation processes.

abstract

This study presents the independent journey under the look of the specificities of the female gender and seeks to identify the elements that influence the motivation and performance of a group of Brazilian women on independent trips abroad. The analysis of fifteen interviews carried out in depth with the travelers, made emerge a vast set of cross-cutting themes such as gender, humanistic leisure and processes of subjectivation. The testimonies of the travelers confirm situations of prejudice, limitation, harassment and embarrassment experienced in their journeys. What it means to say that the performances of these travelers gain visibility and add values in the public and private spheres. This movement may result in a subtle transformation of established patterns, by breaking limits, deconstructing gender biases and contributing to the empowerment of women as a subject of rights. Independent travel assumes a metaphorical role in this investigation and invites us to rethink human relations. Finally, the study intends to sensitize the reader to the challenges that involve the gender issues, which, in turn, are able to expand the possibilities of the processes of subjectivation in the feminine.

“Sinto mil possibilidades nascerem dentro de mim. Sou sucessivamente travessa, alegre, lânguida e melancólica. Tenho raízes, mas flutuo.”

Virginia Woolf

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
1 TESSITURAS DO TURISMO GLOBALIZADO E ESTUDOS DE GÊNERO.....	7
1.1 O TURISMO GLOBALIZADO: CARACTERIZAÇÃO, DINÂMICAS E DESAFIOS	7
a) Caracterização da atividade turística.....	7
b) Dinâmicas e cenários.....	13
c) Desafios contemporâneos.....	21
1.2 O TURISMO E OS ESTUDOS DE GÊNERO	23
a) Turismo e lazer no feminino.....	23
b) A mulher no mundo do trabalho e o turismo	28
2 VIAGEM INDEPENDENTE NO FEMININO.....	37
2.1 O <i>GRAND TOUR</i> E AS MULHERES: DESBRAVANDO O MUNDO (IN)EXTERIOR.....	37
2.2 CONTINUIDADES E RUPTURAS NOS PADRÕES E ESTUDOS DE GÊNERO	43
2.3 DIFERENÇAS, MAS NEM TANTO: DESIGUALDADES SOCIAIS E O PROCESSO HISTÓRICO	55
2.4 PERFORMANCES DE GÊNERO	62
2.5 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA VIAGEM INDEPENDENTE NO FEMININO	66
3 ÓCIO, LAZER E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO.....	89
3.1 <i>HOMO FABER</i> E <i>HOMO LUDENS</i> : A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DO LAZER E ÓCIO EM HEGEL E NIETZSCHE	89
3.2 ÓCIO: REVISITANDO O LAZER	94
3.3 ÓCIO, SUBJETIVIDADE E AUTODESENVOLVIMENTO.....	105
3.4 ÓCIO, CONSTRANGIMENTOS E VIAGEM NO FEMININO	111
4 CAMINHOS DA PESQUISA: TECENDO OLHARES PARA A PESQUISA QUALITATIVA.....	119
4.1 METODOLOGIA QUALITATIVA, PARADIGMA INTERPRETATIVO E FENOMENOLÓGICO: ENFOQUES EPISTEMOLÓGICOS	119
4.2 O UNIVERSO FEMININO NA PESQUISA E A TRANSDISCIPLINARIDADE.....	127
4.3 SELEÇÃO DOS SUJEITOS	130
4.4 PRODUÇÃO DOS DADOS	132
4.4.1 A Entrevista	136
5 PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES EM VIAGENS INDEPENDENTES: ANÁLISE E DISCUSSÃO DE ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE	143
5.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO	143
5.2 ANÁLISE E CONSTRUÇÃO DOS PERFIS	146

a) Viajante Exploradora: a viagem e o desafio ‘de mim’	147
b) Viajante Espiritualizada: a viagem ‘em mim’	148
c) Viajante Autoperformática: a viagem ‘além de mim’	149
5.2.1 Análise dos perfis a partir das variáveis	150
a) Faixa Etária	150
b) Estado Civil	154
c) Maternidade	156
d) Áreas de atuação profissional	158
e) Número de viagens independentes	160
5.3 CARACTERÍSTICAS COMUNS EM TODOS OS PERFIS	161
5.3.1 Potencialidades do processo de subjetivação	162
a) Emancipação	162
b) Empoderamento	163
5.3.2 Obstáculos aos processos de subjetivação	164
a) Cerceamento	164
b) Constrangimentos	165
5.4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	166
5.4.1 Características comuns em todos os perfis	168
a) Possibilidades emergentes do processo de subjetivação	168
b) Obstáculos aos processos de subjetivação	170
5.4.2 Perfil da Viajante Exploradora	179
5.4.3 Perfil da Viajante Espiritualizada	187
5.4.4 Perfil da Viajante Autoperformática	192
6 CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E RECOMENDAÇÕES	201
6.1 ORIGINALIDADE, LIMITAÇÕES E CONTRIBUTOS	201
6.2 CONCLUSÕES	204
BIBLIOGRAFIA	217
ANEXOS	233
ANEXO A – GUIÃO DE ENTREVISTA	234
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	236

Índice de Quadros

Quadro 1 Atributos do Turista Contemporâneo	11
Quadro 2 Forças exógenas que influenciam o turismo.....	12
Quadro 3 Países OCDE.....	17
Quadro 4 Perspectiva dos estudos de turismo e as questões de gênero	26
Quadro 5 Itinerários dos estudos do lazer e ócio	98
Quadro 6 Características do Lazer e do Ócio	101
Quadro 7 Perfis da viajante independente	146
Quadro 8 Análise dos perfis em relação à faixa etária.....	151
Quadro 9 Análise dos perfis em relação ao estado civil	155
Quadro 10 Análise dos perfis em relação à maternidade.....	156
Quadro 11 Análise dos perfis em relação às áreas de atuação	158
Quadro 12 Análise dos perfis em relação ao número de viagens independentes	160
Quadro 13 Frequência de variáveis em cada perfil	167

Introdução

No século XXI, a mulher tem sido protagonista de relevantes transformações sociais, políticas, culturais e económicas, o que torna relevante identificar de que forma essas mudanças se repercutem na construção da subjetividade feminina. Tomando como foco e fio condutor as performances de mulheres viajantes independentes, iremos relacionar os resultados obtidos nesta investigação com questões relativas ao género, à viagem independente no feminino e ao ócio. A nossa questão de investigação é a de saber como se dão os processos de subjetivação da mulher que viaja sozinha, tema que necessariamente se associa a uma reflexão sobre a atuação social e política da mulher enquanto cidadã de direitos e deveres.

Os resultados obtidos concorrem para perceber uma nova conduta que pode contribuir para a desconstrução de estereótipos e modelos sociais instituídos no que se refere à atuação da mulher na sociedade. Com efeito, no presente estudo percebemos que a viagem independente, com características da *slow travel*, surge como uma experiência de ócio construtivo que beneficia a viajante em aspectos fundamentais de sua vida, como, entre outros, os do autodesenvolvimento e do intercâmbio sociocultural.

A viagem independente, abordada neste estudo, está inserida no contexto do lazer e refere-se à mulher brasileira, que viaja, ou viajou, pelo menos uma vez, desacompanhada para o exterior. Entre as qualidades e características mencionadas nos depoimentos recolhidos, podemos enumerar as seguintes: flexibilidade do roteiro (feito por elas); destino internacional; hospedagem particular (albergue, hotel, pousada ou outro); passam a maior parte do tempo sozinhas e fazendo, a todo momento, suas escolhas pessoais e de lazer (Chai, 1996).

As descobertas e aprendizagens vivenciadas pela mulher em viagens independentes favorecem uma série de possibilidades quanto às suas performances, apontando para um discurso de liberdade relativo à natureza ativa da relação entre o indivíduo e a sociedade, um discurso que habita o corpo, que o constitui e, por isso, se confunde com ele (Butler, 2004). Neste contexto, performar é atravessar fronteiras

geográficas, emocionais, ideológicas, políticas e pessoais; é tornar-se alguém mais e você próprio ao mesmo tempo; é ter empatia, reagir, crescer e mudar (Schechner, 2014).

Para além deste panorama, o estudo indica dimensões ainda pouco investigadas a respeito de viagens independentes no feminino, capazes de aprofundar a questão das necessidades, experiências e desafios das viajantes. Com efeito, entre todas as formas e possibilidades de contínua emancipação que a mulher contemporânea goza, a viagem independente apresenta-se como um caminho subtil para o exercício da autonomia e para a revisão de hábitos e costumes consolidados.

Num cenário de tendência para o desenvolvimento do turismo a nível mundial, este estudo elege, por conseguinte, a mulher como protagonista de suas experiências em viagens independentes, escolha tanto mais relevante quanto se verifica um aumento da procura desse tipo de viagem, que tem por si mesmo uma série de especificidades, novidades e exigências, e que deve ser tratada como um segmento merecedor de maior atenção por parte do mercado (Buhalis, 2001; McNamara & Prideaux, 2010).

As mulheres que compõem a amostra deste estudo atualizam e desconstroem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, com seus comportamentos e atuações durante a experiência da viagem. Há, portanto, na viagem independente, um espaço que convida à libertação, à transgressão e à transposição das normas que reprimem quem somos, ou quem podemos vir a ser, justamente por se realizar em um ambiente fora do quotidiano, do ordinário.

Entre janeiro e dezembro de 2014 entrevistamos em profundidade quinze mulheres brasileiras e, ao realizarmos a análise dessas entrevistas, identificamos os inúmeros benefícios que as viagens independentes proporcionam às viajantes. Ao identificar as condições objetivas e subjetivas em que tais viagens ocorrem, nos diferentes contextos das experiências turísticas, este estudo faz uso de ferramentas qualitativas de investigação para a compreensão da realidade estudada.

O perfil das mulheres que analisamos caracteriza-se por se referir a mulheres com elevadas habilitações literárias, que vão desde a licenciatura ao grau de doutoramento. A maior parte delas é solteira, não possui filhos e tem origem nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Quanto à atuação profissional, a predominância é da área das ciências humanas e sociais. A maior parte visitou de um a cinco países de forma independente, ainda que três, das quinze viajantes entrevistadas, já tenham visitado mais de vinte países sozinhas.

Para analisarmos os dados empíricos, utilizámos as metodologias de análise de conteúdo, uma vez que é por esta via que é possível reconhecer o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento, bem como o significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas (Bardin, 1977; Franco, 2008). Nesta perspetiva, valorizamos também os estudos qualitativos sobre género e turismo, uma vez que favorecem um maior entendimento sobre questões que estão para além das diferenças entre homens e mulheres como, por exemplo, os cisgéneros ou os transgéneros, e que incluem a subjetividade, preferências, anseios, medos, tendências e outras possibilidades subjetivas.

No capítulo 1 veremos que o crescimento do turismo no Brasil e no mundo, aliado às possibilidades de desenvolvimento desta atividade, e considerando a diversidade de caminhos que os atores envolvidos dispõem, indica o turismo como um dos elos possíveis para promover a conexão e a interação entre diferentes culturas. Pesquisadores em todo o mundo partilham estudos que confirmam o turismo como sendo um fator de conectividade real da vida moderna, capaz de promover a harmonia e estimular o respeito e a igualdade de géneros, gerando emprego e renda em realidades sociais muito diversas.

No capítulo 2, ao buscarmos a compreensão do caminho historicamente trilhado por mulheres nos assuntos de turismo e viagens, faremos uma breve contextualização das viagens no feminino e procuraremos perceber as variáveis que deram origem ao crescente fluxo de mulheres em viagens independentes mundo afora.

Para além do papel de subjetivação da viagem, é fundamental compreender de que maneira a trajetória das mulheres foi marcada pela perseverança e pelo destemor.

De facto, este estudo considera o aspecto dinâmico das viagens, favorecendo discussões aprofundadas sobre a complexidade das inter-relações existentes entre os temas que lhe são conexos. De certa forma, o turismo compreende um campo de estudo que considera inúmeros saberes interligados a ele, como é o caso da antropologia, da sociologia, da psicologia, da espiritualidade e da educação.

Não sendo um tema muito explorado no âmbito dos estudos em turismo, a presente investigação não deixa de ter uma relação direta com ele. Com efeito, penso que seu contributo para essa área de estudos consiste em proporcionar um enfoque que, mais do que centrar-se no núcleo comercial da atividade turística, privilegia os prismas socioexistenciais e psicoantropológicos do viajante e, neste caso, de uma viajante com características específicas.

Ainda no capítulo 2, faremos uma análise das teorias pós-feministas que trazem à discussão novos paradigmas. Dessa forma, torna-se possível uma reflexão apurada sobre as conexões entre o género, o turismo e a viagem. Além disso, as motivações, as experiências e os comportamentos de mulheres, bem como os seus processos de subjetivação serão analisados sob o enfoque da performance e da viagem enquanto espaço fértil para a tomada de consciência e exercício do poder. Nesse sentido, o turismo pode contribuir para a diminuição das diferenças entre géneros, sobretudo pelo facto da natureza desta atividade consistir em valorizar a diferença e o contacto com a alteridade ser um dos principais fatores motivacionais para as deslocações e intercâmbios culturais.

No capítulo 3, o direito ao lazer na sociedade contemporânea será discutido, problematizado e (re)pensado de maneira aprofundada. Compreender a relação entre o ócio e o turismo requer a apresentação de um breve histórico a respeito do lazer e do trabalho contemporâneo, que pode ser analisado sob a perspetiva dos filósofos Hegel e Nietzsche. O nosso objetivo aqui será aplicar esta análise à viagem independente e ao papel da subjetividade na construção da identidade da viajante.

Além do mais, neste capítulo, aprofundaremos as dimensões subjetivas que afloram na viagem independente enquanto momentos de ócio e lazer. No final desta abordagem pretendemos identificar como é que esse tipo de experiência interage com diferentes aspectos do bem-estar e felicidade das viajantes. Para além de contribuirmos para uma reflexão sobre a qualidade da vivência, sublinhamos o empoderamento e o papel político deste tipo de lazer nestas mulheres, resultantes de suas escolhas em momentos de ócio.

Já no capítulo 4, veremos que, no caminho trilhado por esta investigação, é extenso e abrangente o predomínio do interesse de mulheres pesquisadoras pelas questões de género. Individual ou coletivamente, as mulheres atuam em inúmeras frentes: na família, no mercado, na política ou nas demais instituições formais e não formais, e essa atuação pode aumentar de forma proporcional ao adquirirem mais conhecimento (Hanmer & Klugman, 2015).

Entendemos que, como forma de consolidar a prática dialógica entre o objeto de estudo e o pesquisador, pode lançar-se mão da reflexividade vivida durante todo o processo de investigação. Portanto, o investigador deve estar atento à forma como as suas questões subjetivas afetam e influenciam todas as etapas do estudo, desde a seleção do problema de pesquisa até às maneiras de analisar e interpretar os resultados.

Particularmente, a convicção que adquiri em termos pessoais, levou-me a querer aprofundar o tema no âmbito de uma investigação científica. O que me interessa investigar é o efeito que a viagem provoca na vida das pessoas e, em particular, a avaliação dos frutos que a experiência singular das viagens independentes de mulheres tem, sobretudo em termos de aprendizagens, desafios e benefícios, ao longo de seus processos de subjetivação, meus e das viajantes.

Finalmente, no capítulo 5, faremos a discussão dos resultados, abordando, entre outros, um dos assuntos mais controversos deste estudo: o conceito de género e seus desdobramentos. Por se tratar de um tema transversal, essa discussão gera uma diversidade de paradigmas epistemológicos e culturais, em particular no que se refere ao comportamento de mulheres em viagens independentes, para além de todas as

discussões de ordem social, política e de subjetivação que o tema encerra. Assumimos, portanto, uma identidade social que nos posiciona através de atitudes e comportamentos feministas (Swirsky & Angelone, 2016), que prezam denunciar qualquer forma de repressão, limitação e assédio à liberdade da mulher, surgindo esta investigação como um convite à exploração de novos espaços de subjetivação no feminino.

1 Tessituras do turismo globalizado e estudos de género no turismo

“El mundo es cada vez más pequeño”

(Guia turístico do projecto Yandup - Uzkupeni, Kuna Yala, Panamá, Diário de campo, 18-07-2004 *in* Pereiro, 2009)

1.1 O turismo globalizado: caracterização, dinâmicas e desafios

a) Caracterização da atividade turística

Muitos de nós se identificarão provavelmente com a ideia do mundo estar cada vez menor e as fronteiras entre os povos serem gradualmente mais ténues. Na vida quotidiana, nos encontros e desencontros que experimentamos, percebemos que estamos todos conectados (existindo também outro movimento que visa estreitar a conexão entre o homem e o meio ambiente natural). Estamos mais envolvidos e atentos a tudo o que se passa em nosso entorno. Como um tantra, um organismo vivo e pulsante que desperta incontáveis possibilidades, a dinâmica da atividade turística, nos dias atuais, congrega, agrega, inclui e integra diferenças de toda ordem, género e carácter.

Neste capítulo inicial iremos abordar a construção e a desconstrução da viagem, tendo como cenário o turismo e uma das principais motivações da viagem: a conexão. Guiados por um olhar atento e apaixonado por essa forma de estar no mundo e de dialogar com as diferenças, iremos focar as fronteiras turísticas e a sustentabilidade como assuntos emergentes no cenário do turismo mundial. Faremos isso dando particular ênfase aos estudos que se debruçam sobre as diferenças de género vivenciadas no contexto do turismo, desde o mercado de trabalho até à análise da viagem independente, com foco no género feminino. Desse modo, esta investigação tem como pressuposto que as viagens das mulheres podem também ser perspectivadas como um fenómeno de género (Khoo-Lattimore & Wilson, 2017).

No contexto da atividade turística e de seus desdobramentos, este estudo centra-se na ambiência da viagem independente no feminino, abordando de maneira

transversal os assuntos de género e de ócio. Para compreendermos em detalhes as características da viagem que será estudada ao longo desta investigação cumpre esclarecermos o conceito de «viagem independente». Assim, partindo do que a literatura do turismo define como viajante independente, trata-se de um turista que não viaja por meio de pacotes de uma agência de turismo ou em grupo, e que chega a um país desacompanhado (Chai, 1996; Stanford, 2017).

Ao referirmo-nos a viajantes mulheres, neste caso as brasileiras que viajam desacompanhadas para o exterior, é importante elencar algumas características deste tipo de viagem. Assim: 1) a escolha de um destino internacional; 2) o planeamento e a flexibilidade do roteiro feito por elas; 3) a hospedagem particular (albergue, hotel, pousada, outro); 4) a realização da visita aos atrativos turísticos do destino sozinha; e, 5) o lazer como principal motivação da viagem.

Ainda que as viajantes encontrem e conheçam pessoas ao longo da jornada, a maior parte do tempo encontram-se sozinhas, assumindo suas escolhas e itinerário, passeios e companhias. É justamente essa possibilidade de escolher livremente e assumir suas decisões que abordaremos nos capítulos seguintes, aprofundando a discussão através do recurso à atual literatura sobre o assunto.

Por se tratar de uma atividade essencialmente humana, logo, relacional, existem múltiplos debates sobre a diversidade de modelos de turismo. Estes modelos devem ser devidamente estudados, a fim de combater as consequências nefastas que podem resultar de alguns deles, seja em termos da exploração humana, seja em termos ambientais e ecológicos.

Desse modo, entendemos que, aliada à tecnologia, a globalização traz rotineiramente o acesso à realidade local, agregando benefícios ou não. O que antes era global, internacional, mas apenas acessível àqueles que possuíam os recursos financeiros suficientes para transitar entre diferentes realidades económicas e sociais, hoje já pode ser alcançado por aqueles que possuem restrições de toda ordem, a exemplo das limitações de físicas e financeiras. Além do mais, o elo existente entre o território, as pessoas e suas culturas ajuda a dar significado às diferenças, sem que elas sejam necessariamente excludentes. Não devemos, contudo, deixar de considerar as

palavras de Loureiro (2006, p. 82) quando refere que a dinâmica da globalização “[...] é coercitiva, homogeneizadora no plano cultural, profundamente excludente em relação a populações marginais e países periféricos”. Para além das alterações socioculturais, a globalização fragmenta, descentraliza e desterritorializa, aí incluso o turismo com o intenso fluxo de pessoas (Loureiro, 2006).

Para pensar o turismo é fundamental falarmos da experiência que dele resulta. As experiências diversificadas que o turista vive envolvem a contemplação de espaços e paisagens; a degustação de sabores; a percepção de novos aromas e o convívio e socialização de diferentes culturas, criando elos de conectividade em determinado momento e local (Urry, 1990). Nessa mesma linha de pensamento, amplia-se o leque de formas de interação que podem acontecer entre os espaços turísticos e aqueles que os visitam. No território, o indivíduo é, concomitantemente, usuário e guardião, beneficiário e agente de transformação, conservação e valorização do espaço em que se operacionaliza o turismo. Caso contrário, a massificação do consumo desses espaços materiais e imateriais poderá destruí-lo (Meneses, 2004).

Por isso o conhecimento dessas diversas formas de interação nos destinos turísticos é fundamental para o estudo do comportamento do turista. Para além dos potenciais benefícios de carácter económico, conhecer o viajante é uma oportunidade para otimizar as relações com o território visitado, promover o respeito pela diversidade e valorizar a cultura e especificidades do local visitado.

Por sua vez, o desenvolvimento do território no qual a atividade turística está implantada, implica intervenções que consideram as assimetrias regionais e sociais, sugerindo a elaboração de políticas que promovam o equilíbrio entre as necessidades humanas e os limites de exploração ambiental. Autores como Barretto (2000) e Coriolano (2006) discutem a intrínseca relação existente entre o turismo e o território, uma vez que para eles o território é o local que guarda os valores culturais de determinado grupo social, definido por sua história, património, paisagem, tradições, crenças, mitos, símbolos, economia, relações sociais e o turismo.

Essa relação com o território aponta para o conceito de turismo que para fins deste estudo, consiste na deslocação física temporária do turista do seu local de

residência habitual para um destino diferente. Enquanto fenômeno, o turismo pode provocar alterações sociais, ambientais e culturais, a partir da interação entre os diferentes tipos sociais. Por isso, o turismo cumpre seu papel fundamental no processo de socialização, que seria o de dinamizar as relações sociais de determinada sociedade (Dias, 2005).

Falar sobre turismo remete para os temas relativos ao bem-estar e à qualidade de vida, pois diversos estudos atestam a contribuição da atividade na melhoria do índice da qualidade de vida (Poon, 1993; Plog, 2001; Buhalis & Costa, 2005; Crouch & Richie, 1999) e na sensação de bem-estar e felicidade. O turista do futuro, de acordo com aqueles estudos, gosta do que é simples, deseja estar nas experiências, deseja conhecer novas culturas, testar e fazer coisas novas. A essência sociocultural do fenômeno turístico contribui para moldar estilos de vida, estruturas sociais e a qualidade de vida dos cidadãos do mundo, bem como afeta de maneira significativa a prosperidade global (Crouch & Richie, 1999).

Nesse entendimento, o perfil desses novos turistas já apresenta características relevantes, sobretudo por serem “pessoas mais experientes, mais informadas e por, na sua tomada de decisões, apresentarem critérios claros sobre o valor que atribuem às suas experiências e terem maior consciência acerca dos recursos

financeiros e da disponibilidade de tempo que pretendem despende” (Costa, 2012, p.54), como podemos observar no Quadro 1:

Quadro 1 Atributos do Turista Contemporâneo



Fonte: elaborado pela autora a partir de Poon (1993); Boniface & Cooper (2005); Buhalis & Costa (2006).

Investigar como o novo turista pensa, sente e atua revela muitos aspectos das relações existentes na sociedade atual. Nessa perspectiva, é importante referir que o movimento de expansão do turismo está se dando a partir de um público mais velho, de pessoas mais maduras, visto que a expectativa de vida em países desenvolvidos e em desenvolvimento tem aumentado em decorrência do cuidado com a saúde. Tudo isso resulta dos avanços nas descobertas de formas de prevenção e cura de muitas doenças e materializa-se em hábitos e comportamentos físicos, alimentares e relacionais mais saudáveis.

O que Poon (1993) previu há mais de vinte anos, hoje já é uma realidade. Para o autor, o novo turista procura serviços individualizados, fruto de uma maior independência financeira e emocional. Esse turista busca uma troca autêntica de conhecimento com as comunidades visitadas; gosta de correr riscos; é mais espontâneo e flexível quando escolhe os destinos; e possui um maior nível de informação.

Existe uma tendência na mudança de valores desses sujeitos, uma vez que se preocupam cada vez menos em consumir produtos, são mais sensíveis e atentos às questões socioambientais globais, preferem o natural e o que é real e valorizam as diferenças, sociais, naturais e culturais, buscam o desenvolvimento pessoal em detrimento do acúmulo de bens materiais, com o objetivo de aprofundarem a experiência turística (Poon, 1993; Boniface, Cooper, & Cooper, 2005; Binkhorst & Dekker, 2009). Para os novos turistas, viajar é um estilo de vida, uma forma de encarar a vida, ainda que isso aumente a complexidade e transformação contínua da demanda turística (Poon, 1993; Page, 2003).

Isto pode significar que a dinâmica do mundo globalizado pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias inovadoras na dimensão econômica, cultural, social, ambiental e política, capazes de beneficiar o crescimento da atividade turística como um todo (Butler, 2009). Fatores externos ao turismo mostram-se cada vez mais influentes, conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 Forças exógenas que influenciam o turismo



Fonte: elaboração da autora adaptado de Dwyer et al. (2009).

A figura anterior apresenta as forças que influenciam o turismo de maneira particular: 1) Econômica: sugere a melhoria das políticas macroeconômicas,

proliferação das viagens e crescimento do setor privado; 2) Ambiental: alterações climáticas, esgotamento do meio ambiente natural e perda da biodiversidade; 3) Política: apresenta o surgimento de novas potências, com maior atenção aos níveis de segurança e manutenção da paz global; 4) Demográfica: representa o aumento e o envelhecimento populacional, alterações nos padrões de trabalho, aumento do reconhecimento do poder da mulher e do nível educacional, além de uma maior preocupação com a saúde, resultando em novas estruturas sociais; 5) Social: o surgimento de novas estruturas sociais; e 6) Tecnológica: refere-se ao acesso à informação e novas tecnologias, aumento das bases de dados e evolução nos meios de transporte.

No atual contexto, em que desfrutamos de múltiplas possibilidades de vivenciar o turismo globalizado, é importante delinear o cenário da atividade que se desdobra de maneira dinâmica no Brasil e no mundo, a fim de abordar as questões transversais que serão discutidas neste estudo. Importa esclarecer que, ao tratarmos o turismo, sua caracterização e tendências, estamos dialogando com o mundo das viagens e dos viajantes. Ambos se complementam e estão entrelaçados de uma maneira muito particular e interdependente.

b) Dinâmicas e cenários

Antes de apresentar alguns dados sobre o turismo no Brasil e no mundo, outras reflexões são importantes para revelar as circunstâncias em que as novas relações e possibilidades do turismo e das viagens estão transcorrendo. Inicialmente, vale a pena destacar a maneira como o avanço tecnológico tem afetado o setor. As compras *online* revolucionaram a forma como a viagem é vivenciada. Existem aplicativos no celular com infinitas ofertas para gerir o que quer que seja, demonstrando a força dos media sociais e dos dispositivos móveis. É necessário pensarmos sobre como as tecnologias e as escolhas pessoais poderão afetar o futuro das viagens.

Entretanto, ainda que as experiências virtuais estejam cada vez mais acessíveis – e inclusivas – na tentativa de substituir a experiência *in loco*, nada se compara ao que é vivido e sentido de forma real. Significa dizer que a experiência subjetiva é vital para a caracterização e qualificação do turismo, reforçando dessa maneira que o futuro da viagem não é um destino ou um lugar onde se quer ou se deve estar e sim uma jornada que se inicia de onde estamos hoje para onde desejamos estar amanhã. Isso se relaciona com a ideia de que o processo e o caminho de como se desenvolve determinada atividade são mais importantes, pois deles podem resultar uma maior aprendizagem para o indivíduo.

No mercado do turismo e viagens é fundamental termos em mente a importância de identificarmos as motivações dos viajantes, ainda que, na maioria das vezes, a intenção seja sair da rotina e do cotidiano. O aumento exponencial da atividade turística tem como fundamento o crescimento de uma sociedade com mais acesso aos recursos financeiros, em busca de um estilo de vida mais saudável e que usufrui de uma maior mobilidade, como, por exemplo, as mulheres que viajam sozinhas e as companhias aéreas *low cost*.

O viajante tornou-se cada vez mais exigente, portanto, a complexidade e a sofisticação oferecidas pelo setor tendem a aumentar, ainda que a procura pelo mais barato prevaleça na relação entre custo e benefício. Neste contexto, reinventar e inovar a roda do mercado do turismo é o que determinará o diferencial da atividade e, como veremos a seguir, tal compreensão vai ao encontro do planejamento e das políticas do setor, que estão sendo pensadas no Brasil e no mundo.

Segundo os dados da Organização Mundial do Turismo (UNWTO, 2016b), o turismo figura como um dos importantes alicerces do desenvolvimento, prosperidade e bem-estar de uma nação. A abertura de novos mercados e o aumento de destinos no mundo todo suscitou um maior investimento no turismo, com impacto na criação de empregos e novos empreendimentos, na geração de receitas de exportação e desenvolvimento de infraestruturas. O turismo corresponde a 7% das exportações mundiais, sendo que um em cada onze empregos estão ligados ao setor

de turismo (UNWTO, 2016b), repercutindo no mundo em 10% dos impactos diretos, indiretos e induzidos.

As últimas seis décadas foram marcadas pela expansão contínua e diversificada do mercado turístico como sendo o setor económico que cresce com mais rapidez em todo o mundo, apresentando novos destinos e opções. Apesar das crises económicas e sociais no cenário internacional, o setor tem apresentado força e resiliência. Ao redor do mundo aumentam os números da atividade, tanto em crescimento quanto em receita (UNWTO, 2016b).

Além de ser a maior categoria do comércio internacional, segundo os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo cresceu muito rápido no mercado global e, em 2015, nos serviços (UNWTO, 2016b). Em outras palavras, na categoria da exportação mundial, o turismo aparece em terceiro lugar, inclusive à frente dos produtos de alimentação e automação, depois das empresas produtoras de combustível e químicos (UNWTO, 2016b). As receitas internacionais de turismo cresceram 4,4% em termos reais (tendo em conta as flutuações da taxa de câmbio e inflação), com ganhos totais nos destinos estimados em US \$ 1.260 bilhões (1.136 bilhões de euros) em todo o mundo, no ano de 2015 (UNWTO, 2016b).

Em relação aos números referentes à movimentação de turistas estrangeiros nos cinco continentes, a edição de 2016 da UNWTO apresenta o cenário que caracteriza cada um, destacando as especificidades que os diferencia e que os indica como destinos turísticos. Ainda que todos eles apresentem um importante aumento no fluxo de visitantes entre os anos de 2014 e 2015, somado à criação de novos destinos, importa realçar os casos nos continentes Europeu e Americano: a Europa, particularmente, por agrupar as principais rotas das viajantes; e a América, por ser o continente de origem dos sujeitos deste estudo.

Os principais destinos internacionais nessa tabela de classificação mundial, em 2015, foram a França, os Estados Unidos, a Espanha e a China. Quanto aos países que lideram a saída do fluxo de turistas, estão no topo desta lista a China, os Estados Unidos, o Reino Unido e respetivas regiões, evidentemente impulsionadas por suas fortes moedas e economias.

A OMT lançou o relatório intitulado “Turismo em direção a 2030”, que prevê que as chegadas internacionais de turistas em todo o mundo atinjam os 1,8 bilhões até 2030 (UNWTO, 2016b). Nesse relatório é apresentado um estudo sobre as mudanças e tendências no setor, com foco na elaboração de políticas e estratégias adequadas para a construção do turismo competitivo e sustentável, apostando num crescimento contínuo (UNWTO, 2016b).

No que se refere à mobilidade, o crescimento das companhias aéreas de baixo custo contribuiu sobremaneira para a flexibilidade e fluidez de movimento entre os países, em especial dentro do continente Europeu. Já quando o assunto é motivação do visitante, o relatório da OMT (UNWTO, 2016a) identificou que mais da metade das chegadas de turistas internacionais tem como motivação o lazer, que se traduz em viagens de férias, recreação e outras formas de lazer. Os benefícios e impactos do lazer serão discutidos no capítulo 3 deste estudo, quando abordaremos a construção do conceito de ócio e lazer, relacionando às viagens.

Outro aspecto relevante apresentado no relatório da OMT (UNWTO, 2016a) é o facto de que a maioria dos turistas visita destinos dentro da sua própria região, com cerca de quatro das cinco chegadas. Para o turismo internacional, os mercados de origem estão concentrados, em grande parte, nas economias avançadas da Europa, das Américas, da Ásia e do Pacífico. Ainda que de maneira mais tímida, as economias emergentes também mostraram crescimento nos últimos anos, especialmente nos mercados da Ásia, Europa Central e Oriental, Oriente Médio, África e América Latina.

Entre as principais fontes que estudam o desenvolvimento do turismo está a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), cujo principal objetivo é promover políticas que melhorem o bem-estar económico e social das pessoas em todo o mundo (OECD, 2016). Entre as inúmeras ações propostas pela OCDE, destaque-se o estímulo ao compartilhamento de experiências entre os países membros, com o intuito de buscar soluções para problemas que são comuns entre eles, a partir das esferas económica, social e ambiental. A sustentabilidade é trabalhada de maneira transversal às discussões sobre inovação e novas tendências no turismo

urbano, promoção cultural e possibilidades de criação de novos modelos de negócio no turismo.

Quadro 3 Países OCDE

Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)	
Países membros	Austrália, México, Bélgica, Nova Zelândia, Chile, Países Baixos, Dinamarca, Noruega, Alemanha, Áustria, Estônia, Polônia, Letônia, Finlândia, Portugal, França, Suécia, Suíça, Grécia, Irlanda, República Eslovaca, Islândia, Eslovênia, Israel, Espanha, Itália, República Checa, Japão, Turquia, Canadá, Hungria, Coreia, Reino Unido, Luxemburgo e Estados Unidos
País candidato à adesão	Rússia
Países candidatos à adesão e cooperação reforçada	Brasil, Indonésia, China, África do Sul e Índia

Fonte: OCDE, 2016

No setor do turismo, a OCDE tem apostado no fomento de políticas de turismo que estimulem a competitividade e a sustentabilidade. Existe um crescimento significativo nos países membros da OCDE, que avança apesar das crises econômicas em todo o mundo. Para além disso, a organização propõe uma colaboração dos países membros, por meio de ações políticas ativas, inovadoras e integradas, fazendo com que o turismo continue sendo um setor competitivo e sustentável (OECD, 2016).

Em seus relatórios e estudos mais recentes, as estatísticas da OCDE demonstram que os países membros continuam a ser os destinos turísticos mais populares do mundo, representando mais de 60% das receitas globais de viagem (OECD, 2016). Contudo, esses documentos apostam que os destinos turísticos emergentes cresçam de forma mais dinâmica a longo prazo.

A partir dos dados apresentados, a importância do turismo como atividade económica é significativa. Para a OCDE, o turismo continua a ser um dos principais contribuintes das economias nacionais, com uma média de 4,1% do PIB, 5,9% do emprego e 21,3% das exportações de serviços. Além disso, o turismo fornece elementos para estabilizar os mercados de trabalho, a exemplo da pós-crise económica, vivenciada por vários países, como a Grécia, Portugal e Espanha, entre 2008 e 2014 (Haxton, 2015).

No Brasil, os indicadores-chave do turismo, em 2013 (Haxton, 2015), foram de 2,2% de empregos diretos e o emprego de quase dois milhões de trabalhadores pela indústria do turismo. Quanto ao turismo receptivo, em 2014, a entrada de turistas estrangeiros no Brasil foi mais de seis milhões. Entre os principais mercados estavam: Argentina (27%); Chile (5%); França (4%); Paraguai (4%); e Estados Unidos (10%).

Como vimos, o crescimento do turismo, enquanto fenómeno global moderno, ocupa um papel central na agenda política e económica de muitos países. O desafio continua a ser o reconhecimento do potencial transformador da atividade como viés económico para o desenvolvimento local e a mitigação dos impactos negativos nas comunidades receptoras e no meio ambiente natural, social e cultural. Atualmente, o turismo contribui diretamente para 5% do PIB mundial sendo que um, em cada 12 postos de trabalho, é atribuído a esta atividade ao nível mundial, além de ser um importante setor de exportação para muitos países em desenvolvimento, bem como para os desenvolvidos.

As últimas seis décadas viram um crescimento extraordinário do turismo. Apesar das múltiplas mudanças e choques, das crises humanas, das catástrofes naturais e crises económicas, das quais o mundo ainda está se recuperando, o turismo, embora vulnerável, sempre se recuperou, provando sua resiliência e capacidade de retoma.

A proposta da OMT para as próximas duas décadas é a de fomentar o crescimento sustentável do turismo. A previsão é de que o setor continue a expandir, com aumento do número de turistas internacionais, em média 43 milhões por ano, entre 2010 e 2030, resultando numa faturação de mais de 1,8 mil milhões de dólares

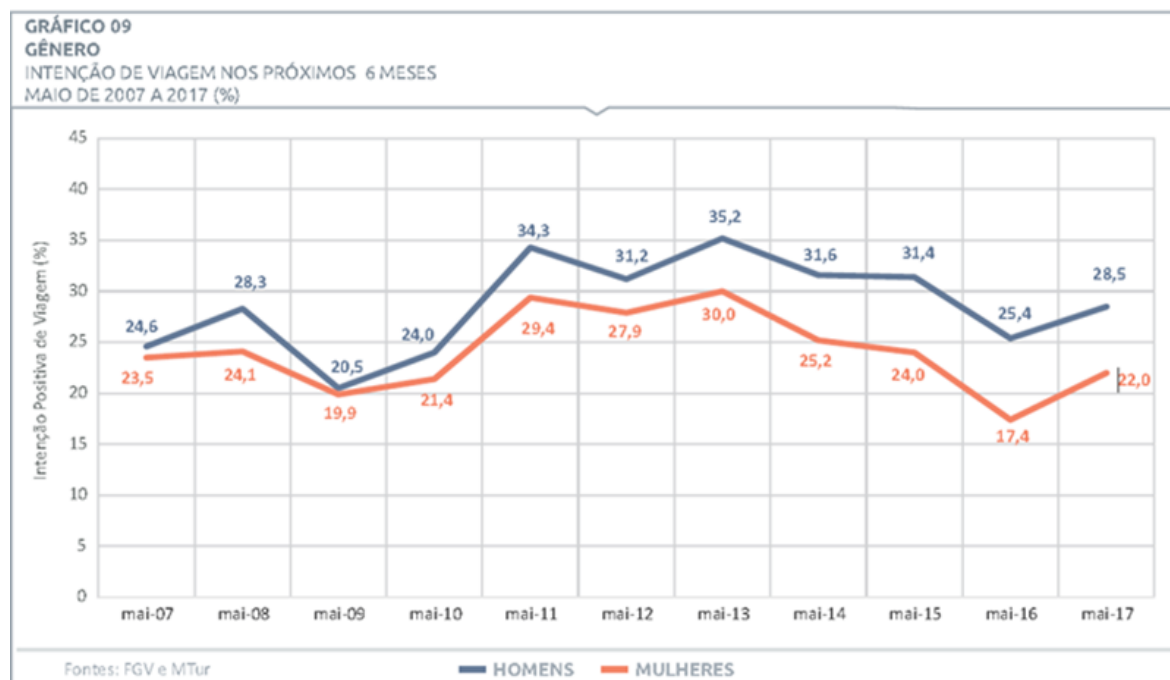
(OMT, Towards, 2030). Isso significa dizer que, em duas décadas, o turismo internacional superará as 5 milhões de pessoas que cruzarão as fronteiras entre os países, motivadas por lazer, negócios ou outros fins, em particular os de economia emergente. O aumento das chegadas será mais notório para os seguintes destinos: Ásia, América Latina, Central e Europa Oriental, África e Oriente Médio.

Quando relacionamos essa discussão sobre o desenvolvimento do turismo e o aumento do número de viajantes dentro do território brasileiro, as estatísticas do Ministério do Turismo do país apresentam a pesquisa de sondagem do consumidor em relação à intenção de viagem, realizada em grandes cidades brasileiras e revela que a cada ano esse número aumenta. Prevê-se que mais brasileiros viajem em 2017, registrando que a intenção de viagem para destinos internacionais aumentou de 19,7% em maio de 2016 para 23% em maio de 2017 (Brasil, 2017).

Em relação à faixa etária dos entrevistados que têm intenção de viajar para o exterior, a classificação é a seguinte: os que possuem menos de 35 anos (de 7,7% do total de respondentes, em maio/2016, para 5,3% em maio de 2017), entre 35 e 44 anos (5,2% para 9,1%), entre 45 e 60 anos (de 5,5% para 8,2%), e entre os consultados com idade superior a 60 anos (de 8,4% para 11,2%). Observamos um aumento de maneira perceptível na intenção de viagem para o exterior dos brasileiros adultos. Esse aumento pode estar relacionado com a estabilidade financeira necessária para programar uma viagem internacional (Brasil, 2017).

Ainda relativamente à viagem para o exterior, foco do nosso estudo, os mais elevados percentuais, em maio/2017, são igualmente observados na segmentação de entrevistados com maior nível de escolaridade: 18,5% dos informantes são pós-graduados e 10,7% possuem grau superior completo (Brasil, 2017). Ou seja, mais de 87% das pessoas interessadas em viajar para o exterior são graduados ou pós-graduados. Esse resultado, de acordo com os dados, corresponde diretamente à renda, ao acesso e à disponibilidade financeira para esse tipo de viagem, pois mais de 80% dos entrevistados que têm intenção de viajar para o exterior ganham mais de R\$-4.800,00. Aqueles que ganham até R\$-2.000,00 não manifestaram essa intenção.

Tendo em consideração as oscilações da economia no Brasil, em dez anos (2007-2017) podemos constatar que a intenção de viagem permanece estável. No caso das mulheres brasileiras, essa intenção aumentou em 2017, conforme demonstrado no gráfico abaixo.



Fonte: Brasil, 2017 – sondagem.

A intenção das brasileiras em viajar para fora do país, em maio de 2017, foi de 40% das entrevistadas. Dessas, 84% pretendem viajar acompanhadas por cônjuge, filhos e outros tipos de acompanhantes. Nesse sentido, depreende-se que 16% dessas mulheres têm a intenção de viajar sozinhas, número 35% maior que o verificado no sexo masculino (- 10,4%). Em resumo, uma em cada sete mulheres brasileiras tem a intenção de viajar sozinha (Brasil, 2017).

Isso pode ser confirmado por outra pesquisa importante no mercado do turismo e viagens que foi realizada pela empresa *TripAdvisor.com*. Com sede no estado de Massachusetts, EUA, o *TripAdvisor* foi fundado em fevereiro de 2000 e consiste num *site* de viagens que fornece informações, opiniões e conteúdos relacionados com o turismo, funcionando de forma interativa. Na atualidade, o *site* se apresenta como um dos mais confiáveis e procurados a quem planeja sua viagem via internet. A empresa

criou uma ferramenta para medir, entre outros itens, as tendências emergentes do setor de turismo e hospitalidade, denominada de *TripBarometer*.

O estudo do site, com um total de 9.852 usuárias mulheres, pertencentes a Austrália, Brasil (671 mulheres), Estados Unidos, Reino Unido, França, Itália, Alemanha, Espanha, Rússia e Ásia, revela que uma em cada quatro mulheres viajantes no Brasil viaja sozinha e planeja repetir a experiência de duas a quatro vezes nos próximos 12 meses. Entre os principais motivos estão a liberdade de escolher o que querem fazer (65%) e a falta de tempo e/ou recursos financeiros de amigos e familiares (30%) para acompanharem seu projeto pessoal. O estudo ainda revela que, para as brasileiras, viajar sozinha ajuda a ganhar mais independência (50%), mais confiança (52%) e a aprender mais sobre outras culturas (51%) (TripAdvisor, 2015).

Outro estudo apresentado pelo *TripBarometer* tem como base uma pesquisa *online*, realizada de 15 a 29 de outubro de 2015 pela Ipsos, uma empresa de pesquisa global. Nesse estudo, um total de 44.782 entrevistas foram concluídas em 32 mercados, abrangendo sete regiões globais. A amostra foi composta por 34.026 consumidores que são usuários do *site* TripAdvisor e painelistas *online* da Ipsos, que acederam por participar do estudo e pesquisaram seus planos de viagem *online* no ano de 2015.

Os resultados foram divididos por gerações relacionadas com a data de nascimento dos respondentes e com o orçamento de viagem em dólares para 2016: geração dos milênios (18 a 34 anos de idade) com um orçamento de \$2,915; a geração X (35 a 64 anos de idade) com um orçamento de \$5,700; e os nascidos nos anos seguintes ao pós-guerra, chamados de *baby boomers* (maiores de 65 anos de idade), com um orçamento de \$8,736. Os dados apresentados validam o panorama do crescente mercado de mulheres independentes financeiramente que escolhem viajar sozinhas, no Brasil e no mundo, desafiando as convenções sociais e normas de gênero (Khoo-Lattimore & Wilson, 2017).

c) Desafios contemporâneos

Para se pensar os novos rumos da viagem e do turismo no século XXI, vários desafios são postos a nível global, uma vez que configurações do cenário sociocultural

e das urgentes questões ambientais estão cada vez mais dinâmicas. Além do mais, a cultura material e imaterial é viva e tem sido alvo do viajante moderno, que prima por vivenciar coletivamente o cotidiano local.

A atividade de visitação turística pode gerar diversos impactos negativos nos destinos em que ocorre, como resultado do mal planejamento e uso dos bens naturais, históricos e culturais da localidade e pode, inclusive, gerar danos irreversíveis se causados no meio ambiente natural (Ruschmann, 1997). Aliado aos danos materiais, existem aqueles que afetam a comunidade que recebe o visitante, como consequência da interação com os turistas. Na verdade, o comportamento do novo turista, qualificado anteriormente, é também uma resposta que vai contra o tipo de turismo praticado nos últimos anos. Atualmente, a proposta é a valorização das diferenças e particularidades locais, fazendo um contraponto ao turismo de massa que não está sensível às dimensões socioambientais do local visitado (Meneses, 2004).

É justamente para evitar o segundo caminho citado por Meneses (2004), que a Organização das Nações Unidas para o turismo (UNWTO, 2016a) apresentou a campanha para o exercício de 2017 com foco na inclusão e crescimento económico sustentável. Além do mais, estudos e discussões atuais sobre o tema buscam nortear a relação entre o indivíduo e o meio ambiente, uma vez que o ser humano, nas suas atividades produtivas, não é apenas consumidor de energia e matéria-prima, mas também o principal construtor dessa relação.

Contudo, é indispensável que as sociedades humanas conduzam os sistemas produtivos na direção de um equilíbrio entre as dimensões social, cultural, política, económica e o meio ambiente natural. Nesse entendimento, o indivíduo exerce o papel de usuário e gestor dos recursos, ou seja, é simultaneamente responsável pela insustentabilidade socioambiental e, também, por garantir a sustentabilidade de todo o sistema integrado, através de ações conjuntas e planejadas.

Pensar a atividade turística a partir do viés da sustentabilidade requer que ampliemos o debate sobre os custos da atividade turística, uma vez que, como vimos, o setor gera emprego, renda, além de benefícios sociais e de carácter subjetivo, ou seja, o bem-estar para o viajante. A comunidade local deve ser consultada e respeitada em

decisões coletivas, além da atenção à capacidade de suporte de visitantes. Tais medidas podem contribuir para a solução de conflitos com os quais a atividade esteja relacionada, a exemplo da intolerância manifestada em cidades da Europa em que o fluxo de visitantes é extremamente intenso. O desafio está em encontrar equilíbrio entre os interesses económicos que o turismo desperta e um desenvolvimento atento às questões ambientais da atualidade.

É importante ressaltar que a atividade turística sempre causará impactos ao meio ambiente, uma vez que nenhum tipo de turismo causa um impacto nulo no meio ambiente (Ruschmann, 1997). O que importa é acreditar que qualquer realidade submetida à intervenção humana, a exemplo do turismo, pode contribuir para a valorização da memória histórica, da autoestima e da subjetividade de determinada comunidade (Quaresma, 2003; Rabinovici, 2010).

É importante e necessário o diálogo entre as antigas e as novas formas de compreender o fenómeno turístico, justamente porque o crescimento vertiginoso encerra uma série de transformações no ambiente em que está inserido. Nessa linha situa-se a criação de produtos turísticos sustentáveis e bem organizados, diretamente ligados ao desenvolvimento regional (Buhalis & Costa, 2005).

1.2 O turismo e os estudos de gênero

a) Turismo e lazer no feminino

Por se tratar de um dos principais modos de intercâmbio cultural entre povos diferentes, o turismo estimula o desenvolvimento de novas identidades e interesses, e contribui para o surgimento de novas relações e demandas sociais, políticas, económicas, culturais e ambientais. Amplia-se, assim, o leque de formas de interação que podem acontecer entre os destinos turísticos visitados e visitantes. O conhecimento das variadas formas de interação é fundamental para o estudo do comportamento do turista. Para além dos potenciais benefícios de carácter económico,

o turismo pode proporcionar uma oportunidade para o aprofundamento das relações com os espaços visitados, para a promoção do respeito pela diversidade e para uma maior valorização, ou não, da cultura e das especificidades do “Outro”.

Na pós-modernidade, as necessidades e expectativas dos turistas têm vindo a tornar-se cada vez mais diversas, complexas e dinâmicas. Sharpley e Stone (2011) apresentam o conceito de turismo como resultado de uma combinação de experiências, significados e sentidos que o visitante atribui à sua visita, quando comparada com a sua existência quotidiana, inclusive que pode agregar valor a produtos e serviços (Buhalis, 2001; Trigo, 2010). O turismo não é somente um agregador de atividades comerciais. É também uma estrutura ideológica da história, natureza e tradição, capaz de remodelar a cultura e a natureza para sua própria necessidade (MacCannell, 1992), o que significa dizer que o alcance e a influência da atividade turística e seus desdobramentos devem ser estudados de maneira pormenorizada.

No que se refere aos estudos de género no turismo, a maior parte deles é de natureza quantitativa e possui um maior enfoque na oferta em detrimento de um olhar mais atento às especificidades da demanda, aferível por meio de uma análise qualitativa. Nesse âmbito, destacam-se uma série de pesquisas que abordam a mulher no contexto da atividade turística. Muitos estudos sobre género e turismo focam aspectos ligados ao desenvolvimento do turismo. Por outro lado, algumas pesquisas examinam as percepções e as atitudes dos turistas (Meng & Uysal, 2008; Mura & Khoo-Lattimore, 2012), mas sem considerar as diferenças de género. Outros estudos apresentam a transdisciplinaridade do turismo e exploram pouco as interrelações com as questões de género, ampliando o olhar da atividade turística ao relacionar classe, raça e etnia (Swain, 1995; Kinnaird & Hall, 1994; Pritchard, Morgan, Ateljevic & Harris, 2007).

No contexto do turismo, várias análises sobre género focam aspectos relacionados ao desenvolvimento do turismo (Ferguson, 2010, 2011; Tran & Walter, 2014); outros examinam percepções, atitudes e comportamentos sexuais no turismo (Berdychevsky, Poria, & Uriely, 2013; Small, 1999, 2007); poucos examinam as diferenças de género na participação em atividades de lazer e em viagens

(Kolyesnikova & Wilcox, 2009; Meng & Uysal, 2008; Wilson, 2004); alguns discutem questões de gênero ligadas à mulher no mercado de trabalho do turismo (Costa, 2001; Jordan & Aitchison, 2008; Jordan & Gibson, 2005).

Acrescente-se ainda que literatura relevante tem discutido em particular as diferenças e especificidades de gênero na participação em atividades de lazer (Aitchison 2000; Jordan e Aitchison 2008; Wilson 2004). Quanto à associação dos temas gênero e comportamento do consumidor, com foco nas diferenças biológicas entre sexos e no contexto das atividades de lazer, existem pesquisas de origem diversa (Lewis, Kerr, e Pomeroy 2010; Lo e Tashiro 2013; McRobbie 2008). Recentemente, a obra de Khoo-Lattimore e Wilson (2017) que investiga as relações que resultam da interseção entre as mulheres e a viagem, a partir de uma perspectiva histórica e contemporânea, tem aprofundado importantes discussões, dando continuidade à construção do pensamento sobre gênero feminino e o turismo.

Assinale-se que o predomínio do interesse de mulheres pesquisadoras pelas questões de gênero é extenso e abrangente. Individual ou coletivamente, as mulheres atuam em inúmeras frentes: família, mercado, política e/ou demais instituições formais e não formais. Essa atuação pode aumentar de forma proporcional ao adquirirem mais conhecimento (Hanmer e Klugman 2015). Ainda nesse campo, Hanmer e Klugman (2015) observaram no seu estudo que a educação das mulheres está fortemente associada ao empoderamento, que é exercitado em muitas esferas da vida: “a importância das transformações cognitivas, tal como o aumento da confiança, maior autonomia, sentimento de maior valor, respeito e motivação são enfatizados em ambas as frentes de trabalho” (Hanmer e Klugman 2015).

Na academia, estudiosos que escolhem compreender seu objeto a partir de uma perspectiva feminista, assumem o desafio de desconstruir pseudoverdades sobre o comportamento da mulher e do homem na vida social contemporânea (Wilson, 2004). Em geral, no que se refere à pesquisa que associa ambas as áreas – gênero e turismo – a maioria dos estudos foca-se essencialmente em duas temáticas: por um lado, padrões do emprego e perfil profissional; e por outro a exploração sexual de mulheres em destinos turísticos (Costa, Caçador, & Breda, 2013; Hakim, 1996; Scott,

1995). Entretanto, vale ressaltar que o conhecimento discursivo é patriarcal e corporificado (Mehta, 1999), ou seja, o discurso sobre como deve ser o comportamento e a atitude da mulher vem sempre carregado de um forte componente machista e dominador, de sujeição da mulher ao homem, atribuindo a ela uma responsabilidade ilusória e descabida.

O Quadro 4 descreve as fases evolutivas das pesquisas sobre o gênero no turismo, sendo que as discussões a respeito do tema tiveram início na década de 1970 e continuam presentes dentro das instituições de ensino até ao presente. O quadro resulta de uma adaptação e síntese das conclusões de Wilson (2004, p. 20), quando a autora relaciona as diferentes fases evolutivas do turismo com o desenvolvimento dos estudos de gênero. Nessa descrição, a autora apresenta os dados relativos à investigação em turismo, oferecendo ainda exemplos práticos através da citação de pesquisas realizadas por outros autores, os quais também abordam o tema nas respectivas fases.

Quadro 4 Perspectiva dos estudos de turismo e as questões de gênero

Fase	Descrição	Autores
1ª Invisibilidade da mulher	<ul style="list-style-type: none"> -Invisibilidade das mulheres na pesquisa em turismo; -Pesquisas de lazer somente com participantes masculinos (o "homem" é o gênero central); -Masculinidade considerada uma das oito dimensões da personalidade de um turista. 	Deem, 1990; Pearce, 1988; Henderson, 1994b; Little, 1997; Krippendorff, 1997.
2ª A existência da mulher	<ul style="list-style-type: none"> -Fase compensatória, na qual o gênero feminino foi incluído na pesquisa para preencher as lacunas; -As mulheres eram consideradas somente em relação aos homens; -Surtem os primeiros artigos sobre mulheres no turismo; -As mulheres percebidas como um mercado homogêneo; -Atenção dada ao comportamento de mulheres em viagem. 	Smith, 1979; Stanley & Wise, 1983; Henderson, 1994b; Hawes, 1988; Bartos, 1989.
3ª Diferenças entre os sexos	<ul style="list-style-type: none"> -Diferenças de comportamento nas viagens/ lazer entre homens e mulheres; -Processos de escolha dos destinos; -Traz pouca compreensão sobre os assuntos de gênero ligados ao comportamento do turista; -Permite uma maior visibilidade das mulheres nas pesquisas de turismo e lazer. 	Myers & Moncrief, 1978; Ryan, Henley & Soutar, 1998; Frew & Shaw, 1999; Carr, 1999.
4ª Pesquisa feminista	<ul style="list-style-type: none"> -Analisa as experiências das mulheres no turismo a partir de um olhar sobre a importância e o significado para as suas vidas; 	Gibson & Jordan, 1998 a, b;

	-A mulher é o centro das pesquisas, como consumidora e produtora da atividade turística.	Harris & Ateljevic, 2003; Small, 1999, 2007. Thomas, 2000; Wilson, 2004; Aitchison, 2000.
5ª Estudos de gênero	-Estudo das experiências de homens e mulheres num contexto de compreensão do comportamento humano; -Observação da complexidade das interações e inter-relações entre ambos os sexos; -Discussão das condições de trabalho/ igualdade de gênero na atividade turística; -Abordagem da exploração sexual de mulheres no turismo.	Kinnaird & Hall, 1994; Noris & Wall, 1994; Gibson, 2001; Carlos Costa, Carvalho, Caçador, & Breda, 2012;
6ª Fase atual 2017 -	Turismo homossexual, transexual Subjetividade Pesquisa qualitativa e turismo Viagens e gênero	Porter e Schänzel (Eds). (2018a). Khoo-Lattimore e Wilson (Eds). (2017).

Fonte: adaptado de Wilson (2004, p. 20)

Em todas as fases do quadro acima ainda existem lacunas a serem preenchidas. É certo que já há uma produção significativa em torno dessas temáticas, que valorizam e aprofundam sistematicamente a discussão em torno das questões de gênero, a exemplo da compilação Khoo-Lattimore e Wilson (2017) e Porter e Schänzel (2018a). No entanto, ainda há um amplo campo de estudos dos temas relacionados aos inúmeros segmentos da atividade turística, na qual, por exemplo, esta tese se enquadra.

Como resultado desses estudos, percebemos um novo olhar sobre as questões de gênero, pois elas influenciam diretamente, e de forma global, o comportamento da sociedade contemporânea. A consciência feminista do sexismo e a natureza da opressão sobre a mulher são variáveis decisivas no processo de pesquisa e fazem parte de um processo de reinterpretação da experiência feminista (Stanley & Wise, 1983), no qual o gênero deve ser analisado no contexto social em que é estudado (Kinnaird & Hall, 2000).

b) A mulher no mundo do trabalho e o turismo

No mundo do trabalho no turismo, as questões de género estão sendo cada vez mais estudadas. Na atualidade é crescente o aumento do número de mulheres que acedem ou ascendem a postos de chefia e decisão, bem como a lugares de destaque no meio académico, embora diversas situações de desigualdade estrutural de género ainda persistam. Daí a importância de se pensar o turismo a partir de uma perspectiva de género, considerando a realidade de um campo de atuação para as mulheres que se tem tornado cada vez mais amplo, tanto em relação aos postos de trabalho e de gestão, quanto na academia, como estudantes, investigadoras e profissionais. Esses dados sinalizam para uma abertura gradual e contínua da representação das mulheres no mercado de trabalho na área do turismo.

O equilíbrio no investimento em políticas de igualdade de género para homens e mulheres ainda é desejado e o impacto das relações de género no turismo ainda é pouco estudado (Costa *et al.*, 2015; Guimarães & Silva, 2015). Na construção do seu caminho profissional, a mulher encontra muitos obstáculos que nem sempre são visíveis, o que contribui para a dificuldade em eliminá-los do ambiente organizacional (Costa *et al.*, 2015). No turismo, as mulheres chegam a 55% da força no mercado de trabalho ao nível global e 70% ao nível regional. Geralmente, ocupam postos de trabalho mal remunerados (Baum, 2013), daí a importância de identificar o modo como os assuntos de género influenciam a posição da mulher nos discursos de gestão (Costa *et al.*, 2015).

É notória a desproporção entre o número de homens e o número de mulheres no que se refere ao trabalho e à responsabilidade, sobretudo da mulher, em especial por causa da maternidade. O estudo de Mehta (1999) tem como principal objetivo mostrar de que maneira as diferenças de género são produzidas discursivamente. De acordo com esse estudo, o processo de individualização refere-se mais às mulheres do que aos homens, particularmente por causa da diversidade de suas trajetórias ocupacionais.

Problematizar as questões de género associadas às relações de poder nos fornece elementos para melhor compreender os debates sobre desigualdade de género,

machismo, violência, LGBTQfobia, subordinação da mulher e vulnerabilidade na contemporaneidade. Todas essas nuances devem ser conhecidas para serem questionadas, mudadas e transformadas, tanto em nível individual quanto coletivo.

Foucault (1993), um dos intelectuais mais influentes do século XX (1926-1984), explica que um discurso, seja ele traduzido em fala, texto, lei e comportamento, sintetiza as relações de poder de uma sociedade. Para ele, o discurso exerce poder ao mesmo tempo que emana das relações de poder (Gomes, 2016). Nesse entendimento, as práticas discursivas, por estarem imersas nas relações de poder, desenvolvem comportamentos sociais, sentidos, individualidades e verdades (Gomes, 2016).

Para Foucault (1993, 1999), o poder está em todas as coisas, não apenas nas instituições, hierarquias. É transversal a todas as relações e ocorre entre sujeitos que são capazes de resistir. Teoricamente, ele vai além e elenca diversas formas de poder, segundo a organização da sociedade, admitindo que o poder é inseparável do saber e do discurso, desnaturalizando o que para nós é natural. Foucault entende o poder como relacional, no qual ninguém está destituído dele e apresenta o poder a partir de três grandes eixos: soberano, disciplinar e biopoder.

Ainda, o poder soberano atribuído aos monarcas em relação aos seus súditos, como por exemplo, o de matar, uma vez que ele exerce seu direito sobre a vida (poder sobre o indivíduo). Perde espaço para o poder disciplinar, que se destina ao controle dos corpos dos indivíduos por meio dos mecanismos de controle (poder sobre o corpo do indivíduo). Este, por seu turno, perde espaço para o biopoder, que é o poder exercido sobre uma população sendo um poder contínuo e científico, a exemplo dos seguros individuais e coletivos, que são utilizados como mecanismos sutis de controle. Para Foucault, a biopolítica assume a população na coletividade e é vista como um problema científico, político, biológico e de poder.

Em certa medida, Foucault não desenvolveu uma teoria geral do poder, mas pretendeu definir suas características universais. Foucault (1993) afirma que “não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma

coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (Foucault, 1993, p. 10).

Em complemento, para Louro (1997), o biopoder é empregado para controlar as massas, por meio de um conjunto de regras e práticas, como aquelas relativas ao género, utilizando dispositivos diferentes para regular as diferenças e os lugares sociais de homens e mulheres, além do poder sobre seus corpos. O biopoder condiciona o que é ser homem e o que é ser mulher na sociedade, padronizando a conduta de homens e mulheres, a produção do conhecimento a respeito da sexualidade e sobre os corpos.

Nessa perspectiva, Mehta (1999) reconhece que:

Os discursos são ordenados hierarquicamente no contexto das relações de poder. Alguns discursos constroem homens e mulheres como categorias de pessoas diferentes ou desiguais, e outros não. Um discurso liberal do indivíduo não parece fazer discriminação entre homem e mulher ao proferir uma posição que represente a si mesmo como uma ‘boa pessoa’ ao afirmar a racionalidade, autonomia e o autocontrole emocional de alguém (Mehta, 1999, p. 78).

Por outro lado, é certo que, atualmente, o número de mulheres ocupando cargos de chefia e construindo suas carreiras é superior ao que era há 30 ou 40 anos, mesmo que ainda enfrentem desafios particulares, a exemplo dos preconceitos institucionais (Foa, 2012). A autora acredita que é necessário um esforço extra por parte de mulheres e homens, para que tenham suas contribuições reconhecidas no campo profissional, enquanto para o homem isso acontece naturalmente (Foa, 2012).

O estudo de Costa *et al.* (2015) apresenta uma ampla revisão da literatura sobre os assuntos de género que permeiam as organizações no turismo. Nessa análise, os autores expõem a forma pela qual os assuntos de género influenciam as relações de mercado e propõem uma discussão a respeito da importância do tema no aumento dos benefícios sociais e económicos para as partes envolvidas na atividade. Entretanto, os preconceitos institucionais e as demandas antagónicas continuam a produzir desafios especialmente para as mulheres (Foa, 2012).

Em relação à mão de obra no campo do turismo, as mulheres têm grande participação na educação superior e representam uma parte significativa da oferta qualificada no mercado de trabalho, ainda que isso não signifique que sejam valorizadas, pois o favoritismo dos homens tende a continuar (Simão, 2015). No entanto, as mulheres continuam a ocupar mais cargos baixos e médios no mercado de trabalho, além da pressão que sofrem, a exemplo da ocorrência do denominado “teto de vidro” (Costa *et al.*, 2015). Em síntese, o fenómeno do teto de vidro é descrito como “uma barreira invisível que mantém as mulheres longe da ocupação de posições de alto nível no mercado de trabalho” (Costa *et al.*, 2015, p. 12), e não contribui para minimizar as desigualdades de género nesse âmbito. Além do mais, o facto de serem sub-representadas nos mais altos cargos de gestão não coopera para que sejam reconhecidas e valorizadas (Costa *et al.*, 2015).

O estudo de Costa *et al.* (2015, p. 16) concluiu que, apesar da atividade profissional entre as mulheres apresentar taxas de crescimento, “as mulheres não têm enfrentado um tratamento igualitário no ambiente de trabalho”. Isso ocorre por causa da barreira invisível e da natureza informal denominada “teto de vidro”, que as impede de alcançar o topo da carreira organizacional, além de ser um obstáculo difícil de identificar. Como resultado disso, homens e mulheres são usualmente intimidados por uma compreensão estereotipada do que é compatível de acordo com o género (Costa *et al.*, 2015). No entanto, o facto de que as mulheres estarem se tornando academicamente mais qualificadas do que os homens, tem contribuído para a construção de uma reputação positiva, que torna mais fácil o acesso à promoção e cargos de chefia (Guimarães & Silva, 2015; Simão, 2015).

Em outro estudo teórico sobre as desigualdades de género e os efeitos do chamado teto de vidro no mercado de trabalho, Simão (2015) analisa as barreiras mais comuns que as mulheres enfrentam no campo profissional. Dentre as principais disparidades entre os gêneros estão: salários desiguais; tipos de contrato (tempo parcial ou integral); casamento e filhos; qualificação específica; cultura, estereótipos e valores sociais. Para o autor, a igualdade de género pode ser uma tendência, porém, está longe de ser vivida na realidade (Simão, 2015), já que as mulheres ganham salários

menores do que os dos homens e são influenciadas pelo número de filhos, pela gravidez e casamento.

Em outras palavras, os aspetos individuais provam que as desigualdades de género estão dentro de um círculo vicioso (Simão, 2015). Para o autor, parece existir um preconceito dos homens contra as mulheres por reconhecerem que, empoderadas, elas serão capazes de desenvolver tarefas com muita qualidade e eficiência (Simão, 2013).

A institucionalização de quotas percentuais para o género feminino, pelo decreto da União Europeia, tem-se apresentado como um mecanismo que pode contribuir para alcançar uma maior participação das mulheres nos próximos anos (Costa *et al.*, 2015). Tais iniciativas políticas “são necessárias a fim de minimizar a segregação ocupacional e outros fatores culturais de restrição, intervindo para que as mulheres façam incursões iniciais dentro das posições gerenciais” (Costa *et al.*, 2015, p. 16). As barreiras culturais e os estereótipos sociais contribuem para a discriminação de género e, mesmo que não existam valores universais, cada comunidade cria diferentes ambientes de acordo com determinadas crenças e comportamentos (Simão, 2015).

No entanto, no mercado de trabalho, a flexibilização das normas organizacionais para as mulheres pode contribuir para perpetuar os estereótipos dos papéis de género, destacando a figura de mãe e cuidadora, e reforçando as habilidades e responsabilidades como domésticas ao colocá-las para atuarem como camareiras e cozinheiras, enquanto os homens exercem atividades de gestão (Carvalho, Costa, Lykke, & Torres, 2014; Kinnaird & Hall, 1996; Guimarães & Silva, 2015). Esse tipo de pensamento está na contramão do movimento de empoderamento que as mulheres lideram, no combate histórico contra a manutenção do *status quo* de dependência e submissão de mulheres em relação aos homens.

Apesar da existência de políticas que fortalecem a igualdade de género e ampliam as oportunidades para as mulheres no mercado de trabalho, ainda há muito espaço a ser conquistado. Mesmo ao considerar a invisibilidade inerente às questões de género, há uma certa perpetuação de papéis estereotipados de género (Costa *et al.*, 2015; Simão & Breda, 2014; Bergen & Willians, 1991; Eagly & Steffen, 1984).

Para Salgado, Martins e Reis (2015) a educação deve ser um meio para alavancar a participação da mulher e gerar oportunidades em diferentes setores da atividade turística, no entanto, as mulheres reconhecem os constrangimentos que resultam de uma posição de destaque e são mais sensíveis às dificuldades que uma função de líder pode causar em termos de vida familiar, preconceitos sociais e reconhecimento de liderança (Salgado *et al* 2015). Interessante que a mão de obra mais especializada, com mestrado e doutoramento, é maioritariamente feminina, sendo que, em oposição a esse dado, quando desempregadas, têm maiores problemas de colocação no campo de trabalho (Costa *et al.*, 2015).

No contexto das viagens a negócios, estudos revelam que as mulheres que viajam sozinhas por motivo de negócios alcançam uma maior visibilidade profissional. Tais descobertas convergem com outros estudos que afirmam que as mulheres representam no mercado cerca de metade dos viajantes de lazer e negócios (Harris & Ateljevic, 2003; McNamara & Prideaux, 2010; Small, Harris, Wilson, & Ateljevic, 2011; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017). Ainda segundo as tendências propostas por Popcorn e Marigold (2000), estimava-se que, nos primeiros anos do novo milênio, metade dos viajantes de negócios sejam mulheres.

Mesmo com os muitos ganhos no último século, ainda há muito a fazer, o que demonstra que os objetivos do feminismo são muito relevantes. Isso se deve ao facto de que as mulheres ainda ganham menos do que os homens, tanto em setores de elevada qualificação quanto nos mais baixos ramos, como na atividade turística (Costa *et al.*, 2015; Swirsky & Angelone, 2015). Esses estudos têm contribuído para um novo olhar sobre as questões de género, que influenciam diretamente, e de forma global, o comportamento da mulher contemporânea no mercado de trabalho do turismo.

Observamos que algumas das principais tendências previstas por estudiosos (Buhalis & Costa, 2006; Costa, 2012) já estão emergindo na sociedade e desenhando o futuro do turismo. O mercado de viagens e turismo está cada vez mais diversificado, dinâmico e inovador, fazendo jus às exigências do atual consumidor, cujas características de pluralidade, flexibilidade, exigência e informação estão crescentemente mais presentes.

Há mais de dez anos, Buhalis e Costa (2006) previram a necessidade dos sujeitos ligados ao turismo, tanto aqueles com intervenção direta quanto os que estão ligados de forma indireta, de se planearem observando e compreendendo as transformações no ambiente externo. Para fins de gestão do turismo, as recentes remodelações das configurações globais, nomeadamente as de cunho político, económico e social, em que a segurança e a paz mundial sofrem abalos, deverão ser melhor consideradas.

Trata-se de uma realidade vivenciada apenas cinco anos após a previsão dos estudiosos. Os impactos na movimentação do turista já começam a ser notados. O terrorismo, as guerras, a imigração, os refugiados e as alterações climáticas são fatores que freiam o deslocamento de visitantes para as áreas onde existe risco real ou potencial dessas situações. Inclusive, a competitividade no setor é um fator que merece atenção, uma vez que tende a aumentar, estimulando gestões sustentáveis e que objetivem a diminuição dos impactos (Buhalis & Costa, 2006).

Como vimos, em nível global, a atividade turística enfrenta inúmeros desafios, mas, ao mesmo tempo, antevê um cenário com muitas possibilidades. Nesse contexto, o Brasil exhibe seus predicados. Diante da realidade dos destinos mundiais mais visitados, os quais detêm as maiores receitas advindas do turismo, a exemplo da França, Espanha e Estados Unidos, o Brasil possui um conjunto de características singulares, que o individualizam e o tornam um forte destino turístico. O clima ameno na maior parte do país, a localização geográfica, a acolhida calorosa e amigável da população em geral, as particularidades culturais de cada região e as diferentes influências na culinária tornam o país uma referência internacional em gastronomia, sem citar o vasto patrimônio natural e cultural.

Por outro lado, a instabilidade económica e social no país, agravada pela crise política dos últimos anos, influencia negativamente a atração de novos investimentos, afetando tanto o turismo interno quanto o turismo internacional. A contribuição positiva do turismo para o desenvolvimento social, político, económico, cultural e para a conservação dos recursos naturais tem sido cada vez mais estudada na academia. No entanto, é preciso rever os processos inerentes, os desafios, as

influências, os valores, os objetivos e as demandas relacionadas ao desenvolvimento do turismo, uma vez que os fatores socioculturais influenciados pela atividade turística são mais difíceis de medir e quantificar por causa da sua natureza qualitativa e subjetiva (Grossman, Michele, Wood, Wendy, 1993).

As profundas e constantes transformações vivenciadas nos tempos modernos servem para que sejamos capazes de repensar os modelos de comportamento a que temos nos sujeitado. Sobre isso, concordamos com Mendonça (1999), que nos leva a refletir que, para mudarmos os paradigmas da sociedade atual, é necessário proporcionar um espaço saudável de vivência pessoal, onde essas transformações possam ser experimentadas inicialmente numa relação consigo mesmo, para que, posteriormente, possam nutrir comportamentos saudáveis com o outro e com o meio que nos cerca.

Verificamos, assim, que as discussões de gênero, sob o olhar do turismo, apresentam um ponto em comum e agregador, pois os pesquisadores reconhecem e destacam a necessidade de aprofundar estudos que integrem os temas, a fim de melhor compreender as transformações socioculturais, políticas e econômicas da sociedade moderna. Existem, portanto, inúmeras lacunas a serem preenchidas por estudos aprofundados, capazes de identificar e analisar os novos comportamentos e tendências existentes no contexto da atividade turística bem como de contribuir com sugestões que agreguem valor para o desenvolvimento humano.

Mesmo na contemporaneidade, homens e mulheres não partilham o mundo em igualdade de condições e nenhum país conseguiu eliminar por completo as lacunas que resultam das questões de gênero, uma vez que não existem sociedades completamente igualitárias. Apesar das transformações sociais contemporâneas serem responsáveis pelo acesso das mulheres aos espaços prioritariamente masculinos, como a política e os desportos de aventura, verifica-se que, por todo o mundo, a mulher moderna continua com a sua luta contra a opressão e a exploração (Wilson, 2004).

No ocidente, o empoderamento da mulher, no contexto das mudanças socioculturais, está no centro das discussões atuais. Nos países desenvolvidos, as mulheres tendem a igualar ou a superar o estatuto social do homem em diversas

situações da vida social, política e económica. No turismo, as mulheres trabalhadoras destacam-se em número e frentes de atuação, o que inevitavelmente afeta o seu estatuto socioeconómico, autoestima e visões de mundo (Pritchard & Morgan, 2000; Wilson, 2004; Costa, Carvalho & Breda, 2011).

Os cenários apresentados neste estudo, balizados temporalmente, sofrerão provavelmente alterações em termos futuros, visto que estão sob as forças de diversos agentes externos, o que pode significar o surgimento de novas demandas. Nesse entendimento, ainda que se preserve a essência das propostas apresentadas, ressaltamos o papel político da mulher no mundo como agente transformador de realidades e tendências no mercado do turismo, destacando desde já os contributos resultantes da abordagem deste estudo ao tratar, de maneira transversal, as questões de género.

No capítulo seguinte, abordaremos as questões que interligam género e viagem independente de maneira mais aprofundada, relacionando a construção do papel da mulher na sociedade com suas conquistas e demonstrando de que esse tipo de viagem pode contribuir para o empoderamento da mulher. Os temas estão estruturados de modo a construir um pensamento sobre mulheres e viagens, tendo como pano de fundo as questões transversais de género e do turismo.

2 VIAGEM INDEPENDENTE NO FEMININO

Meninas boas vão para o céu, meninas más vão para qualquer lugar!
Mae West, atriz norte americana (1893-1980)

2.1 O *Grand Tour* e as mulheres: desbravando o mundo (in)exterior

A deslocação de um lugar para o outro e a busca pela novidade é uma herança daqueles que nos antecederam e desbravaram o mundo. Ao olhar para o passado, surge a questão sobre se o anseio em conquistar e desbravar territórios desconhecidos era uma latente ambição material dessa época. Ou será que essa vontade é inerente ao ser humano? Metaforicamente, desbravar o mundo significa desbravar a si mesmo? É facto que, no passado, as motivações para as viagens tinham um carácter predominantemente comercial, político e o intuito de dominar territórios (Serrano, 2014).

Nesse entendimento, podemos afirmar que um dos mais significativos sentidos da viagem, considerando o ponto de vista da subjetividade é o transformar-se. Para Romano (2013, p. 35), “o itinerário do turista é planejado visando criar a ilusão do viajante-descobridor” e é certo que a experiência individual resultante do ato de viajar, na sua essência, pode ser transformadora, nova e singular. Inicialmente, é fundamental que se compreenda em que consiste a viagem, quais os desafios e perspectivas sob a ótica pessoal e subjetiva do viajante, para então entender que possibilidades a viagem independente oferece, tendo em vista a construção de um novo paradigma de comportamento para o século XXI.

Na busca de compreendermos o caminho historicamente trilhado pelas mulheres nos assuntos de turismo e viagens, faremos uma breve contextualização das viagens no feminino, até perceber as variáveis que deram origem ao crescente fluxo de mulheres em viagens independentes mundo afora. Para além do papel de subjetivação

da viagem, é fundamental compreender de que maneira a trajetória das mulheres foi marcada pela perseverança e destemor.

Assim, as questões de gênero e os desafios para entendê-las perpassam todos os grandes temas da modernidade, pelos quais a humanidade segue continuamente em conflito. Neste capítulo abordaremos o movimento feminista sob olhares diferentes e complementares, tendo como base de suas reivindicações e reflexões a relevante literatura recente sobre gênero, visto que o tema atravessa aspectos da vida econômica, social, cultural, política e ambiental, a exemplo de Beauvoir (1970); Scott (1995), Butler (2003), Braidotti (2002) e Saffioti (2001).

Em seguida, faremos uma análise das teorias pós-feministas, que trazem à discussão novos paradigmas. Dessa forma, torna-se possível uma reflexão apurada sobre as conexões entre o gênero, o turismo e a viagem. Além disso, as motivações, as experiências e os comportamentos de mulheres e seus processos de subjetivação serão analisados sob o enfoque da performance e da viagem, esta como espaço fértil para a tomada de consciência e exercício do poder. Nesse sentido, o turismo pode contribuir para a diminuição das desigualdades entre os gêneros, sobretudo pelo facto de que a natureza da atividade consiste em valorizar a diferença, por esta ser um dos principais fatores motivacionais para as deslocações e intercâmbios culturais.

A viagem independente de que tratamos neste estudo está inserida no contexto do lazer e refere-se à mulher brasileira, que viaja ou viajou pelo menos uma vez desacompanhada para o exterior. Entre as qualidades e características encontradas nos depoimentos figuram: flexibilidade do roteiro, feito por elas; destino internacional; hospedagem particular (albergue, hotel, pousada, outro); passar a maior parte do tempo sozinhas e fazendo, a todo momento, suas escolhas pessoais e de lazer (Chai, 1996; Stanford, 2017). Ou ainda, o que Myers (2017) caracteriza como:

Viajantes independentes, que também são conhecidos como free independent travelers (FITs), tendem a ser ambientalmente conscientes, entusiasmados e motivados a experimentar novos modos de vida. Eles são geralmente exploradores fora do comum, com sede de experimentar a “coisa real” e evitando o turismo de massa em favor

de uma abordagem mais individualista das viagens (Myers, 2017, p. 162).

Essencialmente, as viagens sempre provocaram profundas e intensas transformações das visões de mundo, de povos e culturas, especialmente pelo facto de modificar o viajante, o explorador. Talvez seja esse o ganho substancial da viagem: conferir ao praticante uma ideia de descoberta do *self*, do eu interior, tendo como base a vivência em sociedades muito diferentes da sua de origem. Por isso, o *self* é construído, modificado e reproduzido na interação com outras pessoas. Mais do que um eu fixo, cada indivíduo tem múltiplos *selfs*, que são permeáveis e dependentes do contexto (Cohen, 2010; Vaughan & Hogg, 2002).

Desde a Antiguidade, passando pela Idade Média, a viagem assumiu diferentes formas, mas somente a partir do século XVI passou a fazer parte do cotidiano, a exemplo das pequenas deslocações dentro da Europa. Inicialmente, essas viagens eram motivadas fundamentalmente por fins práticos e para cumprir um determinado objetivo. Depois, foram modificadas pelo mercantilismo e empreendedorismo de cunho pessoal (Romano, 2013).

Como resultado do desenvolvimento económico da Europa no final do século XV, as grandes navegações, em particular de Portugal e Espanha, foram responsáveis pelo domínio de civilizações (Figueiredo & Ruschmann, 2004). O turismo está intimamente associado à história da humanidade e a sua origem confunde-se com a génese das mais antigas civilizações. Na Grécia antiga, a motivação para a deslocação de pessoas era a contemplação, introspeção e o desenvolvimento intelectual (Trigo, 2010).

O desconhecimento das terras que ficavam além do oceano acentuou o sentido de descoberta (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Por outro lado, o contato com os visitantes também contribuiu para transformar as percepções dos povos e comunidades receptoras, o que acontece ainda nos dias atuais. É possível que, dada a natureza deste estudo, a viagem independente possa vir a ser um retorno ao lazer praticado na Grécia antiga, ou seja, as mulheres estudadas usufruem de momentos de

introspecção, contemplação, desenvolvimento pessoal e intelectual, e, por esse motivo, a viagem contribui para uma transformação das suas visões de mundo.

A história moderna do turismo está relacionada a três grandes acontecimentos que ocorreram entre os séculos XVIII e XX, a saber: o *Grand Tour*, quando jovens aristocratas britânicos, em fins do século XVII, realizaram viagens de longa duração pelo Velho Continente, cujo objetivo era conhecer a vida mundana e obter uma formação cultural, a do *gentleman*, para serem admitidos na Corte; os pacotes turísticos, com viagens guiadas e roteiros pré-definidos, elaborados por Thomas Cook (1808-1892), com o objetivo de aliviar o *stress* que resultava do modo de vida industrial; e o fenómeno do turismo de massas, resultado da proliferação da aviação comercial e da criação de operações *charter*. Em momentos específicos da história, esses fatos desencadearam um desenvolvimento exponencial da atividade, como hoje a conhecemos (Romano, 2013).

Até o século XIX, o acesso às viagens era um privilégio dos homens. Isso mudou com o desenvolvimento das 'viajantes Vitorianas', pois algumas delas viajavam para lugares considerados não civilizados, com intenção de registrar as diferenças culturais (Urry, 1990). Nessa perspectiva, no século XXI, as possibilidades de mobilidade fazem jus às inúmeras necessidades de deslocação existentes na sociedade atual. Esse processo vem se consolidando com as alternativas oferecidas pelo mercado de serviços, no qual as viagens e o turismo estão inseridos. Além disso, os meios de transporte modernos oferecem alternativas conforme as preferências e possibilidades do consumidor, bem como a condição financeira.

Na realidade, "as idealizações românticas da história remota, da paisagem, das viagens de descobrimentos e de povos exóticos ao olhar europeu, continuam a ser as imagens-guia do turismo até à contemporaneidade" (Romano, 2013, p. 35). Diferentes olhares e práticas no turismo conduzem a uma variedade de discursos, os quais incluem a perspectiva da educação, a exemplo do *Grand Tour*; da iluminação/esclarecimento, quando se trata de uma viagem individual e turismo cultural; da saúde, com o objetivo de restaurar o bem-estar físico; da solidariedade de

grupo, a exemplo de inúmeras práticas de turistas japoneses; e das motivadas por jogos, mais comuns na sociedade pós-moderna (Urry, 1990).

Para Figueiredo e Ruschmann (2004), a origem da atividade turística data de meados do século XIX, em plena transformação industrial, por isso o turismo é entendido como sinónimo de viagem. Para os autores, as formas que o turismo assumiu ao longo da história e suas transformações na maneira de concebê-lo, fizeram com que a viagem fosse considerada como uma atividade exclusiva da modernidade que se tornou, também, a base da pós-modernidade.

Por terem o foco na expansão de territórios, as viagens do *Grand Tour* tinham como base as demandas da revolução industrial e tecnológica, que resultaram em descobertas científicas a partir do uso da matéria-prima dos países descobertos. Nessa linha de pensamento, o turismo sempre esteve ligado ao trabalho, mas, por outro lado, é como se o viajante estivesse sempre em busca de outra parte de si mesmo (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Logo, viajar torna-se um projeto pessoal, no qual a vontade e a curiosidade motivavam percorrer os caminhos (Romano, 2013). Todas as formas de turismo estão embebidas nos princípios civilizacional e cultural que compõem a motivação dos viajantes, sendo que, agora, o foco é a diversidade da vida moderna e a busca da maximização do usufruto do tempo livre.

Essa movimentação fluída permite ao ser humano moderno (ou pós-moderno) ser capaz de ter uma visão planetária, global, do todo, que favorece (ou deveria favorecer) uma melhor compreensão entre os povos. Sobre isso, Bauman (2005) apresenta dois valores indispensáveis para uma existência humana decente e madura: a liberdade de escolha e a segurança oferecida pelo sentido de pertença. Isso significa dizer que as vulnerabilidades individuais e coletivas devem ser percebidas como formas de sensibilização para a transformação de realidades discriminatórias e excludentes. Donna Haraway (2000), uma feminista pós-moderna, sugere a existência de ferramentas que corporificam e impõem novas relações sociais para as mulheres no mundo todo e apresenta novas perspectivas para os assuntos de género, a exemplo da criação de fronteiras para o corpo feminino e o surgimento de novas vulnerabilidades.

Apesar das diferentes visões, podemos concluir que o sentimento e a vontade em explorar eram inerentes aos primeiros viajantes. Tomados pela coragem, curiosidade e excitação pela descoberta, homens e mulheres fizeram de suas vidas um experimento, construindo trilhas que conduziram civilizações inteiras a outro tempo e espaço. Nesse viés, turistas se lançam pelo mundo em busca da autenticidade existencial, ou seja, desejam alcançar um estado subjetivo de estar e ser através de uma experiência do eu verdadeiro (Cohen, 2010). Isso nos leva a concordar que o viajante observa a experiência de viagem como um recurso na busca pela autorrealização (Rojek, 1993).

A partir desse cenário, Mendonça (1999) apresenta uma perspectiva interessante em torno do desenvolvimento do turismo, que admite basicamente dois caminhos diferentes: o primeiro é pautado por uma viagem convencional, em que o visitante transfere seu modelo urbano para o local visitado, resultando numa passividade do visitante com o usufruto do que é pré-fabricado; o segundo caminho compreende a viagem como uma oportunidade de vivência de novas experiências, capazes de induzir profundas transformações subjetivas, fazendo com que o visitante se reconheça no diferente, valorizando a diversidade. É nessa segunda interpretação que as viagens independentes, abordadas neste estudo, estão inseridas.

Na década de 1930, os media do lazer e do turismo tinham como elemento central as crianças, os casais heterossexuais, as famílias e os indivíduos ocidentais e brancos (Urry, 1990). Nessa perspectiva, todos os grupos e pessoas que não se enquadravam em uma dessas categorias e características citadas, como, por exemplo, as pessoas solteiras, os casais ou grupos homossexuais e as pessoas com alguma deficiência, usufruíram de serviços turísticos muito escassos (Urry, 1990). Na atualidade, dada a heterogeneidade dos grupos, a valorização da subjetividade e o reconhecimento da individuação, há uma variedade de ofertas de lazer e turismo, por vezes feita sob medida, que valoriza as diferenças e que surge com base nas questões de género.

Um exemplo dessa demanda é apresentado no estudo de Rowe (2017) sobre a plataforma Broads Abroad Travel Network (BATN), originada na Austrália em 2013.

A plataforma tem como principal público mulheres viajadas e instruídas cujo objetivo é experimentar diferentes culturas e, ao considerar o uso crescente de interfaces digitais, tem-se afirmado no mercado com o foco no perfil de mulheres em idade madura que buscam experiências de viagem mais autênticas.

2.2 Continuidades e rupturas nos padrões e estudos de gênero

Historicamente, a mulher sempre ocupou o segundo lugar em relação ao homem, sendo percebida como o “outro”. Desde o nascimento, as mulheres são imbuídas de regras e normas sociais que ditam como conduzir suas vidas, aquilo que devem que gostar, como se comportar, sempre tendo em conta o gênero a que pertencem. Essa realidade está de acordo com o pensamento de Beauvoir (1970), que nos diz que o gênero é uma construção social, pois “não se nasce mulher, mas torna-se uma mulher”. Ou seja, as performances de gênero estão sempre em construção (Butler, 2003), mas têm como limite cultural as diferenças sociais instituídas entre os gêneros.

Nesse entendimento, uma das primeiras críticas à presumida universalidade do homem como sujeito “absoluto”, elaborada por Beauvoir (1970), contesta a limitação imposta a todos que são marcados pela diferença e confinados às suas singularidades, sejam elas pelo gênero, sexo, classe social, cor da pele, orientação sexual ou crenças. A desconstrução desse pensamento resulta em um processo contínuo, quando as diferenças são observadas sob novos aspectos, com maior respeito, cuidado e otimismo. Esse movimento justifica a importância de tentar compreender de que forma a condição de “ser mulher”, no século XXI, afeta as escolhas e preferências individuais de lazer por meio do turismo, para que seja possível a desconstrução de padrões instituídos.

Problematizar as questões de preconceito de gênero contra as mulheres não é suficiente, visto que não pode ser considerada uma solução, uma vez que não resolve as questões do binarismo, do universalismo e do essencialismo, cujas “estruturas

constroem hierarquias e subordinações” (Mariano, 2005, p. 484). Mesmo depois dos diferentes tons de movimentos feministas, que surgiram após o final da década de 1960, o ponto central das discussões de gênero reforça a realidade de que a mulher continua a ser cerceada e tolhida na sociedade pós-moderna, na qual permanece sob a forte influência dos sistemas patriarcais. Para Lima e Mello (2012, p. 191), gênero deve ser entendido como espaço primordial para a compreensão da vida social, pois “sexo e gênero são noções construídas e transformadas em relações de poder nos processos sociais”.

A percepção de homens e mulheres é afetada negativamente pela segregação, que “é simultaneamente a causa e a consequência da maneira como a sociedade percebe as mulheres” (Campos-Soria *et al.*, 2011, p. 91). Entre diversas contradições vivenciadas pelo movimento feminista, a busca por encontrar a universalidade da mulher foi uma das mais criticadas, justamente por ser excludente, opressora e dominante (Mariano, 2005). A par dessa dificuldade, surge a necessidade de tratar o conceito de identidade ligado ao gênero, uma tarefa complexa ao considerar as variáveis biológicas e sociais (Mariano, 2005). Diante da complexidade da luta feminista, alguns de seus combates giram em torno do:

[...] racismo, o masculinismo, a violência masculina, e a monotonia destruidora de almas do patriarcado, sem fazer concessões, nem para crenças essencialistas na superioridade das mulheres, nem na possível homologação, dentro do suposto fluxo de identidades pós-moderno que impõem o gênero. Elas tentam combinar complexidade com compromisso ao projeto de empoderamento das diferenças que o feminismo pode fazer (Braidotti, 2002, p. 15).

Por esse motivo, a educação tem um papel fundamental na formação do comportamento que influencia e determina os gêneros. Na verdade, o homem sempre foi incentivado a sair, desbravar, aventurar-se. Já a mulher, por muitas gerações, foi criada para ser a “princesa”, ser delicada, não sair sozinha, casar (com um príncipe, um modelo de homem heterossexual, ocidental e branco), constituir uma família e ter atitudes e comportamentos mais recatados. Muitas gerações de mulheres, por terem famílias demasiadamente conservadoras, tinham, através do casamento, sua carta de

alforria. No entanto, existe uma dimensão cultural e “natural” que precisa ser considerada quando analisamos os gêneros e suas especificidades. No campo cultural, indagar o que é ser homem e o que é ser mulher é entender de que forma os sujeitos vão se construindo e se reconstruindo em suas relações sociais, a partir do poder e da diferença nas inúmeras dimensões da vida social e subjetiva.

Há muito pouco tempo as mulheres tinham diante de si apenas um universo resumido de possibilidades: casar e ter filhos. Atualmente, as mulheres podem, por exemplo, escolher ter filhos ou não, engravidar quando e se desejarem, relacionar-se sexualmente com outras pessoas, seduzir com diferentes objetivos, trabalhar em diferentes frentes (Barbieri, 1993). Através da raça e da sexualidade, o poder patriarcal se manifesta com muita intensidade, conduzindo os comportamentos sociais (Gomes, 2016), o que significa dizer que os discursos associados a esse poder continuam sendo reproduzidos de maneira expressa ou velada, afetando a vida das mulheres de forma particular ou coletiva (Gomes, 2016).

Os comportamentos e atitudes que formam o sujeito são resultados de muitas variáveis que se interligam e reforçam, ou questionam determinado padrão. É na infância que muitos dos paradigmas são estabelecidos e os estereótipos construídos. Por exemplo, um estudo sobre o comportamento de crianças no jardim de infância, sob o enfoque do gênero, concluiu que os meninos praticam mais a intrusão e a dominação, e as meninas usam mais a afiliação e a inclusão (Cramer & Skidd, 1992).

Consequentemente, comportamentos de intrusão e competência física são reforçados nos homens desde a infância e desvalorizados nas mulheres. As mulheres ligam-se a atitudes ou comportamentos de inclusão, de atividades ou pessoas, estando mais próximas de um processo mais comum de interiorização, de recolhimento e olhar para dentro (Cramer & Skidd, 1992), apesar desses processos serem percebidos como negativos para ambos os sexos. Finalmente, há uma relação direta entre o comportamento estereotipado de gênero e o sentimento de autovalorização, que são mais evidentes nos homens, justamente por considerar a pressão vivida ao longo dos séculos para manter os estereótipos dos papéis sexuais (Cramer & Skidd, 1992).

Ainda que ambos, mulheres e homens, sejam altamente estimulados sexualmente pelos media, como resultado de um fenómeno cultural amplo, que vai desde a disseminação da pornografia até os inúmeros cartazes e propagandas impressas, etc., as imagens de mulheres sexualizadas em capas de revista, por exemplo, podem apresentar o aumento do poder da mulher na sociedade (Hatton & Trautner, 2012). Visto como um potencial benefício, Hatton e Trautner (2012) admitem que a sexualização da mulher é uma ferramenta poderosa para orientar as escolhas, bem como esclarecer o significado do feminismo na atual sociedade, esta que é marcada pela exclusão e exploração. Para os autores, o debate a respeito do que é demonstrado nas capas de revistas deve ir além das escolhas individuais, pois é necessário identificar as forças sociais que formatam e constroem essas escolhas individuais. Trigo (2015, p. 42) esclarece que a sexualidade sempre esteve associada ao poder, com uma origem patriarcal na maioria das culturas, e acrescenta: “a mulher sempre foi um tipo de mercadoria, mesmo em Roma antiga onde a família era um valor incentivado pelo Estado”.

Sabemos que ainda existe um forte mercado que objetifica a mulher e suas escolhas. Sua liberdade individual está ligada às imagens de sexualidade, nas quais elas aparentemente escolhem serem vistas como objeto sexual, como se fosse um pedido para libertação de seus interesses (Hatton & Trautner, 2012). Por outro lado, manter sexualizada a imagem das mulheres é uma forma de administrar e conter o aumento do seu poder na esfera pública, em particular em áreas de atuação que incluem as esferas tradicionalmente masculinas (Hatton & Trautner, 2012).

Para além dessa objetificação, o género é uma construção social de masculinidades e feminilidades, pois além de envolver diferentes maneiras de compreender as influências do sexo biológico do indivíduo, o termo é usado para explicar o comportamento e a personalidade do sujeito, ainda que inicialmente fosse utilizado para se contrapor ao determinismo biológico (Mariano, 2005). Entretanto, resta compreender se a dimensão biológica está sendo questionada uma vez que o biológico é um dos fundamentos da identidade, de como se constituem os sujeitos.

Para Butler (2003), o sujeito é constituído discursivamente como resultado de uma diferenciação que produz distinção. A autora esclarece que o corpo é em si mesmo uma construção, e que o discurso de que o sexo é cultural regula e mantém um pensamento hegemónico, o qual, por sua vez, orienta e limita as possibilidades de performance de género pela dualidade de sexo e género. Ou seja, Butler acrescenta um elemento a essa relação dual: a essência do sujeito manifestada na performance de género, onde “um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no género e no desejo” (Butler, 2003, p. 45).

Além disso, a autora destaca que a vida em sociedade é governada pelo falocentrismo, isto é, pela presunção da superioridade do homem sobre a mulher, bem como pela heterossexualidade obrigatória. Nessa perspetiva, o sujeito deve-se opor às identidades instituídas e desestruturar os regimes de poder existentes. É justamente à desconstrução desses paradigmas que as ideias de Butler se aplicam e se desenvolvem.

Quando abordamos as questões de género neste estudo, devemos considerar que na atualidade os homens ainda estão no topo da estrutura hierárquica social. Portanto, os homens figuram simultaneamente como agressores e superiores às mulheres, noção que potencializa as diferenças de género e que, por sua vez, legitima a desigualdade e reforça a ideia do que é ser homem e do que é ser mulher (Butler, 2004). Em outras palavras, pouco se avança nas discussões e na vida prática experimentada pelas mulheres, restando o silêncio e o não enfrentamento dessa opressão, a qual resulta na continuidade desse padrão de conduta.

Em relação aos estereótipos e padrões de género, importa referir que papéis ainda se mantêm. No século XIX, diversos estudiosos sociais se ocuparam na busca por compreender as dimensões subjetivas da sociedade, principalmente pelos diferentes conceitos e definições, como: ideologia, estereótipos, valores sociais, representações e imaginários sociais (Gomes, 2016). Ainda que o movimento feminista tenha alcançado inúmeros avanços, expandindo a participação e inserção das mulheres no mercado de trabalho e o direito à liberdade sexual, entre outros ganhos, existe uma série de valores machistas que contribuem para a perpetuação das desigualdades de género.

Os homens foram educados para a violência, para reagirem face ao risco, e as mulheres, por sua vez, para se defenderem dos riscos e das ameaças dos homens. É certo que os papéis sexuais masculinos e a autoestima se desenvolvem com a idade ou com a experiência, sendo reforçados por uma forte valorização do masculino em detrimento do feminino (Cramer & Skidd, 1992). Isso significa dizer que nos homens o comportamento estereotipado tende a aumentar com a idade, em particular as características de intrusão e dominação, justamente por ser aceite, de forma mais geral.

Já para as mulheres, quando crianças, há uma correlação positiva entre o comportamento feminino estereotipado e o autovalor. Entretanto, essa relação tende a desaparecer com a maturidade (Cramer & Skidd, 1992) e com a compreensão das diferenças e conquistas que qualificam os gêneros. Para Braidotti (2002, p. 4), “a desconstrução do sexismo e do racismo não acarreta automaticamente sua ruína”, ou seja, pelo facto de ambos estarem intimamente ligados à subjetividade política e social, tal desconstrução pode apenas favorecer a indução de uma resistência identitária e da diferença sexual.

Gustafson (1998) em seu estudo sobre as percepções de risco a partir das diferenças de género, traz quatro principais reflexões sobre o assunto que Yang (2017) em seu estudo analisa a partir da viagem independente. Em primeiro lugar tem-se a segurança e a estabilidade como principais preocupações das viajantes, aliados aos sentimentos de vulnerabilidade, ao risco de assédio sexual por serem mulheres; em segundo lugar, o facto de correr riscos faz parte da viagem independente e pode contribuir para a excitação da viagem, além da experiência da autotransformação aliado o sentimento de empoderamento; em terceiro lugar, as percepções de risco refletem as desigualdades de género, e nesse momento cabe a reconstrução de uma identidade de género; finalmente, importa compreender como a percepção dos riscos sofre influência da cultura, raça e etnia

Grossi (1998) esclarece que sexo, género, identidade de género e sexualidade não são sinónimos. Para o autor, ao tratarmos de sexo, fazemos referência às diferenças biológicas entre homens e mulheres; género diz respeito às construções culturais em relação ao que é feminino e masculino; já identidade de género é uma

categoria que ajuda a pensar o lugar do sujeito inserido em uma determinada cultura; e à sexualidade estão associadas as atividades sexuais dos mesmos. A forma como homens e mulheres se comportam e expressam suas performances na vida cotidiana apontam para atributos que se encaixam no perfil do que cabe ao homem e à mulher, a exemplo de qualidades como a delicadeza, a paciência e o cuidado para as mulheres, restando aos homens as características da virilidade, da força, da autoconfiança, da coragem e da agressividade (Souza, 2016). Esses símbolos culturais não devem ser tomados como fixos e imutáveis, mas sim como sendo cada vez mais fluídos. Houve muitos avanços no sentido de diminuir as incoerências e estereótipos do que é ser homem e do que é ser mulher.

No século passado, num mundo onde o poder dominante era essencialmente um privilégio dos homens, durante muito tempo restou para as mulheres duas opções: permanecer no espaço privado do lar, ocupando-se do cuidado da família e da casa, e receber o título da esposa ideal; ou participar do espaço público e prostituir-se (Gomes, 2016). Além do mais, o comportamento dos pais e suas características de personalidade relacionadas ao gênero influenciam de maneira direta e proporcional a estereotipia sexual de seus filhos, ou seja, consoante uma fraca ou forte tipificação sexual tradicional dos pais, os filhos serão influenciados na mesma intensidade (Vogel *et al.*, 1991).

Diante disso, o autoconhecimento e a autovalorização estão ligados ao comportamento estereotipado que, por sua vez, também é reforçado pelos pares do mesmo sexo e assume diferentes formas para homens e mulheres. Ou seja, se o comportamento for congruente com o sexo, há um reforço positivo e, portanto, uma constatação de valor (Cramer & Skidd, 1992). Essa compreensão reforça a orientação de Butler (2003), que esclarece que precisamos do reconhecimento do outro para nos validar e, ao sermos reconhecidos, sentirmo-nos vivos.

É importante ressaltar que quando falamos de estereótipos devemos considerar os inúmeros estudos que procuram explicá-los a partir de variáveis, como a motivação, a intenção, as orientações socioculturais, mas que, no entanto, resultam num acúmulo de conhecimento conflitual e inconsistente (Edwards, 1992). Nesse

sentido, para Edwards (1992) o estereótipo conduz a enviesamentos e limitações, uma vez que é a partir de processos cognitivos mais amplos, que as pessoas processam uma quantidade significativa de informação. Existem ainda os subtipos de estereótipos, pelos quais são criados os conceitos e os papéis sociais que homens e mulheres desempenham na sociedade (Edwards, 1992). O estudo de Edwards (1992) procurou validar o conceito de subestereótipo e, com base numa perspetiva cognitiva, concluiu que, em razão dos homens não serem todos iguais, assim como as mulheres, é necessário superar o conceito de sexo oposto e perceber que existem mais semelhanças entre homens e mulheres do que a literatura apresenta.

Outro estudo de Riedle (1991) fornece elementos para pensar os estereótipos de mães com três diferentes características: as que trabalham fora; as desempregadas que vivem em casa com os filhos; e um grupo sem especificação da relação com o emprego. Essas mulheres foram comparadas e contrastadas considerando os traços de personalidade semelhantes, com o objetivo de descobrir os arquétipos mais representativos. O estudo concluiu que a subcategoria da mulher que fica em casa e toma conta dos filhos indica a representação padrão da mulher em geral, porém é necessário examinar com cuidado tais estereótipos, tendo em conta as inúmeras consequências de tais definições de categorias para a apreensão do sujeito, visto que nem todas as mulheres — e mães — são iguais (Riedle, 1991).

Ainda relativamente aos laços familiares, um estudo conduzido por Gerber (1991) sobre estereótipos de género e poder mostra as razões pelas quais os homens são percebidos como agenciosos e as mulheres como comunais. O autor explica que a agenciosidade agrega características negativas e positivas, como a motivação para mandar, de subjugar os outros e a autoassertividade. A comunalidade também abarca traços negativos e positivos, como a excessiva falta de confiança e vulnerabilidade por um lado, mas também a preocupação com os outros.

Entre as principais conclusões do estudo, aqueles que eram os violentadores, ambos homens e mulheres, foram percebidos com altos índices de agenciosidade e baixos de comunhão. Já entre vítimas de abuso ocorreu o oposto; homens e mulheres foram tidos como altos em comunhão e baixos em agenciosidade

positiva (Gerber, 1991). Por outro lado, quando se referem aos traços de personalidade tipificados, considerando o gênero, as mulheres são classificadas como preocupadas com a resposta e acomodadas com as necessidades das outras pessoas, diferentemente dos homens, que são representados por estarem preocupados consigo próprios, além de exercerem a sua autoridade sobre os outros (Gerber, 1991).

Para Six e Thomas (1991), os estereótipos não são mais associados a algo negativo ou do mal, sendo vistos como categorias que atuam da mesma forma que outras categorias do intelecto, pois o que se analisa são as estruturas e os processos pelos quais os estereótipos operam, não o conteúdo dos mesmos (Six & Thomas, 1991). Assim, os estereótipos podem ser definidos e tratados como “produtos de processos cognitivos cotidianos de categorização social, inferência social e juízo social”, isto é, são crenças comumente defendidas (Six & Thomas, 1991).

Ainda, de uma forma simplificada, de acordo com Lopez-Zafra e Garcia-Retamero (2012), os estereótipos são um conjunto de crenças que dizem respeito às qualidades pessoais de um grupo de pessoas. Os autores estabeleceram três critérios importantes para a classificação de homens e mulheres: 1) o estatuto social; 2) o estilo de vida; e 3) o comportamento sexual; as subcategorias são ainda definidas por traços, papéis comportamentais, comportamento sexual e aparência física (Six & Thomas, 1991). Desse modo, as noções de masculinidade são mais estereotipadas do que as noções sobre as mulheres, portanto, são enquadradas de uma forma rígida (Six & Thomas, 1991).

Nesse entendimento, quando abordamos as diferenças entre homens e mulheres, é possível identificar vários aspectos. Trigo (2015, p. 40) admite que nas mulheres “a capacidade de intuição, do foco nos relacionamentos, da percepção e julgamento impulsivos e talvez de imitação é mais fortemente destacada do que no homem”.

Em uma outra perspectiva, a fim de compreender os estereótipos de gênero aplicados às mulheres, Noseworthy e Lott (1984) encontraram evidências que qualificam as mulheres em cinco subestereótipos principais: dona de casa, mulher de carreira, objeto sexual, atleta e feminista. Outro estudo sobre os papéis sexuais de

homens e mulheres demonstrou que os esquemas estereotipados de papéis sexuais surgem a partir da acessibilidade das representações, isto é, o acesso à codificação de um determinado comportamento de gênero está ligado à frequência e à importância do esquema (Hansen & Hansen, 1988). Em termos práticos, a codificação de pessoas e acontecimentos passa pelo campo mental e, quanto maior a exposição em determinada realidade, maior importância ela recebe, resultando numa presunção da realidade como um facto, não como uma interpretação (Hansen & Hansen, 1988).

Com o objetivo de compreender como são formadas as impressões, rótulos sexuais e estereótipos, Rajecki, Graaf-Kaser e Rasmussen (1992) observaram que o preconceito e a discriminação apontam para uma propensão em avaliar, de forma desigual, dois indivíduos, tendo como pressuposto apenas o gênero. Essencialmente, as informações que consideram as características pessoais dos sujeitos podem vir a influenciar as rotulações a partir do gênero, o que não significa que haja uma discriminação por esse motivo (Rajecki, Graaf-Kaser & Rasmussen, 1992). É interessante salientar que, em uma situação de competição, os sujeitos utilizam o termos 'apropriado ao gênero' ou 'não apropriado ao gênero', em que pesem a masculinidade e a feminilidade de determinado indivíduo. Entretanto, as impressões e a discriminação devem ser julgadas de forma diferenciada no processo de individuação (Rajecki, Graaf-Kaser & Rasmussen, 1992).

A respeito das diferentes maneiras como homens e mulheres percebem seus corpos, Cash e Brown (1989) questionam as razões pelas quais os atributos físicos da aparência, como o peso, a roupa, a voz, entre outros, evidenciam sinais que concorrem para a estereotipia de gênero, e concluem que uma série de fatores sociais e interpessoais constrói e reforça essas crenças estereotipadas. Significa dizer que a imagem do corpo é uma construção composta por múltiplas dimensões e definida pelas percepções e atitudes que as pessoas têm sobre o seu corpo (Cash & Brown, 1989).

Ainda sobre as diferenças e estereótipos de gênero, embora já se tenha avançado bastante no assunto, a formação literária para o desenvolvimento da autopercepção das crianças deve expressar atitudes ativas e produtivas por parte das

mulheres, nos mais variados papéis exercidos (Kortenhaus & Demarest, 1993). Uma atenção particular na educação de base pode estimular reflexões atuais sobre as transformações nos paradigmas, relativamente aqueles ligados aos comportamentos dos gêneros (Kortenhaus & Demarest, 1993).

Outro estudo avalia o autoconceito de estudantes do ensino médio e da universidade diante dos papéis de gênero masculino e feminino (Jackson, Hodge & Ingram, 1994). A investigação concluiu que, em uma autoavaliação global, as diferenças de gênero favorecem os homens, embora tais diferenças sejam pequenas quando comparadas com as mulheres. Em contrapartida, nas dimensões mais específicas do autoconceito, as divergências são coerentes com os estereótipos sexuais, como, por exemplo, o facto dos homens demonstrarem maior autoconceito em habilidade matemática, desporto e atividade física, aparência física e estabilidade emocional. Já as mulheres têm maior autoconceito em atividade verbal, habilidade acadêmica, relações com os homens, religião e valores como honestidade e confiança (Jackson, Hodge & Ingram, 1994).

Na infância, vivenciamos situações em que os diferentes mundos, rosa e azul, assumem o controle, sugerindo o que é devido, correto, adequado, bom e aceitável para meninas e meninos. Quando crianças, homens e mulheres partilham ambientes físicos muito diferentes, que impactam no desenvolvimento de qualidades e habilidades específicas, além da preferência por determinadas atividades (Pomerleau *et al.*, 1990).

Neste estudo, Pomerleau *et al.* (1990), mostram que em crianças entre 03 e 05 anos, inúmeros fatores contribuem para fomentar as diferenças entre gêneros, entre eles: a forma como os media e as empresas apresentam os brinquedos; a qualidade estereotipada desses brinquedos; os tipos de atividades e brincadeiras estimuladas pelos adultos. Meninos são incentivados a explorar jogos e ferramentas, enquanto as meninas são motivadas a brincar com bonecas e a dedicarem-se a atividades manuais; meninos saltam e pulam, as meninas priorizam objetos domésticos e preferem cantar, dançar e modelar; quando em contato com os adultos, os meninos são estimulados a

terem atitudes físicas, e as meninas atividades intelectuais, como conversar (Pomerleau *et al.*, 1990).

Isso tudo ratifica a naturalização das diferenças sobre o que é adequado para meninos e o que é bom para as meninas. Em muitas ocasiões, essa diferenciação gera conflitos, frustrações e intolerâncias entre os adultos. Entretanto, ainda que essa realidade esteja sendo transformada gradualmente, é essencial que os adultos possibilitem oportunidades semelhantes desde a infância para as crianças se desenvolverem de maneira saudável (Pomerleau *et al.*, 1990). As relações humanas são permeadas de percepções acerca dos papéis sociais sobre como homens e mulheres devem agir no dia a dia. Um estudo sobre os estereótipos pelos quais homens e mulheres são percebidos na sociedade analisa a forma de distribuição dos diferentes papéis que ambos exercem e apresenta resultados interessantes.

As mulheres são mais percebidas em papéis de baixo estatuto do que os homens, o que também está relacionado com o facto de os homens estarem associados à empregabilidade e as mulheres aos serviços domésticos. Essa percepção deve ser levada em consideração ao analisar os estereótipos de género (Eagly & Steffen, 1984), que comumente significam que os estereótipos sexuais têm origem na percepção de homens e mulheres em papéis de empregado e dona de casa. A partir desses papéis, os sujeitos estudados acreditam que, independentemente do sexo, empregados e donos de casa são diferentes. Nesse papel, as mulheres que assumem a dupla jornada, empregadas e donas de casa, são muito valorizadas (Eagly & Steffen, 1984), pensamento que persiste nos dias atuais.

A investigação de Eagly e Steffen (1984) demonstrou que as crenças sobre o que é tarefa comum dos donos de casa e dos empregados vão além das características de homens e mulheres, mas o contrário não se verifica. Para os autores, o conteúdo de estereótipos de género, “quando homens e mulheres são observados mantendo diferentes papéis sociais”, serve, ao mesmo tempo, para representar e distorcer a realidade (Eagly & Steffen, 1984, p. 749), visto que a possível causa dos estereótipos sexuais é a distribuição diferente e desigual dos papéis de homens e mulheres.

Nesse entendimento, as mudanças sociais devem anteceder as transformações das crenças nas diferenças entre homens e mulheres. Enquanto não houver igualdade na partilha e na distribuição dos papéis sociais entre os gêneros nas atividades quotidianas, homens e mulheres continuarão a sofrer as consequências da separação que exclui e discrimina (Eagly & Steffen, 1984).

2.3 Diferenças, mas nem tanto: desigualdades sociais e o processo histórico

À medida que foram ampliadas as exigências de liberdade e igualdade por parte das mulheres, as questões de género surgiram reorganizadas e reatualizadas, sob novos traços (Lipovetsky, 2007) a exemplo do antagonismo vivido pela mulher no contexto profissional e nas viagens independentes. O conceito de género, atribuído à segunda onda do feminismo, surge para contrapor a naturalização da diferença, do antagonismo e da hierarquia existente entre homens e mulheres nos diversos campos da vida humana, a partir das diferenças sexuais (Ferguson, 2010; Fleming & Agnew-Brune, 2015; West & Zimmerman, 1987). Inclusive, género como atividade criadora, que ocorre incessantemente como “um estilo de viver o corpo no mundo, onde o corpo possui um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas” (Saffioti, 1992, p. 189).

Como vimos anteriormente, homens e mulheres possuem papéis e funções diferenciadas, o que os coloca em processos desiguais nas diferentes dimensões da vida social, do trabalho, das relações afetivas e sexuais. Joan Scott (1990) trata a categoria de género a partir do seu aspecto relacional, ou seja, analisando o carácter social das diferenças entre homens e mulheres, que emerge como preocupação teórica no final do século XX. Assim, “género é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (Scott, 1990, p. 14). Para a autora, género é o primeiro momento no qual o poder é sistematizado, é a primeira maneira de significar as relações de poder.

Nesse entendimento, as relações de poder estão internalizadas nas relações sociais, em particular nas relações de gênero. Compreender isso pode favorecer o entendimento da organização da vida social. As relações de gênero são dialéticas, pois refletem contradições e diferentes concepções, as quais, por sua vez, são internalizadas por diferentes atores sociais (Madeira & Mota, 2010).

As assimetrias entre homens e mulheres no campo da família, do mercado de trabalho e da política não são resultados apenas do exercício do poder do Estado, mas são determinadas por outras práticas socioculturais (Madeira & Mota, 2010). Homens e mulheres experimentam relações e vivências distintas. Entretanto, as diferenças não são justificativas para a perpetuação de preconceitos, discriminações e desigualdades, uma vez que é possível alcançar a igualdade na diferença (Hall, 2005). As diferenças são construídas social e discursivamente. Como explica Gomes (2016):

O preconceito consiste em ideias preconcebidas e difundidas socialmente sobre um grupo social, as quais o inferiorizam e essencializam; a discriminação, ocorre quando o preconceito deixa o campo das ideias e torna-se ação, passível de punição nos termos da lei; a desigualdade é o resultado do preconceito e discriminação, mensurável inclusive estatisticamente; a diferença, inerente ao ser humano enquanto indivíduo e ser social, tem sido utilizada para justificar o preconceito, a discriminação e a desigualdade (Gomes, 2016, p. 81).

Interessante notar que, a partir da caracterização feita pela autora sobre o preconceito, a discriminação, a desigualdade e a diferença entre gêneros e suas interrelações, ainda há muito o que avançar nos processos de empoderamento da mulher, bem como na discussão sobre as implicações reais na vida cotidiana das mulheres e nos espaços de resistência existentes.

Para explicar as diferenças de sexo e de comportamento de homens e mulheres, Eagly e Wood (2013) propõem uma teoria construtivista biossocial, pela qual destacam a interação dos processos culturais e apresentam o modo como estes são construídos num terreno de pressões do passado, incluindo a seleção sexual. Os autores abordam as questões de gênero no trabalho, justamente por ser em torno desse

espaço que o gênero é socialmente construído, com a socialização e a consolidação dos papéis de gênero, os quais apoiam e fortalecem a divisão do trabalho (Eagly & Wood, 2013). Os autores explicam que as diferenças de comportamentos de gênero são intercaladas por processos sociais, biológicos e psicológicos. Logo, as condições físicas, a exemplo da atividade reprodutiva feminina e a força física do sexo masculino, interagem com os estímulos do espaço social, económico e ambiental (Eagly & Wood, 2013).

A teoria biossocial é expressamente evolutiva ao afirmar que o desenvolvimento neural e dos sistemas hormonais dos seres humanos possibilita a adaptação dos comportamentos masculinos e femininos diante das demandas contemporâneas e da complexidade cultural (Eagly & Wood, 2013). De acordo com os autores, essa evolução do ser humano resulta em uma “capacidade de entender as expectativas típicas de gênero, formar identidades de gênero e regular a sua biologia e comportamento” (Eagly & Wood, 2013, p. 553). Em conclusão, trata-se de uma teoria feminista na descrição do comportamento humano. Este, imerso num contexto sociocultural amplo, favorece a transformação social com foco na conquista da igualdade de gênero.

Em outro estudo sobre as perspectivas sexuais de jovens norte-americanas solteiras, os pesquisadores Bay-Cheng e Goodkind (2015) fazem uma reflexão sobre as questões que emergem dos resultados apresentados. Atualmente, muitas mulheres trilham inicialmente um caminho de autoexploração, com o objetivo de desenvolver a sua carreira profissional, mantendo-a aberta ao futuro para depois investir na área afetiva e relacional (Arnett, 2014; Bay-Cheng & Goodkind, 2015). O estudo admite o princípio da intersetorialidade, quando as identidades sociais, como a de gênero e de classe, são indivisíveis e equivalem às forças sociais, que dialogam entre si, a exemplo do sexismo e da injustiça socioeconómica (Bay-Cheng & Goodkind, 2015).

Nessa mesma perspectiva, o feminismo negociado enfatiza a mudança pessoal e o autoaperfeiçoamento das mulheres, mas sem o foco social de mudança e de justiça, o que pode significar que não possuem uma crítica coletiva de resistência às condições sociais opressivas (Goodkind, 2009). Isso pode ser percebido no estudo de

Bay-Cheng e Goodkind (2015), no qual as participantes, através das lentes de género, além de evidenciarem a ligação das questões de género, classe e feminismo, se manifestaram como agentes neoliberais, reforçando sua solteirice como uma questão de escolha individual:

[...] ao afirmar que ser único é uma questão de escolha individual e que o sucesso é uma função da vontade individual, mesmo as mulheres com histórico de dificuldades e com futuro incerto podem apostar sua reivindicação como agentes neoliberais: se esforçando para melhorar a si mesmas e, assim, suas vidas (Bay-Cheng & Goodkind, 2015, p. 190).

No estudo de Bay-Cheng e Goodkind (2015), as mulheres entrevistadas qualificaram o facto de serem solteiras como uma vantagem e uma oportunidade. De acordo com os pesquisadores, para as entrevistadas, o significado de ser solteira consiste em um:

auto reforço, um estado despreocupado e gratificante que lhes permitiu prosseguir os seus interesses e ambições à vontade [...] expressaram alívio sobre serem solteiras e estarem livres do conflito, traição e estresse que muitas vezes acompanha os relacionamentos (Bay-Cheng & Goodkind, 2015, pp. 190-191).

O estudo conclui que o facto dessas mulheres não se sentirem estigmatizadas por sua condição de solteiras pode ser visto como um movimento positivo, tanto sob o enfoque social para a igualdade de género, como relativamente à resiliência individual. No entanto, os autores questionam até que ponto o empoderamento manifestado pelas entrevistadas não oculta inseguranças que, porventura, tenham sobre si mesmas e sobre seus relacionamentos. As oportunidades para as mulheres viajantes têm contribuído para um crescente debate sobre resistência, empoderamento, independência e ação individual (Khoo-Lattimore & Wilson, 2017).

Não obstante, o movimento feminista tem sido alvo de muitas críticas e contradições por conta de sua natureza complexa e diversa. Por exemplo, a sexualização da mulher nos media é um debate extenso, pois é alvo de protesto e do

ativismo político da segunda onda do feminismo (Hatton & Trautner, 2012). As razões pelas quais as mulheres modernas norte-americanas se autoidentificam como feministas foram estudadas por Swirsky e Angelone (2015), que revelaram que o feminismo abriga muitas facções e ideologias, as quais são sustentadas por três ideias principais: 1) a necessidade de reconhecer e disseminar a histórica exploração, desvalorização e opressão das mulheres; 2) sustentar a valorização da mulher e, ao mesmo tempo, trabalhar a valorização da igualdade para todos os géneros e grupos; 3) o criticismo ativo da busca de intelectuais tradicionais por ideologias de género. Uma análise das condições atuais vivenciadas pelas mulheres contemporâneas deve levar em consideração que o sistema patriarcal ainda é responsável por manter as mulheres oprimidas e exploradas (Swirsky & Angelone, 2015).

De facto, todas as atividades e experiências, a exemplo das interações social, cultural e política, são relações de género. Daí a importância em conhecer os comportamentos, necessidades, motivações e preferências de mulheres (Khoo-Lattimore & Wilson, 2017). Para Jackson e Henderson (1995), já que o género é um eixo ao redor do qual a vida social gira. Uma análise de género poderá contribuir para um melhor entendimento do lazer e do comportamento no turismo, considerando a perspectiva dos homens e das mulheres. Kolyesnikova, Dodd e Wilcox (2009) acreditam que os assuntos de género são complexos, já que, num indivíduo, o “sexo” refere-se a um sexo biológico (homem ou mulher) e o “género” refere-se ao seu componente psicológico.

Dessa forma, a identidade de género é considerada um fenómeno bidimensional, consistindo em um traço da personalidade masculina numa dimensão e no traço da personalidade feminina noutra, sendo que um indivíduo pode identificar ambas as dimensões independentemente do sexo biológico (*idem*). Por outro lado, há indicações de algumas modificações nas descrições psicológicas das mulheres, que, na atualidade, estão mais orientadas pela realidade dos fatos, como a participação da mulher em espaços antes inaceitáveis (Bergen & Willians, 1991), a exemplo da viagem independente.

Como vimos, o sexo biológico não define o que é ser homem e ser mulher, mas sim a construção do gênero que lhe é atribuído, a partir de relações sociais e culturais, as quais ditam os lugares, deveres e direitos (Piscitelli, 2002). Butler (2004) questiona a matriz heterossexual que determina a categorização do conceito de gênero, visto que existem diferentes identidades de gênero e identidades sexuais, e estas devem embasar as discussões de gênero. Isso significa que devemos desnaturalizar a subordinação da mulher e a supremacia masculina através da desigualdade de gênero.

As proibições de gênero restringem a expressão sexual de mulheres jovens e reforçam a estigmatização sexual de meninas, de mulheres e de minorias (Bay-Cheng & Goodkind, 2015). As autoras analisam o contexto atual em que a sexualidade das mulheres jovens é manipulada, bem como a maneira que essas mulheres percebem e reagem diante da ação neoliberal, ou seja, como essas jovens geram seus comportamentos sexuais sob o olhar dos padrões do neoliberalismo, que julgam os merecimentos morais e materiais, empobrecendo o processo (Bay-Cheng & Goodkind, 2015). Em alternativa, a perspectiva feminista defende a igualdade de gênero e, como resultado, tenciona a mudança das estruturas sociais patriarcais vigentes (Eagly & Wood, 2013).

Igualmente, as mulheres jovens não deveriam evitar assumir riscos a fim de impedir um suposto fracasso, porém a responsabilidade pode ser concebida de forma proporcional, equilibrada e contextualizada, sendo que experimentação e aprendizagem por tentativa e erro são cruciais para o desenvolvimento (Bay-Cheng & Goodkind, 2015). As autoras concluem que as “metáforas podem ser a melhor maneira de capturar a vida e as experiências sexuais de meninas e mulheres jovens, porém elas são mantidas em cativeiro dentro de uma matriz” (Bay-Cheng & Goodkind, 2015).

Reid e Purcel (2004) apresentaram um estudo realizado com noventa e seis mulheres que teve o objetivo de identificar as variáveis que influenciam a percepção e a autoidentificação com o feminismo. Os resultados sugeriram que a relação de exposição de identificação é, pelo menos, parcialmente (se não totalmente) mediada por uma exposição anterior ao feminismo. Assim, quanto mais expostas às reivindicações das mulheres, mais fortes são a consciência e a atitude relativamente ao

pleito da igualdade de gênero e, portanto, ao feminismo e à identificação feminista. Isso demonstra a força da identidade feminista como sinal de mudança para uma consciência de gênero mais politizada (Reid & Purcell, 2004).

Considerando que os estereótipos e conceitos que permeiam o movimento feminista possuem muitos significados negativos, muitas mulheres resistem em se reconhecerem no termo, mesmo que apoiem a busca pela igualdade de gênero. Isso se deve ao facto de que muitas mulheres percebem o feminismo como sinónimo de ativismo e, por esse motivo, não se consideram feministas. No entanto, de forma geral, não é porque discordam dos ideais feministas, mas sim porque, para muitas, o termo não representa as causas das mulheres (Swirsky & Angelone, 2015). O estudo sugere que a autoidentificação pode estar relacionada com o facto dessas mulheres se exporem às crenças e ideais feministas ao longo de suas vidas, em particular por meio da educação, uma vez que existe um carácter subjetivo nesse processo de autoidentificação. Algumas das mulheres entrevistadas no estudo assumiram uma postura feminista em suas falas, manifestando algumas influências dos ideais feministas, por vezes até em tom de desabafo, já que as suas identidades pessoais são influenciadas pelo meio ambiente (Swirsky & Angelone, 2015).

A convergência entre o feminismo e os assuntos de gênero consiste na liberdade de escolha; em quebrar regras; na igualdade no contexto das diferenças de gênero e na determinação do comportamento aceitável (Swirsky & Angelone, 2015). No estudo de Swirsky e Angelone (2015), para as mulheres entrevistadas, o feminismo não representa apenas a defesa da igualdade de gênero, nem tampouco atua como um meio para educar e quebrar as regras tradicionais. Diante disso, os autores manifestam o interesse em incorporar tal conhecimento nas relações educacionais e sociais, alcançando os objetivos do feminismo e, em última análise, combatendo o patriarcado e proporcionando a igualdade de gênero (Swirsky & Angelone, 2015).

Em contrapartida, as instituições legais têm poder e produzem um efeito significativo para a compreensão das normas de gênero. Por meio dessas instituições somos obrigados a reproduzi-las. Para Butler (2015a), a maneira de minimizar e/ou quebrar o domínio das normas e instituições é criar um espaço para a manifestação do

gênero, retirando a tensão das normas nessas questões e suspendendo os julgamentos sobre as ações de gênero, tornando-as mais leves. Portanto, é fundamental favorecer uma atmosfera positiva para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos espontâneos, livres de julgamentos e condenações, já que a espontaneidade depende de um conjunto de condições que dão suporte para a atuação do corpo.

Conforme o exposto, é evidente e relevante a influência das questões de gênero nas relações sociais e papéis que os indivíduos desempenham. Por isso, essas influências devem ser analisadas sob os mais variados aspectos possíveis, no caso deste estudo, em particular, no contexto do turismo e da viagem independente.

2.4 Performances de gênero

A ampliação e o crescimento do movimento feminista tem originado profundas transformações para muitas mulheres, tanto no nível pessoal quanto no subjetivo (Swirsky & Angelone, 2015). A literatura referente aos assuntos de gênero tem crescido de maneira significativa, pois os pesquisadores fazem um esforço para explicar possíveis diferenças, sobretudo ao tentar preencher as lacunas que estudos anteriores deixaram. Existe ainda uma necessidade de implementar medidas de igualdade de gênero a fim de promover ambientes justos para homens e mulheres.

De facto, estamos em uma era de fluidez, transição e mudanças, o que requer um maior envolvimento e comprometimento de uma ação política orientada para as diferenças e para um olhar mais atento à subjetividade dos indivíduos, considerando suas especificidades. Nesse contexto, as relações sociais mediadas pelos diversos fluxos de informação existentes no mundo globalizado, bem como as condições de acesso a esses fluxos, contribuem para a complexidade dessas relações, sendo que as determinantes de gênero e raça são estruturas que marcam as diferenças de maneira negativa (Braidotti, 2002).

A identidade não é fixa, pois está sempre em processo, indicando que as experiências podem ser oportunidades para os indivíduos (re)produzirem um senso de personalidade individual. Isso pode ser particularmente relevante durante as experiências de turismo e lazer, quando os indivíduos podem perceber um nível de escolha maior, comparado com outros aspectos de sua vida quotidiana (Graburn, 1983; Neulinger, 1981).

Na modernidade, com o valor líquido, “as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência” (Bauman, 2005, p. 91) e, por isso mesmo, o tema da identidade está no topo dos debates existenciais. Dada a realidade transcultural, a cidadania planetária é também reivindicada pelas mulheres, ainda que “a maior parte das mulheres no mundo não escolha sua pátria, mas antes, tem suas origens nacionais tatuadas ou ferozmente marcadas em seus corpos” (Braidotti, 2002, p. 13).

Se o problema da modernidade era a construção de uma identidade sólida e estável, a fragmentação da identidade na era pós-moderna nos faz refletir sobre como evitar as fixações e manter as opções em aberto (Cohen, 2013). De acordo com Pritchard *et al.* (2007), alguns estudiosos contemporâneos referem que as discussões sobre gênero pertencem ao século passado, afirmando que o debate atual na pós-modernidade tem vindo a substituir a universalidade, a rigidez e a objetividade pela relativização, fluidez e imaginação. Consequentemente, as identidades são concebidas como desempenho mutável, simbólico, relativo e construído (*idem*).

Para Braidotti (2002, p. 14), o nomadismo pode ser traduzido pelo ato de atravessar algo, reconhecido como sendo uma posição contrária à do turista, ou seja, para o turista, o outro e sua cultura são “consumidos”, já para o nómada “a visita é uma troca que pede ambos: reconhecimento e cuidado”. Desse modo, o nomadismo “refere-se ao tipo de consciência crítica que resiste a se ajustar aos modos de pensamento e comportamento codificado” (Braidotti, 2002, p. 10), corrompendo as normas, não o ato de viajar em si.

A relação entre o feminismo e o nomadismo é a recusa e desconstrução de todo e qualquer sentido fixo de identidade. Nessa perspectiva, o nomadismo evidencia

o itinerário político das mulheres feministas e sustenta a multiplicidade identitária ao desconstruir as estruturas de poder, com respeito à diversidade e à múltipla subjetividade das mulheres (Braidotti, 2002).

Na atualidade, Judith Butler pode ser considerada uma das pensadoras mais expressivas e complexas na discussão de inúmeras questões que permeiam o tema do gênero e da performance, entre outros. O seu pensamento é influenciado e sustentado por alguns autores, entre eles Foucault, Derrida, Lacan, Spinoza, Irigaray. Para Butler (2015a), gênero é um conceito que atravessa as normas, assim como o conceito de mulher, cujo significado nos permite pensar sexo e gênero a partir da sua relação com as normas, atribuindo ao conceito uma dimensão política.

Ao abordar os temas da precariedade e da vulnerabilidade, Butler (2015a) esclarece que existem formas plurais em que a performatividade pode assumir um caráter de resistência, a exemplo dos movimentos em que as diferenças não comprovam uma identidade unificada. Pelo contrário, distante das normas, os sujeitos podem se abrir para novas possibilidades de alianças, considerando algo que têm em comum. Desse modo, o corpo, ao agir, manifesta-se de forma implícita e explícita, em uma resistência corporal performativa, explica a autora.

Butler (2015a) faz um questionamento interessante quando se refere à visibilidade que resulta da exposição do corpo em público e que, ao mesmo tempo, não está protegido contra a violência da evidência a que está sujeito, em particular o corpo das mulheres, das transexuais, das minorias raciais, etc. A autora esclarece que o reconhecimento do corpo depende de outras redes de apoio, já que precisa ser legitimado por outras pessoas e estruturas que o definem. Assim, suas ações estão ligadas a uma rede desde o início (Butler, 2015a), para que possam ser reconhecidos como pertencentes ao meio social.

Nesse caso, a vulnerabilidade corporal é uma questão base e que associa a rede de relações onde estamos todos conectados. Isso significa que, por sermos dependentes dessas relações, nossa vulnerabilidade é relacional. O corpo individual atua como instância política e social, produzido performativamente em virtude de um conjunto de relações (Butler, 2015a). O outro age sobre nós e somos afetados e

imobilizados por algo que está fora de nós, antes mesmo de nos conectarmos com o nosso eu, com o que somos.

Butler (2003) explica que são inúmeras as variáveis e os comportamentos que resultam dessas relações, os quais agem de maneira significativa sobre nós, tais como o género, a nacionalidade, a classe económica, o estado civil, entre outros. Os discursos de género nos penetram e aprisionam em ideais de comportamentos societários, que limitam quem somos essencialmente, bem como as nossas possibilidades do devir (vir a ser). A capacidade que um sujeito tem de escolher e performar livremente seu género surge após a ação das normas sobre ele, tornando-o suscetível e vulnerável a elas (Butler, 2003). Isso significa que primeiro o indivíduo entra em conflito com as normas, o que o fragiliza, uma vez que para assumir sua identidade é necessário se expor contra as normas gerais.

A autora esclarece que a performatividade não se reduz a um desempenho livre, justamente porque somos seres vulneráveis e afetados por discursos alheios à nossa vontade, como também estamos sujeitos às categorizações e descrições de condutas. A vulnerabilidade é uma característica das relações sociais e, por isso, somos vulneráveis uns aos outros, o que corresponde ao sujeito incorporado, num *feedback* recíproco entre nós e o mundo exterior (Butler, 2015a). Nesse sentido, para a autora, a vulnerabilidade pode ser analisada a partir de duas perspetivas: a primeira como condicionante do desejo, e a segunda como premissa de precariedade. Existe uma resistência psíquica à vulnerabilidade, pela qual o sujeito reivindica o direito ao espaço público, à igualdade, mobilidade e segurança, como observado no discurso das entrevistadas neste estudo.

Na verdade, a vulnerabilidade está intrinsecamente ligada ao facto de sermos seres gregários, sociais e relacionais, e os nossos corpos físicos (e para além deles) surgem a partir dessas relações. Butler (2015a) ressalta que a materialidade do corpo humano, a maneira como vivemos, como nos relacionamos e nos comportamos, o nosso corpo e o genital, é moldada com o tempo, à medida que envelhecemos e amadurecemos. Então, quando a autora admite a performance como um ato de

incorporar um sentido de materialização temporária, significa que nós vivenciamos a materialização da norma no nosso corpo.

2.5 Processos de subjetivação na viagem independente no feminino

Tanto na academia quanto na vida quotidiana, os ganhos culturais e o intercâmbio que as viagens fomentam são motivo de importantes e profundas reflexões. Ao partir do seu local de origem, o sujeito coloca-se em contato com diferentes culturas; ao se expor, traz consigo, no retorno a casa, uma diversidade de novas percepções e experiências, transformando-se, miscigenando-se. O que grande parte dos viajantes faz durante suas jornadas é exatamente isso: expandir-se. Trata-se de uma expansão ao convívio, ao novo, à abertura, à vida, ao (pré)julgamento dos outros, aos desafios, aos medos e às alegrias de serem livres para performar.

Nesse cenário, para as mulheres, a viagem independente ganha espaço como um novo tempo de grandes transformações subjetivas e aprofundamento do *self*. Tudo isso pode ocorrer a partir do ato de contemplar a viagem sob diferentes aspectos. Inclusive, no que se refere à relação entre o visitante e a comunidade receptora, a comunidade passa a fazer parte do viajante ao favorecer a reflexão de suas crenças, valores e diferenças. Por esse ângulo, importa ressaltar que nas ciências sociais há uma tendência para conceber os *selves* como relacionais, múltiplos e dependentes do contexto (Danziger, 1997; Finnegan, 1997; Vaughan & Hogg, 2002), mais do que um projeto individual (Neumann, 1992).

Diante da crescente demanda por conhecer as experiências, relatos e motivações de mulheres em viagens independentes, o foco não deve ser somente na descrição da experiência, mas também nos sentimentos, sensações e descobertas vivenciadas ao longo da jornada. Com o acesso à tecnologia e à consequente expansão das fronteiras físicas, as mulheres viajantes não estão apenas em busca de explorar e descobrir lugares, pois já conhecem o que vão encontrar, mas sim de desvendar novos “espaços” dentro de si mesmas.

Entretanto, o interesse pelos relatos dos viajantes não é recente. Os primeiros viajantes escreviam seus relatos para contar a experiência, bem como para informar e descrever tudo o que encontravam em suas explorações. Como dito anteriormente, no campo editorial, esse interesse é real e cresce constantemente, como podemos verificar por meio das publicações de livros que contam as experiências de viagens dos autores (Campos, 2011; Julius & Valle, 2007; Medeiros, 2012).

Em um estudo exploratório, Filep, Cao, Jiang e Delacy (2013) analisaram 181 blogs de relatos de viagens de um grupo de turistas japoneses em viagem independente pela Austrália. Os autores focaram-se em quatro emoções: o prazer, o interesse, o contentamento e o amor, com o intuito de compreender quais as conexões entre experiências subjetivas e essas emoções. O material de análise correspondeu às reflexões pós-viagem do grupo estudado e entre as conclusões do estudo está a íntima relação entre o contato com a natureza e o experimentar emoções positivas, através da ligação entre emoções positivas, o lazer, o turismo e o bem-estar (Filep *et al.*, 2013).

O estudo de Filep *et al.* (2013) contribuiu para uma percepção crítica, sustentada por uma visão holística a respeito da contribuição das emoções positivas nas experiências de lazer, essencialmente por tentar perceber o efeito do bem-estar de uma viagem de lazer em longo prazo. As quatro palavras-chave identificadas para analisar os comportamentos derivados das sensações, nos depoimentos dos turistas japoneses, foram: a) prazer: excitado, feliz, prazeroso, agradável, embriagado, impressionado (belíssimo); b) interesse: descoberta, primeira vez, interessado, curioso, surpreendido, nunca antes; c) contentamento: satisfeito, contente, perfeito, tudo certo; e d) amor: referências para aproveitar aniversários, casamentos, lua de mel, relacionamento com os locais e outros turistas (Filep *et al.*, 2013, p. XX).

Ainda no estudo de Filep *et al.* (2013), o perfil dos visitantes revelou que 57% dos escritores do blog são mulheres e que a emoção positiva do amor foi identificada pelo menos duas vezes em 65% dos blogs (118 em 181). Os autores observaram que, atualmente, no turismo, não existem modelos para analisar o 'saborear' das experiências no lazer. Então, através do seu estudo, eles lançam luzes sobre a importância de aprofundar as investigações dos momentos pós-viagem, e

conhecer como os turistas relembram o sabor de suas experiências de férias. Desse modo, é possível perceber que a busca pelo bem-estar e a experiência de emoções positivas se estendem no momento pós viagem, quando se trata de viagens a lazer (Filep et al., 2013).

Outro estudo que relaciona viagens e gênero ocorreu num período de vinte anos (1985 a 2005), protagonizado por Crane (2007). O trabalho teve por objetivo medir e explicar as diferenças das viagens por sexo, a fim de incorporar os resultados numa prática de planeamento. No estudo foram encontradas diferenças contínuas entre homens e mulheres, concluindo que as mulheres fazem viagens mais curtas em duração e distância do que os homens. Em geral, as mulheres empreendem viagens voltadas para crianças e viagens orientadas (Crane, 2007), sendo que o gênero é um determinante estrutural dessas tendências. O autor considerou as variáveis raça, etnia, ocupação, idade, estrutura familiar e renda e concluiu que as tendências de viagens entre homens e mulheres podem convergir lentamente, sendo que as diferenças estão relacionadas com muitas especificidades, a exemplo do facto de a mulher ser dona de casa ou morar sozinha (Crane, 2007; Stanford, 2017).

Nessa perspetiva, a dinâmica da sociedade moderna favorece o surgimento de necessidades específicas, complexas e profundas, pessoais e coletivas. O mercado está atento às novas solicitações para atendê-las, com a maior e mais lucrativa brevidade possível. Nesse contexto de vida contemporâneo, as motivações para praticar e experienciar o turismo tornam-se ainda mais individualizadas e envolvem elementos que induzem a experiências agradáveis, extraordinárias (Urry, 1990). Entretanto, a experiência turística é um fenómeno difícil de objetivar, assim como a natureza das experiências e interações entre os turistas (Cohen, 2010), uma vez que os espaços turísticos são construídos enquanto são vividos e vivenciados através do uso, da imaginação, da experiência e do significado que as pessoas dão a eles (Wearing & Wearing, 1996; Wearing *et al.*, 2010).

As mulheres que contam suas experiências em viagens independentes ganham cada vez mais espaço, agregando valor a uma área do mercado de viagens em expansão (Yang, 2017; Carvalho *et al.*, 2017). Historicamente, os relatos de viagem eram

feitos através de cartas e diários de viagem, na maior parte descritivos da paisagem, flora e fauna (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Eram as viagens naturalistas, não obstante a formação estrutural do viajante, que, na experiência de viagem, buscava a compreensão do mundo e da sua própria existência (Figueiredo, 2010). Hoje existem inúmeras obras, entrevistas, vídeos e estudos científicos que se interessam pelo tema (Berdychevsky, Gibson, & Poria, 2013; Wilson & Little, 2008; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017). Como explica Small e Wearing:

Para as mulheres, a experiência turística não é simplesmente uma questão de um olhar separado em um destino, mas sim uma experiência envolvente e socialmente interativa. Nem é a experiência em que elas permanecem despercebidas. São muitas vezes altamente visíveis, especialmente nos espaços turísticos masculinos e sexualizados (Small & Wearing, 2017, p. 114).

Nesse entendimento, concordamos com Figueiredo e Ruschmann (2004) ao afirmar que existem muitas lacunas importantes a serem investigadas no que se refere às possibilidades de compreensão do sujeito por meio da viagem, bem como confirmamos a reflexão feita Khoo-Lattimore e Wilson (2017) de que as viagens das mulheres expressam um fenômeno contemporâneo de gênero, sendo necessário avançar nas discussões nesse sentido. É importante conhecer as motivações da viagem de maneira aprofundada, na tentativa de compreender como as viagens influenciam a vida e o comportamento das pessoas. Isso significa que a viagem e o turismo podem espelhar o ser humano moderno, pois ser turista constitui uma das experiências do humano moderno, com nuances diversificadas e em constante transformação (Figueiredo & Ruschmann, 2004; Urry, 1990; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017).

A história pessoal do sujeito é desenhada pelos lugares visitados e experiências de vida ao longo da jornada, numa busca pelo estranhamento, que consiste em um processo de desenraizamento e construção de uma nova cartografia (Peixoto, 1987). A viagem pode ser um meio para que a cultura do viajante se fortaleça, uma vez que está em constante comparação. O estrangeiro, nesse caso, reforça a sua própria identidade e a da comunidade visitada (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Uma interessante abordagem nos esclarece:

O viajante não fica totalmente sem ligação com sua sociedade, nem se transforma totalmente no outro. Esse estado de suspensão permite que ele volte ao seu lugar de origem. A busca de identidade compreende um movimento de partida, viagem (percurso) e chegada, seja o retorno ao ponto de origem, seja a chegada a um novo lugar. No primeiro movimento viajar significa despojar-se, desprender-se do ruim, do insuportável, da vida, estar em suspensão. O percurso, estado de viagem, simboliza um rito de passagem, em que o provisório está presente e o mundo cotidiano fica em suspensão. O intervalo é o espaço e o tempo. O lugar não existe como espaço (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 173).

A viagem contribui para essa construção de uma identidade desenraizada, que Figueiredo e Ruschmann (2004, p. 175) designam de “locais particulares (aeroportos), identidades planetárias (movimento ecológico) e uma memória internacional-popular (provocada pelos media)”. Em viagens independentes, as mulheres flexibilizam seus comportamentos, mesmo sem perder a sua identidade. E, inicialmente, em muitos momentos experimentam o enraizamento para se desenraizarem.

Nessa mesma perspectiva, Urry (1990) admite que não há apenas um olhar do turista, pois o mesmo varia consoante a sociedade, grupo social e período histórico, e é construído pela diferença na relação com o seu oposto. Em outras palavras, a percepção do visitante é construída justamente nas experiências de contato com o cotidiano e cultura local, ou seja, com a experiência que o separa da sua cultura de origem. Por outro lado, a despeito das inúmeras diferenças culturais do mundo globalizado, as infinitas possibilidades e interconexões convivem com a ausência de uma linguagem comum (Mendonça, 1999).

Entre os efeitos da globalização e do acesso, quase irrestrito, aos territórios e culturas, citamos o aumento, em todo o mundo, do número de mulheres que escolhem viajar desacompanhadas (Bond, 1997; Elsrud, 2006; Gibson, 2001; Filep, Cao, Jiang, & Delacy, 2013; McNamara & Prideaux, 2010; Pritchard *et al.*, 2007; Wilson, 2004; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017). Particularmente, o presente estudo tem por objetivo analisar em profundidade as experiências de quinze mulheres ocidentais em viagens independentes.

Mulheres em todo o mundo vivenciam realidades com mais acesso à educação e maior independência financeira e emocional, e buscam sua satisfação pessoal, conhecer novas pessoas e culturas e enfrentar desafios, a exemplo dos estímulos que uma viagem independente sugere. Através da viagem, essas mulheres estão construindo um caminho capaz de contribuir com significativas transformações para as relações de gênero, além de influenciar outras áreas, como a cultura, política, economia, gestão, pesquisa e educação. Porém, isso tudo pode resultar na construção de identidades mais complexas, fluidas e dinâmicas (DesForges, 2000).

Em geral, os estudos de natureza quantitativa, que são realizados no âmbito do turismo, estão mais direcionados para a oferta, em detrimento de um olhar mais aprofundado sobre as especificidades da demanda, esta última requerendo uma análise de dados qualitativos. Sob a ótica do gênero feminino, atendendo à necessidade das mulheres como consumidoras, desde a fase do planejamento (pré-consumo), que antecede a viagem, até o consumo final do produto turístico, existem significativas diferenças sobre a percepção da importância dos atributos e valores das viagens (Collins & Tisdell, 2002; Heimtun, 2012). Como destaca Mcclinchey (2017, p.135):

À medida que as percepções aceitáveis em relação a mulheres viajantes aumentam em escala global, as mulheres estão se aventurando em um território que antes não era frequentado por mulheres. As mulheres também estão sendo reconhecidas agora como importantes tomadores de decisão e consumidores das principais experiências de viagem.

Há, portanto, uma necessidade de preencher as lacunas com estudos que combinem a crítica teórica com uma análise sociocultural (Pritchard *et al.*, 2007). Atualmente, pesquisadores reconhecem que o gênero é uma das características humanas que afeta as experiências individuais, bem como a identidade social (Pritchard *et al.*, 2007). Com o aumento da participação das mulheres em viagens, facto associado ao crescimento do número de mulheres empregadas e independentes em vários aspectos da sua vida pessoal, surgem cada vez mais estudos que visam compreender esse mercado em expansão, entre os quais destacamos: Xie, Costa e Morais (2008); Heimtun (2011); e Khoo-Lattimore & Wilson (2017). Entretanto, a

complexidade das relações que permeiam esses estudos sugere uma vasta área ainda a ser explorada, em especial com pesquisas de natureza qualitativa e interpretativa.

Mcclinchey (2017, p.135) esclarece que esse movimento crescente das viagens no feminino tem resultado num aumento significativo de livros de viagem publicados por mulheres que exploram uma diversidade de destinos turísticos, o que justifica a necessidade de “entender como as mulheres pensam e sentem os lugares que visitam”. No mercado editorial mundial verifica-se a crescente oferta de guias turísticos para viajantes independentes, tais como os guias *Rough Guide* e *Lonely Planet*, o que parece confirmar essa demanda. Na literatura brasileira, jornalistas como Campos (2011), Julius e Valle (2007) e Medeiros (2012) descrevem as suas próprias experiências como mulheres viajantes independentes em destinos nacionais e internacionais, oferecendo dicas de segurança, de comportamento e de postura, com o objetivo de motivar as mulheres a aventurarem-se na experiência de “viajar sozinha”. Trata-se, portanto, de um mercado em expansão, heterogêneo e com características específicas, que devem ser observadas tanto por gestores no planejamento dos destinos turísticos, como pelos media e literatura científica.

Nos media e na literatura de viagens em geral, as mulheres são representadas através de imagens estilizadas, que as representam de forma superficial e estereotipada, quando não optam pela sua não representação. No entanto, em seus estudos, Ferguson (2011) destaca que, na atualidade, a mulher está em evidência por suas qualidades pessoais e capacidades profissionais, em diversas dimensões da vida social.

Assim, a viagem é uma experiência que pode modificar aqueles que a praticam. Nos diversos momentos e situações que a viagem proporciona é possível questionarmos os paradigmas, valores, crenças e diferenças observadas, sejam elas de caráter pessoal ou superficial, do património físico, natural, cultural e/ou social. As expectativas, satisfeitas ou não, compõem a formação do viajante, após uma experiência de viagem em que diferentes momentos foram vivenciados.

Desse modo, Ortiz (1998) esclarece que a viagem é uma metáfora de enriquecimento cultural individual, um caminho com provas e fronteiras para

atravessar. Ou seja, viajar é o modelo de uma experiência paradigmática, genuína e direta, que transforma a pessoa que a realiza (Leed, 1991). Esse entendimento vai ao encontro do pensamento que norteia este estudo, para o qual o turismo é um cenário fecundo para analisar, repensar e promover relações de género mais equânimes.

O turismo pode promover transformações nas relações de género através do comportamento individual das mulheres, e pode gerar efeitos sobre a forma como pensam, se autopercebem e observam as outras mulheres (Monterrubio & Mendoza-Ontiveros, 2014). Tal realidade vai ao encontro dos resultados dos estudos de Collins e Tisdell (2002), que investigaram o ciclo do turismo emissivo de viajantes australianos e concluíram que o género tem maior influência na demanda dessas pessoas.

Os pesquisadores previram, em 2002, o que hoje é a realidade de homens e mulheres, dadas as transformações sociais e económicas, com o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho, solteiras e sem filhos. Essas mudanças podem ser observadas, inclusive, no que se refere às motivações de viagem dessas mulheres comparativamente às dos homens. Os autores concluem que o género tem um papel muito importante no movimento do mercado turístico, o que influencia, de forma significativa, o ciclo de vida das viagens (Curcic, Zakic & Galantic, 2009).

Wilson e Harris (2006) fizeram uma comparação entre seus estudos qualitativos interpretativos, tendo investigado o conceito de viagens significativas para mulheres australianas que viajavam sozinhas, por motivos de lazer ou de negócios, respetivamente. Observaram a experiência turística a partir de elementos espirituais, benefícios físicos e psicológicos, altruísmo, autodesenvolvimento e mudança de vida. Para as autoras, viagens significativas envolvem mulheres em busca de um maior sentido de si mesmas, que reconsideram as suas perspetivas de vida, de sociedade e das suas relações com os outros.

Um ponto que merece destaque é o facto de que, para Wilson e Harris (2006), a viagem significativa não está necessariamente relacionada a um tempo ou espaço específicos, mas sim com o modo como as pessoas são capazes de transferir significados e benefícios das suas viagens ao retornarem para casa. Os resultados mostram que o conceito de uma viagem significativa, para as mulheres, está ligado à

uma busca de si própria e da sua identidade, ao autoempoderamento e à conexão com os outros (cidadania global).

Ainda em relação aos trabalhos de Wilson e Harris (2006), o estudo da primeira autora foca-se essencialmente na mulher australiana viajante independente, nos constrangimentos e nas experiências por ela vividas, enquanto o segundo estudo, da coautora, tem como foco a mulher neozelandesa em viagem de negócios e as suas experiências e expectativas. Mesmo em contextos diferentes, existem similaridades no relato de temas sobre o significado e os benefícios conquistados por meio da viagem independente (Wilson & Harris, 2006). As autoras verificaram que as mulheres estudadas estão em busca de aventura, de interação social, de educação e de autoconhecimento, e se sentem confiantes por viajarem sozinhas.

Por outro lado, Heimtun (2012), ao explorar a questão da identidade social de mulheres norueguesas de meia idade quando estão de férias, contrapõe a viagem sozinha à viagem com amigos. O estudo conclui que, com amigos, as mulheres sentem-se socialmente incluídas, o que facilita a manutenção de relacionamentos interpessoais na vida cotidiana. Já a viagem desacompanhada para destinos turísticos como *resorts*, exige que as mulheres tenham que lidar com sentimentos de medo e exclusão social. Isso pode estar relacionado com o facto de se sentirem pressionadas por outros turistas, acompanhados da família, ao tomarem consciência dessa falta de laços, em especial nos espaços públicos.

Pritchard *et al.* (2007, p. 9) ressaltam que, nas discussões em torno das questões de género, não se trata de substituir o patriarcado pelo matriarcado, “mas sim de [...] construir (reforçar) uma sociedade gerida pela reciprocidade, interdependência e respeito”. Concordando com os autores, é facto que homens e mulheres devem procurar a complementaridade dos seus papéis e responsabilidades para a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. No entanto, o género é uma variável que deve ser analisada no contexto social no qual é definida, sendo que neste estudo, ela será o contexto das viagens independentes (Jackson & Henderson, 1995; Kinnaird & Hall, 2000).

De acordo com Berdychevsky *et al.* (2013), as relações de gênero afetam a forma como homens e mulheres constroem suas experiências turísticas. As mulheres aventureiras, que se propõem a viajar sozinhas e de maneira independente, descrevem as suas jornadas como um projeto de identidade, bem como uma forma de ganhar força, independência e liberdade (Elsrud, 2006). Logo, o trabalho da mulher ganha empoderamento na medida em que os questionamentos combatem as normas e instituições que perpetuam a subordinação da mulher (Hanmer & Klugman, 2015). Para Yang (2017), considerada as diferentes realidades entre o mundo ocidental e o oriental, no que se refere ao cenário de mulheres em viagem independente, existe uma tendência social de transformação em nível global, como resultado do avanço da igualdade de gênero no mundo todo, a exemplo do acesso à educação e ao emprego.

Na atualidade, tendo como pressupostos as inúmeras conquistas das mulheres no campo social, político, cultural e econômico, está cada vez mais evidente que a subordinação feminina não é algo de natural, nem tão pouco definitivo. Assim como as identidades e performances são plurais, diversas e dinâmicas, as relações de gênero também o são. Para Berdychevsky *et al.* (2013, p. 83), as experiências turísticas, oferecem um espaço para que as mulheres manifestem desejos reprimidos, uma vez que oferecem um campo fértil para a autoexploração e autodescoberta, “seja através da expressão do eu autêntico ou pela experimentação com identidades alternativas”.

Privada da sua autonomia e submetida a regras rígidas, a mulher não tinha acesso a todos os direitos que os homens usufruíam como cidadãos plenos, o que resultou no cerne das reivindicações dos movimentos feministas (Camps, 1998). A autonomia da mulher ocidental, no contexto das mudanças socioculturais, está no centro das discussões atuais, dado que nos países desenvolvidos as mulheres tendem a igualar ou superar o *status* social do homem, o que inevitavelmente afeta seu *status* socioeconômico, autoestima e visões de mundo (Costa *et al.*, 2013; Pritchard & Morgan, 2000; Wilson, 2004).

As descobertas e aprendizagens vivenciadas pela mulher em viagens independentes favorecem uma série de possibilidades quanto às suas performances, que são compreendidas como sendo um discurso de liberdade e que dizem respeito à

natureza ativa da relação entre o indivíduo e a sociedade, relacionado com o discurso que habita o corpo, que faz esse corpo e que, por isso, se confunde com ele (Butler, 2004). Ou seja, performar é ir ao encontro da sua natureza mais íntima, capaz de agir de acordo com a sua verdade em dado momento.

Nesse entendimento, as mulheres que compõem o objeto deste estudo atualizam e desconstruem o discurso sobre o lugar e o papel da mulher na sociedade contemporânea, com seus comportamentos e atuações durante a experiência da viagem, pois o gênero é um determinante essencial na liberdade de viajar (Khan, 2011). Há, portanto, na viagem independente, um espaço que convida à libertação, à transgressão e à transposição das normas, que reprime quem somos ou quem podemos vir a ser, justamente por se realizar em um ambiente fora do cotidiano, do ordinário. Dito de outra forma, talvez haja outros caminhos a trilhar e diferentes formas de ser e de atuar na sociedade.

Nessa lógica, constituir uma identidade pessoal é também uma corporificação performática que é processual, já que os sujeitos estão sempre no palco e dentro da performance. É um processo que sugere uma performance através do corpo. Da mesma forma, é possível desempenhar o papel social de várias maneiras, a exemplo de uma peça de teatro, que requer um texto e interpretação, onde os indivíduos podem expandir seu universo cultural através do universo corporal, por meio de performances subversivas de vários tipos (Butler, 1998). Isso significa que nós escolhemos como e o que queremos performar. No trabalho que Butler (2015) levou 20 anos para concluir, a autora observa que somos afetados por algo que está fora de nós, pois o que vem de fora ativa e informa quem eu sou (Butler, 2015b). Nas práticas de lazer, a performance representa, além de um estilo de vida, uma fonte de estabilidade e bem-estar para os sujeitos.

Diante do cenário de inúmeras tendências para o segmento do turismo em nível mundial, este estudo tem como base paradigmas filosóficos e sociológicos que dialogam com as questões de gênero. Outra dimensão que pode ser expandida numa viagem independente é a da espiritualidade. Neste estudo, a espiritualidade é assumida a partir de uma visão ampla no contexto da modernidade, pela qual surgem

novas formas de vivenciar o sagrado, com um deslocamento da religião para a esfera subjetiva, na qual também estão incluídas a prática do Yoga e da meditação (Guerriero, 2014). As mulheres parecem, de uma forma mais explícita, possuir uma maior predisposição para o aprofundamento de assuntos e questões relativas à espiritualidade, ao autoconhecimento e à contemplação.

Desse modo, tais experiências subjetivas afloram sob o refúgio das religiões tradicionais, pelas quais os sujeitos ressignificam a sua ligação com o sagrado e passam a assumir diferentes formas de manifestação, mediante o culto da natureza, da energia e da crença em vidas passadas, entre outros. Porém, grandes religiões monoteístas, a exemplo do judaísmo, cristianismo e islamismo, por serem essencialmente patriarcais, privilegiam o homem em detrimento da mulher (Trigo, 2015). Já o fenômeno da nova era articula diversas expressões religiosas e tradições culturais, que permitem ao indivíduo vivenciar o sagrado de uma maneira mais flexível, fluída e plural (Oliveira, 2010). O sagrado pode se manifestar como uma realidade contraditória, que simultaneamente atrai e repele (Trigo, 2015).

Também, a experiência da visita na perspectiva do turista peregrino contemporâneo tem inspirado estudos recentes sobre a dimensão espiritual do turismo (Sharpley & Stone, 2011). Desse modo, o turista é um tipo de peregrino contemporâneo em busca de autenticidade em diferentes tempos e espaços, longe do cotidiano do sujeito (Urry, 1990). Essa tendência vai ao encontro do objeto deste estudo, ao investigar as mulheres viajantes que buscam experiências que possam ser significativas, reveladoras e transformadoras, no âmbito das suas vidas pessoais. Wilson e Harris (2006) concordam que a sensação de plenitude, ligada à espiritualidade, é uma parte significativa da viagem, não sendo necessariamente relativa a um encontro com Deus, mas antes com aspectos do divino, em que cada indivíduo pode explorar, refletir, considerar e analisar.

O estudo qualitativo de Myers (2017) realizado com viajantes independentes na Nova Zelândia, entrevistou em profundidade 60 mulheres e suas experiências exploradas em três temas: momentos de fortalecimento, momentos emocionais e momentos reflexivos. O perfil das viajantes era o de mulheres bem-

educadas e conscientes de seu próprio autodesenvolvimento. Além de ampliar o conhecimento sobre as experiências de viagem das mulheres, Myers (2017) considerou as reações fisiológicas, emocionais e psicológicas das viajantes, estimulando a reflexão a respeito de suas jornadas. Entre as principais conclusões do estudo, estão os benefícios positivos da experiência da viagem independente associados ao desenvolvimento da identidade, com destaque para os momentos significativos vivenciados durante as atividades baseadas na natureza.

Vale lembrar que, no centro desta investigação, temos a mulher como protagonista das suas experiências e como viajante desacompanhada e independente. Conforme mencionado anteriormente, em todo o mundo é evidente o aumento da demanda por viagens independentes e isso traz consigo uma série de especificidades, novidades e exigências (Buhalis, 2001) e, embora o novo turista surja como sendo um sujeito individualista, também manifesta características como flexibilidade, espontaneidade, imprevisibilidade e consciência ambiental (Wilson, 2004). Entretanto, quando as viajantes apresentam princípios feministas e reivindicam por mais espaços de poder, elas contrariam a lógica da “hóspede educada” e ainda são ameaçadas por isto (Stanford, 2017, p. 18).

O processo de mudança de valores e práticas socioculturais pressupõe o surgimento de teorias alternativas de modelos de desenvolvimento, que reconsiderem os impactos dessas transformações nos sujeitos. Inclusive tal processo amplia a compreensão de mulheres viajantes consumidoras como sujeitos ativos e agentes poderosos, resistindo aos constrangimentos com os quais se deparam (Harris & Wilson, 2007; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017; Porter & Schänzel, 2018a).

Na atividade turística, a experiência também é abordada como valor agregado aos serviços e produtos (Buhalis, 2001; Trigo, 2010). No entanto, é possível diferenciar o resultado que essa agregação provoca no indivíduo, pois se as experiências são memoráveis e pessoais, já os serviços e produtos podem ser padronizados e personalizados. No turismo, isso pode revelar um avanço em termos de mercado, dado que agrega valor ao considerar as especificidades da demanda.

Contudo, ainda há muito para ser observado e compreendido a respeito do significado da experiência no turismo (Barretto, 2000; Siqueira, 2005; Trigo, 2010).

A subjetividade, por sua vez, tem sido tratada no turismo segundo dois pontos de vista. No primeiro, o turismo é uma forma do indivíduo sair da sua rotina, das pressões dos compromissos, do cotidiano, mesmo que por um curto espaço de tempo. No segundo, é visto como uma forma de desenvolvimento pessoal, de cultivo do autoconhecimento, no qual as novas experiências contribuem para a formação de um novo sujeito (Wearing, 1998; Siqueira, 2005; Hosany, 2012). Além do mais, homens e mulheres professam um discurso pelo qual expressam o desejo de serem pessoas boas, autônomas, racionais e que tenham autodomínio (Mehta, 1999).

Nesse entendimento, a vivência é pessoal, intransferível e inédita, sendo o resultado de condições específicas e subjetividade, pois tem relação com a emoção, a entrega, e a maturidade. Além disso, a postura do indivíduo perante as escolhas de vida, a qualidade dos seus relacionamentos interpessoais e o desenvolvimento da espiritualidade também podem contribuir para dar significado à experiência. A viagem pode levar o visitante ao autoconhecimento, à consciência do seu “eu”, da sua própria história e crenças, de suas possibilidades e limitações. Tendo isso em vista, este estudo articula gênero e turismo, por meio da investigação dos processos de subjetivação de mulheres brasileiras que viajam sozinhas para destinos internacionais.

Seguindo Mehta (1999), a perspectiva pós-estruturalista aborda a subjetividade de gênero a partir de inúmeros discursos e práticas sociais, nos quais os indivíduos assumem uma variedade de posições contraditórias. Significa, então, dizer que não há um conceito definido de feminilidade ou masculinidade antes, pelo contrário, há uma diversidade de feminilidades e masculinidades, reproduzidas e mantidas pelo discurso e pela prática (Mehta, 1999).

O indivíduo na era da pós-modernidade está mais atento às questões subjetivas, na busca pelo autoconhecimento, no conhecimento de culturas diversas, na fruição da vida, bem como na capacidade de viver o presente e desfrutar dos momentos. A experiência tem um sentido em si, seja filosófico, espiritual ou

existencial: o de admirar-se e contemplar o mundo, as outras pessoas e o seu universo (Figueiredo, 2014; Netto, 2011; Trigo, 2010).

Em contrapartida, a atual literatura pós-moderna sugere que as identidades são fragmentadas e transitórias, e que devemos considerar essa premissa se pretendermos desenvolvê-las. Portanto, investigar de que maneira se dá o crescimento pessoal, através das práticas de lazer, concorre para importantes implicações em torno do significado de lazer (Cohen, 2013).

No estudo sobre a autenticidade e a identidade no contexto do lazer e das experiências turísticas, Cohen (2010) examina as discussões em torno do escapismo e procura cuidadosamente focar nos significados e nos valores que os sujeitos atribuem às experiências subjetivas. O autor identifica-se com a teoria da experiência do *fluir*, o de estar presente em uma experiência prazerosa, que seja capaz de levar o sujeito a perder ou a escapar da consciência do eu. Para tanto, o escapismo também é definido como uma completa imersão do participante em uma atividade (Pine & Gilmore, 1999).

Já um ponto de comum acordo na literatura sobre o lazer refere-se às motivações da viagem de lazer, como o afastamento das atividades quotidianas de casa, família e trabalho, a associação entre o lazer em ambientes naturais e a espiritualidade, entre outras (Krippendorf, 1987; Heintzman & Mannell, 2003; Leiper, 1990; 2000; Hui *et al.*, 2008). Já o destino turístico oferece uma fuga para algo melhor, para um outro espaço e tempo, onde a vida fica mais interessante, o trabalho é esquecido e novas identidades podem ser criadas (Wilson, 2004).

Atualmente, os benefícios da prática do lazer são reconhecidos e incentivados, em especial no mercado turístico, tanto por um valor pessoal como económico e social (Brasileiro, 2014). Viajar pode ser um convite à desconstrução de paradigmas, de visões consolidadas e de preconceitos estereotipados, de se tornar uma chamada à abertura a si mesmo e ao outro e, por isso, um convívio com diferentes realidades pessoais e culturais.

Na perspectiva do lazer, Meng e Uysal (2008) examinam as percepções do potencial mercado turístico para destinos de natureza a partir da perspectiva de género e da análise de variáveis como a idade, o estado civil, o nível de educação, a preferência de preço, a renda e o tempo de duração da estadia. A investigação fornece elementos aos promotores e administradores de destinos turísticos, para que estes venham a considerar, com mais atenção, as necessidades específicas de visitantes de destinos de natureza, subsidiando a criação de produtos com foco nessa demanda e incrementando o desenvolvimento sustentado dos destinos de natureza. Os autores ressaltam a necessidade de uma melhor compreensão dos interesses e atividades dos turistas sob a ótica de género.

Em outro estudo, nesse mesmo sentido, as diferenças de género relativas às variáveis de motivação e participação em atividades que envolvem ambientes naturais e rurais foram investigadas por Xie, Costa e Morais (2008). O estudo apontou que, nesses espaços, as mulheres sentem-se mais motivadas para estar com a família e explorar o ambiente natural e rural, além de fazer compras, refeições em restaurantes locais e participar de eventos e festivais, ao contrário dos homens que, nesses ambientes, preferem pescar e caçar.

De acordo com os autores, esses contrastes servem para reforçar a importância de se pensar nas questões de género e relações que delas resultam para melhor compreender o comportamento do turista. Sugerem ainda que a compreensão de tais diferenças beneficia, essencialmente, a eficiência e eficácia das práticas de mercado, desde a concepção e promoção até o consumo do produto turístico. Um maior aprofundamento sobre as diferenças comportamentais de género com enfoque nas atividades turísticas, a exemplo das viagens, pode contribuir para uma melhor compreensão e tolerância das diferenças existentes (McKercher, Pang & Prideaux, 2011).

Um outro estudo revelou que os homens gastam mais tempo em entretenimentos sociais, como praticar desporto, comer fora, ir ao cinema e a parques do que as mulheres e que fatores como o estado civil, o grau de parentesco e estar empregado têm diferentes impactos na participação por género em atividades de lazer

(Firestone & Shelton, 1994). Os autores identificaram que as limitações das mulheres para usufruir do lazer estão relacionadas aos cuidados com a família, à condição social e às limitações físicas, porém isso vem se transformando continuamente, considerando as dinâmicas estruturais da sociedade contemporânea, em que as mulheres em vários países estão cada vez mais independentes financeiramente e com novas estruturas familiares.

Nesse aspecto, Kolyesnikova *et al.* (2009), nos seus estudos sobre o gênero e a reciprocidade no comportamento do consumidor, apresentaram ideias para que os gestores desenvolvam novas estratégias de marketing e de relacionamento com os seus clientes. Tendo o gênero como moderador de um comportamento recíproco, os autores utilizaram os componentes da gratidão e da obrigação para refletir sobre a reciprocidade e mediar relações, apresentando como sustentação teórica a “Teoria da Reciprocidade”, de Gouldner (1960), que consiste em demonstrar que a estabilidade de um sistema social é construída em um espaço em que existam benefícios mútuos de troca e ações recíprocas. Identificaram a reciprocidade, o envolvimento, o conhecimento e a identidade como elementos do comportamento recíproco do consumidor.

Outro estudo a destacar explora a natureza de gênero e questiona de que maneira os eventos-chave ao longo da vida de um indivíduo afetam as escolhas de viagem a partir de uma perspectiva de gênero (Scheiner, 2014), tomando como exemplo o comportamento de viagens. A investigação aborda as diferenças de gênero diante de eventos importantes ao longo da vida pessoal, como por exemplo, o nascimento de uma criança, a entrada no mercado de trabalho e mudanças no contexto espacial, na acessibilidade e na mobilidade. Foram encontradas diferenças de gênero no acesso aos recursos, relativamente às expectativas sociais, preferências e na estrutura patriarcal da sociedade, que tem como base as relações de gênero e poder (Scheiner, 2014).

Ainda nessa mesma linha dos estudos de gênero no turismo, a revisão bibliográfica de Pritchard *et al.* (2007) discute o assunto a partir da complexidade e implicações que o tema encerra, conectando as matérias ligadas à feminilidade, masculinidade e questões de gênero, antes de aprofundar e discutir as complexidades

e implicações que o assunto gera. A relação de género utilizada nesta tese, enquanto conceito científico, diz respeito ao movimento feminista e a sua compreensão atravessa inúmeros assuntos, desde as construções dos papéis que moldam o que é ser homem e o que é ser mulher, até a formação da identidade dos sujeitos, da sexualidade, da violência contra a mulher, da masculinidade e da feminilidade, entre outros (Scott, 1989).

Como fenómeno mundial, o crescimento do número de mulheres que possui acesso aos postos de comando, na gestão e no ambiente académico é cada vez mais evidente. Contudo, segundo esses autores, a desigualdade estrutural do género, na educação superior e na academia, de maneira geral, permanece intacta, com uma discriminação real. Dessa maneira, como veremos no capítulo 5, muitas mulheres entrevistadas experimentam a viagem como uma rota para encontrar o seu próprio espaço, longe das contradições sociais, políticas e económicas da vida quotidiana. Sobre isso, Bauman (2005) esclarece:

Tornando-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a isso tudo – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a identidade (Bauman, 2005, p. 17).

Essa fluidez do comportamento humano de que Bauman trata, vai ao encontro do pensamento de Butler (2004) quando aborda a performatividade de género. Na modernidade, não há o compromisso com uma identidade 'para sempre' e os indivíduos trocam essa estabilidade por uma rede de conexões, nas quais as fronteiras entre original e cópias têm sido dissolvidas (Bauman, 2005; Reisinger & Steiner, 2006).

O percurso, o caminho do deslocamento em uma viagem tem um valor particular, e pode ser rico e prazeroso passar por ele. Nessa busca do mundo, o viajante procura a si mesmo, procura a sua identidade (Figueiredo & Ruschmann, 2004). Existe, afinal, uma busca individual que, ao mesmo tempo, é coletiva, sobretudo por dar

significado à existência pessoal com experiências diversificadas, mas que tenham sentido.

Ao analisar as diferenças entre o viajante e o turista, Figueiredo e Ruschmann (2004) concluem que o viajante pratica ações autênticas na busca pelo conhecimento, diferente do turista, que por sua vez é visto como uma figura folclórica, que vive a experiência em si mesma e adquire pouco conhecimento em suas viagens. Para os autores, a viagem atua na formação do sujeito, na qual:

A experiência de viagem é importante para o ser humano pois se configura como um momento sagrado, de transformação, de encontro com o próprio eu, de descoberta da diversidade e da identidade. A viagem é uma necessidade transformadora [...] viajar é um ato de transformação e educação. É uma prática densa, uma experiência profunda (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 179).

Concordamos com os autores na forma de perceber a experiência da viagem como uma oportunidade de autotransformação, que pode acontecer tanto pelo contato com as diferentes culturas, como sendo um produto de suas reflexões e desenvolvimento pessoal. Neste trabalho, essa reflexão será aprofundada na secção da análise das entrevistas.

Como vimos no capítulo anterior, o nomadismo está relacionado ao sentido de impermanência, do facto de tudo estar em constante transformação. Deste modo, o viajante está sempre em busca de outra parte, explorando mundos antigos, como uma atitude de rompimento com os compromissos societários e com a vida ordinária (Maffesoli, 2001). Para o autor, a impermanência está ligada às coisas, aos seres vivos e aos seus relacionamentos. O turismo, por sua vez, abrange o elemento da aventura, que está relacionado à aventura existencial e de vida, que agrega as experiências culturais, científicas, sexuais e religiosas, vividas em tempo real ou virtual, por meio da internet e de outros meios de comunicação (Maffesoli, 2001).

Ainda a respeito da subjetividade da mulher viajante, vimos que é um assunto que tem despertado cada vez mais o interesse da comunidade científica (Porter & Schänzel, 2018a). Um estudo realizado por Cohen (2010), com o objetivo de

compreender as experiências de vinte e cinco indivíduos em suas jornadas, durante três meses no norte da Índia e no sul da Tailândia, concluiu que alguns indivíduos ainda buscam experiências que permitam sentimentos de escapismo e um forte senso de identidade. Muitos buscam uma experiência do seu eu verdadeiro e revelam a crença na existência de um eu interior, que pode ser transformado e desenvolvido. Desse modo, o significado e o valor podem vir juntos com as experiências que resultam dessas percepções (Cohen, 2010).

Noy (2004) explora as narrativas de viagens de mochileiros israelitas no contexto sociocultural contemporâneo de Israel que experimentaram profundas e positivas mudanças pessoais ao vivenciarem a viagem com autenticidade e aventura. Uma viagem interna conduzida por um caminho externo que aponta para o destino a ser visitado. Outros temas emergem de suas narrativas, como a construção coletiva de identidade e as performances manifestas, tendo como pano de fundo o romantismo ou a peregrinação semirreligiosa e religiosa. O resultado do seu estudo revela que a construção da transcende o que lhes é familiar, e ingressa numa dimensão que integra o que é interno (*self*) e a viagem em si.

Para Hegel (1992), a construção da subjetividade acontece apenas na produção da consciência e implica uma forma de se reconhecer livre, de se construir, fazendo-se a si próprio no embate com o mundo. No entanto, para o filósofo, uma parte do outro fica em mim, sendo que a unidade da consciência de si consigo próprio reflete o mundo a partir de si, num processo dialético: eu só sei de mim mesmo a partir da relação comigo e com o outro. O outro atua como espelho, que manifesta o meu reflexo e, em relação com ele, eu me encontro.

Ainda que com um gradativo aumento, existe uma evidente lacuna ao nível de estudos empíricos que investiga as motivações e experiências da mulher que viaja de forma independente e sozinha (Wilson, 2004; Heimtun, 2012; Harris & Wilson, 2007; Yang, 2017; Noy, 2004; Myers, 2017). Por se tratar de um mercado crescente, tem-se a necessidade de aprofundar o conhecimento de todo o processo que envolve o viajante independente, desde o planejamento da viagem (pré), passando pela experiência da viagem (durante), até o retorno para o seu local de origem (pós). A análise realizada

no final da viagem pode contribuir, de forma decisiva, para uma melhor compreensão das questões de género, sob o ponto de vista da procura. Na atividade turística existe um crescente fenómeno global, no qual as viajantes independentes estudadas estão inseridas, o que alguns estudiosos denominam de “novo turismo” (Buhalis, 2001; Poon, 2003). A pluralidade das investigações que buscam a compreensão desse “novo” turista tem contribuído para preencher algumas lacunas existentes, mas ainda há muito trabalho a ser feito.

Harris e Wilson (2007) sustentam que a mulher viajante independente é aquela que precisa aprender a lidar consigo mesma, tem necessidade de ir em busca do seu bem-estar e de desenvolver a sua identidade. Como viajantes independentes, as autoras são entusiastas em encorajar outras mulheres a trilharem o caminho do empoderamento e de um maior autoconhecimento de si mesmas por meio da viagem. Heimtun (2012), ao investigar as férias de mulheres de meia-idade, viajantes solitárias e independentes, descobriu que, em certos casos, elas preferem simplesmente viajar sozinhas ou optam por fazê-lo quando não encontram companhia para viajar. No seu estudo, a autora identificou o medo da solidão, por ser comum o facto das férias ter conotação negativa para uma mulher de meia-idade solteira. Características como deficiência pessoal, exclusão social e sentimento de perdedora rondam o pensamento dessas mulheres. Por outro lado, o estudo concluiu que a condição de solteira/pessoa sozinha permite à mulher de meia-idade explorar fronteiras e novos territórios com total independência e liberdade de estar no comando, como a escolha de onde comer, quais atrativos turísticos visitar, com quem falar, etc.

Para uma mulher viajante desacompanhada são diversos os benefícios resultantes de uma viagem, como os apontados nos estudos analisados. Heimtun (2012) conclui que, ao contrário da identidade social de pessoa solitária, que enfraquece e faz a mulher se sentir excluída e marginalizada, a identidade de quem viaja sozinha significa resistência, contestação e negociação das relações de poder no campo material, cultural e espacial. Tal facto contribui para reduzir o estigma de ser uma mulher de meia-idade, solteira, em espaços turísticos frequentados por famílias e casais.

É interessante a perspectiva de Urry (1990), para quem viajar é um indicador de *status*, e, do contrário, o facto do indivíduo não viajar pode contribuir para uma perda de *status*. Viajar é, então, um elemento essencial e necessário que caracteriza a vida moderna. Tem ainda como fundamento a ideia de que existe uma real contribuição para a qualidade da saúde física e mental, principalmente quando o indivíduo se afasta da sua realidade de tempos em tempos.

Como vimos, Cohen (2010), defende que uma das primeiras motivações para viajar é o escapismo, ou seja, o desejo de fugir das pressões quotidianas e buscar experiências autênticas. Já para Iso-Ahola (1982), além da ideia de escapar, uma das motivações do lazer e das experiências turísticas é o processo de busca, do sujeito estar sempre buscando e procurando algo na vivência pelo turismo.

Essencialmente, existem as motivações internas, aquelas que são pessoais e subjetivas, e as externas, relacionadas aos destinos a visitar. Parte-se do pressuposto de que, após a satisfação das necessidades básicas, o turista experiente procura viagens que permitam o seu autodesenvolvimento e autopreenchimento. Por outro lado, as motivações iniciais podem ser transformadas ou esquecidas com o surgimento de novas perspectivas e/ou novidades ao longo da vivência da viagem.

É facto que diversas mulheres por todo o mundo estão reescrevendo as suas histórias a partir de novas experiências, entre elas a viagem independente. Para Wilson e Harris (2006), esses novos *scripts* determinam novos relacionamentos, a mudança de perspectivas e o surgimento de diferentes desejos, que, por sua vez, são vivenciados na sua vida quotidiana. Concordando com as autoras, nessas experiências são evidentes os benefícios destinados às mulheres, sobretudo quanto a uma maior profundidade espiritual e empoderamento. Esse movimento transcultural expõe as mulheres às mais variadas religiões, culturas e filosofias de vida, o que contribui para o levantamento de questões significativas sobre o mundo contemporâneo, tanto em nível global e coletivo quanto em nível local e individual.

3 Ócio, lazer e processos de subjetivação

“Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade”.
Judith Butler

3.1 *Homo Faber e Homo Ludens*: a construção do pensamento do lazer e ócio em Hegel e Nietzsche

Para um melhor entendimento da viagem independente no cenário do turismo, seguiremos uma trajetória que demarca o lazer e o ócio, contextualizando a participação da mulher contemporânea sob esse enfoque para trazer à tona as dimensões objetivas e subjetivas do ócio envolvidas na atividade. Neste particular, usaremos a perspectiva apresentada por Baptista (2016), ao tratar da importância de observar a dimensão cultural e política do debate sobre os estudos do ócio e do lazer, uma vez que nos parece ser essencial o aprofundamento das questões que envolvem o tema. O que permitirá compreender mais facilmente as transformações das relações sociais na pós-modernidade, em particular a viagem independente.

Compreender a relação entre o ócio e o turismo requer a apresentação de um breve histórico a respeito do lazer e do trabalho contemporâneo, que pode ser analisado sob a perspectiva dos filósofos Hegel e Nietzsche. Este capítulo tem por objetivo aplicar esta análise à viagem independente e ao papel da subjetividade na construção da identidade da viajante, a fim de contribuir para o aprofundamento das dimensões subjetivas que afloram neste tipo de viagem enquanto momentos de ócio e lazer. No final desta abordagem pretendemos identificar como esse tipo de experiência interage com diferentes aspectos do bem-estar e felicidade das viajantes. Para além de contribuirmos para uma reflexão sobre a qualidade da vivência, sublinhamos o empoderamento e o papel político deste tipo de lazer nestas mulheres, resultantes de suas escolhas em momentos de ócio.

Para perceber as origens da atual construção do pensamento sobre o lazer e o ócio, buscamos inspiração nos ensinamentos dos renomados filósofos Hegel e Nietzsche, os quais nos levaram a refletir sobre as condições sociais em que os conceitos foram desenvolvidos, observando-se como se dá a manutenção e perpetuação dessas condições sociais e dos comportamentos nas relações contemporâneas.

Hegel, em *A Fenomenologia do Espírito* (1992), entende que a única maneira de o indivíduo se subjetivar é por meio do trabalho. Na lógica do senhor e do escravo, essa subjetivação só é possível ao escravo e não ao senhor, ou seja, o processo de subjetivação é do escravo, não do senhor. Na linha que Hegel defende, o senhor só pode se reconhecer pelos olhos do escravo, ainda que para aquele o escravo tenha significado de 'coisa', ou seja, no senhor não há conceito, porque o senhor não se subjetiva. Em consequência, o senhor não existe sem o escravo, pois a relação daquele com o objeto produzido é sempre mediada pelo escravo.

Para Hegel (1992), o desejo pelo prazer é o que move o escravo, já o senhor, por sua vez, só usufrui do prazer. Nesse entendimento, somente o trabalho permite a humanização do sujeito, excluindo-se o ócio e o lazer. Na realidade, o senhor não permite que o escravo se subjetive, a não ser pelo trabalho, pois está preso ao pensamento de que o trabalho transforma e liberta, sendo ele condição para o reconhecimento como sujeito. Em suma, em Hegel (1992), o ócio é a negação do trabalho, já que é pela via do trabalho que o homem se reconhece e se subjetiva. Nesse entendimento, negar a subjetivação do indivíduo é um caminho propenso para a internalização das normas.

Nietzsche (1997), ao contrário, defende que a identidade do sujeito é formada pela maneira como ele usa o tempo livre, que o convida ao mergulho no seu processo de individuação e consciência de si. Um dos conceitos mais importantes de Nietzsche (1997) é a concepção do 'eterno retorno', no qual o sujeito identifica o que quer fazer e deseja fazê-lo infinitas vezes, introduzindo o conceito de eternidade nas reflexões sobre a existência e o estado de presença no momento atual. Essa intensidade do eterno retorno é indissociável da vida e significa decidir a partir das forças vitais

da subjetividade, pois, para Nietzsche, fugacidade da vida seria decidir pela transcendência.

Em muitos aspectos, a leitura de Nietzsche é atual, pois, para ele, não há um projeto, um fim. Na medida em que a vida vai acontecendo, vamos nos tornando, nos fazendo, nos (re)construindo. Nietzsche avalia o processo criativo como uma experiência feliz, pois, para ele, a vida tem o prazer como pressuposto, enquanto que o trabalho é sinónimo de aborrecimento. Nos termos de Rojek (1995, p. 184), “o lazer se tornou um domínio artificial da liberdade na qual a busca por escapar da rotina terminava onde a fantasia e a ilusão floresciam”.

Outro aspecto interessante do pensamento de Nietzsche é que nós só somos capazes de compreender o que já sabemos, ainda que seja necessário confirmar esse saber na leitura e nas relações com o que nós já sabemos de alguma forma. Sua filosofia considera que a pobreza está dentro do sujeito e não fora de si mesmo. Para ele, todos somos escravos, pois aquele que não pode ser autêntico e usufruir do lazer não dispõe de sua vida, já que o ócio constitui uma dimensão essencial que humaniza e constrói o sujeito.

Na verdade, fomos aprendendo a praticar a lógica do escravo, que se subjetiva por meio do trabalho. Nietzsche (1997), ao contrário, prefere seguir a lógica do senhor, pela qual o homem se autorreconhece no outro, até porque ninguém é totalmente escravo, nem totalmente senhor. Esse pensamento traz uma nova noção de lazer para a modernidade, sobretudo ao considerar interligados ócio e processo de subjetivação, contribuindo para a configuração de um cenário que coloca em posição privilegiada a atividade de lazer, visando a humanização do indivíduo através do *Homo Ludens*. Para ele, o ócio é o caminho e o desejo, o lazer.

Trata-se, com efeito, de um modo de pensar o ócio a partir da tradição filosófica nietzschiana, que considera as relações entre trabalho e tempo livre ou tempo de ócio de um modo que desarticula totalmente a representação moderna de trabalho que se funda na racionalidade ‘forte’ do sistema hegeliano (Baptista, 2016, p. 27).

Hegel defende que a única maneira do indivíduo se subjetivar é por meio do trabalho. Em Hegel encontramos o fundamento do lazer, ao reconhecer a necessidade de descanso para favorecer o trabalho, pois o senhor não permite que o escravo se subjetive. Para o filósofo, a identidade é definida a partir do modo como trabalhamos e não como usamos o tempo livre, ou seja, o escravo se reconhece e se subjetiva por meio do seu trabalho, para, em seguida, continuar a internalizar as normas.

De qualquer modo, Rojek (1995, p. 184) esclarece que o *Homo Faber* não falhou na experiência da satisfação, preenchimento, excitação e libertação prometida pelo lazer, pois, “antes, eles vivenciaram tudo isso em momentos, de maneira fragmentada, apenas realçando a característica da fuga autêntica na modernidade”. Isso nos faz lembrar a obra de Paul Lafargue (2011), em que o autor desconstrói a ideia da preguiça e do ócio como sinónimos da vagabundagem, indolência, moleza, passividade e vadiagem, enquanto o trabalho desmedido é aclamado como moralmente digno. O autor questiona a organização do sistema económico capitalista ocidental, em que o descanso serve apenas para uma recuperação física da exploração desumana do trabalhador.

Para Rojek (1995), o conceito de *Homo Ludens* se contrapõe ao conceito de *Homo Faber*, pois neste, numa linha Hegeliana, a cultura tem origem na racionalidade e não no conceito de jogo (“*play*”). Sobre isso, Baptista (2016) esclarece:

Quer isto dizer que, contrariamente ao defendido pelas teorias racionalistas, a cultura jovem provem da atividade de ‘*play*’, conceito que traduzido para o jogo, como para representar uma peça teatral ou ainda tocar um instrumento. Compreende-se assim, que no contexto anglo-saxónico o termo ‘*to play*’ possa recobrir as atividades do *homo ludens*, quer dizer de todo o lazer e mesmo da cultura, vista como uma dimensão do lúdico (Baptista, 2016, p. 24).

Sobre o *Homo Ludens* pós-moderno, Rojek (1995) completa:

Ainda quer se divertir com prazer e sedução, mas apenas de um modo *voyer*, que garanta sua absoluta segurança. A diversão na pós-

modernidade é mediada através da telecidade. O exterior com todas as suas incertezas e ameaças está 'telemediado'. Para o *homo ludens* a janela do mundo é produzida pela televisão, vídeo, jogos de computadores e câmeras de segurança. A vida exterior está reduzida a uma série de superfícies aparentes e escondidas (Rojek, 1995, pp. 186-187).

Em resumo, para Nietzsche, o senhor só pode se reconhecer pelos olhos do escravo, ainda que para ele o escravo seja apenas uma 'coisa', onde a relação é sempre mediada pelo escravo. Na verdade, o senhor não existe sem o escravo. Dessa forma, o processo de subjetivação está apenas reservado ao escravo. Para Hegel (1992), o desejo e o prazer são forças que movem a criatura (escravo), já o senhor, que calça os sapatos, só usufrui, não se subjetiva. Rojek (1995) complementa que:

A industrialização pode ter aumentando vastamente a produtividade, mas ela também atomizou o trabalhador, mercantilizou a atividade trabalhadora, separou o trabalho do lazer e superestimou o trabalho como chave para a existência (Rojek, 1995, p. 183).

Na era industrial, o trabalho era visto como uma necessidade fundamental do ser humano e o centro da existência social. Já a comunicação, o lazer e a sociabilidade eram marginalizados, o que contribuiu para aumentar a sensação de não ter lar (Rojek, 1995). Observamos que, para a reflexão sobre o ócio na pós-modernidade, importa registrar os novos caminhos traçados pelo fenómeno, com base num outro olhar, que nos leva a refletir "em função dos estilos de vida das sociedades e respetivos projetos políticos que estimulam e nos quais se enquadram" (Baptista, 2016, p. 26).

A reconceptualização de Inchaurreaga (2012) propõe uma reflexão filosófico-sociológica que tem como base a distinção de Gianni Vattimo entre a racionalidade forte e débil, sugerindo que o ócio seja qualificado em ócio forte e ócio débil, marcados pela associação ao conceito de não violência:

Na verdade, o confronto que Vattimo apresenta é o mesmo que já assistimos entre Hegel e Nietzsche a propósito da questão política do trabalho/lazer/tempo e que se encontram presentes nas reflexões

contemporâneas sobre esta temática: se por um lado permanece a razão moderna que hiper-valoriza o trabalho em relação ao ócio, como única possibilidade de subjetivação (na linha da hegeliana dialética escravo-senhor), por outro lado a pós-modernidade traz outras possibilidades de subjetivação para o ócio/lazer, na linha aberta por Nietzsche, que considera que a verdadeira subjetivação não pode nascer do trabalho escravo mas do ócio do senhor (Baptista, 2016, p. 28).

Assim, concluímos que os processos de subjetivação a que temos acesso por meio do ócio estão repletos de possibilidades e caminhos trilhados em espaços antes negados a uma parte dos indivíduos, entre eles as pessoas com necessidades especiais, os idosos, os transexuais e as mulheres, a exemplo das viajantes independentes, objeto de nosso estudo. É claro que o trabalho tem um valor preponderante no atual cenário globalizado. Entretanto, passos largos já estão sendo dados na valorização do ócio, como um tempo e espaço para o cultivo da subjetividade e do respeito aos valores culturais, sociais, políticos e económicos dos povos, capazes de propagar e orientar a compreensão mútua, a paz e a segurança globais.

3.2 Ócio: revisitando o lazer

O processo de mudança económica e social, fortemente marcado pela Revolução Industrial, deu origem a uma nova maneira de partilhar a vida em sociedade. Desde então, surgiram novas necessidades que, de tempos em tempos, criam e ressignificam tantas outras. Entre essas necessidades, estava a saúde psíquica do trabalhador, razão pela qual os estudos do ócio ganharam amplo desenvolvimento na segunda metade do século XX (Doistua, 2006).

A natureza imaterial do ócio favorece uma série de ligações com outros temas mais específicos, como o trabalho, a ideia de liberdade e o tempo livre. As áreas do conhecimento que se relacionam de uma maneira mais concreta com o ócio são o turismo, a cultura e o desporto, por serem, sobretudo, práticas que estimulam

experiências subjetivas e etéreas, as corporais e utilitárias (Doistua, 2006). Nessa perspectiva, os *Leisure Studies* cumprem uma trajetória fragmentada em três momentos, os quais são descritos minuciosamente por Doistua (2006).

A primeira fase tem o ócio como um problema e motivo de debate social, resultado do momento histórico de transformações das relações sociais. A argumentação dos pensadores dessa época girava em torno do direito ao bem-estar em contraposição ao direito ao trabalho, que mantinha os trabalhadores como escravos assalariados. O trabalho não garantia qualidade de vida, muito pelo contrário, impedia os indivíduos de gozarem do fruto de sua ocupação.

O lazer, associado ao tempo livre, corresponde ao tempo que resta quando a atividade produtiva termina, sendo que o lazer e o trabalho carregam em seu âmago as possibilidades que dispomos para usufruir de uma vida com qualidade, enquanto sujeitos individuais ou coletivamente (Baptista, 2016).

[...] as sociedades contemporâneas ocidentais têm uma relação que poderia quase dizer-se esquizofrênica com o tempo, pois uma boa parte da população trabalha demasiado tempo, enquanto uma outra parte parece entediar-se sem conseguir ocupar o seu tempo, que é frequentemente visto como sendo de não-trabalho e não lazer (pensamos aqui em particular nos desempregados, nos idosos ou noutros grupos sociais descapacitados). Quer dizer, enquanto uma boa parte da população se queixa da falta de tempo para si por excesso de trabalho, outra parte vive vidas entediantes e depressivas por não saber o que fazer com tanto tempo que afinal não é de liberdade nem de lazer, mas um escorrer da vida, monótono e sem sentido (Baptista, 2016, pp. 21-22).

O trabalho incessante, na maioria das vezes, esgota o sujeito tanto física quanto emocionalmente, sugando todas as energias que poderiam ser transmutadas para o subjetivar-se ou para o lazer. Além do mais, a situação dos desempregados, idosos e descapacitados acima mencionada nos remete às ponderações sobre o nível de *stress* em que vive grande parte dos indivíduos, afastados de qualquer convite à autorreflexão. Tal realidade ratifica a crença de que sem ser a partir do trabalho o ser humano não é digno de viver uma vida de qualidade e liberdade.

No passado, o uso do tempo livre para as atividades recreativas e de lazer era privilégio das classes mais abastadas. Além de uma necessidade individual para manutenção da saúde física e mental, nessa altura o ócio era uma possibilidade de manter e estimular a vida em sociedade. Desse modo, não é difícil compreender a importância da viagem na construção da subjetividade própria. Com efeito, aliado aos aspectos que caracterizam a viagem independente está o potencial transformador e recriador da experiência do ócio como experiência que transforma.

A liquidez, o consumo e a pressa da vida contemporânea não permitem um tempo para que o sujeito possa elaborar e repensar suas atitudes e comportamentos. O lazer na modernidade ganhou projeção com a propaganda, que sugere o alcance do mundo encantado, estimulando o escapismo e a liberdade através das imagens (Rojek, 1995).

Chris Rojek (1995) traz uma visão crítica sobre as concepções do lazer na sociedade contemporânea, e propõe uma razoabilidade para o entendimento do lazer, tomando-o como uma prática articulada com outras formas culturais, estruturas e símbolos, e não apenas como uma dimensão cultural isolada. Os estudos do autor também propõem uma renovação teórica sobre o lazer, enquanto conturbado fenômeno social.

Ao dialogar criticamente com importantes correntes teóricas, como o feminismo, marxismo, estudos culturais, neomarxismo, fenomenologia e com as obras de Nietzsche, Foucault, Bourdieu, entre outros, o autor esclarece, através de uma narrativa histórica, que o lazer pode ser compreendido de maneira integral como um fenômeno social que se atualiza constantemente, principalmente por possuir uma condição transformadora de valores, formas e experiências (Rojek, 1995). Para ele, o lazer é campo fértil para a autodeterminação do sujeito, que, por sua vez, de maneira voluntária e espontânea, escolhe livremente as formas que o leva à autorrealização, mesmo considerando que o valor do tempo seja subjetivo, acrescido das condições materiais envolvidas para alcançar o ideal de realização.

De acordo com Doyal e Gough (1984), as necessidades sociais podem ser categorizadas em quatro diferentes linhas: 1) produção, ligadas às necessidades

materiais (industrial, negócios, técnica, administrativa e científica); 2) reprodução, associada à capacidade biológica de reproduzir e cuidar (família); 3) comunicação, que torna a vida coletiva possível (instituições de educação, mídia, esporte e lazer); 4) autoridade política (poder judiciário, polícia e forças armadas). A partir dessa classificação, é fundamental ressaltar que o lazer compõe o quadro das necessidades humanas de comunicação e socialização na busca pela realização subjetiva do indivíduo e com a finalidade de ser reconhecido como uma pessoa diferente e distinta, como um ser único (Doyal & Gough, 1984).

De outra parte, na linha que é defendida por Sayers (1987), há três necessidades básicas do ser humano e que são preenchidas pelo trabalho: de atividade, de produção e de socializar. Esse autor refuta o argumento de que a verdadeira liberdade se manifesta no lazer, não no trabalho, e reforça a ideia de que o lazer é um momento para preencher interesses e capacidades que não são preenchidas pelo trabalho, ou seja, uma esfera secundária da vida.

Pelo contrário, seguindo Gorz (1980), o efeito desumanizante do trabalho na sociedade capitalista circunscreve o lazer na esfera da criatividade e do crescimento pessoal. O autor acredita que somente uma sociedade que elimina a necessidade de trabalho pode ser capaz de gerar condições para a liberdade e realização de todos os indivíduos. Na sociedade pré-industrial, o lazer tinha valor por ser uma atividade com significado pessoal, enriquecedora e socialmente cultivada (Rojek, 1995). Atualmente, o lazer pode ser considerado uma atividade que associa a criatividade à imaginação, ao espírito e às emoções, sendo o tempo livre essencial para a autoexpressão e para o desenvolvimento pessoal (Gorz, 1980; Rojek, 1995).

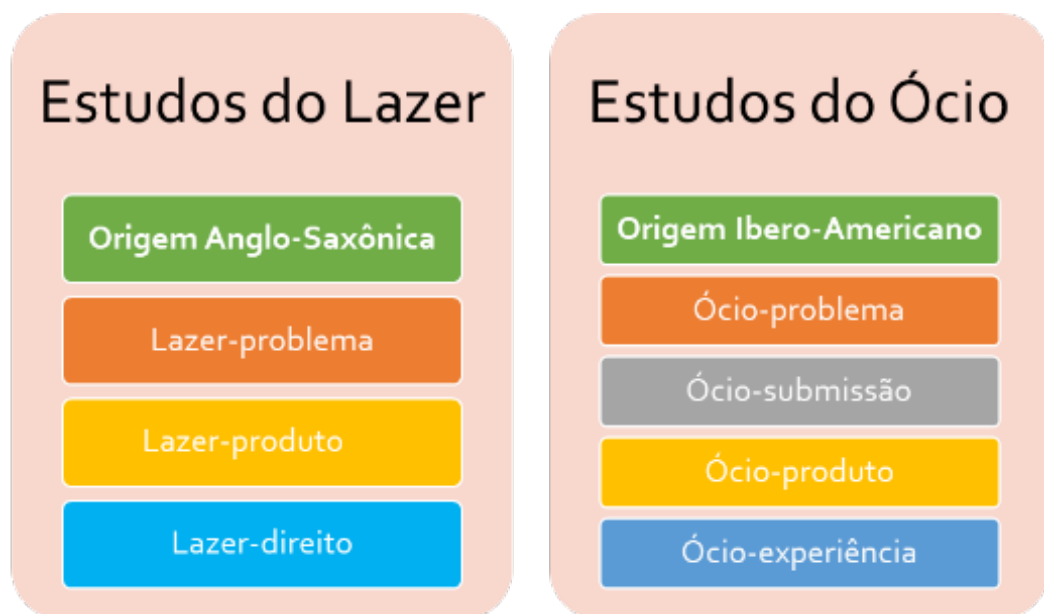
Tendo como base um referencial teórico diverso e consistente, Rojek (1995) conclui que:

O lazer foi apresentado como um oásis de alívio e libertação. Entretanto, esta condição sempre existiu mais como um ideal do que uma realidade. A industrialização poluiu o lazer com uma constante consciência do tempo e culpa sobre as atividades que não eram produtivas. Isso obrigou os indivíduos a simplesmente não usufruir do tempo livre, exceto se houvesse um crescimento pessoal.

Divorciado dos valores profundos e costumes das comunidades tradicionais, o indivíduo começou a aprender a olhar o lazer como uma recompensa para o trabalho. Neste sentido, o lazer passou a ser envolvido como atividade comum no mercado (Rojek, 1995, p. 184).

Para sair do movimento, quase que automático, de explicar o usufruto do lazer apenas como uma recompensa para as atividades laborais, foi necessário o aprofundamento dos estudos sobre o que caracteriza o lazer e o ócio. Assim, com o objetivo de melhor compreender as atuais e dinâmicas transformações na sociedade, sob o ponto de vista das relações entre trabalho e lazer, importa destacar alguns aspectos comuns encontrados nos estudos de lazer e de ócio, bem como algumas diferenças entre eles, conforme quadro abaixo:

Quadro 5 Itinerários dos estudos do lazer e ócio



Fonte: elaboração da autora, embasada em Doistua (2006).

Ao estudar o lazer, Doistua (2006) analisa o percurso do fenómeno que vai desde o fim do século XIX, quando o lazer era considerado um problema a ser resolvido, até ao seu reconhecimento como um direito. Já o ócio-submissão está associado ao contexto histórico de cidades da península ibérica em que as bases do conceito se delineiam, no período da ditadura de Franco (Doistua, 2006, p. 83), e, no

século XX, caminham numa direção ligada à experiência, sendo que ambos “desenvolvem-se em relação ao perfil que o fenómeno do ócio adquire em cada período”. Embora haja diferenças entre os estudos do lazer e os estudos do ócio, que perduram nas relações sociais contemporâneas, observamos que o tema foi problematizado e ganha continuamente novos olhares e aprofundamentos teóricos (Doistua, 2006).

Após os estudos do lazer originais, as primeiras pesquisas empíricas nos Estados Unidos, durante os anos 1920 e 1930 (Doistua, 2006), revelavam o lazer como um assunto social importante e que impelia inúmeras reivindicações. Uma segunda fase apresenta-se o lazer como um direito individual e um bem coletivo, ou seja, como uma necessidade de todo o ser humano e das classes trabalhadoras, uma conquista do estado de Bem-Estar, vinculado ao tempo livre, assunto controverso entre os autores da época. Visto como um aspecto do desenvolvimento integral do sujeito, o lazer pode ser considerado uma atividade que nos remete a uma natureza espiritual e transcendente; que nos incita a uma mudança de atitude; como fonte de felicidade; um caminho para a plenitude; uma experiência subjetiva, um estado de alma; um descanso, diversão e desenvolvimento; ou como realização pessoal com alguma finalidade (Doistua, 2006).

Ainda nessa fase de estudos, observa-se que a proposta dos autores sobre o assunto é fomentar o ócio como tempo livre, depois do trabalho, convocando o indivíduo a buscar um sentido de utilidade fora do seu local de trabalho, ainda que sem romper com a centralidade do trabalho. É um estímulo à capacidade de criar, também considerado como uma possibilidade de neutralizar a alienação originada pelo trabalho. Aqui, o ócio aparece como algo distinto do trabalho, que considera as características da gratuidade e da espontaneidade.

Ao se pensar o ócio e o tempo livre da sociedade industrial, Doistua (2006) menciona a belga Frances Govaerts como a responsável por uma primeira abordagem sobre as atividades domésticas e o ócio da mulher. Mais tarde, essa abordagem se estenderá para uma análise de género e ócio, além de acrescentar a característica da voluntariedade nas experiências de ócio.

Num terceiro grupo de estudiosos do ócio, os autores rejeitam o ócio que atende apenas ao mercado consumista. Nessa perspectiva podem ser enquadrados pensadores como Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Walter Benjamin, que aprofundam a crítica da ligação do ócio à necessidade de consumir no tempo livre e do ócio como mercadoria. Os autores sugerem o aumento do tempo livre como um tempo para o indivíduo ter prazer e desfrutar a vida. Sobre isso, Baptista (2016) esclarece:

A verdade é que o tempo livre, o tempo de não-trabalho, só passa a ter interesse para o sistema econômico contemporâneo, enquanto pode ser uma atividade também econômica, estando os sujeitos eterna e constantemente convocados para participar do mercado, quer enquanto consumidores quer enquanto produtores de bens (Baptista, 2016, p. 28).

Nesse sentido, aqueles que não tem acesso ao lazer por falta de condições materiais para o fazer, estão fora desse nicho de mercado de bens e serviços, ainda que hoje a população tenha outras formas de aceder a conteúdos do ócio e lazer. Na segunda fase da discussão do tema do ócio, o quarto grupo de pensadores reconhece a complexidade do ócio enquanto fenómeno cultural, psicológico e sociológico. Nessa fase, várias obras ganham visibilidade por relacionarem o ócio aos temas sociais, a exemplo do desenvolvimento humano e do impacto nos meios de comunicação de massa, fazendo uma ligação com a educação (Cuenca Cabeza, 2006; Monteagudo *et al.*, 2014; Rojek, 1995).

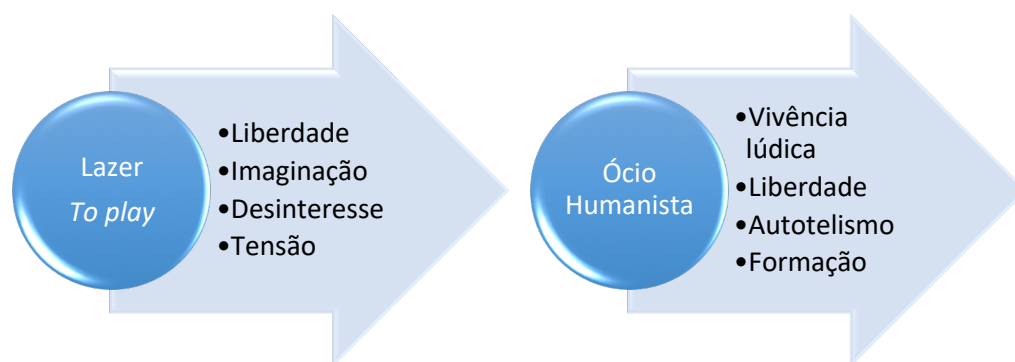
A terceira fase dos estudos do ócio resulta da crise do estado de Bem-Estar e converte o ócio em produto, responsável pelo fortalecimento do setor económico de serviços, entre os quais estão o turismo, as indústrias culturais, o desporto como espetáculo, entre outros. Essas novas demandas são os temas aprofundados nos *Leisure Studies* do século XX (Rojek, 1995).

Neste estudo, optamos por aplicar o conceito de ócio humanista, em especial por entender que é o mais condizente com a qualidade da viagem independente, objeto desta investigação. Da mesma forma, a dimensão ética e política,

levantada por Inchaurreaga (2012), nos ajuda a refletir sobre os espaços de subjetivação que as mulheres dispõem na sociedade contemporânea, transitando em diversas culturas. Nas viagens, essas mulheres levam consigo o contexto da sua cultura de origem, o que nos leva a crer que o ócio débil já tem sido uma prática.

A definição de ócio humanista compreende um tempo de não trabalho, associado à prática de inúmeras atividades de lazer, entre elas a viagem em si mesma. É interpretado como uma experiência subjetiva, constituído por características específicas que contribuem para a construção de experiências satisfatórias, positivas e felizes, capazes de favorecer o desenvolvimento humano e social, além de ser uma excelente oportunidade para o autopreenchimento e enriquecimento pessoais (Rhoden, 2014; Martins, 2014; Cuenca Cabeza, 2006; Monteagudo *et al.*, 2014).

Quadro 6 Características do Lazer e do Ócio



Fonte: elaborado pela autora.

Na imagem destacamos as características básicas que delineiam os conceitos de lazer como atividade lúdica *to play* (Rojek, 1995) e como ócio humanista (Cuenca Cabeza, 2000). Rojek (1995) admite a liberdade como uma atividade agradável e que possui um fim em si mesma. É um movimento no qual a imaginação favorece a alteridade, reforçando a diferença e a identidade; o desinteresse remete para a ideia de que o prazer vem da prática do lazer e não é determinada por razões externas a ele; e, finalmente, a tensão, como um convite à libertação de emoções reprimidas ou evitadas na vida cotidiana.

Em suma, o lazer ligado ao “*play*” anglo-saxônico admite qualquer atividade cultural e lúdica, desde a mais básica até a mais elaborada, como bem ressalta Baptista (2016, p. 25): “qualquer que seja o conceito de cultura de que estejamos a falar”. A perspectiva do ócio humanista permite abordar o campo dos valores, pelo qual Cuenca Cabeza (1999; 2000; 2004) reconhece a vivência lúdica, ligada à alegria e à fantasia; a liberdade do sujeito em escolher atuar livremente; o autotelismo, que consiste numa atividade com um fim em si mesma; e, por fim, a característica da formação, que compreende o valor do ócio na educação continuada, orientada para uma ação positiva e criadora, com foco num melhoramento pessoal e social crescente, capaz de formar sujeitos autônomos e livres.

Baptista (2016) sintetiza:

Verificamos que entre as perspectivas provenientes dos *Leisure Studies* e dos Estudos do Ócio humanista a divergência parece estar apenas na perspectiva axiológica que estes últimos reputam de grande importância a partir de uma perspectiva de educação e formação para o ócio. Nas restantes características, imaginação/vivência lúdica, a liberdade e desinteresse/autotelismo, estamos a falar precisamente do mesmo conceito, pela que as diferenças entre um paradigma e outro afinal não serão tão radicais como podem parecer numa análise às diferentes histórias que constituíram ambos os campos de estudo (Baptista, 2016, p. 26).

E finaliza:

De qualquer modo, não podemos deixar de sublinhar que, para o ‘ócio humanista’ o ócio só é ‘valioso’ se situar a partir das dimensões mais ativas e formativas do ‘play’ dos ‘*Leisure Studies*’. E esta é uma diferença hermenêutica, epistemológica e metodológica clara, que não pode deixar de ter impacto na investigação produzida em ambos os campos (Baptista, 2016, p. 26).

Inchaurraga (2012), com base numa premissa ética e por observar o contexto cultural no qual está inserido, define o ócio forte como ligado aos princípios da racionalidade, do trabalho e do consumo; já o débil associa-se à emancipação e à não-violência. Como bem esclarece Baptista (2016, p. 27), “verificamos assim, que na pós-

modernidade poderemos ter ócios modernos ou pós-modernos. A sua distinção só poderá ser feita na base da compreensão mais profunda dos princípios e teorias em que se baseiam e que colocam em prática”. Em contrapartida, como explica ainda Baptista (2016), o que Inchaurreaga propõe é “acrescentar uma dimensão ética e política capaz de permitir a distinção entre ‘ócio forte’ e ‘ócio débil’, privilegiando este último” (idem). Por seu turno, Bauman (2005) prevê que somente na pós-modernidade é possível falar em democratização do lazer, como resultado do acesso às informações necessária para o usufruto do lazer por qualquer indivíduo, como por exemplo, reserva nos meios de hospedagem, programações ligadas ao entretenimento, dados gerais e específicos sobre os atrativos turísticos, compra de passagens aéreas, emissão antecipada de bilhetes de trem e ônibus, entre outros serviços ofertados.

Finalmente, Rojek (1995) conclui:

O lazer é um objetivo vivo na cultura. Está associado à liberdade, escolha, escapismo e satisfação de vida [...] é um lugar no mapa da humanidade onde estamos constantemente tentando desembarcar, mas que perpetuamente evade nosso alcance. Eu não quero dizer com isso que nós somos incapazes de experimentar a liberdade, escolha, fuga e satisfação de vida. Antes, esta experiência é frequentemente revelada na memória e até mesmo durante momentos de experiências como o ilusionismo ou produzidas artificialmente. Somos guiados pelo desejo de possuir nosso próprio lazer; ainda que ao mesmo tempo sintamos que o nosso lazer nunca pertenceu realmente a nós [...] essa sensação de irrealidade é intensificada pela mídia, a qual pinta o lazer com imagens de cores e entusiasmo os quais raramente são mantidos na vida cotidiana [...] O lazer se torna um problema a mais na existência já cercada de problemas (Rojek, 1995, pp. 191-192)

A interessante reflexão proposta por Rojek (1995) em relação ao lazer que os media convidam todos a buscar incessantemente, o que gera um sentimento de inadequação na vida quotidiana, com o foco na falta, resultando num problema a ser resolvido. Por outro lado, se conseguirmos colocar ‘cores’ nos afazeres e na simplicidade do lazer quotidiano, os benefícios do lazer poderiam ser amplamente vivenciados. A importância de atentarmos para a problemática que envolve o tema do lazer/ócio é justamente por estar relacionada à “nossa identidade, à nossa qualidade

de vida, aos nossos interesses, à nossa posição económica e sobretudo ao nosso posicionamento político e filosófico” (Baptista, 2016, p. 28).

Ainda que vivamos numa sociedade capitalista, na qual tudo tem um valor monetário, o lazer poder ser considerado como uma necessidade básica (Rojek, 1995) e pode também ser lapidado a partir de um processo educacional (Cuenca Cabeza, 2006). Educar para o ócio humanista pode favorecer a saúde e o bem-estar das relações em sociedade, uma vez que pessoas emocionalmente saudáveis estimulam e criam projetos sociais salutareis e benéficos para toda a comunidade local.

O olhar apurado do ócio humanista acerca da necessidade e importância de sermos educados para o autodesenvolvimento pode ser uma via alternativa para a diminuição de conflitos sociais, que antes de se tornarem globais, são pessoais e subjetivos. Como bem esclarece Bruhns (2009), o lazer moderno vive contradições que tem origens em promessas e realizações ligadas ao discurso do prazer e da liberdade, decorrentes de um isolamento artificial em relação à vida como um todo, construindo muros de intolerância.

Novas identidades estão sendo (re)criadas incessantemente, uma vez que o sujeito está em processo de subjetivação contínua, vivenciando os processos de resistência a seu modo particular (Bauman, 2005). O espaço do lazer e do ócio pode ser uma esfera de resistência e desconstrução de paradigmas, empoderando cada sujeito para transformação local, por meio de atitudes e comportamentos. Bauman (2005) alerta para o risco da defesa de identidades absolutas, os quais denomina de assassinas, uma vez que somos impelidos a termos apenas uma identidade e excluir todas as outras. Para o pensador, todos temos identidades compostas, por isso há uma necessidade de ‘outrar-se’, ou seja, descobrir-se a si mesmo na mediação de uma alteridade que nos é constituinte.

3.3 Ócio, subjetividade e autodesenvolvimento

De minha parte, eu viajo não para ir a algum lugar, mas para ir.
Eu viajo pela causa da viagem.
A maior questão é se mover.
Robert Louis Stevenson,
Travels with a Donkey (1878)

A viagem faz um convite ao indivíduo, sob o ponto de vista da subjetividade: o sentir intensamente e o entregar-se às emoções. A experiência individual resultante do ato de viajar e de senti

tensamente, na sua essência, pode ser transformadora, nova e singular. Desse modo, compreender em que consiste a viagem independente, no tocante aos benefícios percebidos pelas mulheres brasileiras, é o primeiro passo para que possamos, posteriormente, identificar quais são os benefícios reais e potenciais deste tipo de viagem, além de compreender de que maneira afetam a vida quotidiana dessas mulheres.

Na sociedade contemporânea, o direito ao lazer pode ser considerado uma conquista. Para tal, este tema foi discutido e problematizado no capítulo anterior e, neste capítulo, será (re)pensado, relacionando o ócio, a subjetividade e o autodesenvolvimento. Inúmeros estudos que abordam a temática da experiência do lazer concordam que o turismo tem impacto em muitas dimensões da vida do indivíduo, ligadas ao bem-estar e à qualidade de vida (Krippendorf, 1987; Heintzman & Mannell, 2003; Markwell *et al.*, 2012; Buhalis, 2001; Trigo, 2010). Outros estudos apontam para a percepção do visitante, tendo como base um olhar quantitativo, que apresenta medidas objetivas para identificar os benefícios do turismo (McCabe & Johnson, 2013; Neal & Uysal, 2007).

A questão que se coloca para esses resultados está relacionada com o facto de que as medidas objetivas não alcançam as experiências e as vivências objetivas e subjetivas mais profundas do indivíduo. No entanto, para que o sujeito consiga usufruir do bem-estar que o turismo/viagem pode proporcionar, e para que ocorra o

“desligamento” ou “desconexão” com a rotina, existem diversas etapas objetivas e subjetivas a serem ultrapassadas no decorrer da experiência.

Nessa perspectiva, o ócio humanista (Cuenca Cabeza, 2006), o “*serious leisure*” (Stebbins, 1982) e a experiência fluída (Csikszentmihalyi, 1996) têm muitos aspectos em comum, pois resultam em experiências otimizadas, caracterizadas por um elevado estado de realização pessoal e sustentam as interpretações feitas a partir dos dados da pesquisa empírica. De acordo com Cohen (2013), tanto na experiência fluída do lazer, como no lazer sério, existe um esforço pessoal significativo para alcançar a identidade e experimentar uma sensação de completude. O autor esclarece:

Ao invés de percebermos as experiências fluídas como diferentes e episódicas com alguns momentos que se destacam, deveríamos tomar o ponto de vista de como a totalidade das experiências fluídas acumuladas através de um estilo de vida particular de lazer pode contribuir para um senso único de identidade pessoal e bem-estar por um lado, e uma distinta e reconhecível identidade social por outro (Cohen, 2013, p. 9).

De facto, o valor do lazer pode resultar em percepções de crescimento pessoal e desenvolvimento, juntamente com inúmeros benefícios positivos para os sujeitos que dele usufruem, constituindo mais do que uma prazerosa passagem do tempo (Cohen, 2013). Para o autor, “na modernidade, as relações sociais tornaram-se altamente fragmentadas, e as experiências de lazer podem vir a ser uma rota através da qual indivíduos procuram estruturar aspectos do seu senso de eu” (Cohen, 2013, p. 8).

Aqui, o ócio é apresentado como uma possibilidade de o indivíduo sair do circuito alienador do trabalho, de ampliar o horizonte do seu olhar e de resgatar a vivência profunda da dimensão subjetiva durante a viagem. Sobre isso, Bauman (2005, p. 79) afirma que a preocupação com o ‘agora’ não favorece espaço nem tempo para refletir sobre ele, pois, “num ambiente fluído, em constante mudança, a ideia de eternidade, duração perpétua ou valor permanente, imune ao fluxo do tempo, não tem fundamento na experiência humana”.

O processo de tomada de decisões não deve ser considerado apenas racional, mas deve levar em conta a afetividade e a emoção, como processos cognitivos (Mehta, 1999), ou seja, as emoções podem ser analisadas como resultado de produtos culturais que se manifestam na forma de experiências individuais. Damásio (2000) esclarece que, durante a maior parte do século XX, a emoção não era tratada como assunto científico, pois era considerada um excesso de subjetividade, oposto da razão (tida como maior aptidão humana), e que, por sua vez, era completamente independente da emoção. O autor observa que a relação entre corpo e mente era comumente abordada na dimensão filosófica, realidade que permanece até aos dias atuais, ainda que com algum avanço nas discussões sobre o assunto (Brown, 2006). Há, portanto, uma discriminação da emoção e supervalorização da objetividade e da racionalidade, características masculinizadas, em detrimento da subjetividade e do desejo, atribuídos ao feminino (Anderson & Smith, 2001).

Por outro lado, existem as motivações internas, pessoais e subjetivas, e as externas, relacionadas aos destinos a visitar. Parte-se do pressuposto de que, de forma inconsciente ou consciente, após a satisfação das necessidades básicas, o turista experiente procura viagens que permitam o seu autodesenvolvimento e autorrealização. As motivações iniciais podem ser transformadas ou esquecidas com o surgimento de novas perspectivas e/ou novidades ao longo da vivência da viagem. Para Larrosa Bondía (2002), a experiência requer um gesto de interrupção:

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa Bondía, 2002, p. 24).

A partir dessa reflexão, não é difícil compreender a importância da viagem na construção da subjetividade própria. A definição do ócio para o desenvolvimento humano (Cuenca Cabeza, 2006) vai ainda ao encontro do movimento chamado *slow*

mobilities e suas experiências, que consiste na diminuição do ritmo acelerado proposto pela lógica da modernidade. É considerado uma metáfora para sair do frenesi do consumo exacerbado e fugaz (Markwell *et al.*, 2012). Com efeito, no turismo, o conceito de *slow travel* surgiu a partir dos movimentos de *slow food* e *slow cities*, ambos originados na Itália, nos anos 1980 e 1990, e que vem sendo consolidado a partir da comercialização de produtos e serviços que oferecem experiências de *slow travel*. Trata-se de uma orientação que beneficia o que é artesanal, exige um maior tempo de espera e faz correspondência com uma busca individual por equilíbrio, em todas as dimensões da vida pessoal, ou seja, família, trabalho, lazer, espiritualidade e as relações de um modo geral.

Um ponto de comum acordo na literatura da especialidade refere-se às motivações da viagem de lazer, como o afastamento das atividades quotidianas de casa, família e trabalho, a associação entre o lazer em ambientes naturais e a espiritualidade, entre outras (Krippendorf, 1987; Heintzman & Mannell, 2003; Leiper, 1990; 2000; Hui *et al.*, 2008). Já o destino turístico oferece uma fuga para algo melhor, para um outro espaço e tempo, onde a vida fica mais interessante, o trabalho é esquecido e novas identidades podem ser criadas (Wilson, 2004). Nas concepções centrais de lazer estão impressos o desafio, a proposta, os objetivos e o crescimento, que o posicionam para além de um brincar fútil ou tempo livre (Cohen, 2013).

Atualmente, as necessidades e expectativas dos turistas/viajantes têm vindo a tornar-se cada vez mais diversas, complexas e dinâmicas, rompendo fronteiras materiais e imateriais. Sharpley e Stone (2011) apresentam o conceito de turismo de experiência como resultado de uma combinação de experiências, significados e sentidos, os quais são atribuídos pelo turista à sua visita ao compará-la com a sua existência cotidiana.

Em turismo, a experiência vivida é revelada nas sensações que nascem da realização de diversas atividades. É confirmada a partir de vertentes diversas, que vão desde o deslumbramento na contemplação de espaços e paisagens, até à degustação de sabores e percepção de novos aromas, ou ao convívio e socialização com outras pessoas, cuja vida se partilha em determinado momento e local (Urry, 1990). Nessa

mesma linha de pensamento, amplia-se o leque de formas de interação que podem acontecer entre os sujeitos que visitam os espaços turísticos. O conhecimento dessas diversas formas de interação é fundamental para o estudo do comportamento do turista. Para além dos potenciais benefícios de carácter económico, tal conhecimento se apresenta como uma oportunidade para a otimização das relações com os territórios visitados, para a promoção do respeito pela diversidade e para uma maior valorização da cultura e das especificidades do “Outro”.

O sujeito que vive o ócio tem a oportunidade de aprofundar questões pessoais e de se reconhecer a partir de um olhar mais atento ao outro, uma vez que possui um tempo maior para tais reflexões. Portanto, não é difícil compreender a importância da viagem na construção da subjetividade própria. Aliado aos aspectos que caracterizam a viagem independente está o potencial transformador e recriador da experiência do ócio, enquanto experiência transformadora.

A respeito da liquidez que Bauman (2005) atribui à contemporaneidade, o autor analisa a globalização, em especial sobre seus efeitos na vida quotidiana. Ele a denomina de modernidade líquida, que afeta as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro. É traduzida na pressa do dia a dia e na dependência dos aparelhos de telefone móvel e dos media sociais, onde a maioria de nós está atenta para os próximos *likes* em suas “postagens”.

Nesse sentido, a globalização deve ser vista, compreendida e analisada como um processo, uma vez que a sociedade tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais (Bauman, 2005). Sob essa ótica, Bauman qualifica de “corrosão do carácter” a manifestação da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisão e os projetos de vida de homens e mulheres na sociedade ocidental contemporânea. Falar da liberdade e do acesso que temos hoje, diante de tantas possibilidades nas relações, relativamente aos bens materiais, bens e serviços, ao lazer, viagens, liberdade de expressão (ainda que com alguns preconceitos), é um desafio provocante e estimulante, uma vez que tal liberdade nunca fora antes vivida.

A relação entre o lazer e o autodesenvolvimento é antiga. Os benefícios das práticas e significados têm sido aprofundados na pesquisa científica, o que nos leva a refletir sobre a importância dessa relação (Cohen, 2013). Para compreendermos com maior detalhe o que este estudo propõe ao considerar a experiência subjetiva de mulheres brasileiras, importa destacar que, durante a viagem independente, essas mulheres experimentam emoções positivas, que afetam o seu bem-estar e contribuem para o florescimento individual de cada uma delas.

Para Cohen (2013), a percepção dos benefícios psicológicos de um prolongado envolvimento com uma atividade significativa de lazer pode ser um canal para a construção de um bem-estar emocional. A psicologia positiva destaca a experiência subjetiva de emoções positivas, que se acumuladas podem afetar o bem-estar e o florescer humano (Cohen, 2013). Assim, o conceito de felicidade aqui empregado se reporta a um conjunto de experiências prazerosas e propósitos ao longo do tempo, ou seja, relaciona prazer e finalidade como sendo um conjunto de elementos de experiências que têm significado (Dolan, 2014).

Para Larrosa Bondía (2002), a experiência requer um gesto de interrupção, ou seja, necessidade de sentir e estar atento ao que está acontecendo ao seu redor. Esse tempo, que compreende a vivência do prazer ligada a um propósito, em particular a atenção plena do momento presente, nos leva a refletir sobre quais são as experiências de felicidade e como se caracterizam as experiências do grupo de mulheres estudado. Sob o olhar da viagem como travessia, interrogamo-nos quais os caminhos traçados por essas mulheres à procura da felicidade, da transcendência e da realização pessoal.

Peterson e Seligman (2004), classificaram e mediram vinte e quatro forças de caráter agrupadas a partir de seis virtudes. Para os autores, uma força pode ser manifestada de diversas formas, tais como comportamento individual, os pensamentos, sentimentos e/ou ações. Já quanto as virtudes classificadas são: 1) sabedoria e conhecimento; 2) coragem; 3) humanidade; 4) justiça; 5) temperança e 6) transcendência. Ao investigar as condições e os processos que contribuem para o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e sociedades, os pesquisadores utilizam a abordagem da psicologia, que busca reconhecer as forças e as aspirações

dos indivíduos com o objetivo de oferecer um novo olhar para as potencialidades e virtudes humanas.

Ao relacionarmos as virtudes e forças de caráter (Peterson & Seligman, 2004), a felicidade e o bem-estar (Dolan, 2014) e a experiência subjetiva da viagem, observamos que o acúmulo desse tipo de experiência pode providenciar percepções positivas de crescimento pessoal e autodesenvolvimento, além de uma maior abertura para vivenciar experiências inéditas ou extraordinárias, as quais contribuam para a formação de um novo sujeito.

Para Cohen (2013), esse é um discurso atual, no qual o lazer é assumido como um campo para o crescimento pessoal, incluindo-se entre os potenciais benefícios do autoconhecimento e crescimento pessoal. O ócio, assim compreendido, pode ser interpretado como uma experiência subjetiva, constituída de atributos específicos e percebida pelos sujeitos envolvidos como capacidade de promover o desenvolvimento humano e social (Rhoden, 2014).

Aliado aos aspectos que caracterizam a viagem independente está o potencial transformador e recriador da experiência do ócio, enquanto experiência que transforma. A todo momento estamos interagindo com pessoas e afetos, e aquele que se apropria de seus trajetos pode redescobrir a si mesmo. A liquidez, o consumo e a pressa da vida contemporânea não permitem um tempo para que o sujeito possa elaborar e repensar suas atitudes e comportamentos.

3.4 Ócio, constrangimentos e viagem no feminino

Historicamente, o espaço público sempre foi dominado pelo homem. No mundo contemporâneo, a mulher tem assumido diversos lugares de resistência, usando sua subjetividade como qualidade essencial (livros, cursos, relações, etc.) (Wearing & Wearing, 1996). Isso contribui para que elas experimentem uma satisfação

genuína, sobretudo quando são admiradas e socialmente reconhecidas por serem viajantes independentes.

Relativamente aos impactos dos estudos feministas sobre a natureza do ócio e sobre como pensam e atuam sujeitos de ambos os gêneros, verificamos que o feminismo promoveu um maior acesso à livre expressão e à recuperação do eu (*self*), bem como permitiu abordar o lazer a partir da condição das mulheres e da sua livre escolha (Henderson, 2002).

No estudo de Cohen (2010), os viajantes afirmam perceber a grande importância que a sociedade ocidental confere à materialidade, ao dinheiro e ao sucesso, em detrimento da naturalidade. Nesse sentido, o “*slow tourist*” manifesta uma forte ética anti-materialista e uma ampla crença de que não precisam de muita coisa além de sua mochila, o que faz com que eles se sintam livres do consumismo ocidental (Cohen, 2010). Isto pode ser considerado ócio débil, uma vez que se trata de uma resistência política e uma trajetória silenciosa marcada pela não violência, contrapondo o sistema capitalista excludente da modernidade.

A transversalidade da atividade turística, isto é, o diálogo que existe entre os mais diversos temas ligados ao relacionamento humano, contribui para a construção do conceito da viagem. Na esteira desse entendimento, a viagem independente possui os mesmos elementos que caracterizam o ócio e os benefícios que dele resultam. Sobre isso, é importante ressaltar que o conceito de ócio utilizado neste estudo compreende um tempo de não trabalho, associado à prática de inúmeras atividades de lazer, entre elas a viagem em si mesma. Além disso, a viagem independente possui as mesmas particularidades que caracterizam o lazer tal como é aqui entendido, a partir de uma perspectiva orgânica, oposta ao trabalho, enquanto excelente oportunidade para o autopreenchimento e enriquecimento pessoais (Martins, 2014).

Como vimos nos capítulos anteriores, o ato de viajar está ligado à questão da expansão de fronteiras e associado à atividade de lazer, embora na sociedade capitalista, também possa ser percebido como uma forma dominante de apropriação do tempo livre. Desde a revolução industrial, o trabalho é tido como a expressão

máxima do ser humano, ideia que perdura até os dias atuais, enquanto que o conceito de lazer tem origem na modernidade, prevalecendo uma forte interconexão com trabalho (Rhoden, 2014).

O ócio tem uma relação específica com o tempo existencial, pois esse processo de reconhecimento da subjetividade própria precisa de um tempo ocioso para ser validado. No que diz respeito às mulheres, estas experimentam novos espaços e tempos para vivenciarem o ócio, já que ele está inserido em uma dinâmica social ampla, em rede, o que também contribui para dar mais qualidade à experiência e ao uso desse tempo. Para as mulheres, ainda que essa linha que separa o tempo do ócio do tempo de não ócio seja tênue, há um ganho na importância desse tempo, de maneira objetiva e/ou subjetiva. Além do tempo para relaxar e descansar, o ócio permite uma dimensão de expressão do ser humano, um espaço-tempo para a recuperação do eu.

Inúmeros são os benefícios da viagem, entre eles a melhoria da qualidade de vida, o combate ao *stress* das atividades quotidianas, a possibilidade de tornar possíveis atividades diversas e heterógenas, bem como experiências que agreguem conhecimento ao viajante, educando-o e, em muitos casos - como neste estudo - a viagem é capaz de transmutar suas percepções de vida (Figueiredo & Ruschmann, 2004)

Sob o olhar de uma das motivações mais estudadas no turismo, o lazer, buscamos analisar os resultados e refletir profundamente sobre a percepção de género no processo de construção de novos comportamentos. Para Hui, Costa e Morais (2008), os gestores de turismo deveriam dar atenção a cada necessidade de género quando criam, promovem ou entregam os produtos turísticos. Para os autores, isso inclui mensagens de *marketing* mais efetivas, com foco nas preferências motivacionais específicas. A internet é a fonte mais utilizada pelas viajantes, em particular os *blogs* e as avaliações de hospedagens, o que confirma o dado de que turistas independentes frequentemente usam as redes sociais da internet para buscarem informações sobre viagens, em especial por conta das opiniões e inúmeras experiências de produtos personalizados (Pearce, Murphy, & Brymer, 2009).

A viagem independente tem sido tema de diversos estudos, sob os mais variados aspectos, entre eles as situações de riscos, constrangimentos, motivação pessoal, benefícios, nichos de mercado, desafios, subjetividade, cenários, entre outros. A percepção da mulher em relação a viagem é o tema de alguns estudos qualitativos, como os de Wilson (2004), Wilson e Little (2008), Heimtun (2012), Henderson e Bialeschki (1993), Yang (2017) e Myers (2017). Esses trabalhos apresentam várias diferenças por tratarem de um assunto complexo e porque utilizam diferentes abordagens de compreensão e discussão dos assuntos de gênero, sobretudo aqueles ligados à viagem. Yang (2017) ressalta que em viagens independentes, quanto maior for a sensibilidade da viajante para certos tipos de riscos, maior é a percepção de risco.

Neste estudo, percebemos a viagem como um momento de rompimento com a realidade cotidiana, que oferece possibilidades para o sujeito desenvolver o que sente e o que pensa, recriando-se e permitindo, ou não, o afloramento de questões existenciais. Por isso mesmo, essa experiência pode transformar visceralmente aquele que a vive. A viagem independente também pode ser um lugar de resistência da mulher contra os estereótipos instituídos, além de um tempo para nutrir o bem-estar e a felicidade, que resultam numa melhor qualidade de vida, e com isso confirma a dimensão política do ócio. Podemos ir um pouco mais longe ao afirmar que a viagem independente, ou apenas a viagem, contribui para a felicidade e para o bem-estar das pessoas.

As mulheres resistem em aceitar que, por temerem a violência, devam limitar sua liberdade e possibilidades de participação na vida em sociedade e se tornem cúmplices das forças patriarcais, que as cerceiam quando sujeitam seus movimentos à proteção de outros (Mehta, 1999). O papel individual na estrutura coletiva da sociedade consiste na resistência e/ou na obediência das atribuições impostas por conta do gênero, o que, por vezes, mantém relações complexas com os discursos culturais partilhados (Mura & Khoo-Lattimore, 2012). Os papéis de gênero são continuamente construídos e reconstruídos, tendo como base a subjetividade de cada indivíduo (Mura & Khoo-Lattimore, 2012). Na atualidade, em várias dimensões da vida humana, observamos um crescente esforço para a desconstrução da ideia estereotipada e tradicional da mulher.

Ainda sobre a discussão de turismo e gênero, lembramos o estudo qualitativo de Mura e Khoo-Lattimore (2012), com entrevistas semiestruturadas, sobre a percepção de jovens, homens e mulheres a respeito dos riscos vivenciados durante as férias. Entre as mulheres, durante as viagens, o principal medo é de ser atacada sexualmente por um homem (Mura & Khoo-Lattimore, 2012). Para além disso, concordamos que mulheres e homens devem ser analisados a partir de diversos tipos de masculinidades e feminilidades. No entanto, a palavra "mulher" comumente sugere uma imagem de feminilidade, como símbolo de fraqueza e vulnerabilidade (Mura & Khoo-Lattimore, 2012).

Para melhor compreendermos o assunto, o estudo de Mura e Khoo-Lattimore (2012) apresentou diferenças significativas entre turistas homens e mulheres quanto à percepção do medo. Isso ratifica outras discussões relativamente aos papéis de gênero na sociedade, as quais questionam a figura medrosa e vulnerável da mulher diante do homem corajoso e agressivo, qualificando-os em dois diferentes grupos (Mura & Khoo-Lattimore, 2012; Mehta, 1999). Dada a natureza heterogênea de homens e mulheres, mas sem levar em consideração imagens estereotipadas do masculino e feminino, existem diferenças relativamente à percepção e à expressão do medo (Mura & Khoo-Lattimore, 2012). Considerando o cenário apresentado, os autores sugerem que continuem sendo investigadas as múltiplas facetas que ligam o constrangimento e o medo de violência sexual de turistas mulheres, já que isso influencia diretamente a experiência.

Atualmente, existem múltiplas manifestações da identidade no feminino e no masculino, o que significa que a atuação e a expressão de homens e mulheres, a respeito de questões e de padrões sociais, ganharam espaço, embora haja muito a ser feito. A primeira das tarefas é reconhecer que, dentro das especificidades de gênero, existe um leque amplo, composto por grupos heterogêneos (Mura & Khoo-Lattimore, 2012).

Entretanto, por muito tempo, a feminilidade foi considerada sinônimo de fragilidade e delicadeza. Todavia, na atualidade, as práticas nos levam a considerar a existência de diferentes versões de feminilidade e masculinidade (Mehta, 1999). Um

estudo que relaciona gênero, medo e violência, sob a lente da subjetividade, apresenta os discursos corporificados, ou seja, as experiências de perigo físico e sexual, e as estratégias usadas para combatê-lo, as quais são percebidas como produção e reprodução de identidades de gênero (Mehta 1999). De acordo com Mehta (1999), as teorias pós-estruturalistas sobre gênero admitem uma série de variáveis que influenciam e formam a identidade de gênero, a exemplo das estruturas de poder e dominação. Essas estruturas assumem também o processo de construção e de vivência individual, o que significa que existe um espaço para que os sujeitos repensem suas ações. Nessa perspectiva, “as práticas cotidianas podem contribuir para a reprodução de identidades de gênero ou para a produção da mudança de discursos de gênero, e mudar as práticas” (Mehta, 1999, p. 69).

Uma das maiores dificuldades consiste no facto de o discurso patriarcal dominante ser sempre muito subtil. Veja-se por exemplo, a presença das mulheres em espaços urbanos é consentida apenas se houver o respeito por determinados limites, que variam através do tempo e das culturas (Mehta, 1999). A restrição a espaços possivelmente agressivos para as mulheres, a exemplo de *pubs* e ruas à noite, suscita comportamentos de defesa, justamente pelo facto de que, em muitas situações, os “corpos femininos são frequentemente entendidos como sendo espaços públicos” (Mehta, 1999). A autora esclarece que há uma tensão entre a racionalidade e a autonomia, em que a mulher, na busca por controlar seus medos e na tentativa de se sentir mais segura e protegida, física e emocionalmente, regula “seus movimentos e comportamentos no espaço urbano” (Mehta, 1999).

No entanto, apesar das dificuldades que a investigação nesta área sinaliza, a qualidade da experiência de ócio, ligada à viagem, tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, os quais refletem sobre como a viagem independente pode nos levar ao autodesenvolvimento, por meio da tomada de consciência de quem somos, da nossa história, de nossas possibilidades e limitações, de nossas crenças e ilusões (Cuenca Cabeza, 2005; Trigo, 2010). Porém, para se abrir a tudo isso, é preciso coragem. O ócio, enquanto atividade essencialmente subjetiva, adquire incontáveis expressões, significados e intensidades, o que torna rico o tema e desafiador, pois “imprime o sentido à vida através da sua capacidade de nos fazer sentir vivos, pessoas

de valor, em estado de progresso permanente”. Sublinha-se, portanto, que o ócio contribui para a construção de experiências satisfatórias, positivas e felizes, capazes de favorecer o desenvolvimento pessoal (Monteagudo *et al.*, 2014, p. 139).

4 Caminhos da pesquisa: tecendo olhares para a pesquisa qualitativa

4.1 Metodologia qualitativa, paradigma interpretativo e fenomenológico: enfoques epistemológicos

A investigação realizada é de natureza qualitativa e prioriza a riqueza dos relatos, associada a uma revisão teórico-crítica sobre temáticas de gênero e ócio para o desenvolvimento humano, bem como viagens e experiência no turismo. As entrevistas realizadas foram semidirigidas, com perguntas abertas, o que permite a flexibilização da ordem dos assuntos abordados, além de favorecer a fluidez e o bem-estar das entrevistadas.

A seleção das mulheres entrevistadas levou em consideração três fatores: ter realizado ao menos uma viagem sozinha ao exterior por motivo de lazer; ter vivenciado o hábito de roteiros de visitação e passeios, desacompanhada, durante a maior parte do tempo; ter residência fixa no Brasil. O estudo incluiu as redes de contatos pessoais e profissionais dos investigadores, com sugestões e indicações de possíveis nomes, além de ambientes virtuais/grupos de pessoas a serem contatadas, técnica conhecida como não probabilística ou “bola de neve”.

A informação produzida resulta de quinze entrevistas em profundidade realizadas com mulheres brasileiras que, através de perguntas-guias expuseram suas experiências de viagem. Para além disso fomos integrando ao longo das entrevistas questões adaptadas aos objetivos específicos e particularidades deste estudo. As entrevistas foram feitas no período de janeiro a novembro de 2014. Das quinze entrevistas realizadas, seis ocorreram presencialmente e nove decorreram em meio digital, utilizando o programa *Skype*. As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora.

Para procedermos à análise dos dados empíricos, utilizamos a técnica da análise de conteúdo, por esta ser suportada por uma epistemologia que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento, além do significado pessoal e

objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas (Bardin, 1977; Franco, 2008).

A abordagem interpretativa sugere uma continuidade entre o saber do senso comum e o saber científico (Lessard-Hébert *et al.*, 1990). Santos (1989), ao explicar a relação existente entre o senso comum e o saber científico, mostra-nos que a ciência moderna foi construída por oposição ao senso comum, considerando-o superficial, ilusório e falso. Para outros autores, pelo contrário, é necessária uma revalorização de certos aspectos do senso comum, ou seja, a criação de um novo espaço para o pensamento teórico-empírico (Pires, 2008). Nessa mesma linha, Santos (1989) reforça que, nesse contexto, o senso comum não é visto como resultado de uma prática orientada para produzir conhecimento, mas sobretudo se reproduzir espontaneamente no cotidiano da vida.

Já a ciência pós-moderna procura reverter esse pensamento e admite a necessidade do diálogo entre as diferentes formas de conhecimento. Esse diálogo deve resultar em um conhecimento compreensivo e pessoal, que nos conecte ao que for estudado, num entendimento mais amplo do mundo (Santos, 1987). Essa forma de subjetivação através do conhecimento científico traduz-se igualmente em um saber prático, que orienta nossas ações, dá sentido à nossa existência e cria o hábito de decidir bem (Santos, 1987, 1989). Pires (2008) admite que a posição das ciências sociais sobre a questão do senso comum é muito mais complexa, posto que as novas pesquisas, a exemplo das histórias de vida, forçaram os pesquisadores a redescobrir o senso comum, o que, para o autor, significa construir um senso comum mais esclarecido e uma ciência mais modesta.

O conhecimento pós-moderno forma-se então a partir de uma pluralidade metodológica e discorre sobre “as condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local” (Santos, 1987, p. 48). A ciência deve traduzir-se em sabedoria de vida, constituindo-se numa nova relação em que “qualquer [um] deles é feito do outro e ambos fazem algo de novo” (Santos, 1989, p. 43).

É igualmente interessante a perspectiva de Pires (2008b) ao afirmar que:

Persiste, todavia, no qualitativo e no quantitativo, uma tensão-entre essas duas grandes estruturas-tipo de pesquisa, seja entre a estrutura na qual ele tem a nítida impressão de que ele *faz* uma amostragem, ou aquela em que ele tem a impressão de *tudo abranger* (Pires, 2008b, p. 155).

O autor esclarece que o facto de escolher determinado aspecto da realidade para observá-lo, não prejudica a representação da totalidade. Ele complementa que uma pesquisa qualitativa não pode nem fazer inferências estatísticas, nem mesmo descrever quantitativamente um fenómeno; não pode estimar, qualitativamente, ordens de grandeza, de intensidade, de distribuição, de tipicidade, etc. (Pires, 2008b).

Quivy e Campenhoudt (1992) também referem que uma investigação social deve produzir dois tipos de conhecimento: conhecimento novo relativo ao objeto em análise e novo conhecimento teórico. A pesquisa deve indicar um melhor conhecimento a respeito do objeto analisado, bem como possibilitar ao investigador vislumbrar novas perspectivas teóricas, mesmo que sejam conhecidas em outros contextos. Como bem afirmam os autores, “quando o trabalho de um investigador contribui para enriquecer e aprofundar a problemática e os modelos de análise, não é apenas o conhecimento de um objeto preciso que progride, mas também o campo do concebível que se modifica” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p. 46).

A abordagem científica do turismo e da hospitalidade, diferente de outras ciências, tem uma natureza transdisciplinar, o que permite uma abertura para uma discussão que agregue diferentes áreas do conhecimento. No entanto, em geral, nas investigações em turismo predominam a abordagem positivista, que sobrepõe o conhecimento técnico ao empírico. Isso é resultado da grande influência das escolas de gestão, nas quais o turismo geralmente está inserido e da necessidade de dar credibilidade aos estudos nessa área do conhecimento (Pernecky & Jamal, 2010; Ritchie *et al.*, 2000; Tribe, 2010).

Por outro lado, para Moesch (2002), o turismo tem sido tratado pela ciência sob o paradigma analítico da construção de saberes, que utiliza metodologias mais ligadas à fenomenologia. É necessário construir um novo campo teórico para o turismo, ainda que isso implique um método que avance sobre as definições de conhecimento, ciência e teoria (Moesch, 2002). Da mesma forma que no turismo, existem lacunas nos assuntos essencialmente subjetivos, a exemplo da experiência turística (Santos, 2012).

Tal fragmentação leva-nos a perceber a necessidade de afirmação desse campo de estudo, a partir de diferentes e novos olhares sobre a realidade existente. A pesquisa qualitativa pode contribuir, sobremaneira, para a construção dessa outra perspectiva. Pires (2008), inclusive, elenca as características gerais da pesquisa qualitativa, tais como: a construção progressiva do objeto de estudo; a investigação de objetos complexos; a combinação de diferentes técnicas de coleta de dados; a descrição em profundidade de vários aspectos da vida social e a exploração indutiva do mundo empírico. A perspectiva compreensiva pode ser capaz de explicar as transformações culturais, que têm resultado em profundas mudanças nas práticas sociais. Sua especificidade consiste sobretudo, na orientação para identificar a emergência de novos fenômenos sociais (Guerra, 2006).

Por outro lado, percebe-se o cuidado e a atenção por parte dos teóricos ao tratarem as dimensões éticas dos estudos qualitativos. É evidente que toda pesquisa que se refere aos indivíduos ou grupos sociais pode levantar questões e problemas éticos. É preciso estar atento a essas questões desde o início do processo de investigação, momento no qual o pesquisador deve indicar claramente a finalidade da pesquisa, sua afiliação, os financiadores, seu empregador, a duração prevista do estudo e o método utilizado, além de garantir o caráter confidencial e o anonimato (Jaccoud & Mayer, 2008).

Pesquisadores interpretativos pontuam que a construção do conhecimento e da confiança são construções sociais, nas quais o pesquisador é visto como um ser integral, com toda sua subjetividade, opiniões e ideologias, fatores que são utilizados para interpretar o diálogo que acontece com o outro (Rey, 2005).

Ainda a respeito do rigor exigido, Herman (1983) esclarece que:

[...] o ponto de vista objetivo ou neutro, recomendado pelo positivismo, é uma impossibilidade metodológica e uma ilusão ontológica: estudar o social é compreendê-lo (o que não se torna possível sem o reviver); o objeto social não é uma realidade exterior, é uma construção subjetivamente vivida. (Herman, 1983, p. 44)

Pires (2008) também destaca que objetividade não é sinônimo de neutralidade ou de desinteresse, mas sim de um tipo de participação, pela qual o pesquisador deve estar vinculado e interessado, mas não necessariamente submisso a um ponto de vista determinado. Ainda segundo o autor, o mais importante não é envolver-se com um conhecimento neutro da realidade objetiva, mas sim produzir um conhecimento explicitamente orientado por um projeto ético visando à solidariedade, à harmonia e à criatividade. Da mesma forma, Lessard-Hébert *et al.* (1990) também ressaltam que o esforço pela objetivação não implica a aceitação do princípio da neutralidade científica, como também não é incompatível com o envolvimento do pesquisador em projetos de transformação social.

É importante considerar o caráter pessoal nos estudos qualitativos, assim como o envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, pois esse envolvimento é emocional e está sempre presente no ponto de partida (Deslauriers & Kérisit, 2008). Igualmente, é o pesquisador quem constrói seu objeto a partir de uma rede de interesses que orientam sua escolha. Nesta tese, primou-se pela riqueza das experiências individuais das mulheres entrevistadas, principalmente por implicar na subjetividade e na diversidade que os estudos de gênero sugerem. Em outras palavras, a subjetividade leva o pesquisador e o pesquisado a fundirem-se, surgindo as descobertas como resultado do processo de interação entre ambos (Henderson & Bialeschki, 2005).

Não obstante, Rey (2005) sublinha a necessidade de imersão do pesquisador no campo onde se realizará a pesquisa. Nesse momento, o investigador deve assumir a postura de sujeito da produção de conhecimento, além de criar um campo de atuação favorável e acolhedor. O autor ressalta a necessidade do pesquisador se transformar

em sujeito do seu próprio pensamento e analisar as contradições das informações obtidas no diálogo. Na prática, isso resulta em não se prender à lógica, na qual a neutralidade está diretamente ligada à passividade.

Nessa mesma linha, Laperrière (2008) esclarece que a pesquisa nas ciências humanas é reflexiva, o que significa que a interação entre os sujeitos e o pesquisador não se dá sem consequências, de parte a parte. Rey (2005, p. 80) complementa que “é no interior do campo que se definem os diferentes momentos da pesquisa, em uma processualidade impossível de ser controlada por nenhum tipo de *a priori*”. Ele também explica que:

[...] A pesquisa qualitativa proposta por nós representa um processo permanente, dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento. (Rey, 2005, p. 81)

Entendemos que a metodologia mais adequada ao objetivo de aprofundar os conhecimentos relativos ao fenômeno do movimento crescente de mulheres em viagens independentes (Wilson, 2004), em especial de mulheres brasileiras, é a pesquisa qualitativa, uma vez que ela é capaz de associar diferentes métodos e enfatizar “os aspectos subjetivos da atividade humana, focando o significado e não a mensuração de fenômenos sociais” (Collis & Hussey, 2003, p. 59). As pesquisas qualitativas têm sido utilizadas em toda uma série de estudos sobre fenômenos turísticos, em diversos segmentos: lazer, eventos, negócios, imagem dos destinos, planejamento do turismo, experiência turística, entre outros. Aplicam-se ainda ferramentas estruturadas para responder as questões humanas e para perceber o seu significado social (Guba, 1990; Gubrium & Holtein, 1997; Tribe, 2002).

Desse modo, este estudo tem natureza exploratória, com o objetivo de dar pistas para propostas de investigação futuras, lançando hipóteses a serem investigadas e traçando perfis de comportamento. A pesquisa é de natureza exploratória e adota uma abordagem interpretativa que possibilita ao pesquisador familiarizar-se com pessoas e situações de vida do cotidiano, como, por exemplo, as viagens. A ação é

interpretada, simultaneamente, pelo pesquisador e pelos sujeitos da pesquisa, procurando que a linguagem e as conceituações deem conta tanto do objeto “vivido” como do objeto “analisado” (Deslauriers & Kérisit, 2008, p. 131).

A dialética das repercussões entre ação individual e ação coletiva é um dos aspectos privilegiados na pesquisa qualitativa. A utilização de diversos instrumentos de análise de conteúdo nunca é dissociável da sua inserção no âmbito mais alargado dos fenômenos sociais e do seu sentido (Deslauriers & Kérisit, 2008).

O paradigma fenomenológico, com enfoque na perspectiva interpretativa, revela-se o mais adequado para tratar as questões de gênero, pois procura ver como os conceitos e as teorias, gerados em um determinado ambiente, podem ser aplicados em outros, sendo necessário um entendimento abrangente das atividades e do comportamento do objeto de estudo (Collins & Tisdell, 2002). Segundo Giorgi (2008), fenomenologia significa a “ciência dos fenômenos”, isto é, o estudo sistemático de tudo o que se apresenta à consciência e que remete para a totalidade das experiências vividas por um indivíduo, ou seja, para a experiência subjetiva. Com efeito, o principal objetivo das análises fenomenológicas não é o objeto concreto, individual, mas sim a investigação sistemática da subjetividade e a busca da coerência entre teoria e prática (Giorgi, 2008; Lessard-Hébert & Goyette, 1990).

Nesse sentido, a contribuição da fenomenologia tornou possível a compreensão de difíceis fenômenos da experiência humana, justamente por terem como base uma estratégia de desvelamento do objeto estudado. Não obstante, a perspectiva compreensiva busca identificar as práticas quotidianas e os novos fenômenos sociais, que podem transformar ou esclarecer as regras ou as instituições existentes (Guerra, 2006). Atualmente, as transformações culturais e as consequentes mudanças das práticas sociais exigem maior atenção para as investigações que procuram o sentido da ação coletiva, em especial para a análise das experiências concretas dos indivíduos.

A fenomenologia é uma área da filosofia que tem providenciado uma base metodológica para ser aplicada nas ciências sociais (van Manen, 2003). Por isso, tem se tornado popular como uma perspectiva de pesquisa que estuda as experiências nas

disciplinas humanísticas e de ciências sociais (Pernecky & Jamal, 2010). Para os fenomenólogos, não existe uma forma unívoca de interpretar um fenômeno social. A fenomenologia não ignora os fatos, mas sim os vê como exemplos de essências a esclarecer (Giorgi, 2008; Wilson, 2004). Concordando com MacCannell, ele assegura que “nós precisamos de uma ciência social que pensa simultaneamente de maneira empírica e especulativa, um tipo de ciência que deve ser credível para pessoas que têm sido discriminadas sob a doutrina do relativismo” (MacCannell, 1992, p. 308).

Este estudo está inserido no contexto do paradigma fenomenológico interpretativo, onde o objeto de análise é a ação e os significados atribuídos pelo sujeito e dos que com ele interagem, cabendo ao investigador a análise das variáveis descobertas. Para Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1990), a investigação interpretativa permite um distanciamento ao tornar estranho aquilo que é familiar; ao explicitar o que está implícito; ao problematizar o cotidiano; ao documentar aspectos concretos da prática; ao considerar os significados que os acontecimentos adquirem para as pessoas em um dado contexto. Logo, é preciso atentar para o facto de que os significados dados pelos sujeitos possuem um contexto, uma história, que vai além do momento imediato. Tal contexto orienta suas percepções, convicções, ações e a avaliação das ações dos outros (Lessard-Hébert *et al.*, 1990).

A análise realizada no estudo tem como matéria-prima a interpretação que as mulheres fazem de suas experiências em viagens independentes. A própria ciência é um fenômeno social e, portanto, a metodologia sofre as influências sociais e culturais do pensamento em construção, uma influência mútua entre os diferentes elementos constitutivos da análise (Guerra, 2006; Pires, 2008). Dito de outra forma, a abordagem interpretativa em que este estudo se desenvolve considera o mundo como intersubjetivamente construído, através de um processo social, isto é, a partir da experiência subjetiva dos indivíduos envolvidos (Burrell & Morgan, 1979).

4.2 O universo feminino na pesquisa e a transdisciplinaridade

As vozes feministas têm ecoado ao longo das décadas e suas descobertas têm produzido significativas orientações para as políticas da sociedade moderna. Por seu caráter emancipatório e crítico, a investigação feminista empodera a mulher, fortalecendo suas vozes a partir de suas realidades pessoais e abrindo um espaço intelectual e emocional para o posicionamento da mulher na sociedade. Tais investigações propõem ainda que as mulheres compreendam melhor os diversos contextos em que outras mulheres estão inseridas, devido às suas próprias experiências pessoais e sociais. Para além disso, essa discussão inclui outros grupos marginalizados e minorias, com o intuito de tentar combater ações de sexismo, racismo e homofobia, além de construir um conhecimento mais complexo (Hesse-Biber, 2012).

Em nosso entender, no contexto da presente investigação, a abordagem feminista é a mais adequada para capturar as experiências e ouvir as vozes das mulheres entrevistadas (Harding, 1987), sendo considerada por Smith (1987) um benefício mais do que um inconveniente. Na área de investigação e visitas de campo dos estudos de gênero, o conhecimento etnográfico é bastante comum e tem como suporte essencial os estudos da antropologia e das ciências sociais (Bell, Caplan & Karim, 1993; Golde, 1970; Whitehead & Conaway, 1986; Porter & Schänzel, 2018a). Na prática, esse tipo de investigação emprega múltiplos métodos e paradigmas, o que tem contribuído para a ampliação do seu campo de abrangência, já que cada perspectiva se relaciona com o feminismo, o ativismo, a academia e a vida quotidiana das mulheres (Hesse-Biber, 2012; Porter & Schänzel, 2018a). Isso ratifica o seu caráter contextual, inclusivo, experiencial e socialmente relevante. Envolve o pesquisador em uma relação especial e aprofundada com seu objeto de estudo (Reinharz, 1992).

A perspectiva feminista observa os acontecimentos a partir do olhar das mulheres e tem como referência a identidade, a visão interior e a proximidade das mesmas. Pires (2008) constata que, para as feministas, o ponto de origem também não é essencial, mas sim relacional, pois mulheres ou homens podem tomar esse ponto (relacional) de origem e transformá-lo em ponto de partida. Para tanto, o feminismo

adota diferentes perspectivas técnicas de observação empírica, nas quais as experiências individuais estruturam nossas compreensões sobre o mundo social, o que contribui para tornar as pesquisas mais completas e interessantes (Harding, 1987).

Na pesquisa em turismo, registamos uma proposta recente e inovadora liderada pelas editoras Porter e Schänzel (2018a). A obra apresenta experiências de investigadoras em turismo durante suas pesquisas de campo em diferentes regiões do planeta. O propósito do livro é conduzir uma reflexão aprofundada sobre os efeitos do feminino durante as pesquisas de campo, apresentando a subjetividade dos pesquisadores (inclusivamente homens). O livro utiliza uma linguagem reflexiva, é escrito pelos autores em primeira pessoa, e relata estudos de caso com temas globais incluindo o acesso, o vestuário, a conduta, o assédio sexual, a segurança pessoal, a pesquisa e o bem-estar. Além do mais, a obra define áreas potenciais de preconceito de gênero usando estudos de caso internacionais de cinco continentes a fim de melhorar a validade e a transparência de pesquisas futuras conduzidas por pesquisadores em contextos transculturais, contribuindo para o avanço nas discussões que interseccionam os assuntos de turismo, pesquisa qualitativa e questões de gênero. Concordamos com as autoras sobre a experiência da mulher pesquisadora em campo, pois “embora a identificação de gênero permaneça mais ou menos inalterada, os constructos sociais continuam a se desenvolver e, como resultado, a experiência de campo feminino é um local de adaptação” (Porter & Schänzel, 2018b, p. 7) e transformação.

Ainda sobre a pesquisa feminista, na abordagem de Wilson (2004) sobre as mulheres australianas que viajam sozinhas, o paradigma feminista promove o detalhamento, a complexidade e a descrição dos dados, além de permitir que as mulheres falem sobre suas experiências de viajantes desacompanhadas e dos constrangimentos vividos em suas próprias palavras e termos. Harding (1987) afirma que esta é a abordagem mais adequada para capturar as experiências e ouvir as vozes das mulheres que serão entrevistadas. Os métodos utilizados na pesquisa feminista devem fornecer os mecanismos para a manifestação dessas experiências (Campbell, 1995).

Por seu turno, Smith (1987) avalia que as pesquisas feministas realizadas por mulheres podem ser um benefício mais do que um inconveniente, até porque, ao compreenderem a experiência de outras mulheres, as investigadoras impõem uma atenção e cuidado que resultam da própria condição de ser mulher. Concordamos com Poupart (2008) sobre a importância de, nos relatórios de pesquisa, dar mais espaço e maior deferência à subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo de conhecimento, e com isso combater as formas objetivas e masculinizadas de investigação.

Considerando o exposto, o olhar transdisciplinar desta tese baseia-se no conceito abordado por pesquisadores em diversos campos do conhecimento, especialmente por ser uma necessidade a construção de um diálogo entre as diferentes áreas do saber (Maturama, 2002; Morin, 1989; Nicolescu, 2000; Random, 2006). Compreende-se que a transdisciplinaridade pode nos levar a exercer uma reflexão a partir de uma abordagem livre, “na qual temos liberdade de olhar do outro lado sem termos de ser acusados de estarmos pisando onde não devemos” (Maturama, 2002, p. 110).

Da mesma forma, o olhar transdisciplinar nos leva a constituir um conjunto de significados que emergem de um diálogo constante entre a parte e o todo. No entanto, é preciso estar aberto para aprender a identificar e a compreender a composição transdisciplinar do conhecimento por meio de informações provenientes das diferentes dimensões do humano (Santos, 1987).

Segundo Pires (2008), o próprio termo metodologia já designa uma reflexão transdisciplinar da prática de pesquisa. O mais importante, no entanto, é como se constrói a pesquisa, para que estas, qualitativas ou quantitativas, sejam consistentes e favoreçam o avanço do conhecimento. Desse modo, ambas as metodologias permitem descrever, compreender, explicar ou avaliar determinado fenômeno sob a ótica da transdisciplinaridade. O olhar transdisciplinar na pesquisa contribui para dar à análise um caráter subjetivo, que pretende ser o mais fiel possível da realidade revelada em campo. Nesse estudo, o enfoque transdisciplinar, ao relacionar a viagem independente às questões de gênero, às experiências pessoais e à visão de mundo da autora, funciona

como fio condutor para a observação, análise e interpretação dos dados coletados nas entrevistas, obtidos através do uso de métodos científicos de pesquisa que embasem as descobertas.

4.3 Seleção dos sujeitos

Neste estudo, os sujeitos analisados são as mulheres brasileiras. O critério de inclusão corresponde ao facto de terem feito ao menos uma viagem internacional sozinha, na qual escolheram o destino e vivenciaram a experiência de estarem sozinhas em um país diferente do seu lugar de origem, nesse caso, o Brasil. Entre os critérios de exclusão dos sujeitos estão aqueles que não permitem a inclusão de mulheres que se deslocaram sozinhas para irem ao encontro de uma outra pessoa no destino e/ou possuem sua residência fixa no exterior, sem a intenção de retornar ao Brasil.

A amostragem foi feita por casos múltiplos e é considerada não probabilística. Por se tratar de um estudo qualitativo, foram enfatizadas mais as relações entre a amostra, o objeto e o *corpus* empírico, do que propriamente as regras técnicas de amostragem, pois basta apenas identificá-lo como o *corpus* e explicitar como o seu universo de análise foi constituído (Pires, 2008b). A amostra não probabilística é a mais frequente e se constitui em função de características precisas, as quais o pesquisador pretende analisar, a exemplo da amostra “bola de neve” (Deslauriers & Kérisit, 2008; Noy, 2008).

Segundo Pires (2008b), uma “amostra por fileira”, em “cascata” ou “por bola de neve” (*snowball sample*) caracteriza-se pelo modo de constituir a amostra por homogeneização, ou seja, a partir de similitudes que permitem estabelecer denominadores comuns decisivos em termos de amostragem. O método consiste em averiguar uma rede de relações sociais entre os sujeitos entrevistados, no qual um indica o outro (Alvez-Mazzotti, 1999). O ponto de partida foi a rede pessoal de relacionamentos da pesquisadora, com indicações de mulheres brasileiras que viajaram sozinhas para o exterior. No primeiro momento houve dificuldade em

encontrar esse tipo de viajante, uma vez que na altura da seleção não era uma prática muito difundida entre as brasileiras.

Posteriormente, houve indicação de outras viajantes independentes pelas entrevistadas e com o desenvolvimento da investigação foi se descortinando aos poucos um universo inexplorado da viagem no feminino. A maior parte das mulheres entrevistadas possuíam uma vivência de estudo e morada em Portugal, o que trouxe à tona nas entrevistas questões inerentes à relação histórica de colonização entre Portugal e Brasil.

Após identificar as mulheres que tinham o perfil adequado para o estudo (mulher brasileira adulta e ter feito ao menos uma viagem sozinha para o exterior), foi realizado um contato prévio, por e-mail e/ou telefone, a fim de esclarecer os objetivos do estudo. Após o *feedback* das mulheres contatadas, foi agendado um encontro para entrevistá-las, conforme a disponibilidade pessoal de cada uma. Como observado anteriormente, com o objetivo de triangular os dados obtidos em diferentes fontes de pesquisa além das entrevistas, na análise foram incorporados livros especializados na temática e os diários pessoais de viagem da pesquisadora, a fim de acolher experiências reflexivas no estudo.

Na fase da exploração do material, buscamos perceber e analisar o conteúdo das entrevistas de maneira transdisciplinar, ligando os diversos campos do conhecimento, incluindo o turismo, e construindo um diálogo entre as diferentes áreas do saber (Maturama, 2002; Morin, 1989; Nicolescu, 2000; Random, 2006; Porter & Schänzel, 2018a). O olhar transdisciplinar na pesquisa contribuiu para dar à análise um caráter mais rico e aprofundado, tentando ser o mais fiel possível à realidade revelada em campo, ainda que as experiências pessoais e a visão de mundo do pesquisador funcionem como fio condutor para a observação, análise e interpretação dos dados coletados nas entrevistas (Porter & Schänzel, 2018a).

Por se tratar de uma realidade subjetiva complexa, as mulheres viajantes foram observadas com as lentes do paradigma interpretativo-compreensivo, em que os significados e desafios da experiência, para cada uma delas, são diversos. A dinâmica da intersubjetividade nos estudos qualitativos enseja a compreensão das

realidades observadas e do significado destas para os sujeitos estudados, a partir da influência direta da história de vida, das experiências, dos valores e das crenças do pesquisador. Na construção do conhecimento, admite-se a voz reflexiva do pesquisador, que participa ativamente e interage com a realidade estudada, na qual o método de entrevistas é orientado pelos princípios da co-construção, flexibilidade e historicidade (Pernecky & Jamal, 2010).

Em síntese, no decorrer das pesquisas teóricas e de campo surge a necessidade da inserção de novos fatos, ideias e instrumentos que contribuam para a construção da pesquisa, num movimento dinâmico e processual. Este é o desafio do pesquisador: observar a qualidade da informação produzida, sendo capaz de reconstruir e repensar seu objeto de estudo sempre que for primordial para a reflexão crítica do mesmo.

4.4 Produção dos dados

Para realizar a recolha das informações, Deslauriers e Kérisit (2008) enfatizam que o objeto da pesquisa qualitativa deve ser construído progressivamente, correlacionando o campo com os dados coletados e com a análise que deles é extraída, e não apenas com a literatura sobre o assunto. Ainda para esses autores, a pesquisa qualitativa põe ênfase nos atores e no contato direto com o campo de pesquisa, este que, em geral, atrai mais os pesquisadores (Deslauriers & Kérisit, 2008). Essa perspectiva foi trabalhada neste estudo, no qual o movimento campo-estudo teórico se alternou constantemente entre a pesquisa de campo e o aprofundamento da teoria. Esse procedimento foi valioso e contribuiu de forma concreta para a qualidade das análises realizadas, uma vez que novos *insights* surgiam do decorrer de cada nova entrevista.

Para a coleta e análise dos dados, este estudo buscou conhecer o universo das experiências, significados e desafios da viagem independente para as mulheres brasileiras, ao observar seus sentimentos e percepções sobre uma experiência vivida.

No universo das mulheres brasileiras que viajam sozinhas para destinos internacionais, a amostra deste estudo foi composta por quinze mulheres brasileiras adultas e que viajam por motivações de lazer e turismo, já que se trata de um estudo aprofundado sobre as experiências dessas mulheres. O processo de recolha e produção dos dados foi vivenciado neste estudo de maneira constante, uma vez que a pesquisadora era instigada a rever e a repensar os seus posicionamentos teóricos.

Diante disso, acreditamos na importância da interação entre o pesquisador e o objeto estudado, na construção de um conhecimento que possibilite o pesquisador colocar-se inteiro, com sua realidade, história de vida, valores e crenças. A este propósito, Laperrière (2008) esclarece que o pesquisador leva para o campo a sua experiência integral de vida, isto é, seus sentimentos, sua intuição, seus valores. Neste estudo, houve uma interação e integração significativas entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados, resultando num momento fluído de aprofundamento do objeto de estudo e seus desdobramentos.

No âmbito do método qualitativo utilizado nesta investigação, foram seguidas as cinco etapas necessárias à investigação, conforme sugerido por Giorgi (2008). São elas: 1) coleta dos dados verbais, neste caso, as entrevistas aprofundadas com quinze mulheres brasileiras; 2) a leitura dos dados, respetivamente pré-análise e transcrição das entrevistas; 3) a divisão dos dados em unidades temáticas; 4) a organização e a enunciação dos dados brutos na linguagem da disciplina, a análise de conteúdo, proposta esta que fará emergir as categorias analíticas; e, por fim 5) a síntese ou resumo dos resultados para fins de comunicação com a comunidade científica, tendo atenção ao facto de que as falas dos sujeitos foram formuladas na ótica de uma linguagem própria da vida quotidiana. Certamente, o olhar inter e transdisciplinar na pesquisa contribuem para dar à análise um carácter mais denso e rico, que pretende ser o mais aderente possível à realidade vivenciada em campo.

Laperrière (2008b) também esclarece que os instrumentos de análise nos métodos qualitativos são jovens e, portanto, abertos, além de compartilharem elementos de diversas abordagens. Para o autor, o que realmente importa “é a pertinência metodológica dessas combinações em relação ao conjunto do

procedimento metodológico considerado e do objeto da pesquisa” (Laperrière, 2008b, p. 377).

Após transcrição das entrevistas, encaminhamo-las via e-mail a fim de dar conhecimento e possibilitar qualquer alteração e/ou sugestão de melhoria do conteúdo pelas entrevistadas. Posteriormente, as entrevistas foram tratadas e organizadas e, na etapa inicial da pré-análise, onde iniciamos exploração do material, organizando-o, instaurando o processo que consiste em transformar os dados brutos em dados organizados para, depois, serem analisados.

Durante a recolha dos dados no campo, o pesquisador é capaz de delimitar uma série de fatores e perspectivas que estruturam o estudo, bem como de evidenciar as combinações e a complexidade do mesmo. O campo também favorece a apreensão dos diversos níveis de realidade existentes e as diferentes perspectivas sobre suas interações (Laperrière, 2008). Outro aspecto fundamental para ser observado durante a recolha de dados é o contexto da descoberta, no qual o investigador, mesmo que já possua em mente um quadro conceptual e os objetivos de pesquisa, deve permanecer aberto para a formulação de teorias, questões, categorias de observação ou modelos que possam surgir a qualquer momento da investigação (Lessard-Hébert *et al.*, 1990).

Por isso, a flexibilidade na construção, desconstrução e reconstrução do objeto de estudo deve ser considerada e percebida pelo investigador no decorrer do processo (Pires, 2008b). Em geral, as pesquisas que utilizam a amostra por homogeneização permitem descrever a diversidade interna de um grupo e autorizam a generalização empírica por saturação (Pires, 2008b). A diversificação interna, neste caso, considerou importantes questões para análise e discussão dos resultados, fruto das diferentes experiências dessas mulheres em viagens independentes.

Em relação aos critérios para a coleta de dados, foram observados: 1) a validade dos instrumentos, isto é, a capacidade de obter as informações desejadas. Essas informações foram obtidas por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, ou seja, contém questões gerais sobre o assunto, baseado no estudo de Wilson (2004), com questões adaptadas aos objetivos específicos e particularidades deste estudo; 2) a eficácia dos instrumentos, a rentabilidade ao relacionar tempo, custo

e acesso. Neste caso, as mulheres foram entrevistadas pessoalmente, em Portugal e via *Skype*; e, 3) a ética, por meio do respeito às características do meio social em que essas mulheres estão inseridas. Foi igualmente garantido o anonimato das mesmas, sendo acordado por escrito, através de um termo de consentimento, que seus nomes seriam expostos apenas com suas iniciais e suas idades.

O guião de entrevista foi dividido em quatro partes com objetivo de tratar de maneira encadeada e fluída todos os assuntos relativos à experiência da viagem. Em um primeiro momento, contextualizamos a trajetória de viagem das entrevistadas, relacionando-as com as suas histórias de vida, a fim de tentar perceber como se deu a construção subjetiva do projeto da viagem independente. A segunda parte foi pensada para tentar compreender tanto as motivações objetivas, relacionadas ao destino escolhido, quanto as motivações subjetivas que as fizeram escolher esse tipo de viagem, passando pelos benefícios de ordem emocional, físico e espiritual, entre outras informações relevantes para o estudo.

O terceiro momento da entrevista relacionou-se com as experiências durante a viagem, trazendo à tona as questões de género, nacionalidade, espiritualidade, relações sociais e serviços turísticos, a fim de tentar identificar a rotina própria destas viagens. A quarta e última parte da entrevista está ligada ao momento pós viagem, ao retorno a casa e às possíveis aprendizagens resultantes da vivência da viagem. Neste momento final, a proposta foi justamente fazer com que a entrevistada pudesse aceder às memórias daquele momento vivido, destacando os acontecimentos e os fatos mais marcantes. Myers (2017) também considerou as memórias de viagens das mulheres, a fim de compreender como a viagem afeta suas identidades.

É importante ressaltar a dificuldade inicial em encontrar mulheres brasileiras com o perfil especificado no estudo. Percebemos que existe uma certa resistência, talvez relacionada à motivação das pessoas em participar desse tipo de pesquisa, pelo facto de se exigir uma disponibilidade de tempo e sensibilidade para reconhecerem a importância de um estudo como este.

Existem diferentes modalidades de generalização e esta investigação aplica o procedimento de indução analítica que, por sua vez, procura, em um pequeno

número de casos, as características que lhes são essenciais e as generaliza. Essas características também são chamadas de propriedades constitutivas, que, por serem essenciais, podem ser aplicadas a outros casos similares (Pires, 2008b). Nas pesquisas qualitativas de amostras por homogeneização, o grupo é relativamente homogêneo e tem como princípio a diversificação interna (intragrupo). Portanto, foi apresentado um retrato global do interior desse grupo de mulheres, por meio da comparação dos conteúdos obtidos nas entrevistas. Nesses casos, além das variáveis gerais, as variáveis particulares ao grupo assumem especial atenção, a exemplo dos anos de experiência das entrevistadas em viagens independentes.

4.4.1 A Entrevista

As entrevistas aprofundadas podem revelar a intensidade e a complexidade das relações sociais, pois são capazes de fazer emergir questões inerentes às mais variadas dimensões da vida humana. Como mencionado anteriormente, utilizamos como referência o guião de entrevista do estudo de Wilson (2004), adaptado às especificidades da cultura brasileira. Isto porque na entrevista semidirigida, semidiretiva ou “entrevista em profundidade”, o entrevistado fala, por meio de perguntas-guias, sobre o que é verdadeiramente importante para ele, com suas próprias palavras. Nesta investigação, as viajantes expuseram de forma livre e espontânea a experiência da viagem independente, resultando para o entrevistador em uma compreensão mais ampla do pensamento das entrevistadas (Poupart, 2008; Quivy & Campenhoudt, 1992).

Nas ciências sociais, âmbito deste estudo, existem diversos caminhos para analisarmos os dados empíricos coletados em campo. A pesquisa qualitativa cria um espaço de práticas relativamente diversificadas e múltiplas, que, por muito tempo, foram relegadas e definidas como auxiliares ou marginais, “inserindo-se em relações conflitantes com outras práticas consideradas como dominantes e mais legítimas” (Groulx, 2008, p. 95).

As entrevistas constituem uma porta de acesso às realidades sociais e permitem o jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos (Poupart, 2008). Neste sentido, observamos, durante a realização das entrevistas, que as perguntas abertas contribuíram para que as entrevistadas respondessem de forma autêntica e mais profunda aos questionamentos, ensejando a reflexão de temas ligados às questões de género. De facto, aconteceu uma troca verdadeira, através de uma expressão livre das percepções, interpretações e experiências das interlocutoras. Há, portanto, o interesse do pesquisador em ouvir as mensagens das viajantes e desvendar as lacunas e significados, mesmo daqueles aspectos, que estão além do discurso (Quivy & Campenhoudt, 1992).

Ao longo do processo de entrevistas, que teve duração de onze meses, de janeiro a novembro de 2014, observaram-se diferenças interessantes no seu *modus operandi*. Das quinze entrevistas realizadas, seis foram feitas presencialmente e nove em meio digital, utilizando o programa *Skype*. As entrevistas tiveram em média uma hora de duração e a maioria delas resultou numa conversa fluida, em que ambas, entrevistada e entrevistadora sentiram-se muito à vontade. Em todas as entrevistas, no momento inicial, procurou-se deixar a entrevistada o mais à vontade possível. Depois, ao ganhar confiança, foram dados estímulos para que a entrevistada pudesse se expressar. Nas entrevistas realizadas pessoalmente, constatou-se que as entrevistadas se sentiram mais confortáveis e falaram ainda mais espontaneamente sobre suas experiências. Houve algumas exceções, em que a conversa não fluiu com facilidade, as entrevistadas limitaram-se a responder as perguntas do roteiro, como por exemplo, nas entrevistas realizadas por *Skype*. Talvez isto tenha ocorrido pelo facto de pesquisadora e entrevistada não se conhecerem pessoalmente, muito embora esse facto não tenha comprometido a qualidade dos dados obtidos. Mesmo durante o período das entrevistas iniciamos a transcrição dos dados gravados, que foram posteriormente transcritos integralmente. A transcrição durou em média três a quatro horas cada.

Podemos, então, destacar três argumentos que ratificam a importância da entrevista, segundo Poupart (2008):

- Permite conhecer como pensam os atores sociais e, assim, compreender e interpretar suas realidades, considerando o sentido que os autores conferem às suas ações e as coerções que o meio social lhes impõe. Com efeito, as análises devem ser um produto do diálogo entre o pesquisador e o pesquisado.
- Estimula a denúncia de preconceitos, de práticas discriminatórias, de exclusão e de desigualdades ao explorar, em profundidade, as condições de vida dos atores. Ganham destaque as influências das convicções e atitudes do pesquisador, o qual reflete sobre a maneira como são produzidos os dados.
- Possibilita a exploração do vivido pelos atores sociais, sendo que o entrevistado é visto como um informante-chave, capaz de, ao revelar suas práticas, representar inclusive o grupo ao qual pertence.

Nas entrevistas, analisamos o discurso, a prática e as inter-relações dos temas a serem abordados na pesquisa. Por esse motivo, é importante que o pesquisador esteja atento ao grupo de indivíduos estudados, pois “se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (Oliveira, 2006, p. 32).

Na prática, as entrevistas foram analisadas a partir de uma leitura cuidadosa do material, “deixando-se invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (Franco, 2008, p. 58). As entrevistas obedeceram às regras da exaustividade, que consiste no esclarecimento do contexto da mensagem; da representatividade, que identifica a distribuição das características dos elementos da amostra; e da homogeneidade, pois os documentos analisados obedeceram a critérios de escolha.

Após a realização da pesquisa, formulamos algumas hipóteses para serem confirmadas ou não. Permanecemos, então, receptivos e atentos para o surgimento de outras hipóteses. Franco (2008, p. 56) sustenta a não obrigatoriedade da preconcepção

de hipóteses, e afirma que, ao explorar um material, o pesquisador deve incluir “técnicas sistemáticas de análise as quais permitem, a partir dos próprios textos, apreender as ligações entre as diferentes variáveis, que funcionam segundo o processo dedutivo e facilitam a construção de novas hipóteses”.

De facto, a entrevista constitui uma forma de interação social que ultrapassa o âmbito das trocas verbais (Poupart, 2008) e permite ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e diversificados (Quivy & Campenhoudt, 1992). Durante o processo de entrevistas desta investigação, a empatia entre entrevistadora e entrevistada ocorreu de maneira espontânea e gradativa. Percebemos que, por se tratar de um tema essencialmente pessoal, ou seja, a viagem independente por motivo de lazer, as entrevistadas se envolveram de forma voluntária, espontânea e sincera (Poupart, 2008), trazendo à tona um discurso significativo pelo qual

[...] no contexto de trabalho, família e *lazer*, a entrevista será considerada como ‘melhor’, e as falas do entrevistado como as mais reveladoras, se ele abordar esses temas de uma maneira mais pessoal e falar mais particularmente de sua família, de seu trabalho e de seus lazeres, na condição, evidentemente, de que essas dimensões façam sentido para ele (Poupart, 2008, p. 233).

Considerando a informação prévia transmitida às entrevistadas, além da tentativa de evitar uma estruturação anterior ao discurso, limitada ao esclarecimento do objetivo do estudo sobre a reflexão da experiência da viagem independente, as respostas quanto aos questionamentos propostos durante a entrevista foram espontâneas e diretas. Por vezes, levou-se algum tempo para que a entrevistada pudesse refletir sobre a indagação. Não admira, pois, que o material produzido pela entrevista possa ser considerado uma coconstrução, do qual tomam parte tanto o entrevistador quanto o entrevistado (Poupart, 2008).

Igualmente, procurou-se resguardar a pesquisa de possíveis vieses, evitando deformações causadas por situações que pudessem comprometer a validade e a fiabilidade do estudo. Por outro lado, concordando com Poupart (2008), a

proximidade devida a um mesmo pertencimento social é, em geral, percebida como uma condição favorável para uma boa compreensão do grupo pesquisado. Isso aconteceu como resultado de uma condição próxima da entrevistadora e das entrevistadas, especialmente no que respeite à experiência em viagem independente e do nível de escolaridade.

A entrevista semidiretiva permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, favorecendo o uso pelo pesquisador dos seus próprios quadros de referência (Quivy & Campenhoudt, 1992). Como bem ressaltam Quivy e Campenhoudt (1992), a flexibilidade do método pode induzir a uma crença em torno de uma absoluta espontaneidade do entrevistado e de uma total neutralidade do investigador.

Em contrapartida, é necessário estar atento para o que Oliveira (2006, p. 23) define como “idiomas culturais”, aspecto que pode acontecer quando há o confronto entre o mundo do pesquisador e o mundo do entrevistado. A sensibilidade e o olhar do entrevistador devem nortear esse momento para que haja compreensão dos “idiomas”. De acordo com Moroz (2006), por outro lado, a entrevista tem a vantagem de envolver uma relação pessoal entre pesquisador e o sujeito, o que favorece a possibilidade de um maior esclarecimento das questões mais ambíguas.

Observou-se ainda a qualidade e adequação dos dados que recolhemos ao considerar a riqueza de detalhes obtida nas entrevistas, pois estes constituíram uma forma de interação social que ultrapassam o âmbito das trocas verbais (Poupart, 2008). Nesse sentido, Oliveira (2006) ressalta que, durante a pesquisa de campo, deve-se considerar o facto de que,

[...] talvez a primeira experiência do pesquisador de campo - ou no campo - esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isto porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo. Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade (Oliveira, 2006, p. 19).

Pires (2008, p. 80) complementa ao frisar a importância do que ele chama de “distanciamento da subjetividade”, que consiste no afastamento e na interiorização do pesquisador. O investigador deve permitir que a outra cultura ou a cultura do outro penetre nele, e que as informações e conteúdos recebidos possam resultar em uma reflexão renovada. Na prática, isso é o exercício da empatia, do colocar-se no lugar do outro para melhor escutar, do observar ou dialogar, priorizando um olhar voltado para a experiência dos sujeitos, vertente que deve ser trabalhada (Pires, 2008).

O envolvimento do pesquisador na vivência dos sujeitos, onde ele adquire determinado conhecimento e informação, acarreta uma fecundidade recíproca, um saber que se constrói no interior de uma prática de trabalho (Deslauriers & Kérisit, 2008). É, portanto, inevitável a interpretação das ações humanas, o que justifica uma atenção aos posicionamentos psicológico e social dos sujeitos da pesquisa e do pesquisador, para que se obtenha uma correta análise dos dados coletados (Laperrière, 2008). Em uma investigação qualitativa, a fim de proporcionar mais qualidade à interação entre os sujeitos, o autor recomenda: um conhecimento aprofundado do contexto e da diversidade das perspectivas dos atores envolvidos; uma avaliação da relação entre eles; e, ao pesquisador, uma postura de escuta crítica, para que seja possível adaptar suas análises e suas atitudes (Laperrière, 2008).

Nas entrevistas, foi feita, inicialmente, a caracterização das viajantes com os dados que traçam uma identidade prévia, por meio de características específicas, como nome, idade, profissão, estado civil, filhos e local de origem. As questões abordadas nas entrevistas foram propostas com o objetivo de aprofundar a experiência da viagem independente desde as motivações dos sujeitos, passando pelo planejamento e elaboração dos roteiros, pela vivência durante a viagem, até o momento da pós-viagem, que corresponde ao tempo de reflexão sobre os benefícios e aprendizagens obtidos com a experiência. Igualmente, procuramos saber sobre outras viagens anteriores à viagem independente, além de contextualizar as informações que as caracterizam.

Em seguida, iniciamos o trabalho de categorização, que consiste em transformar os dados brutos em dados organizados, utilizando o método da análise

de conteúdo (Bardin, 1977; Guerra, 2006), criando sempre que possível um movimento alternado entre o campo e a teoria, no qual inúmeras questões relevantes foram levantadas para, posteriormente, serem trabalhadas e aprofundadas.

Nesse sentido, a revisão bibliográfica desempenha um papel importante e deve evoluir ao longo de toda a pesquisa, já que o pesquisador continuará sua investigação em função do movimento de seu objeto. Essa definição progressiva do objeto de pesquisa, a simultaneidade da coleta de dados e a análise conduzem o pesquisador à elaboração da problemática de sua pesquisa apenas no final desses processos (Deslauriers & Kérisit, 2008).

As reflexões sobre os resultados à análise das entrevistas constam no capítulo sobre a discussão dos resultados, no qual é analisado, de forma mais aprofundada, as implicações da pesquisa de campo. Efetivamente, o olhar dos pesquisadores foi-se transformando de forma processual e gradativa, ao longo da investigação. A análise das correlações existentes entre as entrevistadas possibilitou uma maior sensibilização para as questões de gênero na sua articulação com os estudos da viagem e do turismo, bem como para outros assuntos que com eles dialogam na presente investigação.

5 Processos de subjetivação de mulheres em viagens independentes: análise e discussão de entrevistas em profundidade

5.1 A Análise de Conteúdo

À luz da questão de investigação a que este estudo se dedica, neste capítulo iremos analisar os dados produzidos a partir das informações recolhidas nas entrevistas semiestruturadas que realizamos, utilizando, para o efeito, as conclusões a que chegamos ao proceder à revisão bibliográfica que apresentamos nos capítulos anteriores. Para tal, o material foi organizado e analisado em função da teoria convocada neste estudo, fazendo emergir um conjunto de categorias, com base nos resultados obtidos a partir das entrevistas.

A análise dos dados é, portanto, fruto de um conjunto de resultados organizados em unidades de sentido, os quais precedem a construção dos perfis e suas respectivas dimensões. A discussão dos resultados reflete e articula a revisão de literatura, que, por sua vez, foi realizada de maneira contínua ao longo do percurso de investigação, permitindo a criação de um olhar mais apurado sobre o objeto de estudo e contribuindo para a compreensão das particularidades que este suscita.

Entre os modos de interpretação, apreciação e análise reconhecidos no campo da pesquisa social, destacamos a teorização enraizada e a análise de conteúdo. Para Laperrière (2008), a teoria enraizada tem por objetivo inicial a elaboração de uma teoria, enraizada em determinada realidade empírica, e sua análise é apenas um instrumento para compreendê-la. Porém, os casos não são considerados em si mesmos, já que não é apenas uma descrição do fenómeno observado, mas sim uma perspectiva de descoberta, mais do que de verificação. Foi desta maneira que procedemos no presente estudo, uma vez que os perfis das viajantes independentes emergiram de uma análise pormenorizada das entrevistas realizadas feitas em profundidade, os quais suscitaram ainda a elaboração de diferentes dimensões em cada perfil, cada um deles com uma unidade de sentido em particular.

Como procedimento de pesquisa, a análise de conteúdo tem como expoente a autora francesa Laurence Bardin, professora-assistente de Psicologia da

Universidade de Paris V. Em 1977, ela lançou seu livro apresentando um conjunto de técnicas para análise das comunicações, o qual tem sido reeditado até os dias atuais. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo não tem modelo pronto, constrói-se através de um vai e vem contínuo, e tem que ser reinventada a cada momento.

A análise de conteúdo apoia-se numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento, dentro de contextos que envolvem as situações económicas e socioculturais, nas quais os emissores estão inseridos (Franco, 2008). Além disso, Franco (2008) complementa que o significado de um objeto pode ser absorvido, compreendido e generalizado a partir de suas características definidoras e pelo seu *corpus* de significação. Por outro lado,

o sentido implica a atribuição de um significado pessoal e objetivado que se concretiza na prática social e que se manifesta a partir das representações sociais, cognitivas, subjetivas, valorativas e emocionais, necessariamente contextualizadas (Franco, 2008, p. 13).

Nessa linha de pensamento, Franco (2008) acrescenta que toda análise de conteúdo (explícita ou latente) implica comparações contextuais, que devem ser direcionadas a partir da sensibilidade, intencionalidade e competência teórica do pesquisador, pois a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica. Logo, é necessário fazer a ligação entre o contexto no qual foram expressas as mensagens e o que foi dito (as mensagens em si), pois as mensagens são carregadas de componentes cognitivos, afetivos e valorativos. Tudo isso para que se tenha um resultado mais próximo e análises mais profundas, posto que a contextualização é um dos principais requisitos para garantir a relevância dos sentidos atribuídos às mensagens (Franco, 2008).

Bardin (1977) descreveu metodologicamente as etapas necessárias para a organização e posterior análise do material coletado. Inicialmente, realizamos a pré-análise de todas as entrevistas transcritas, explorando o material através de uma leitura flutuante. Inclusive, esta fase corresponde a um conjunto de buscas iniciais, de intuições, de primeiros contatos com as entrevistas, com o objetivo de elaborar um plano de análise, ou seja, a formulação dos objetivos e a elaboração de indicadores,

construídos em função das perguntas que buscamos responder que fundamentam a interpretação final.

Da leitura, emergiram algumas características comuns nas respostas dos sujeitos que agrupamos sob a designação de perfis. Neste momento existe uma grande interação entre o pesquisador e o material analisado, uma vez que é possível interpretá-lo, lendo além do que está apresentado. A partir daqui damos início à sistematização dos dados. Neste momento é frequente colocar-se a questão da robustez da categoria.

Para Ghiglione e Matalon (2005), a análise de conteúdo é, antes de tudo, uma prática social. Os autores ressaltam o esforço dos cientistas sociais em produzir uma evolução metodológica, um aperfeiçoamento cada vez maior do instrumento de análise, cujo intuito é de o tornar mais fiável e adaptado às demandas da investigação.

Assim, foram consideradas as técnicas e procedimentos necessários para garantir a fiabilidade da análise e, no contexto desta investigação, houve a necessidade de recorrer a dois codificadores externos, convidados para analisar as entrevistas e classificá-las a partir dos dados brutos fornecidos pelo investigador. O resultado final da codificação aqui apresentada é o fruto da convergência da análise de todos os codificadores envolvidos.

A sistematização dos dados corresponde à seleção das unidades de significados ou unidades de análise (grelha de análise), orientadas pelas questões e objetivos do estudo, a fim de criar condições que correspondessem aos objetivos da análise. Após termos estabilizados os perfis, classificamos os sujeitos a partir das dimensões ligadas a cada perfil, para em seguida os articular com as variáveis da idade, estado civil, maternidade, área de atuação profissional e quantidade de viagens independentes já realizadas. Em seguida, procedemos à codificação das unidades de análise, momento no qual os dados brutos foram organizados e transformados em categorias.

5.2 Análise e construção dos perfis

Com o objetivo de tentar compreender as características que compõem os sujeitos da pesquisa, bem como quais são os elementos que integram a experiência da viagem independente, procedemos à elaboração dos perfis. Os perfis emergiram a partir dos temas propostos e tratados nas entrevistas, e passaram a constituir uma estrutura conceptual que orientou uma nova interpretação e classificação dos resultados obtidos. Inicialmente foram encontrados oito perfis. Após análise pormenorizada, os perfis foram reagrupados em três perfis principais, sendo os dois primeiros compostos por três dimensões cada, possuindo o terceiro duas dimensões, conforme o quadro abaixo apresentado:

Quadro 7 Perfis da viajante independente

Perfil	Dimensão	Sentido
Exploradora	Aventureira	Procurar vivências de riscos e desafios.
	Cidadã Global	Querer integrar-se ao mundo como sujeito de direitos.
	Viagem Interior	Buscar o autodesenvolvimento.
Espiritualizada	Mística	Procurar conectar-se com a natureza e a energia do universo.
	Religiosa	Desenvolver crenças ligadas a uma determinada doutrina/instituição sobre o elevado propósito e significado da vida.
	Humanista	Articular ações e comportamentos humanos que permitam o intercâmbio cultural.
Autoperformática	Liberta	Procurar a sensação de liberdade e autonomia.
	Poderosa	Aprofundar o sentimento de empoderamento pessoal.

Os perfis foram construídos com o objetivo de organizar e sistematizar as informações do material da investigação. Entretanto, durante o processo de análise do material, recorremos de novo e simultaneamente a dois codificadores externos, os quais reclassificaram o material em função dos perfis que lhes foram fornecidos. Os resultados da análise dos codificadores externos foram geralmente consistentes com o produzido pela investigadora e, quando não houvesse acordo, foram objeto de

discussão até se encontrar uma codificação consensual. Nesse processo, foi reconhecido que as categorias, ao invés de serem estanques, assinalam prevalências que se destacam, permitindo assim uma tipificação que ajuda à compreensão do fenómeno estudado. Quer isto dizer que as dimensões atribuídas a cada perfil não têm necessariamente de ser exclusivas de cada perfil, assinalando, antes, que no respectivo perfil elas são mais salientes ou predominantes. Tal pareceu-nos proporcionar uma base descritiva adequada para aprofundarmos analiticamente a nossa questão de investigação.

O primeiro perfil estabelecido foi o da viajante Exploradora que apresenta alta motivação para a viagem independente e pretende alcançar novas experiências. As dimensões desse perfil são Aventureira, Cidadã Global e Viagem Interior. O segundo perfil é o da viajante Espiritualizada, que procura na viagem conexões e significados, crenças e práticas ligadas ao sagrado, e suas dimensões são Mística, Religiosa e Humanista. Por fim, o terceiro perfil é o da viajante Autoperformática e que se define por uma auto representação performativa, considera a viagem essencial para a transposição de fronteiras emocionais e pessoais, procurando tornar-se ainda mais autêntica através da viagem. As dimensões desse perfil são Liberta e Poderosa. Em seguida, aprofundaremos em detalhes no que consiste cada um desses perfis nas suas diferentes dimensões e qual o discurso-tipo que lhes corresponde.

a) Viajante Exploradora: a viagem e o desafio 'de mim'

O ato de viajar já sugere que o indivíduo tenha uma motivação interna para vivenciar novas experiências. Nesse entendimento, o perfil da viajante Exploradora está relacionado com a viagem e o desafio 'de mim', ou seja, está ligado à vivência de riscos e desafios; a um modo de estar e de se perceber no mundo como sujeito de direitos; sublinhando frequentemente uma busca pelo desenvolvimento pessoal.

A dimensão Aventureira diz respeito à capacidade que algumas das viajantes Exploradoras afirmam possuir de correr riscos e de se envolverem em situações desafiadoras. Está dimensão está ligada também à motivação que se

pretende alcançar com a experiência, isto é, com a qualidade da vivência que se procura, como diz a entrevistada *“tinha viagens que eu queria ir sozinha mesmo, desbravar”* (B.L., 40 anos). A viajante exploradora que sublinha a dimensão de Cidadã Global resulta de uma ampla visão e percepção do mundo globalizado, pela qual estas mulheres reivindicam seus direitos num movimento de trocas de saberes e de experiências entre culturas. Como exposto na fala de uma delas *“[...] sou cidadã do mundo, eu me viro muito rápido para algumas coisas, para pensar e resolver problema”* (J. B. 27 anos).

Para além destes aspectos, a viagem independente para algumas das viajantes exploradoras permite essencialmente ao sujeito a vivência de momentos de conexão e introspecção, que a possam levar para estados contemplativos e reflexivos, assumidos na categoria da Viagem Interior, sobretudo por estarem centrados na capacidade de repensar suas crenças e valores pessoais.

b) Viajante Espiritualizada: a viagem ‘em mim’

Para identificar de que maneira a espiritualidade está ligada à viagem independente, considerando o perfil da viagem ‘em mim’, associamos esse perfil às conexões e significados, crenças e práticas pessoais ligadas ao sagrado. Na dimensão Mística do perfil da viajante Espiritualizada surgem mulheres viajantes que parecem procurar uma interconexão do pensamento Oriental e Ocidental, pois parecem estar à procura de um outro tipo de religião ou de relação espiritual menos codificados do que aquele que tradicionalmente é o fornecido na cultura ocidental.

Isso nos leva a pensar em novos modos de comportamento que dialogam com as modernas e diferentes manifestações de religiosidade, tendo como pressuposto o sagrado, quer seja pela observação da natureza quer pela ligação a formas de energia do universo, próximo de formas culturais frequentemente referidas sob a designação de espiritualidade *new age* (Oliveira, 2010), como se encontra explicita na fala da viajante *“[...] Os últimos anos eu tenho feito muita meditação e eu acho que é muito por causa dos meus momentos quando estou sozinha nas viagens”* (T.G., 31 anos).

Já a dimensão Religiosa deste perfil, refere-se a religião, codificada e consolidada em alguma doutrina, quer seja espírita ou cristã. Pelo contrário, a dimensão Humanista do perfil da viajante Espiritualizada tem, sobretudo, o foco nas ações e comportamentos humanos em diferentes contextos culturais, a partir dos quais a interação pode vir a favorecer o crescimento pessoal e a compreensão das diferenças interpessoais e interculturais, procurando-se essencialmente a empatia e o outro cultural e socialmente diferente.

c) Viajante Autoperformática: a viagem 'além de mim'

Como vimos ao longo desta investigação, a performance é um dos principais temas emergentes durante as entrevistas, sobretudo o modo como as nossas entrevistadas consideram este aspecto como central na forma da viagem independente. Dos relatos das viajantes, foi possível extrair inúmeras reflexões em que essas mulheres construíram e interpretaram personagens; expuseram-se a riscos e julgamentos; arriscaram sem medo e, livremente, escolheram libertarem-se das amarras dos padrões sociais nos quais as mulheres estão inseridas. Percepcionaram-se no contexto da viagem independente como representando um outro tipo de mulher fora das normas convencionais e dos aspectos mais característicos neste grupo de mulheres.

No perfil da viajante Autoperformática analisamos as atitudes e os comportamentos dos sujeitos diante das situações vivenciadas ao longo da jornada, procurando identificar quais as posturas adotadas em relação com o outro e consigo próprio. Isso significa dizer que, ao transpor fronteiras emocionais e pessoais, as viajantes têm a percepção de se tornarem outras mulheres sentindo-se livres para assumirem quem são. Este é o caso da viajante que se apresenta no contexto da viagem como Liberta.

Já a dimensão Poderosa do perfil da viajante performática está relacionada com o aumento da autoestima e de um sentimento de agência obtido no desenvolvimento da viagem, tendo em vista as situações que a viagem independente

proporciona. Como se tem na fala da viajante “[...] *eu acho tudo de bom, eu acho incrível, eu acho que só tende a amadurecer, eu acho que só tende a deixar a mulher poderosa, só vai fazer com que ela faça escolhas melhores para ela e para o outro também*” (C.O., 36 anos).

5.2.1 Análise dos perfis a partir das variáveis

Após criarmos os perfis predominantes do grupo estudado, avançamos agora para uma análise mais pormenorizada, quando relacionamos os perfis com as características pessoais dos sujeitos. O perfil do grupo analisado é o de mulheres com elevadas habilitações literárias, que vão desde a licenciatura até ao grau de doutoramento. A maioria delas é solteira e não possui filhos.

Quanto à atuação profissional, a predominância se concentra na área das ciências humanas e sociais. A maior parte fez mais de três viagens independentes para o exterior e, por vezes, visitaram um número considerável de países em suas jornadas.

Com o objetivo de determinar a intensidade da frequência de uma característica em particular no discurso das nossas viajantes, assinalamos o nível de intensidade que pode variar entre fraca (I); média (II) e forte (III), de acordo com as ocorrências encontradas nesses discursos.

As variáveis que iremos considerar, de modo a compreender mais especificamente como é que certos fatores contribuem, em termos de impacto, para a aproximação ou o distanciamento das dimensões essenciais do perfil em que cada entrevistada foi incluída, são as seguintes: faixa etária, estado civil, maternidade, área de atuação profissional e quantidade de viagens realizadas. Procuraremos estabelecer uma relação (assinalada em termos de três níveis de intensidade) entre essas variáveis e a incidência que elas têm nas diferentes dimensões de cada perfil.

a) Faixa Etária

As entrevistadas foram agrupadas por faixas etárias, em três níveis: Mulheres Jovens, que engloba as mulheres com idade entre 18 e 30 anos, composto por

duas entrevistadas; Mulheres Adultas, constituído por mulheres com idade entre 31 e 40 anos, representado por sete mulheres; e o grupo de Mulheres Maduras, composto por seis mulheres com mais de 41 anos de idade.

A divisão das mulheres entrevistadas nos grupos propostos parte da hipótese de que os sujeitos apresentam, em princípio, características semelhantes e vivenciam situações comuns durante as viagens independentes em função da idade. Sem a pretensão de as classificar ou manter dentro de uma grelha rígida, o estudo privilegia as diferenças encontradas no grupo das mulheres estudadas.

A seguir, faremos a análise relacionando a característica da faixa etária com as categorias encontradas, apresentadas no Quadro 8, para que seja possível identificar e categorizar a intensidade encontrada no conteúdo dos discursos das nossas viajantes e o modo como eles variam em função da idade.

Quadro 8 Análise dos perfis em relação à faixa etária

Perfil	Dimensão	Faixa etária		
		Jovem	Adulta	Madura
Exploradora	Aventureira	II	Exploradora	Aventureira
	Cidadã Global	I	III	Cidadã Global
	Viagem Interior	-	-	Viagem Interior
Espiritualizada	Mística	-	Espiritualizada	Mística
	Religiosa	-	-	Religiosa
	Humanista	-	III	Humanista
Autoperformática	Liberta	I	Autoperformática	Liberta
	Poderosa	-	I	Poderosa

No Quadro 8 podemos observar que, quando analisado em função da faixa etária das entrevistadas, o perfil de Exploradora demonstra que as mulheres maduras se reconhecem em uma frequência média, praticamente em todas as dimensões encontradas no estudo. Nota-se que as mulheres adultas e as maduras se assemelham nos perfis, em contraste com as mais jovens, principalmente nas categorias da Cidadania Global, Humanista e Liberta. Já as jovens são mais aventureiras do que as mais velhas.

As maduras tendem a ser mais espiritualizadas, revelando com maior frequência as suas opções místicas, religiosas ou humanistas, o que acontece de modo distinto com as mais jovens, em que o tema da espiritualidade não possui muita expressividade, como podemos observar nos seguintes discursos.

Uma jovem de 27 anos afirma:

“Fui batizada na religião Católica, mas não frequento igreja, nada. Eu diria que eu não tenho religião, mas eu acredito em algo, não necessariamente em Deus, mas em algo. Às vezes eu rezo e peço a Deus, porque foi assim que eu aprendi. Mas eu acredito em algo” (J. B., 27 anos, jovem).

Já outra considera:

“Eu não sou uma pessoa religiosa, mas eu acho que isso é importante na vida da gente. Eu me faço pensar nessas coisas” (A. F., 26 anos, jovem).

Em contrapartida, para as mulheres maduras e adultas o discurso sobre as questões religiosas muda:

“Eu creio muito no poder de Deus na minha vida e, quando eu não sei, o Espírito Santo me orienta. Basta você ter a certeza que o universo, Deus, conspira a favor. Quando é a vontade de Deus para a sua vida, ele vai colocar as pessoas certas no momento certo, basta ter atitude que para mim é fé. Eu creio que vou receber” (E. R., 59 anos, madura).

“Eu creio que vem do espírito, vem dessa conexão maravilhosa que existe de coração a coração, de alma, seja como for” (A. R., 48 anos, madura).

“Acho que a minha religião é Deus, se ele é um só, pronto, eu acredito. Tenho fé em Deus, eu acho que se as coisas acontecem é porque tem que acontecer mesmo. Eu acho que a fé é uma coisa importante na vida da gente” (M. A., 38 anos, adulta).

Ainda no que diz respeito ao perfil da viajante Espiritualizada, sob o aspecto do misticismo ou sentido de espiritualidade, algumas mulheres relatam experiências significativas de *déjà vu*, que é a vivência de uma sensação familiar incongruente e ilógica, percebida diante de uma situação que lhe é estranha ou nova,

a exemplo das viajantes adultas e maduras, como se constata nos seguintes depoimentos:

“Acontece muito de estar em determinado local e vir um déjà vu, um flash. Passei por uma cartomante que eu tinha certeza que já tinha consultado. Ela chamou o meu nome, achei muito estranho e voltei, e pedi para ela colocar as cartas para mim. Ela adivinhar meu nome é fora do comum, e foi uma experiência muito boa [...] É mais o déjà vu mesmo, de ter passado por ali, saber como é. Às vezes, eu vejo determinada rua e vejo tal café, e, mesmo sem eu saber, existe. São coisas que parece que me levam para o caminho e eu sempre as sigo” (R. L., 33 anos, adulta).

“É uma coisa que você está vendo pela primeira vez, mas parece um pouco familiar, é aquela sensação de ter vivido isso... como uma memória passada” (M. A., 38 anos, adulta).

“Eu também tive como que um déjà-vu, como se diz, e era como se eu já tivesse passado por ali. Essa sensação, eu reconheço-a de algum lugar, eu não sei dizer como, eu não sei explicar porque essas coisas não têm explicação e vão de acordo com a crença de cada um” (A. R., 48 anos, madura).

Por outro lado, a viagem independente pode favorecer momentos de intimidade interior, introspecção e simultaneamente de conexão com o ambiente exterior pela observância da natureza e do modo de vida da população local visitada, e pelas diversas formas de expressão de beleza. Assim, os estados contemplativos e reflexivos estão presentes nos discursos das mulheres maduras, mas ausentes nas mais jovens, talvez por já terem atingido uma maturidade emocional, como no seguinte exemplo:

“A natureza invadiu o meu corpo de uma forma tão grande que eu comecei a chorar, eu não aguentei a força da natureza, a força do lugar. E mexeu com a minha espiritualidade, mexeu com o meu emocional” (A. S. J., 51 anos, madura).

Já no perfil da viajante Autoperformática, a percepção de liberdade das viajantes menos jovens parece aumentar com a maturidade. Observamos no grupo estudado uma forte aspiração em ‘ser eu mesma’, muito mais evidente nos discursos das mais velhas. Com efeito, para as jovens, a liberdade provocada pela viagem

independente tem uma força e um significado bem menor do que para os grupos das mulheres adultas e maduras, justamente por essas últimas serem capazes de vislumbrar uma série de outros caminhos e possibilidades de escolhas de vida. Essas mulheres, via de regra, assumem o risco de não se “encaixarem” nas normas sociais estabelecidas, como está bem explícito numa viajante por nós entrevistada: *“Aqui eu estou sempre sendo vigiada, fazendo caras e bocas. E quando eu viajo não. Sou eu mesma, de verdade”* (C. O., 36 anos, adulta).

Ou ainda outra que afirma sobre o que sente na viagem independente:

“Sensação de poder, de que eu posso, de estar no comando da própria vida. Eu tenho muito orgulho de mim, de fazer essas viagens e me sentir bem. Só tende a amadurecer, a deixar a mulher poderosa” (F. T., 41 anos, madura).

Ou até uma viajante adulta que afirma:

“Mas é tanta coisa para ver, para fazer, que eu tento me focar nisso. Porque a liberdade de ir para qualquer lado [...] ter essa autonomia é a melhor coisa” (D. B., 38 anos, adulta).

b) Estado Civil

As mulheres entrevistadas foram agrupadas em dois grandes grupos, considerando o seu estado civil: onze mulheres no grupo das solteiras e quatro mulheres no grupo das casadas, sendo que no grupo estudado não existem mulheres divorciadas ou viúvas. Como se pode verificar, o grupo por nós estudado é composto, maioritariamente, por mulheres solteiras, o que não deixa de ter uma importância e sentido decisivos nos seus discursos, matéria que discutiremos mais à frente na nossa discussão. Entretanto, procedemos à análise dos perfis das nossas viajantes em face do seu estado civil, cujos dados são apresentados no quadro que se segue.

Quadro 9 Análise dos perfis em relação ao estado civil

Perfil	Dimensão	Estado civil	
		Solteiras	Casadas
Exploradora	Aventureira	-	Exploradora
	Cidadã Global	III	III
	Viagem Interior	III	-
Espiritualizada	Mística	I	Espiritualizada
	Religiosa	-	-
	Humanista	-	I
Autoperformática	Liberta	III	Autoperformática
	Poderosa	-	I

No quadro 9 podemos observar que, na categoria Exploradora, as solteiras usam as suas jornadas independentes para realizarem as suas viagens interiores, voltadas para o autoconhecimento e para uma espiritualidade ligada ao misticismo. Já as casadas demonstram perceber o mundo a partir do livre acesso às fronteiras, numa perspectiva mais humanista, de relações entre diferentes culturas. As solteiras manifestam um comportamento mais livre que as casadas, que, por sua vez, registram um sentimento de poder, como atributo de suas viagens independentes. Nas falas das solteiras, temos:

“Pode ser clichê falar, mas essa questão do autoconhecimento é legal mesmo. De você saber conviver com você mesma, isso é muito bom. Tipo, você ir para a praia sozinha, pegar um livro, ouvir uma música, e se bastar” (J. B., 27 anos, solteira).

“[...] pensar sobre a minha vida e sobre o que eu estava fazendo ali. O que aquilo ali iria contribuir para a minha vida e tal. Refletir um pouco” (T. G., 31 anos, solteira).

Já para as casadas, a situação é diferente, como se pode ver abaixo:

“Eu me lembro de ter passado uma tarde inteira conversando com um monge budista num templo subterrâneo. E foi uma das coisas mais maravilhosas que eu já fiz na vida. Conversar com um monge, que é uma pessoa como qualquer outra pessoa [...] mas para mim isso foi muito importante, ver a dimensão humana” (H. C., 33 anos, casada).

“E nessa situação você só pode ter fé no ser humano, que ele vai te levar para o lugar certo. Porque podia acontecer qualquer coisa, ele me levar para outro lugar e eu ser estuprada, sequestrada, e eu estava absolutamente sozinha” (B. L., 40 anos, casada).

c) Maternidade

A maior parte das mulheres entrevistadas não possui filhos. Dentre as que possuem, apenas uma delas foi mãe recentemente; as demais são mães de adolescentes e adultos. O grupo das mulheres com filhos é composto por quatro entrevistadas e as sem filhos formam um grupo de onze entrevistadas e a análise dos perfis em relação à maternidade é apresentada no Quadro 10:

Quadro 10 Análise dos perfis em relação à maternidade

Perfil	Dimensão	Maternidade	
		Com filhos	Sem filhos
Exploradora	Aventureira	-	III ¹
	Cidadã Global	II	I
	Viagem Interior	III	I
Espiritualizada	Mística	-	I
	Religiosa	I	-
	Humanista	I	I
Auto performática	Liberta	-	III
	Poderosa	-	I

Um aspecto que merece atenção neste estudo é o movimento dinâmico apresentado no perfil daquelas que não possuem filhos. Elas são essencialmente Aventureiras, inclinadas ao desbravamento, mas também apresentam características de Cidadã Global e de Viajantes da Interioridade. Já as mães parecem vivenciar suas jornadas de forma independente, sobretudo em momentos de Viagem Interior.

Esse dado encontramos nos discursos das nossas viajantes sem filhos:

“Eu chegava assim, só para fazer a minha reserva na hora. Ah, eu vou pagar e agora eu vou dormir. Ia renovando por cada dia, mas eu não tinha feito reserva, era só assim [...] Aí

¹ O nível de intensidade varia entre fraca (I); média (II) e forte (III).

eu cheguei lá e ele disse: 'não tem, não tem vaga'. 'O quê? Não tem vaga?'. Eu não sabia falar direito, aí veio um rapaz mexicano tentar me ajudar, eu só sei que não teve jeito. Aí eu disse: 'está bom, eu vou dormir na rua, porque não tem lugar para eu ficar'" (T. G., 31 anos, sem filhos).

"A noite inteira acordada, mochilas nas costas. Eu também não tinha hotel em Imperia. Ia passar o dia em Imperia, pegar outro trem noturno, voltar para Roma, para poder pegar o trem e ir para Florença. Só em Florença é que eu teria um albergue" (A. F., 26 anos, sem filhos).

Já uma entrevistada de 45 anos, mãe, tem uma perspectiva diferente:

"Eu tenho uma facilidade muito grande de me adaptar, então esse sozinha não é algo que me incomoda. Eu sou de muito fácil adaptação. [...] então essa solidão, para mim não é uma solidão. Eu sinto-me bem, viajando sozinha também" (M.T., 45 anos, mãe).

No perfil da viajante Espiritualizada, tanto as mães quanto as sem filhos tendem a perceber a espiritualidade na perspectiva da dimensão humana, isto é, no vivenciar experiências transcendentais, tendo como base as relações humanas e os encontros com culturas e crenças diferentes das suas. Isso nos leva a presumir que a maternidade traz a essas mulheres uma ligação maior com os valores da humanidade, talvez porque sejam com esses valores que elas lidam com os filhos. No caso das que não possuem filhos, o humanismo parece estar tendencialmente ligado às trocas interculturais.

Quanto ao perfil das viajantes Autoperformáticas, as mães não revelam as suas performances de maneira significativa. Entretanto, as mulheres sem filhos apresentam uma sensação de liberdade bastante expressiva, somada a um empoderamento, talvez pelo facto de não possuírem compromissos filiais. Esse perfil vai ao encontro das percepções das mulheres solteiras, pois, como vimos, as solteiras também se comportam de uma maneira mais independente, conforme podemos verificar nos seguintes depoimentos:

"Eu sempre me sinto uma pessoa mais forte e mais independente, sempre fico planejando uma nova viagem. Fico refletindo naquilo que eu fiz na viagem, mesmo no sentido

de eu ter conseguido me virar sozinha. Isso para mim também é muito importante, isso faz com que eu me sinta bem, me sinta uma mulher poderosa” (T. G., 31 anos, sem filhos).

“De poder. Sensação de que eu posso. De estar no comando da própria vida, da independência. Uma coisa que eu busquei tanto toda a minha vida, essa coisa da independência” (C. O., 36 anos, sem filhos).

“Eu me sinto o máximo. Eu me sinto orgulhosa, porque isso é também exercitar valores que eu acredito e preconizo na vida, principalmente de independência, empoderamento e capacidade feminina” (B. L., 40 anos, sem filhos).

d) Áreas de atuação profissional

As áreas de atuação dos sujeitos e a análise do modo como variamos os perfis das nossas viajantes independentes, considerando essas áreas de atuação, são apresentadas nos Quadros 11 e 12, respectivamente.

Para examinarmos as entrevistadas em função das suas profissões, dividimos o grupo em três principais áreas: Artes (dança, teatro e escultura) e Ciências da Saúde (psicologia, medicina e odontologia), com três participantes em cada; e Ciências Humanas e Sociais (ciências sociais, jornalismo, sociologia, educação, turismo, administração, arquitetura e engenharia ambiental), no qual pertence a maior parte das nossas viajantes. No quadro abaixo, analisamos a área de atuação profissional relacionada ao perfil das viajantes:

Quadro 11 Análise dos perfis em relação às áreas de atuação

Perfil	Dimensão	Áreas de atuação profissional		
		Artes	Ciências da Saúde	Ciências Humanas e Sociais
Exploradora	Aventureira	I	Exploradora	Aventureira
	Cidadã global	I	I	Cidadã global
	Viagem Interior	I	I	Viagem Interior
Espiritualizada	Mística	I	Espiritualizada	Mística
	Religiosa	-	I	Religiosa
	Humanista	I	-	Humanista
Performática	Liberta	I	Performática	Liberta
	Poderosa	-	-	Poderosa

Como vimos no quadro acima, podemos inferir que no Perfil Exploradora, as Artistas transitam de maneira sutil em todas as categorias do perfil, como também as das Ciências da Saúde, porém de maneira menos intensa. Já as mulheres ligadas às Ciências Humanas e Sociais manifestam uma forte tendência para praticarem a cidadania global, o que aparece explicitamente no discurso de uma das nossas entrevistadas:

“Nós somos cidadãos. Eu nasci geograficamente no Brasil, o que não significa que eu esteja impedida de conhecer o território Alemão, porque a minha língua, ou a minha cor de pele, ou a minha nacionalidade o possam impedir” (M. C., 55 anos, cientista social).

Ou ainda uma outra, ao afirmar que:

“Eu sempre fui uma criança extremamente curiosa. É da minha natureza ser curiosa, ser uma pessoa independente, na medida do possível, e uma pessoa muito interessada em outras culturas, em pessoas, história e estudos sociais. Desde pequena via na televisão programas de viagens, não como os documentários de hoje” (B. L., 40 anos, antropóloga).

De um modo pouco inesperado, justamente pelas questões humanas que são inerentes às suas áreas de atuação, as mulheres que pertencem ao grupo das Ciências Humanas e Sociais também se mostram mais sensíveis ao encontro com o outro, por meio da cultura e do intercâmbio que dele resulta. Ainda em relação ao grupo de mulheres das Ciências Humanas e Sociais, como resultado da análise, a frequência e a intensidade com que elas apresentam as suas performances e experimentam o sentimento de liberdade são bastante relevantes, especialmente por serem diferentes das Artistas e das mulheres das Ciências da Saúde.

Veja os termos em que uma delas expõe essa situação:

“Na verdade, o que é bom são as pessoas. São as pessoas, não é só o destino. As pessoas que você conhece, porque tem gente que agrega na sua vida, em quatro dias que você convive com aquela pessoa [...] que ensina você a ser melhor como pessoa. Então, não é só o destino. Eu acho isso realmente, nas viagens é a cultura, é tudo. Mas as pessoas também lhe agregam valor” (M. A., 38 anos, professora).

e) Número de viagens independentes

Outra variável analisada neste estudo diz respeito ao número de viagens independentes realizadas pelas mulheres entrevistadas, saindo do Brasil com destino ao exterior. Identificamos que três, das quinze mulheres fizeram uma viagem; quatro viajaram duas vezes; e oito realizaram mais de três viagens para fora do Brasil. Esses dados são muito significativos se considerarmos o alto custo do investimento financeiro necessário para realizar um projeto de viagem ao exterior. Além disso, é um dado bastante substancial aquele que corresponde às mulheres que viajaram mais de três vezes de um modo independente. No quadro a seguir faremos a análise da variável dos perfis de viajantes em relação ao número de viagens independentes:

Quadro 12 Análise dos perfis em relação ao número de viagens independentes

Perfil	Dimensão	Número de viagens		
		01	02	+ 03
Exploradora	Aventureira	II	Exploradora	Aventureira
	Cidadã Global	-	II	Cidadã Global
	Viagem Interior	II	II	Viagem Interior
Espiritualizada	Mística	-	Espiritualizada	Mística
	Religiosa	I	-	Religiosa
	Humanista		II	Humanista
Autoperformática	Liberta	I	Autoperformática	Liberta
	Poderosa	-	-	Poderosa

Para esta análise, consideramos a iniciativa, a preparação, a decisão e a determinação exigidas das viajantes para concretizar o projeto da viagem independente. Nesse sentido, o que para nós é relevante é a atitude após uma decisão importante, que prevê, entre outros comportamentos, uma certa coragem e ousadia. Algumas delas planejaram viagens longas e conheceram inúmeros países em uma só jornada, em especial o continente europeu. Para outras, a decisão foi-se consolidando aos poucos, em cada viagem, com o aumento da autoconfiança nas experiências.

Analisando o Quadro 9, no perfil Exploradora, parece que quanto maior o número de viagens, mais essas mulheres se reconhecem como cidadãs do mundo. Por outro lado, tudo indica que a Viagem Interior é um dos ganhos iniciais para aquelas

que começaram o projeto de viajar sozinha. Podemos afirmar que à medida que desbravam o mundo interior e mergulham numa maior intimidade consigo mesmas, o mundo exterior torna-se ainda mais convidativo, numa ânsia por mais experiências gratificantes. Encontramos essa inferência nos seguintes relatos:

“Venho me preparando para ser uma cidadã do mundo mesmo. Então, devido às viagens que eu fiz sozinha, hoje em dia eu me sinto muito mais segura para morar em qualquer lugar do mundo” (T. G., 31 anos, mais de três viagens).

Ou ainda:

“Fico pensando na próxima. Vira um vício!” (D. B., 38 anos, mais de três viagens).

No perfil da viajante Espiritualizada, a percepção e sensibilidade para as questões interculturais se ampliam proporcionalmente ao aumento do número de viagens, manifestos na categoria humanista. No perfil da viajante Autoperformática, podemos inferir que à medida que aumenta o número de viagens aumenta também a sensação dessas viajantes se sentirem livres e poderosas. Vejamos:

“Quando eu viajo, eu vivo de verdade. Sou eu no estado mais bruto e um estado bruto encantador [...] existe uma linguagem muito maior, de você entender o outro, de se colocar no lugar do outro, da sensibilidade” (C. O., 36 anos, mais de três viagens).

5.3 Características comuns em todos os perfis

Com base numa exploração fina e aprofundada dos dados coletados nas entrevistas, concluímos que o grupo de brasileiras estudado possui, apesar das diferenças até aqui apontadas, muitas características semelhantes. E entre as características que se destacam como comuns a todas as mulheres deste estudo emergiram os mais diferentes aspectos dos processos de subjetivação dessas mulheres no contexto das viagens independentes (Focault, 1993). Após a análise cuidadosa do material classificamos essas características em favoráveis e desfavoráveis aos processos de subjetivação dessas mulheres.

As características gerais, que a seguir apresentamos, embora não apareçam nos discursos de todos os sujeitos, estão presentes na maioria deles e atravessam as variáveis por nós estudadas. As características favoráveis aos processos de subjetivação as quais temos vindo a referir, são a emancipação e o empoderamento. Os traços desfavoráveis a esse processo que podem ser encontrados em seus discursos são o cerceamento e o constrangimento.

A heteronomia surge como uma questão central, ainda em relação às características comuns, e apresenta a importância e o valor dados pelas viajantes ao olhar do outro sobre elas próprias, enquanto viajantes independentes. Ou seja, a heteronomia diz respeito ao modo como essas mulheres se sentem quando percebidas por familiares e amigos, observando quais os efeitos diretos e indiretos do julgamento e percepção de terceiros quanto aos seus projetos de viagem independente.

5.3.1 Potencialidades do processo de subjetivação

a) Emancipação

No grupo de mulheres estudadas foram encontradas algumas semelhanças que, em menor ou maior intensidade, se manifestaram em todos os discursos. Os sujeitos expressam autonomia em diferentes níveis pessoais, sejam o emocional, o financeiro e o intelectual, e consideram-se, portanto, mulheres emancipadas. A independência emocional é demonstrada como pressuposto de inexistência de barreiras e/ou apego afetivo que impeçam as mulheres de levarem adiante o seu projeto pessoal de viagem independente. Vejamos o que nos diz uma delas:

“Quando termina uma viagem eu estou super satisfeita, porque eu conheci tudo o que eu queria, quando eu não conheço algo que eu quero, eu deixo uma pendência para na próxima viagem, para ser a primeira coisa que eu faço. Mas tirando isso, só experiências boas mesmo, não tenho nada ruim de uma viagem para outra, e vai melhorando, cada viagem é uma mochila a mais que você carrega nas costas de conhecimento” (R. L., 33 anos).

Ou ainda:

“eu cresço mais como mulher, a ser mais independente emocionalmente” (C. O., 36 anos).

Já a autossuficiência financeira está ligada ao facto de possuírem condições económicas, bem como de não dependerem financeiramente de terceiros para concretizarem uma viagem independente. Já a independência quanto ao nível intelectual diz respeito ao grau de conhecimentos gerais e específicos que tornam as mulheres livres para se expressarem e se sentirem autênticas.

b) Empoderamento

Outro aspecto comum em todas as entrevistas, em maior ou menor intensidade, é o que podemos designar por empoderamento. As nossas viajantes afirmam que só o facto de viajarem sozinhas, num projeto desses, já se sentem empoderadas. Ou seja, são emancipadas, se sentem empoderadas e se consideram alvo do olhar do outro, tornando-se, em muitos casos, constitutivo de sua própria liberdade e empoderamento. Desse modo, a emancipação e o empoderamento trazem a essas mulheres uma maior consciência da sua excentricidade e iniciativa, o que as tornam sensíveis ao olhar do outro.

A flexibilidade é aqui admitida como uma qualidade essencial para as mulheres que buscam viver mais intensamente a experiência da viagem, valorizando a aprendizagem do convívio consigo mesmas e com os desafios desse tipo de experiência, que podem resultar numa expansão de suas visões de mundo. Quando analisamos os discursos dessas mulheres, encontramos inúmeros depoimentos que ilustram esse processo. As nossas entrevistadas afirmam obter com a viagem independente um benefício que se traduz no crescimento intelectual, fruto do intercâmbio cultural. Elas levam essas aprendizagens para o campo profissional, como é exposto por uma delas:

“No trabalho é bárbaro, porque eu sempre volto com um monte de ideias” (C. O, 36 anos).

Além disso, é muito forte a dimensão imaterial de suas experiências, ao reconhecerem a viagem independente como um espaço que favorece a autossuperação e o enfrentamento do desconhecido:

“Eu venci o medo que tinha de várias coisas... rompi fronteiras... você se sente uma pessoa mais capaz, quebra barreiras, preconceitos, uma série de coisas” (E.R, 59 anos).

A viagem independente tem um papel de renovação e de reciclagem, pois: *“revitaliza a alma, rejuvenesce, dá alegria de viver (risos)” (F.T, 41 anos).*

Portanto, o reforço da autoestima, o crescer e o expandir-se são os principais ganhos dessas mulheres nos seus processos de subjetivação em contexto da viagem independente.

5.3.2 Obstáculos aos processos de subjetivação

a) Cerceamento

Como características comuns menos favoráveis, observamos na maior parte dos discursos das entrevistadas alguns aspectos que merecem atenção e aprofundamento, pois trazem à discussão assuntos constantemente abordados nos pressupostos feministas e nas reflexões de gênero, de uma forma global. A questão do pressuposto cultural de disponibilidade para o sexo, sobretudo quando jovens e solteiras, é sublinhada nos seguintes depoimentos:

“Por ser mulher, já há umas abordagens um pouco ruins... mas mais por ser brasileira do que apenas por ser mulher... em viagem ocorre muito... quando eu falo que sou brasileira... muita gente acha que você é prostituta... teve gente que já perguntou ‘quanto você cobra à hora?’... uma vez eu fiquei com medo... no Peru, quando eu cheguei num deserto, num oásis lá, eu cheguei à noite... Minha única opção era pegar um táxi para o hotel, aí o taxista

falou 'ah, brasileira, sozinha, né?'.. eu disse 'não, eu vou encontrar meu namorado que está no hotel... minhas amigas'... você começa a inventar um monte de coisas!" (J. B., 27 anos);

Ou ainda:

"em Florença... numa loja de couro... olhando as peças... até que eu sinto uma mão na minha cintura... era o vendedor... eu não suporto que me toquem... o meu corpo sendo literalmente invadido... mas tem aquela coisa, você tem que se proteger, você está num lugar estrangeiro, não adianta, eu não vou mudar a cabeça de um indivíduo... interessa a mim, o meu corpo... a minha viagem tem que seguir" (A. F., de 26 anos).

b) Constrangimentos

Para além de suscetíveis ao tipo de situação que acabamos de descrever, as entrevistadas partilharam uma série de experiências em que se sentiram constrangidas, como naquelas em que viveram sentimentos de humilhação, medo e raiva. A maneira como elas reagiram aos acontecimentos e situações imprevisíveis, vivenciadas ao longo de suas jornadas solitárias, leva-nos a refletir ainda mais sobre as questões centrais tratadas nos estudos de género.

O constrangimento por ser mulher, solteira, viajando de forma independente pode ser percebido no relato da entrevistada F. T., 41 anos:

"a volta de Punta Cana para Madrid. Em uma semana eu planejei a viagem e isso era muito complicado para eles (Serviços de Controlo de Passageiros) entenderem. Eu acho que eles estão acostumados a lidar com pessoas, famílias, que têm a necessidade de planejar a viagem com maior antecedência, e eu compreendo. É diferente de estar sozinha e olhar a oportunidade de um voo. E eu travei. E ele perguntou: quando você comprou a passagem? E eu falei: semana passada. E ele: 'como é que você vai viajar e compra a passagem uma semana antes?' 'Sim! '. E isso era um absurdo. Eu achei essa uma condição diferente, que para uma família viajar é diferente de uma pessoa sozinha. Eu achei isso um bocado constrangedor. E aí eles me levaram para uma sala, olharam minha mala, eu mostrei carteirinha que eu era professora universitária,

eles foram checar a informação. É o trabalho deles, mas eu acho isso um constrangimento”, desabafa.

O planejamento para uma viagem tem características muito específicas quando se trata de uma viagem independente. Vejamos outro relato que trata claramente do mesmo tipo de constrangimento:

“A única vez, que foi a minha primeira vez que eu vim aqui a Portugal, fui barrada na Imigração. Eles me perguntaram o que eu vinha fazer aqui. E eu disse: ‘Ah, eu vim passear’. Enfim, passear. Eu não sabia que era uma coisa muito feia (risos). Eles dizem que passear é outra coisa, acho que é bordejar, no sentido negativo. Eu podia vir fazer qualquer coisa, menos passear (risos). E aí o moço que fica ali do lado chamou o policial e pronto, aí ele me perguntou o que eu vinha fazer aqui e aí eu tive que explicar tudo. E aí ele me perguntou se eu tinha trazido dinheiro, se tinha alguma carta convite de alguém, não sei o quê, não sei o que lá” (M. A., 38 anos).

Analisados os pontos anteriores a partir da categorização apresentada, bem como as variáveis que considerámos significativas na explicitação de incidências particulares influentes no discurso das entrevistadas, cumpre agora proceder à discussão dos dados e resultados apresentados. Desta forma, procederemos a uma articulação entre o aparato teórico convocado nos capítulos iniciais desta investigação e os resultados obtidos através da análise de conteúdo das entrevistas.

5.4 Discussão dos resultados

No sentido de respondermos à questão central do nosso estudo e compreendermos como se dão os processos de subjetivação de mulheres em viagens independentes, procuramos detectar a preponderância dos perfis encontrado em variáveis que consideramos relevantes no que diz respeito às características do grupo estudado, apoiados por um vasto referencial bibliográfico, além dos discursos das entrevistadas. O acentuado processo de subjetivação das viajantes deste estudo se tornou claro ao longo de toda esta investigação. A partir de então, diversos temas transversais às questões de género surgem para compor o quadro teórico no qual

assentam os resultados encontrados em seus discursos. De facto, as narrativas dão o tom que delineiam o tónus da viagem independente para este grupo em particular.

Uma vez feita a análise dos perfis das viajantes, procederemos à discussão acerca dos resultados encontrados. Para melhor sistematização da discussão que será apresentada organizaremos as mesmas em temáticas e com base estrutural no aporte teórico construído no decorrer do estudo, inicialmente apresentaremos dados que apresentem as similaridades para em seguida pontuar as diferenças encontradas nos perfis e suas respectivas dimensões, classificando-as com as variáveis do estudo. Nesse entendimento, para obtermos uma melhor exposição analítica do material por temática, a discussão será feita por perfil, tratando de maneira transversal e dialogada com os temas principais que orientam este estudo, quais sejam: género e performance, a viagem independente no feminino e o ócio e os processos de subjetivação.

Para integrar o resultado das análises feitas no estudo, elencamos as principais diferenças ao cruzar os perfis emergentes com as características dos sujeitos, tendo em vista uma análise pormenorizada dos seus discursos. No quadro abaixo apresentamos uma visão geral das relações de maior e de menor intensidade após esse cruzamento, ou seja, identificamos quais são as características dos sujeitos expressas em maior e em menor frequência, em cada perfil encontrado no estudo. Importa esclarecer que, se não há menção à relação entre o perfil e a característica da viajante, isto quer dizer que não há diferença significativa.

Quadro 13 Frequência de variáveis em cada perfil

Perfil	Maior frequência	Menor frequência
Exploradora	Sem filhos Solteiras Com duas ou mais viagens Ciências Humanas e Sociais	Mães Casadas Com uma viagem Artistas Ciências da Saúde
Espiritualizada	Maduras Ciências Humanas e Sociais	Jovens Ciências da Saúde
Autoperformática	Adultas Solteiras Hiper viajadas Sem filhos Ciências Humanas e Sociais	Jovens Casadas Mães Artes e Ciências da Saúde

5.4.1 Características comuns em todos os perfis

No geral, as viajantes por nós estudadas têm em comum um perfil de mulheres emancipadas, nomeadamente pelo viés financeiro, intelectual, profissional e/ou emocional. Além da viagem independente empoderar as mulheres, ela também exerce um forte impacto nos seus processos de subjetivação e deixa lastro para além do seu término. Ainda assim, inúmeros são os desafios vivenciados pelas viajantes, nomeadamente o sentimento de serem cerceadas em seu livre arbítrio e os constrangimentos e assédios experimentados por sua condição de ser mulher e viajante independente, como analisaremos ainda na discussão que se segue.

a) Possibilidades emergentes do processo de subjetivação

Entre as possibilidades que emergem dos dados tendo como base o processo de subjetivação das viajantes, as características comuns encontradas nos perfis são a emancipação financeira, intelectual e emocional, o empoderamento e a liberdade que resultam da autonomia. Portanto, as semelhanças foram manifestadas, em menor ou maior intensidade, em todos os discursos. Os sujeitos expressam autonomia em diferentes níveis pessoais, sejam o emocional, o financeiro e o intelectual, e consideram-se, portanto, mulheres emancipadas. A independência emocional é demonstrada como pressuposto de inexistência de barreiras e/ou apego afetivo que impeçam as mulheres de levarem adiante o seu projeto pessoal de viagem independente.

A viagem independente tem um papel de renovação e de reciclagem. Portanto, o reforço da autoestima, o crescer e o expandir-se são os principais ganhos dessas mulheres nos seus processos de subjetivação em contexto da viagem independente, como podemos observar nos discursos:

“[a viagem] abre um leque de oportunidades para você. Você se torna mais independente, se reflete em coisas intangíveis, que é rapidez de raciocínio, flexibilidade, criatividade, porque você aprende a ‘think outside the box’, como dizem os ingleses. Essa

experiência de você enfrentar, porque é um enfrentamento, outras culturas...E eu nunca tive medo de enfrentar o que eu não conheço” (B.L., 40 anos);

“Tanto no [lado] profissional como no pessoal, você vê como uma oportunidade em tudo, desde como você pega um ônibus, até como o pessoal trabalha. Eu acho que é pura aprendizagem. Abre a criatividade, sua cabeça, suas ideias” (D.B., 38 anos);

“[com a viagem] eu cresço mais como mulher, de ser mais independente emocionalmente... eu descubro muitas qualidades minhas através de outras pessoas, nos adjetivos que eu jamais pensei que eu teria...isso me dá uma identidade maior... nessas minhas viagens é algo que eu reforço muito, a minha independência, de estar no comando da minha própria vida, dessa sensação de poder, de que eu posso sim dar conta de mim, mesmo eu estando sozinha, mas sozinha no bom sentido” (C.O., 36 anos).

Outros aspectos em comum encontrados nas viajantes brasileiras estão relacionados com o bem-estar e sensação de felicidade, resultantes da viagem. Para identificar essas características comuns, tomamos por base o estudo de Peterson e Seligman (2004), sobre as forças que encorajam e resultam em aspectos de bem-estar subjetivo (felicidade) para o indivíduo, quais sejam: aceitação de si mesmo; reverência pela vida; saúde física e mental, respeito pelos semelhantes, entre outros. Isso significa que uma força pode ser manifestada pelo sujeito de diversas formas, tanto por pensamentos e sentimentos, quanto por ações, desde que possam ser acedidas. As viajantes apresentam muitas dessas forças, as quais se expressam nas diversas aprendizagens de caráter geral e particular, articulados com a interação cultural e o autodesenvolvimento. Essas forças são apresentadas nas inúmeras situações relatadas, o que nos leva a refletir sobre os mais variados ganhos subjetivos da viajante independente.

Os resultados aplicados apresentam que, das vinte e quatro forças elencadas pelos autores, as viajantes deste estudo apresentaram quinze delas. Isso para dizer que são mulheres flexíveis e que parecem buscar viver mais intensamente a experiência da viagem, valorizando não só a aprendizagem do convívio consigo mesma, mas também com os desafios dessa experiência, que pode resultar numa expansão de suas visões de mundo.

A realidade que emerge da análise dos dados se traduz em inúmeras nuances que a viagem independente possui, com foco no caráter subjetivo. Essa subjetividade enseja o desenvolvimento de uma maior autoconsciência, que pode motivar incontáveis expressões, significados, intensidades, tensões e contradições na prática do lazer (Cuenca Cabeza, 2005; Trigo, 2010; Monteagudo *et al.*, 2014; Hollande, 2013). De um modo geral, as entrevistadas possuem o que Dolan (2014) descreve como elementos que geram a felicidade: o propósito, que consiste na vontade de viajar sozinha e o prazer que elas sentem ao realizar esse projeto pessoal, ainda que existam desafios inerentes a esse tipo de viagem.

No modelo de Peterson e Seligman (2004) aplicado a este estudo, a experiência de felicidade encontrada nas mulheres, durante a viagem independente, percorre um caminho que tem início na virtude, que os autores classificam de Sabedoria e Conhecimento, de forma mais substancial, o que se justifica pelas elevadas habilitações acadêmicas que possuem. Para além disso, as entrevistadas exercitam as forças que estão ligadas essencialmente às virtudes da Coragem, através da qual alcançam a Transcendência. As virtudes da Humanidade, Justiça e Temperança têm menor importância nos seus discursos, talvez porque a viagem independente recaia, sobretudo, em dimensões de felicidade mais íntimas e subjetivas.

b) Obstáculos aos processos de subjetivação

Entre as características comuns menos favoráveis aos processos de subjetivação das viajantes, temos os constrangimentos, limitações e riscos a que elas estão submetidas e inseridas. Observamos na maior parte dos discursos das

entrevistadas alguns aspectos merecem atenção e aprofundamento, pois trazem à discussão assuntos constantemente abordados nos pressupostos feministas e nas reflexões de género, de uma forma global, como por exemplo, a questão do pressuposto cultural de disponibilidade para o sexo, sobretudo quando jovens e solteiras. Para além de suscetíveis a esse tipo de situação, as viajantes partilharam uma série de experiências em que se sentiram constrangidas, como naquelas em que viveram sentimentos de humilhação, medo e raiva. A maneira como elas reagiram aos acontecimentos e situações imprevisíveis, vivenciadas ao longo de suas jornadas solitárias, leva-nos a refletir ainda mais sobre as questões centrais tratadas nos estudos de género. Como bem denuncia Yang (2017, p. 142) sobre as mulheres asiáticas que viajam sozinhas, observadas como se estivessem à procura de riscos, pelo facto de que “sua solteirice estar sendo examinada pela faixa coletiva”.

Entendemos que o planeamento para uma viagem tem características muito específicas quando se trata de uma viagem independente. Vejamos alguns relatos que tratam claramente do mesmo tipo de constrangimento:

“Eu acho que é um pouco de tudo... por ser mulher primeiro... tu sentes que a tua condição está um pouco mais frágil, vulnerável, talvez” (A.F., 26 anos).

A viajante R. L., 33 anos, reconhece os seus receios e admite *“Pode ser um lado meu que precise de proteção, mas eu prefiro, por estar só... eu acho que a noite não é muito legal sair. Então toda a minha programação é mais durante o dia. Eu tenho receio de andar a noite só”*.

“Eu acho que tem por eu ser mulher e brasileira...eu não gosto desse tipo de abordagem porque eu não sou uma nacionalidade, entende? Eu sou uma pessoa...já chega perguntando...eu não sei, para mim, a intenção nunca é positiva, entende?”(M.A., 38 anos).

“Ainda é um preconceito grande... no avião por exemplo, tinha um senhor que não parou de falar em nenhum momento. Pelo facto da pessoa estar sozinha, ela está disponível”(E., 59 anos).

F.T., 41 anos, percebeu que o tratamento é diferente quando se trata de uma mulher brasileira: *“a questão de ser mulher brasileira pesa muito também... te deixa em*

evidência, talvez. Dá uma diferenciada... É algo que se destaca... a questão da mulher brasileira, da sensualidade, eu acho que isso está no imaginário em geral... em Portugal é mais evidente”.

No entanto, existe um aspecto importante a destacar, no que diz respeito aos constrangimentos e limitações a que estão sujeitas essas mulheres. Cada vez mais seguras e independentes, elas assumem papéis na sociedade em espaços predominantemente ocupados por homens e isso pode resultar em conflitos, fruto da necessidade de autoafirmação, tanto de mulheres como de homens. No campo do lazer, diversos autores estudaram os constrangimentos de mulheres em viagens, sendo de salientar que existem situações que são comuns às viagens de negócios ou de lazer (Deem, 1990; Henderson & Bialeschki, 1993; Sky, 1993; Wilson, 2004).

A mulher tem sido afetada em sua liberdade pela condição de vulnerabilidade, entendida neste estudo como incerteza, risco e exposição emocional (Brown, 2006). Durante suas jornadas, as viajantes enfrentam inúmeras situações que provocam constrangimentos e partilham sensações de limitação e cerceamento. Por outro lado, ao viajar sozinha, tende a prestar mais atenção aos fatos e às pessoas que fazem parte de sua vida, rendendo-se à experiência, cedendo àquela vivência e passando a interagir com o outro para se inserir na realidade, observada como um fim em si mesmo (Serrano, 2014). Além do mais, normalmente são vistas como alvos fáceis para a violência sexual do homem (Yang, 2017).

Esses ganhos pessoais são, muitas vezes, resultados de experiências que exigem uma negociação delicada diante de situações de risco e que reforçam a vulnerabilidade a que se expõem, mas que ajudam no processo de autoconhecimento. Por vulnerabilidade compreendemos as ameaças implícitas e explícitas a que essas mulheres estão expostas, principalmente quando realizam uma viagem independente, sejam essas ameaças de ordem física ou emocional.

Como vimos, quando abordamos a temática dos constrangimentos enfrentados por uma mulher durante sua jornada independente, surgem diversos aspectos a serem considerados, entre eles a questão de gênero e nacionalidade – no caso deste estudo, a condição de ‘brasileira desacompanhada’ (Valle & Julius, 2007). Nesse aspecto, a maioria das viajantes já vivenciaram situações de humilhação e

assédio em razão das diferenças físicas e culturais. Nessas, o sentimento de raiva e indignação é mais acentuado, especialmente por se sentirem desrespeitadas como pessoa e como mulher. Essa condição também pode ser observada no estudo de Yang (2017, p. 142), em que as viajantes mochileiras asiáticas também são vistas como exóticas, “por não se enquadrarem na típica imagem de mochileiros que são na maioria homens brancos”, ou ainda, são confundidas com trabalhadoras do sexo locais. As mulheres seguem, resistindo contra a pressão da sociedade, pois é como se não tivessem o direito de circular livremente sozinhas (Butler, 2004).

Historicamente, no Brasil colonial e imperial, a mulher brasileira não possuía direitos políticos, económicos e sociais, além de ser tratada como propriedade do pai e, posteriormente, do marido. Tal desigualdade ganhou proporções que, ainda hoje, no país, mulheres e homens ocupam diferentes lugares sociais (Madeira & Mota, 2010). Mas isso vai além da nacionalidade, pois durante muito tempo a mulher é vista como um corpo, e um corpo incompleto. O corpo feminino está permeado de tabus preconceitos.

Por outro lado, o estereótipo da mulher brasileira tem sido influenciado por inúmeros fatores, entre eles a veiculação de imagens no exterior de mulheres com um forte apelo sexual, somado aos elevados indicadores das redes internacionais sobre a prostituição de mulheres (Leal & Leal, 2005). Contudo, acreditamos que tal realidade esteja sendo transformada a partir do acesso à informação gerada no mundo globalizado, aliado ao trabalho do Ministério do Turismo do Brasil, e pelo crescente aumento do fluxo de turistas brasileiros no exterior, em particular no continente europeu.

O conceito de estereótipo pressupõe a existência de diferenças em razão do género, etnia, idade e classe social, que, uma vez incorporadas nas sociedades, justificam a distinção de maneira negativa entre capacidades, características ou funções, tanto para indivíduos quanto para grupos (Simão, 2015). É certo que a construção do estereótipo ocorre ao longo do tempo e persiste por meio da cultura, espaços ou valores individuais e, por isso mesmo, pode afetar comportamentos, ações, experiências, bem como expressões (Bijlstra, Holland, Dotsch, Hugenberg &

Wigboldus, 2014). Como exemplo, podemos citar Portugal, que tem uma identidade cultural patriarcal dominante, com papéis de gênero estereotipados em masculino e feminino enquanto prática comum (Costa, Carvalho & Breda, 2011). Sobre a exploração sexual nos países pobres, a exemplo do Brasil:

[...] as mulheres muitas vezes se referem ao significado de 'ser mulher' dentro de um discurso que constrói as mulheres como vítimas de violência (violência particularmente sexual) e mulheres como não tendo nada a ganhar com a violência. Isso sugere que essas mulheres incorporem discursos que as constroem, como 'mulheres', como vulneráveis e fisicamente impotentes, particularmente em face da violência masculina, e como objeto da agressividade sexual masculina (Mehta, 1999, p. 77).

Comumente, as viajantes se sentem percebidas como disponíveis para o sexo pelo simples facto de estarem sozinhas, situação que as incomoda profundamente. A circunstância de serem constantemente abordadas e ameaçadas no seu corpo físico faz com que se sintam extremamente indignadas. Elas não querem isso, mas sim a continuação de suas jornadas, sem a preocupação de serem importunadas ou constrangidas. Elas querem escolher o momento para se relacionarem com outras pessoas, mas, em muitas ocasiões, se sentem tolhidas e invadidas.

Sobre isso, Butler (2004) interroga sobre quais suportes seriam necessários para que cada um de nós possa exercer essa liberdade, independente do gênero, embora seja certo que se trata de uma laboriosa mudança, a qual deve ser levada a efeito em nível estrutural, moral e conceptual. O facto das viajantes se sentirem limitadas em sua capacidade de ir e vir, como, por exemplo, saírem à noite sozinhas, demanda o direito que elas têm de serem respeitadas em suas opções e autonomia (Yang, 2017). Esses são alguns dos motivos pelos quais a viagem independente é, em muitos casos, vista como desafiadora e não apropriada para as mulheres.

No caso das viajantes, elas precisaram negociar e reafirmar seu propósito em inúmeras situações ao longo de suas jornadas, o que nos mostra que as viajantes precisam de estar sempre atentas e prontas para se defenderem de possíveis assédios

ou constrangimentos inerentes à sua condição de gênero feminino. Para Jordan e Aitchison (2008) quando sozinhas em espaços públicos, as viajantes permanecem em estado de autovigilância, justamente por sentirem-se observadas sob um olhar sexualizado. Por essa razão, a admiração de familiares e amigos assume um importante fator de motivação para elas, já que percebem a viagem independente como algo ainda ousado e contemporâneo, em particular na sociedade brasileira, que guarda muitos traços do patriarcado e do comportamento machista:

O machismo é um desses perigos constante e que mais causa males e traumas, pois metade do contingente humano é formado por mulheres [...]. Mesmo no ocidente desenvolvido ainda vicejam mazelas do machismo, o que implica em uma luta de conscientização cotidiana e em políticas de inclusão e proteção consistentes (Trigo, 2015, p. 47).

Essa tensão, fruto das diferenças entre os papéis de gênero estabelecidos pela sociedade, pode ser exemplificada pelo facto das mulheres entrevistadas não gozarem da liberdade de irem a bares e restaurantes à noite, quando estão sozinhas, além de serem subtilmente compelidas a se vestirem de maneira discreta. Em comparação com o estudo de Mehta (1999) e Yang (2017), as viajantes manifestaram medo de saírem à noite sozinha, porém admitem que devem continuar a ir adiante, seguindo suas jornadas, apesar dos riscos e perigos de que são constantemente lembradas, seja nos guias de viagem especializados, por familiares, ou por manchetes de violência contra turistas mulheres pelo mundo.

Diante disso, é preciso rever a estrutura machista na qual os media culpabilizam as mulheres pelas agressões sofridas, como noticiado no caso de duas turistas argentinas, que foram brutalmente assassinadas no Equador, em 2016, durante suas jornadas. O caso ganhou grande repercussão nos media e causou indignação nas redes sociais pelo facto de terem sido levantadas questões sobre a condição de viajarem sozinhas, bem como sobre as possíveis causas provocadas pelas turistas: a roupa que vestiam, o lugar que estavam, se havia bebida e dança e a ausência de uma companhia masculina.

Nessa linha de pensamento, o estudo de Hatton e Trautner (2012), apresenta um cenário ordinário, onde prevalecem as imagens de mulheres hipersexualizadas, em detrimento das poderosas e bem-sucedidas. Isso corrobora com os depoimentos da maioria das viajantes deste estudo, que, ao serem abordadas ou vítimas de assédio, em razão de seu tipo físico latino e por estarem sozinhas, sentem-se ameaçadas, seja em Florença ou em Paris. É como se estivessem total ou parcialmente ‘descolocadas’ em toda parte, como se não estivessem em lugar algum, o que pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora (Bauman, 2005; Trigo 2015).

Se por um lado existe a vulnerabilidade, por outro existe a resistência. Sobre isso, significa dizer que existe um paradoxo entre violência, vulnerabilidade e resistência, pois, ao recorrermos à lei contra a violência, por vezes a legitimamos (Butler, 2003). Na verdade, ninguém quer ser identificado como vulnerável, a exemplo da suscetibilidade admitida pelas mulheres entrevistadas neste estudo. Essas mulheres reagem a preconceitos e estereótipos sociais por serem mulheres, solteiras, sozinhas, brasileiras, latinas, os quais são vivenciados de formas subtis, mas também agressivas. Então, quanto mais afirmam as diferenças, maior é o poder que essas diferenças assumem, pois a resistência requer a superação dessa condição de vulnerabilidade (Butler, 2015a).

Vimos neste estudo que, atualmente, as mulheres estão rompendo inúmeras barreiras e expandindo os espaços a partir da viagem independente, esta enquanto campo fértil para a desnaturalização das relações de poder em todos os âmbitos da vida social. Paradoxalmente, essa mobilidade pode significar o aumento de autoconfiança, como também de exposição física, podendo resultar, ainda, numa perda de conexão com a possibilidade autotransformadora da viagem e elevados índices de solidão.

A verdade é que todos estamos sob a influência do medo, que, por seu turno, é sustentado por instituições patriarcais opressivas e alimentado por crenças ilusórias e nocivas sobre nós mesmos, a respeito do mundo e das relações, além de hábitos de vida pouco saudáveis. Tudo isso corrobora para o aumento do medo e da vulnerabilidade, que têm como pano de fundo a violência, o terrorismo e a delicada

situação dos refugiados, que conduz o ser humano a um isolamento cada vez mais íntimo.

Em comum, as viajantes vivenciaram situações de preconceito, quer seja por questões de nacionalidade, gênero, raça ou condição socioeconômica, quer pela sensação de vulnerabilidade e insegurança, por estarem constantemente suscetíveis aos acontecimentos e situações de ameaças e riscos contra sua integridade física, resultado que encontra amparo nos estudos de Wilson (2004) e Wilson e Little (2005). Refletindo sobre os constrangimentos e suscetibilidades – embora os constrangimentos vividos nas suas viagens independentes não tenham configurado uma limitação para seguirem suas jornadas, julgamos relevante reconhecer a existência desse fator, que, embora não impeça o bom andamento da viagem, pode causar desconfortos.

Na verdade, a vulnerabilidade física é o que as viajantes mais repudiam, por meio da denúncia de situações de assédio, constrangimento e/ou de privação da liberdade de ir e vir. Podemos também considerar que existe um lado menos positivo do olhar heterônomo, e pode ser muito negativo, limitando, inclusive, as possibilidades de atuação dessas mulheres, ainda que isso não as afete demasiadamente. Outro aspecto a considerar diz respeito à limitação na escolha de seus vestuários, o que as impede de usar roupas que desejam, mesmo que nos moldes sensuais, para não chamarem a atenção e ensejarem casos de assédios. Esses aspectos exemplificam as inúmeras restrições e ameaças pelas quais as mulheres estão constantemente submetidas nessas viagens.

Por riscos compreendemos as ameaças implícitas e explícitas a que essas mulheres estão expostas quando realizam uma viagem independente, sejam eles de ordem física ou emocional (Bay-Cheng & Goodkind, 2015; Mura & Khoo-Lattimore, 2012, Yang, 2017). Nesse contexto, levamos em conta a questão de gênero e nacionalidade – no caso, a condição de “brasileira desacompanhada” – e observamos os riscos que estão intimamente relacionados à cultura do local visitado e do visitante, e aos mais variados tipos de preconceito (gênero, cor, raça, religião, entre outros).

Comparado ao estudo de Mura e Khoo-Lattimore (2012), a maioria das mulheres entrevistadas demonstrou resignação com as limitações impostas à mulher no que se refere ao assédio de homens. No entanto, os homens não consideram a possibilidade de serem sexualmente atacados, embora admitam que possam sofrer violência física, sobretudo quando se envolvem em brigas. Em comum com este estudo, as mulheres se sentem assediadas, temerosas e vulneráveis.

O estudo de Mehta (1999) mostrou que as mulheres entrevistadas são menos educadas do que os homens em suas habilidades de lidar com situações potencialmente violentas. O medo da violência pode ser mais comum em países e cidades com índice/taxa de criminalidade mais acentuado, o que talvez justifique o medo das viajantes deste estudo. Entretanto, no estudo de Mehta (1999), os sujeitos analisados não demonstram o medo da violência na vida cotidiana, muito pelo contrário, acreditam que devem buscar controlar suas emoções, sendo que homens e mulheres possuem diferentes maneiras de fazer isso (Mehta, 1999).

Já os resultados dos estudos de Yang (2017) também apresentaram os efeitos dos riscos que as viajantes asiáticas sofrem, em decorrência dos aspectos culturais e sociais em que estão inseridas, uma vez que tais normas de gênero incluem a necessidade de serem submissas e recolhidas às atividades domésticas. Talvez em países onde a igualdade entre gêneros seja mais acentuada, as mulheres que viajam sozinhas são mais respeitadas, uma vez que o medo é socialmente construído, a exemplo das viajantes deste estudo (Yang, 2017). Tanto para as asiáticas quanto para as brasileiras, a viagem independente constitui um espaço para o enfrentamento, denúncia e superação das barreiras socioculturais impostas às mulheres, no contexto do turismo, uma vez que são sujeitos ativos e com poder de transformação de suas realidades.

No cenário de tendências para o desenvolvimento do turismo em nível mundial, este estudo elege a mulher como protagonista de suas experiências em viagens independentes e tudo o que isso significa. Portanto, o aumento da demanda por esse tipo de viagem gera uma série de especificidades, novidades e exigências, e

deve ser tratada como um segmento que deve ser melhor atendido pelo mercado (Buhalis, 2001; McNamara & Prideaux, 2010).

As mulheres, sejam cisgênero ou transgênero, vivenciam uma exposição do corpo muito particular, pois o reconhecimento do corpo depende de outras redes de apoio, ou seja, precisa ser legitimado por outras pessoas e estruturas que o definem, e, por isso, suas ações estão ligadas a uma rede desde o início (Butler, 2015). O corpo individual atua como instância política e social, produzido performaticamente em virtude de um conjunto de relações (Butler, 2015a). Isto significa dizer que o outro age sobre nós e somos afetados e imobilizados por algo que está fora de nós antes mesmo de conectarmos com o nosso eu, com o que somos.

Verificamos que o gênero e a viagem independente são temas transversais que vão além da discussão sobre feminismo, justamente porque interessam ao ser humano, não apenas às mulheres. Como vimos, tratar desses assuntos de uma maneira integrada é um convite à reflexão sobre as relações de poder e desconstrução dos mecanismos de poder, que, continuamente, alijam pessoas dos seus processos de empoderamento, sejam mulheres, idosos, pessoas com deficiências, homossexuais, transexuais, negros, indígenas, etc.

5.4.2 Perfil da Viajante Exploradora

O perfil da viajante Exploradora possui três dimensões que o caracteriza: a dimensão Aventureira, que se refere a viajante que durante a sua jornada procura vivenciar riscos e desafios; a Cidadã Global, cuja percepção de que o mundo é uma grande comunidade e reivindicam a sua integração às diferentes culturas por se acharem sujeitos de direitos; e por fim, aquela que busca o autodesenvolvimento numa Viagem Interior.

De maneira geral, no perfil da viajante Exploradora, aquelas sem filhos são mais exploradoras do que as mães viajantes, possivelmente porque estas normalmente têm um senso de autoproteção mais desenvolvido, o que as faz agir com maior cautela. As solteiras apresentam um perfil Exploradora mais intenso e frequente do que as

casadas, o que sugere que o compromisso do matrimônio pode ser um aspecto que as regula e que exige um comportamento mais moderado. Além do mais, existe uma relação direta entre a quantidade de países visitados e o perfil de Exploradora, ou seja, as mais viajadas são mais exploradoras, sugerindo que a viagem contribui para motivar e/ou desenvolver uma atitude de curiosidade e de abertura para o mundo exterior. As viajantes cuja atividade profissional está ligada à área das ciências humanas e sociais apresentaram maior frequência neste perfil. Já as Artistas e as mulheres da área da Saúde, durante suas jornadas não demonstraram ter um espírito explorador tão forte. No caso das Artistas, esse facto pode estar relacionado a uma maior sensibilidade para outras vivências subjetivas e mais apuradas, quando comparadas às profissionais de outras áreas.

O perfil de Exploradora demonstra que as mulheres maduras se reconhecem praticamente em todas as dimensões do perfil, sejam Aventureira, Cidadã Global e Viagem Interior. Já as jovens são mais aventureiras do que as mais velhas e as solteiras usam as suas jornadas independentes para realizarem as suas viagens interiores, voltadas para o autoconhecimento e para uma espiritualidade ligada ao misticismo. Inclusive, Richards e Wilson (2003) relatam que as viajantes mais jovens preferem a efervescência da vida social, e as viajantes adultas priorizam vivências mais customizadas. Myers (2017), em seu estudo, confirma a tendência das jovens participarem de atividades que exigem mais fisicamente, enquanto as mulheres mais velhas preferiam as atividades mais calmas e relaxantes. Observamos que as mulheres adultas e as maduras se assemelham nos perfis, em contraste com as mais jovens, principalmente nas categorias da Cidadania Global, Humanista e Liberta.

Um outro aspecto que merece atenção neste estudo é o movimento dinâmico apresentado no perfil daquelas que não possuem filhos. Elas são essencialmente Aventureiras, inclinadas ao desbravamento, mas também apresentam características de Cidadã Global e de Viajantes da Interioridade. Já as mães parecem vivenciar suas jornadas de forma independente, sobretudo em momentos de Viagem Interior. Interessante que no estudo de Myers as mães e casadas incorporaram a identidade de mãe e esposa por muitos anos, e quando seus filhos já estão grandes e/ou mudam seu estado civil, as mulheres percebem na viagem independente como

sendo um “tempo e espaço de transição para reajustar, reavaliar e encontrar as mulheres ‘verdadeiras’ ou ‘eu’, que ficaram semi-submersas por muitos anos” (Myers, 2017, p. 164).

No Perfil Exploradora, as Artistas transitam de maneira sutil em todas as categorias do perfil, como também as das Ciências da Saúde, porém de maneira menos intensa. Já as mulheres ligadas às Ciências Humanas e Sociais manifestam uma forte tendência para praticarem a cidadania global. No perfil Exploradora, parece que quanto maior o número de viagens, mais essas mulheres se reconhecem como cidadãs do mundo. Por outro lado, tudo indica que a Viagem Interior é um dos ganhos iniciais para aquelas que começaram o projeto de viajar sozinha. Podemos afirmar que à medida que desbravam o mundo interior e mergulham numa maior intimidade consigo mesmas, o mundo exterior torna-se ainda mais convidativo, numa ânsia por mais experiências gratificantes.

Myers (2017) reforça que são várias as oportunidades e momentos de reflexão que a viagem independente proporciona, em especial em ambientes ao ar livre, junto a natureza, através do qual as viajantes do seu estudo exploravam sua subjetividade e identidade. Nessa perspectiva, ao apreciar a beleza identificada na arte ou na natureza, o indivíduo pode usufruir de uma profunda experiência de ócio, dado que se constitui em um momento capaz de despertar o olhar e escuta sensíveis, além de ser um convite à contemplação sem dela se apossar (Rhoden, 2014).

Nesse entendimento, o ato de viajar pode estar ligado ao movimento de autodescoberta e descoberta do outro, em situações distantes das referências imediatas da vida cotidiana. Embora a premissa de Serrano (2014) possa soar lugar-comum, como vimos ao longo deste estudo, é significativo o aumento do número de mulheres ocidentais que viajam sozinhas, já que se tornam cada vez mais independentes financeira e emocionalmente. Nesse tipo de viagem em que não dependem de nada ou de ninguém, as mulheres experimentam momentos de autodescoberta, segurança em si mesma e autonomia para assumirem suas próprias decisões (Heimtun, 2012; McNamara & Prideaux, 2010). De outra parte, a dinâmica da viagem independente resulta em interações intra e interpessoais, que dão pistas para a compreensão de um

novo tipo de turista mais consciente do seu papel de cidadão no mundo globalizado, o que, via de regra, contribui para um melhor entendimento intercultural, conforme o que acontece neste estudo.

Por outro lado, as situações desafiadoras são percebidas por algumas entrevistadas como momentos potencialmente transformadores na busca pelo eu, um tempo de autodescoberta, que pode ser mais frutífero quando se está fisicamente longe de casa, uma vez que a viagem permite frequentemente experimentar o novo e situações diferentes. O desejo das viajantes em experienciar seus '*eus* verdadeiros' através da viagem, quando buscam uma autenticidade existencial, pode significar uma perda de consciência da fronteira entre a autenticidade e a identidade, sendo que ambas se ligam à experiência subjetiva do "eu verdadeiro" (Cohen, 2010). Ainda, esse tempo proporcionado pela viagem independente torna oportuna a construção e reconstrução de suas identidades e visão de mundo (Noy, 2004).

Ainda sobre o tema do empoderamento de mulheres em viagens, retomamos a pesquisa de Wilson e Harris (2006), que investigou o conceito de viagens significativas para mulheres australianas que viajavam sozinhas, seja por motivos de lazer ou de negócios. A pesquisa reconheceu as dimensões e os impactos emocionais e espirituais da experiência de viagem, na qual as entrevistadas relataram a experiência turística a partir de elementos espirituais, dos benefícios físicos e psicológicos, do altruísmo, do autodesenvolvimento e da mudança de vida. Concluíram que a viagem significativa se refere a uma experiência de viagem marcada pelas buscas individuais e subjetivas; envolve mulheres em busca de um maior sentido de si mesmas, que aprendem a reconsiderar as suas perspectivas de vida, da sociedade e das suas relações com os outros, elegendo um tempo para pensar ou repensar os relacionamentos com a sociedade e com os outros. Esse movimento resulta, invariavelmente, num aumento da autoconfiança.

De forma geral, as aprendizagens vivenciadas pelas viajantes são inúmeras, acrescidos pelas vantagens de caráter geral e particular, tais como o desenvolvimento pessoal, o usufruto do ócio e de situações de superação pessoal. Sob nosso enfoque, o desenvolvimento pessoal diz respeito aos ganhos pessoais decorrentes do crescimento

interior, da autotransformação, da autonomia e da autoconfiança. Um outro ganho muito citado por elas se refere à fruição do ócio e à valorização dos momentos de lazer. A superação pessoal também é tida como uma oportunidade de ultrapassar os limites físicos e/ou emocionais durante a viagem, sendo que, num primeiro momento, empodera as mulheres para, depois, emancipá-las.

Os ganhos parecem se estender para além dos pessoais. Nessa reflexão, as entrevistadas sentem uma necessidade de transmitir os conhecimentos adquiridos nas viagens àqueles com os quais convivem, contribuindo, em particular, com o crescimento intelectual dessas pessoas e com o empoderamento de outras mulheres. Essas viajantes, no esforço de se tornarem pessoas melhores, consideram que, durante a viagem independente, são despertadas pela sensibilidade em relação ao outro e a si mesmas, além de aumentarem o equilíbrio pessoal e a autoconsciência, valorizando ainda mais a família e os amigos.

Mura e Khoo-Lattimore (2012), em seu estudo, identificaram que os papéis de género são aceites tanto para os homens quanto para as mulheres. Existe, contudo, uma minoria que desafia os estereótipos e quebra de paradigmas, como as viajantes deste estudo, as quais, empoderadas, se sentem cada vez mais libertas e capazes de enfrentar os desafios quotidianos, assumindo os inúmeros benefícios que a viagem independente proporciona.

O deslocamento de um lugar para o outro e a busca pela novidade é uma herança daqueles que nos antecederam e desbravaram o mundo. Podemos inferir que, neste estudo, a viagem independente surge como uma vontade dessas mulheres em se desbravarem a si mesmas (Serrano, 2014). Por isso, o autoconhecimento é resultado comum entre elas, visto que estão conectados. O ócio atua como uma possibilidade do indivíduo em sair do circuito alienador do trabalho, de ampliar o horizonte do seu olhar e de resgatar a vivência profunda da dimensão subjetiva durante a viagem.

O ato de viajar, além de estar ligado à questão da expansão de fronteiras, está associado também à atividade de lazer, a qual, na sociedade capitalista, pode ser percebida como uma forma dominante de apropriação do tempo livre. Desde a revolução industrial, o trabalho é tido como a expressão máxima do ser humano, ideia

que perdura até os dias atuais, enquanto que o conceito de lazer tem origem na modernidade, prevalecendo uma forte interconexão com o trabalho (Rhoden, 2014).

Ao estudar o comportamento das mulheres que viajam sozinhas, vimos que o lazer tem sido melhor compreendido sob a perspectiva do desenvolvimento pessoal e tem conquistado um espaço cada vez maior nas escolhas subjetivas das mulheres. O ócio humanista está ligado a elas como um sentimento que emerge do contexto em que se realizam suas atividades independentes, capaz de fazê-las extrair desses momentos o que há de melhor para suas próprias vidas, o que tem sentido para elas. A verdade é que o feminismo promoveu um maior acesso à livre expressão e à recuperação do eu (*self*), bem como permitiu abordar o lazer levando em conta a natureza das mulheres e sua livre escolha (Henderson, 2002). Igualmente, as viajantes usufruem desse legado.

Através das viagens, as entrevistadas demonstram possuir uma lente apurada, no sentido de que refletem sobre suas vidas e se dedicam, ainda que em menor escala, ao autodesenvolvimento. Esse dado vai ao encontro do estudo de Wilson e Harris (2006), que constataram que a viagem era um tempo para si mesmas, para examinarem os significados e as mudanças de vida, longe dos parceiros, familiares ou responsabilidades domésticas.

As viajantes estudadas fazem um alto investimento pessoal, buscam uma contínua aprendizagem durante suas jornadas. Além disso, neste estudo, o universo das viajantes possui características comuns aos turistas contemporâneos, dada a crescente autoexigência e a busca de experiências cada vez mais significativas.

Nem sempre o ócio é um tempo inútil, no qual prevalece a ideia ou sensação de improdutividade. O ócio é um modo de viver, um desafio existencial, que requer preparação, esforço, dedicação e coragem, capaz de modificar nossa relação com o tempo, justamente por estarmos atentos à nossa temporalidade (Baptista, 2014). Assim, podemos inferir que a viagem independente pode vir a ser uma experiência plena de ócio, que concorre para o desenvolvimento humano.

Quando uma pessoa experimenta uma vivência plena de ócio, o *self* tende a continuar na procura por outras experiências semelhantes, transformadoras,

significativas e marcantes, de modo que a superficialidade passa a ser rejeitada (Martins, 2014). Para as viajantes estudadas, essa experiência consiste na descoberta de si mesma, uma busca subjetiva que acolhe toda a sua história pessoal. A partir dessa vivência, as escolhas ficam mais conscientes, numa busca pelos significados da vida, e o tempo empregado resulta em inúmeros benefícios (Trigo, 2010; Wilson & Harris, 2006). O que acontece é que as viajantes parecem perseguir sempre mais essas experiências.

Neste estudo, as mulheres brasileiras indicam que a viagem independente contém os principais elementos que a caracterizam como uma verdadeira experiência subjetiva de ócio. Para elas, o mais importante é desfrutar da liberdade, percorrer caminhos e conhecer novos lugares e culturas, num contínuo encontro consigo mesmas, na busca de suas verdadeiras essências (Cuenca Cabeza, 2006; Henderson, 2002).

Estudos sobre as tendências no setor do turismo apontam para uma realidade cada vez mais crescente a respeito da viagem independente, entre os quais estão os turistas do continente americano, que merecem destaque por obterem 25% de intenção de viajar sozinho (UNWTO, 2016). Na era da tecnologia, é interessante notar que 87% dos entrevistados consideram um *smartphone* como item essencial, acrescido pelo *tablet* (37%). Já para a geração mais velha, os itens essenciais são a câmera (71%) e o livro (45%). Em certa medida, as novas tecnologias afetam a cultura e transformam o indivíduo e suas relações. Neste estudo, as viajantes afirmaram utilizar seus *smartphones* para partilhar momentos com família e amigos distantes, além de algumas delas utilizarem como estratégia para amenizar a sensação de 'deslocamento' ou 'inadequação', principalmente em locais repletos de grupos e famílias, como em restaurantes e cafés.

Outros estudos sugerem que o desafio subjetivo do autoconhecimento é a motivação inicial de viajantes, percebidas como motivação intrínseca ou escolhida livremente (Mannell *et al.*, 1988; Cohen, 2013). Algumas viajantes expressam esse desejo claramente: além de se sentirem cidadãos do mundo, elas clamam por um mundo sem fronteiras e reivindicam tratamento respeitoso, sobretudo por entenderem

que possuem o direito de circular livremente sem serem vítimas de preconceitos e constrangimentos.

Percebemos a existência de um movimento inovador, como as jovens que expressam suas emoções mais livremente, contrapondo-se aos estereótipos de gênero que conhecemos, dispostos a rever conceitos e a denunciar as desigualdades. Até mesmo os homens jovens mostram uma abertura para isso, como, por exemplo, manifestando suas subjetividades e vulnerabilidades, através do medo e das imagens estereotipadas de masculinidade e de feminilidade (Mura & Khoo-Lattimore, 2012).

Nessa perspectiva, podemos inferir que, ao tomarem consciência de sua subjetividade e diferença, essas viajantes estão na contramão do ritmo atordoante que a sociedade contemporânea utiliza para impedir, por vezes, o indivíduo de pensar, de se interiorizar, convidando-nos incessantemente para estarmos 'fora' de nós mesmos. Como recusa em aderir a essa proposta de alienação, emerge a categoria do ócio humanista ou ócio valioso, que proporciona o aprofundamento da relação intrapessoal e enseja uma postura de recolhimento, a qual as viagens independentes podem proporcionar.

Desse modo, as viajantes acumulam experiências e geram percepções de crescimento pessoal e autodesenvolvimento. Essa particular escolha de lazer faz com que as mulheres performem em suas numerosas práticas sociais quotidianas, dando continuidade ao processo iniciado na viagem independente. Outrossim, elas vão digerindo e assimilando o vivido (Cohen, 2013; Nietzsche, 1997).

Ao estudar o comportamento das mulheres que viajam sozinhas, observamos que o lazer tem sido melhor compreendido e tem conquistado um espaço cada vez maior nas escolhas subjetivas das mulheres. Para elas, o ócio gera um sentimento que surge do contexto em que se realizam suas atividades independentes, capaz de fazê-las entender e extrair desses momentos o que há de melhor para suas próprias vidas.

Outro aspecto importante sobre os temas gênero e viagem independente está relacionado ao livro *Comer, Rezar e Amar* (2006), de autoria da escritora norte

americana, Elizabeth Gilbert, e posteriormente ao filme estrelado por Julia Roberts (2010). Portanto quatro anos depois do livro ser um *best-seller*, influenciando muitas mulheres a se aventurarem numa jornada de autoconhecimento através da viagem sozinha. A jornalista faz um ensaio autobiográfico onde conta suas experiências gastronômicas na Itália, de introspecção e autoconhecimento na Índia e, finalmente, de relacionamento amoroso na Indonésia, para em seguida aconselhar aquelas que desejam se aventurar nesse tipo de vivência (Mcclinchey, 2017).

5.4.3 Perfil da Viajante Espiritualizada

Consideramos que o sentimento de bem-estar e felicidade inclui a espiritualidade, outro campo que poderá ser expandido em outros estudos. Nesta investigação, a espiritualidade é entendida a partir de uma visão ampla no contexto da modernidade, pelo qual surgem novas e diferentes maneiras de vivenciar o sagrado e de deslocar a religião para a esfera subjetiva, onde também estão incluídas a prática do yoga e da meditação (Guerriero, 2014).

Essas e outras experiências subjetivas afloram sob a égide das religiões tradicionais e vanguardistas, através das quais os sujeitos ressignificam sua ligação com o sagrado e passam a experimentar diferentes formas de espiritualidade, como o culto da natureza e energia, crença em vidas passadas, entre outros. Nesse propósito, o fenômeno da Nova Era articula diversas expressões religiosas e tradições culturais, permitindo que o indivíduo vivencie o sagrado de um modo mais flexível, fluido e plural (Oliveira, 2010).

Como vimos, aliado ao empoderamento, existe, inclusive, as sensações de bem-estar e de felicidade, decorrentes do contato com a natureza. Muitos relatos das viajantes abordaram as sensações vividas de maneira intensa em ambientes naturais, demonstrando que esses lugares estimulam vivências de emoções positivas e bem-estar. Abordagem similar foi encontrada no estudo de Filep *et al.* (2013), o qual suporta um corpo teórico de conhecimento sobre a relação entre experimentar emoções positivas

e estar na natureza. Os autores afirmam que experiências no meio selvagem e paisagístico geram altos e significativos níveis de afeto positivo, em especial no contexto do lazer e turismo.

O perfil da Viajante Espiritualizada está relacionado às vivências subjetivas das viajantes, em como elas se relacionam com o mundo exterior a partir de suas características pessoais, e possui três dimensões: a Mística, a Religiosa e a Humanista. A Mística é quando a viajante procura conectar-se com a natureza e com a energia do universo; a dimensão Religiosa é manifestada quando ela desenvolve crenças ligadas a uma determinada doutrina ou instituição, a respeito do propósito da vida; já a dimensão humanista articular ações e comportamentos humanos que permitam o intercâmbio cultural.

As maduras tendem a ser mais espiritualizadas, revelando com maior frequência as suas opções místicas, religiosas ou humanistas, o que acontece de modo distinto com as mais jovens, em que o tema da espiritualidade não possui muita expressividade. Sob o aspecto do misticismo ou sentido de espiritualidade, algumas mulheres relatam experiências significativas de *déjà vu*, que é a vivência de uma sensação familiar incongruente e ilógica, percebida diante de uma situação que lhe é estranha ou nova, a exemplo das viajantes adultas e maduras.

A viagem independente pode favorecer momentos de intimidade interior, introspecção e simultaneamente de conexão com o ambiente exterior pela observância da natureza e do modo de vida da população local visitada, e pelas diversas formas de expressão de beleza. Assim, os estados contemplativos e reflexivos estão presentes nos discursos das mulheres maduras, mas ausentes nas mais jovens, talvez por já terem atingido uma maturidade emocional. O que pode ser confirmado no estudo de Myers (2017), no qual as participantes ressaltaram os benefícios do contato com a natureza no sentido de suscitar e favorecer um tempo de liberdade para fazer reflexões sobre suas vidas e sobre quem são.

Na experiência da viagem de lazer, as emoções possuem um papel fundamental para a qualidade das vivências, uma vez que as viajantes se deixam conduzir por suas escolhas individuais, decidindo o que faz sentido para elas,

confiando no instinto e na intuição. É o que Nietzsche (1997) atribui à força vital, uma escolha corajosa e apaixonada que o sujeito repetiria incontáveis vezes, se possível, numa transmutação do dever ser, para o vir a ser.

As mulheres maduras destacam-se por buscarem a prática da espiritualidade de maneira mais intensa do que as demais, talvez pelo facto de serem de uma geração que privilegiava e/ou costumava praticar alguma devoção em concreto, a exemplo da prática da religião Católica e da doutrina Espírita, de Alan Kardec. Outrossim, as mulheres profissionais das Artes e, inclusive, as da área da Saúde, demonstraram em seus discursos um fraco interesse pelo tema, de forma distinta das mulheres ligadas às Ciências Humanas e Sociais. Isso nos leva a considerar que as primeiras são de áreas que estão menos predispostas a refletirem sobre essa temática, ainda que sejam ligadas às questões humanas, como a vida e a morte, no caso das Ciências da Saúde.

Por outro lado, nas mulheres que são casadas, mães e as que não possuem filhos é forte a percepção do mundo a partir do livre acesso às fronteiras, numa perspectiva mais Humanista, de relações entre diferentes culturas. Elas tendem a perceber a espiritualidade na perspectiva da dimensão humana, isto é, no vivenciar experiências transcendentais, tendo como base as relações humanas e os encontros com culturas e crenças diferentes das suas. Isso nos leva a presumir que tanto a maternidade quanto o casamento trazem a essas mulheres uma ligação maior com os valores da humanidade, talvez porque sejam com esses valores que elas lidam com os filhos. No caso das que não possuem filhos, o humanismo parece estar tendencialmente ligado às trocas interculturais.

De um modo pouco inesperado, justamente pelas questões humanas que são inerentes às suas áreas de atuação, as mulheres que pertencem ao grupo das Ciências Humanas e Sociais também se mostram mais sensíveis ao encontro com o outro, por meio da cultura e do intercâmbio que dele resulta. Além do mais, a viagem é uma movimentação transcultural, que exorta o viajante a um desenvolvimento contínuo em aprender sobre si mesmo, em um encontro com seu próprio eu, num momento sagrado de autodescoberta, transformado por essa prática que o convida a

uma experiência profunda (Cohen, 2010; Figueiredo & Ruschmann, 2004). A liberdade e o conhecimento são conceitos fundamentais e estão intrinsecamente ligados, o que nos permite ter acesso às inúmeras possibilidades que a vida pode oferecer (Trigo, 2015).

As viajantes deste estudo vivenciam o ócio como parte do processo de subjetivação, ao adquirirem maior sensibilidade para praticar a alteridade, a empatia e a compreensão do diferente. Para elas, a viagem ganha uma perspectiva de comparação ao gozo da própria vida. Logo, na viagem é possível viver e desfrutar o momento presente de forma integral, sendo o tempo ocioso uma rara oportunidade que elas possuem para prestarem atenção a si mesmas, numa escuta sensível mais próxima de si e da sua verdade (Baptista, 2014).

Sublinhamos que a introspecção vivenciada por elas, em determinado momento de suas experiências como viajantes independentes, repercute efetivamente em suas escolhas pessoais, no modo de ver e perceber as diferentes realidades, ensejando novos comportamentos e atitudes que, conseqüentemente, tendem a reverberar em inúmeras dimensões de suas existências. Significa dizer que os ganhos estão diretamente relacionados às suas histórias pessoais, bem como às estruturas de vida e ao que valorizam ou rejeitam.

Em complemento, as viajantes parecem dar mais atenção aos assuntos que relembram a “brevidade da vida mortal e a eternidade do universo” (Bauman, 2005, p. 81). Talvez, o motivo seja pelo facto de estarem atentas a tudo o que as rodeia, além da experiência em si. Em seus discursos, as viajantes parecem estar interessadas no tema da inexorável finitude humana.

Entre os principais ganhos dessas mulheres está a valorização e o respeito às diferentes culturas, com a conseqüente necessidade de flexibilizar comportamentos e visões de mundo, além do reconhecimento do valor de suas realidades afetivas cotidianas, que envolve família e amigos. Considerando que a viagem independente pode ser vista como uma prática extraordinária, fora do comum, que requer coragem, disposição e condições financeiras, essas mulheres saem do lugar comum e isso faz com que elas se sintam corajosas, poderosas, capazes e felizes.

Em nosso estudo, as viajantes compartilham desses benefícios, o que nos leva a inferir que, para elas, a viagem independente é significativa, transformadora e valiosa. Por benefícios, entendemos que são as diversas aprendizagens de caráter geral e particular – interação cultural e amadurecimento, por exemplo. Com efeito, um dos maiores benefícios desse tipo de experimento, de acordo com o declarado por parte das viajantes, diz respeito à viagem independente como um marco em suas vidas, um divisor de águas.

Desse modo, tal discussão nos traz um aprofundamento sobre as dimensões subjetivas da espiritualidade que resultam da viagem independente de lazer, com foco nos benefícios, sem descartar as limitações e os constrangimentos anteriormente relatados. A partir desses dados, buscamos identificar como esse tipo de experiência interage com diferentes aspectos de bem-estar e de felicidade, contribuindo para a qualidade de vida das viajantes. Entretanto, para que o sujeito consiga usufruir do bem-estar que a viagem pode proporcionar e para que ocorra o “desligamento” ou “desconexão” com a rotina, o indivíduo experimenta vivências objetivas e subjetivas, as quais devem ser ultrapassadas no decorrer da viagem.

Como vimos, a experiência da viagem é pessoal e intransferível, e tem suporte na subjetividade, que faz emergir a emoção como expressão mais verdadeira do ser humano, aliada ao desenvolvimento da espiritualidade, à postura do indivíduo diante das escolhas de vida, da qualidade de seus relacionamentos interpessoais, dos seus valores e das suas crenças, contribuindo para dar significado à experiência de viagem. De facto, podemos inferir que a viagem permite ao indivíduo desfrutar o ócio, a partir da conexão entre a subjetividade e a experiência concreta. Em consequência, o indivíduo é capaz de viver suas aspirações e idealizações intensamente (Serrano, 2014).

As viajantes deste estudo afirmam que durante suas jornadas experimentam emoções positivas, que afetam o seu bem-estar e contribuem para o despertar subjetivo de cada uma delas. Tal despertar nos mostra que, durante a viagem independente, elas experimentam emoções positivas que afetam o seu bem-estar e contribuem para o florescimento individual de cada uma delas.

Isso resulta num sentimento de felicidade, sobretudo por estarem mais atentas e plenas ao desfrute do momento, num tempo dedicado à felicidade, transcendência e realização (Dolan, 2014; Larrosa Bondía, 2002). O conceito de felicidade aqui empregado se reporta a um conjunto de experiências prazerosas e propósitos ao longo do tempo, que relaciona prazer e finalidade, ou seja, como um conjunto de elementos de experiências que têm significado (Dolan, 2014).

Para explicar a felicidade que as viajantes afirmaram vivenciar em suas jornadas independentes, aplicamos o estudo de Peterson e Seligman (2004). Para os autores, o tempo que compreende a vivência do prazer ligada a um propósito, em particular a atenção plena ao momento presente, nos leva a refletir sobre quais são as experiências de felicidade e como se caracterizam as experiências deste grupo. Sob o olhar da viagem como travessia, interrogamo-nos sobre quais são os caminhos traçados por essas mulheres para a procura da felicidade, da transcendência e da realização pessoal.

Conclusões e observações muito semelhantes foram encontradas entre o nosso estudo e os resultados do estudo de Filep *et al.* (2013). Entre elas, podemos citar o facto de que, ao relembrares suas experiências, as viajantes recriam e atualizam o sabor e o prazer vividos. Durante as entrevistas, era perceptível a sensação de prazer e aumento da autoestima e do empoderamento, enquanto elas relatavam suas aventuras.

5.4.4 Perfil da Viajante Autoperformática

A viagem independente pode estimular hábitos e comportamentos diferentes daqueles assumidos na vida quotidiana, talvez pelo facto de estar longe dos olhares, por vezes repressivos e críticos do meio social em que as viajantes estão expostas. Consequentemente, a viagem independente tende a expandir as possibilidades de performar, assegurando-lhes o anonimato. Por isso mesmo, para algumas mulheres, a viagem independente é um convite para agir de forma criativa,

liberta e até ousada. Quando falamos em performances praticadas pelas viajantes, referimo-nos ao conceito de identidade como um potencial para múltiplos *eus*, partindo de uma perspectiva relacional em que se identifica uma tensão entre as possibilidades do eu e a identidade dos estilos de vida das viajantes.

Para compreender o significado de performance utilizado neste estudo, destacamos as inúmeras alternativas que as mulheres dispõem para modificarem suas atitudes e comportamentos diante das situações vivenciadas em suas viagens. Quando se referem aos seus comportamentos e atitudes em viagem, há um discurso de liberdade que motiva a performance de gênero no contexto social (Butler, 2004). Nessa seara, concordamos que a performance de gênero é um processo de construção pessoal, subjetivo e social, e deve ser visto como um meio dinâmico. Isso nos leva a aceitar que não somos seres humanos acabados e sim em construção, capazes de ressignificar a nossa atuação no mundo em diversos espaços de convivência, ainda que tenhamos de ir contra as normas sociais vigentes.

Então, esse tipo de viagem pode ser um tempo para se despirmos ou colocar “máscaras”, dissimular ou ser autêntica, e ainda deixar aflorar situações que revelem ou encubram atitudes, comportamento e fantasias. O perfil da Viajante Autoperformática possui duas dimensões distintas: a dimensão Liberta, na qual a viajante procura a sensação de liberdade e autonomia; e a dimensão Poderosa, pelo qual a viajante intensifica o sentimento de empoderamento pessoal.

O discurso das viajantes Hiper Viajadas, Sem Filhos e que pertencem à área das Ciências Humanas e Sociais, é de que a viagem as torna extremamente poderosas, autossuficientes e com elevada autoestima. Podemos inferir que à medida que aumenta o número de viagens aumenta também a sensação dessas viajantes se sentirem livres e poderosas. Elas demonstram usar a criatividade para performar, achar e construir-se, a fim de se desvencilharem de situações conflituosas, de assédio ou de medo. Possuem, ainda, uma forte sensação de liberdade.

As principais implicações da literatura emergente para medir o empoderamento da mulher estão centradas em apresentar a performance como sendo passível de ser vivenciada em muitos domínios da vida adulta, de diferentes maneiras.

Embora seja complexo, é possível medir dimensões-chaves da performance e empoderamento (Hanmer & Klugman, 2015). Porém, para tornar isso possível, são necessários indicadores que possam apreender diferentes dimensões da performance e do empoderamento feminino, como as normas sociais, o controle dos recursos familiares, entre outros.

Para Hanmer e Klugman (2015), essa ligação entre performance e empoderamento deve questionar as normas de gênero, em particular aquelas que causam constrangimentos ou limitações para as mulheres e que, conseqüentemente, afetam suas escolhas e motivações individuais e coletivas. Para Swirsky e Angelone (2015), o feminismo permite que a mulher faça a melhor escolha que apoie seu estilo de vida.

Por outro lado, as casadas, mães e pertencentes às áreas das Artes e Ciências da Saúde, apresentam menor disponibilidade ou desejo de se autoperformarem em contexto da viagem independente. Além disso, é muito forte a dimensão imaterial de suas experiências, ao reconhecerem a viagem independente como um espaço que favorece a autossuperação e o enfrentamento do desconhecido.

As solteiras manifestam um comportamento mais livre que as casadas, que, por sua vez, registam um sentimento de poder, como atributo de suas viagens independentes. As mães não revelam as suas performances de maneira significativa. Entretanto, as mulheres sem filhos apresentam uma sensação de liberdade bastante expressiva, somada a um empoderamento, talvez pelo facto de não possuírem compromissos filiais. Esse perfil vai ao encontro das percepções das mulheres solteiras, pois, como vimos, as solteiras também se comportam de uma maneira mais independente.

Ainda em relação ao grupo de mulheres das Ciências Humanas e Sociais, como resultado da análise, a frequência e a intensidade com que elas apresentam as suas performances e experimentam o sentimento de liberdade são bastante relevantes, especialmente por serem diferentes das Artistas e das mulheres das Ciências da Saúde.

A percepção de liberdade das viajantes parece aumentar com a maturidade. Observamos no grupo estudado uma forte aspiração em 'ser eu mesma', muito mais evidente nos discursos das mais velhas. Com efeito, para as jovens, a liberdade provocada pela viagem independente tem uma força e um significado bem menor do que para os grupos das mulheres adultas e maduras, o que pode significar que essas últimas são capazes de vislumbrar uma série de outros caminhos e possibilidades de escolhas de vida. Essas mulheres, via de regra, assumem o risco de não se "encaixarem" nas normas sociais estabelecidas, desafiando seus papéis de gênero historicamente herdados, e experimentam uma forte liberdade e realização pessoal (Myers, 2017).

Considerando o exposto, observamos que desejo de escapar é uma das motivações mais comuns das viajantes (Rojek, 1995) uma vez que é configurada a partir de uma determinada realidade de vida, como a fuga das expectativas da família e do meio social que as rodeia, ou apenas uma vontade de experimentar a sensação de liberdade. Nesse aspecto, essas mulheres parecem usufruir do anonimato que a viagem independente traz, pois o seguimento da rotina de vida pode ser considerado negativo, resultando em uma vontade de sair e de libertar-se (Cohen, 2010).

Em decorrência desse cenário, constatamos que no discurso das entrevistadas emergem inúmeras denúncias que provocam e estimulam uma oposição contundente a esses comportamentos e práticas contemporâneas. É facto que as mulheres sempre foram protagonistas de mudanças de base na sociedade, mas, para isso, tiveram que reivindicar, mudar e transformar muitas realidades. Atualmente, as mulheres protagonizam mais cenas, abrem espaços, desafiam e encaram o desconhecido e os medos, bem como enfrentam e avaliam a figura do homem como seu potencial agressor, de forma que sigam se sentindo cada vez mais poderosas e emancipadas.

Hoje, sob novos traços, essas mulheres estão a revolucionar suas vidas quotidianas a partir do respeito a si próprias e via processos de subjetivação, vivenciados de maneira criativa e autêntica, a exemplo da viagem independente. Quando as viajantes estão expostas a outras culturas, idiomas, climas, paisagens e

comportamentos, elas apreendem novas formas de estar no mundo e de perceber as diferenças. Nesse momento, o outro atua com um espelho, que surge como um canal pelo qual elas se reconhecem e se autotransformam. Estudos focados em mulheres solteiras já indicaram que o espaço de viagem é de grande importância no autodesenvolvimento, independência e empoderamento (Elsrud, 2001; Wilson & Little, 2005).

É interessante inferir que as mais jovens sabem que são livres, pois já se reconhecem autônomas e não percebem a necessidade de proteção – ou, talvez, até percebam, mas em menor escala do que as mulheres mais velhas. Além do mais, durante a viagem podem ocorrer situações que estimulem e/ou favoreçam determinadas performances pessoais, de acordo com cada desafio vivenciado, ensejando diferentes modos de se defender ou de se libertar. Há alguns aspectos em comum entre as viajantes, como, por exemplo, a capacidade de se ‘desenrascar’ diante de situações complexas, o que estimula a necessidade de criar cenários para a autoproteção e adoção de atitudes otimistas, motivando-as a se expressarem como cidadãs do mundo, aptas a romperem fronteiras objetivas e subjetivas.

As descobertas e aprendizagens vivenciadas pela mulher em viagens independentes favorecem uma série de performances subjetivas, as quais se materializam em discursos de liberdade e evidenciam a relação ativa entre o indivíduo e a sociedade, como ensina Butler (1998, 2003, 2004, 2009, 2015, 2015a), pelo discurso que habita o corpo, que faz esse corpo e, por isso, se confunde com ele.

Nesse entendimento, as viajantes que compõem o objeto deste estudo estão mais dispostas a atualizar e a desconstruir o discurso sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, seja através das suas atitudes ou pelas performances durante a experiência da viagem. Há, portanto, na viagem independente, um espaço que convida à libertação, à transgressão e à transposição das normas que reprimem quem somos e que, em consequência, geram quem podemos vir a ser, justamente por se realizar em um ambiente fora do cotidiano, do ordinário.

Dito de outra forma, talvez existam outros caminhos a trilhar e diferentes formas de ser e de atuar na sociedade. Sobre isso, Schechner (2014, p. 725) afirma que

“devemos imaginar, inventar e performar formas alternativas de nos tornarmos-nos nós mesmos”. A viagem independente pode ser um espaço para esse diálogo e um campo fértil para a performance.

As viajantes percebem que são admiradas por sua coragem, o que reforça nelas a sensação de empoderamento e a vontade de continuarem seguindo suas jornadas. Além do mais, isso as distingue da representação padrão de mulher em geral, aquela que fica em casa, tomando conta dos filhos (Riedle, 1991). Todavia, é necessário examinar esse assunto tendo em conta as inúmeras consequências dessas definições de categorias para a apreensão do sujeito, visto que nem todas as mulheres - e mães - são iguais.

A mulher, em suas relações sociais, internalizou a moral do senhor-escravo, disseminada por Hegel, na esfera da submissão às regras e aos comportamentos essencialmente patriarcais. Desde o despertar das mulheres no feminismo, houve muitos avanços e, contrariando essa lógica do senhor-escravo, observamos que as viajantes, durante suas jornadas independentes, rompem com essa moral, pois elas se subjetivam e se desvelam.

É certo que, a exemplo de uma das entrevistadas que foi mãe após sua experiência em viagem independente, a maternidade assume prioridade nesse momento de sua vida, ainda que permaneça o desejo e anseio por esse tipo de viagem. Nesse viés, a liberdade das mulheres segue questionada pelas relações de gênero contemporâneas. Por outro lado, a autovalorização está ligada ao comportamento estereotipado que, por sua vez, também é reforçado pelos pares do mesmo sexo e assume diferentes formas para homens e mulheres. Ou seja, se o comportamento for congruente com o sexo, há o reforço positivo e, portanto, a afirmação do valor (Cramer & Skidd, 1992).

Ao abordarmos a questão do micropoder (Foucault, 1993) como aquele que se passa na intimidade e no cotidiano, registamos o efeito forte e intimidador, ainda que velado, que ele possui. Observamos isso no comportamento das mulheres durante a viagem, ao relacionar os aspectos e situações não digeridas em suas vidas íntimas. As histórias das viajantes estão interligadas e denunciam comportamentos

vivenciados no cotidiano, onde as relações de poder se manifestam nas formas de preconceito, constrangimentos e riscos.

Em seus discursos, as mulheres entrevistadas assumem uma atitude empoderada diante das situações vivenciadas nas viagens independentes, assim como manifestam um sentimento de liberdade e ousadia para performar de maneira livre e autêntica. Apesar de tudo isso, aquelas que realizaram a viagem independente enquanto solteiras, apresentam uma mudança de comportamento. Elas afirmam que, atualmente, como casadas, preferem planejar suas viagens com seus companheiros (Scheiner, 2014; Lanzendorf, 2010).

Quando se referem aos seus desempenhos em viagem há um discurso de liberdade que diz respeito à relação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, as palavras provocam ações e atuações que, por sua vez, motivam as performances de gênero (Butler, 2004). Nesta seara, gênero é uma construção e deve ser visto como um processo dinâmico, o que nos leva a acreditar que não somos seres humanos acabados e sim, capazes de ressignificar a nossa atuação na sociedade nos diversos espaços de convivência, mesmo que tenhamos que enfrentar as normas sociais vigentes.

Neste estudo, o empoderamento das viajantes (Cuenca Cabeza, 2005; Trigo, 2010) vai ao encontro do movimento chamado *slow mobilities* e experiências, considerando que suas jornadas possuem um ritmo desacelerado, próprio (Markwell *et al.*, 2012). A viagem independente é um momento em que elas privilegiam o artesanal, um tempo maior para si mesmas, que vai em direção à busca individual por equilíbrio em todas as dimensões da vida pessoal, incluindo a família, o trabalho, o lazer, a espiritualidade e as relações de um modo geral.

Tudo isso corrobora para a construção de uma identidade que pode assumir formas de experimentação infindáveis. Para Bauman (2005), podemos assumir uma determinada identidade num momento, ainda que inúmeras outras possibilidades permaneçam abertas, aguardando nossa escolha, pois o sujeito está sempre em processo de subjetivação, em constante fluxo. Aliás, muitas outras identidades, antes não imaginadas, “ainda estão por ser inventadas e cobiçadas durante a sua vida”,

talvez sem que nunca saibamos se a identidade que demonstramos realmente nos satisfaz plenamente, se é a que mais gostamos (Bauman, 2005, p. 91).

As mulheres parecem valorizar as experiências que podem resultar em uma percepção temporária de escapismo, como também devem ser valorizadas aquelas que permitem trabalhar e brincar com a identidade (Cohen, 2010; Rojek, 1995). Partindo do entendimento de Bauman (2005), que concebe a identidade como sendo sempre uma pergunta, e não uma resposta, concordamos que no Brasil somos todos mestiços, resultado do processo de hibridização cultural, ainda que tenhamos em comum a língua como um fator identitário que une as nações.

O desenvolvimento da subjetivação é marcado pelo empoderamento e pela emancipação dessas mulheres, que, por meio da viagem independente, criam um espaço de atuação política. É o que fazem essas mulheres em suas jornadas independentes: além da superação de cada desafio próprio desse tipo de viagem, ou de situações das quais emergem questões de gênero, elas seguem expondo-se, reinventando-se, emancipando-se e empoderando-se. Tamanha é a mudança de perspectiva para algumas dessas viajantes que, ao voltarem para suas casas, não se encaixam nas identidades, visões de mundo e comportamentos do seu local de origem, causando um certo choque cultural e pode inclusive “construir as diferentes versões das identidades de gênero em diferentes contextos culturais” (Yang 2017, p. 152).

Em síntese, as viajantes libertas e poderosas superam e trazem à tona uma série de comportamentos e denúncias relativas às questões de gênero e às inúmeras aprendizagens resultantes de suas vivências, quer seja nas situações de limitações e/ou de constrangimentos experimentadas em suas jornadas. Essas lições, além fazê-las amadurecer como pessoas, provocam marcas profundas, impelindo-as, por vezes, a serem agentes de transformação de suas realidades e, conseqüentemente, das realidades que as cercam.

6 Conclusões, limitações e recomendações

6.1 Originalidade, limitações e contributos

O pesquisador está sempre implicado em suas verdades (Harding, 1986) e a performatividade não se reduz a um desempenho livre, justamente porque somos seres vulneráveis e afetados por discursos alheios à nossa vontade, como também estamos sujeitos às categorizações e interpretações de condutas (Butler, 2015a). Isso significa que há um comportamento esperado tanto do pesquisador quanto dos sujeitos objetos do estudo, sobretudo ao considerar os papéis que são acordados implicitamente a cada uma delas.

De certa maneira, em ambos os papéis existe a vulnerabilidade, já que esta é uma característica das relações sociais e corresponde ao sujeito incorporado, num feedback recíproco entre nós e o mundo exterior (Butler, 2015a). Para Butler (2015), existe uma resistência psíquica à vulnerabilidade, pela qual o sujeito reivindica o direito ao espaço público, à igualdade, mobilidade e segurança. Tudo isso também foi possível observar no discurso das entrevistadas neste estudo.

Para as mulheres entrevistadas, a viagem independente é uma forma de resistência ao considerar todo o contexto no qual elas estão inseridas e, ainda, pode ser capaz de promover ou incentivar a transformação numa sociedade mais igualitária (Henderson, 2002). É notório que o comportamento dessas mulheres durante a viagem é influenciado pelas estruturas sociais existentes. No entanto, elas aceitam os desafios e as responsabilidades que resultam dessa liberdade de escolha, ainda que possam expor sua integridade física e emocional, conforme relatado nos constrangimentos vividos ao longo da jornada independente.

A questão é saber qual o impacto que o comportamento de mulheres em viagens independentes provoca nelas mesmas e na sociedade e, dessa forma, perceber qual o contributo dessas experiências para a construção de uma sociedade equânime.

Em outras palavras, esse movimento de dentro para fora, e de fora para dentro, que as mulheres experimentam nas viagens independentes, o subjetivar-se e trocar informações e sentimentos com o mundo, pode vir a minimizar gradativamente preconceitos ainda existentes em relação às mulheres.

As performances estão subjugadas a uma condição social de dominação masculina, tanto na esfera pública como na privada, pelas quais as relações quotidianas e comportamentos são moldados com o que cabe ao género feminino. A viagem independente de mulheres é uma prática que levanta uma diversidade de questões éticas e de género, que corroboram e dão continuidade à uma transformação subtil de padrões estabelecidos, com atenção às liberdades individuais.

O caminho trilhado para consolidar o diálogo entre os sujeitos da investigação foi vivenciado de maneira reflexiva durante todo o processo. Por se tratar de uma investigação de natureza exploratória, o objetivo é dar pistas para futuros estudos, ao lançar hipóteses a serem investigadas, além de traçar perfis de comportamento. Esse tipo de abordagem permite uma maior intimidade com o tema (viagem) por ser algo que faz parte do quotidiano de muitas pessoas. E, nesses casos, as metodologias e técnicas qualitativas aplicadas são fluídas, em particular nas formas de aplicação e tratamento (Deslauriers & Kérisit, 2008; Guerra, 2006).

De facto, concordamos com o pensamento feminista a respeito das diferenças entre as maneiras de produzir ciência e a percepção de homens e mulheres, levando em conta o momento histórico e social, bem como as diversas orientações teóricas e metodológicas (Narvaz & Koller, 2006). Ainda que, por um lado, a objetividade seja constantemente relacionada à masculinidade, ao distanciamento e à separação entre emoção e intelecto, e, por outro, a feminilidade esteja ligada à subjetividade, ao corpo e à experiência, na perspetiva feminista de produção do conhecimento está vinculada a transformação social contra a objetividade e a neutralidade, características da ciência positivista androcêntrica (Harding, 1986).

Como já reconhecido, os métodos utilizados neste estudo são suficientes apenas para fornecer uma contribuição preliminar e sugestiva, a partir do grupo estudado. Analisar os depoimentos das entrevistadas pode nos permitir monitorar os

discursos, práticas e relações de poder que determinam os espaços de resistência de mulheres em viagem independente (Mehta, 1999). Nesse tipo de pesquisa, há uma real possibilidade de construir uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado, a qual pode resultar na coleta de informações valiosas sobre as viajantes, suas emoções, expectativas e percepções (Mura & Khoo-Lattimore, 2012).

Patton (1990, p. 24) enfatiza a importância da investigação qualitativa para revelar a “profundidade da emoção” do respondente. Nesse tipo de pesquisa é possível a utilização de técnicas que sejam particularmente úteis na exploração das percepções e das dimensões emocionais (Strauss & Corbin, 1998), como as exploradas neste estudo: entrevista semiestruturada, reconhecida como uma das técnicas mais eficientes para extrair os significados e aprendizados das experiências individuais (Gullone, 2000).

Para novos estudos, sugerimos um maior detalhamento e aprofundamento das performances das mulheres em viagens independentes, como o comportamento sexual e relacional delas durante as viagens, tendo como base os novos aplicativos de encontros e de comunidades globais, a exemplo do *Tinder* e do *Internations*. Acreditamos que a viagem independente é também um espaço muito fértil para que homens e mulheres performem livremente as dimensões sexuais e relacionais enquanto lugar de exercício de poder. Outra perspectiva para futuros estudos seria identificar as mulheres que viajam para realizar cursos, roteiros e visitas a destinos e espaços ligados ao autodesenvolvimento e à espiritualidade. E finalmente, aprofundar as pesquisas sobre os obstáculos encontrados neste estudo aos processos de subjetivação de viajantes independentes.

Como vimos, uma limitação deste estudo consiste no resultado da maior parte das entrevistas realizadas por *Skype*, uma vez que acreditamos que as entrevistas realizadas pessoalmente foram mais ricas e aprofundadas, principalmente por entender que o relacionamento interpessoal entre pesquisador e pesquisados fluiu de forma mais intensa e rica nas entrevistas presenciais. Em suma, este estudo não tem a pretensão de compreender de maneira uniforme o universo das viajantes

independentes, mas sim de fornecer algumas pistas e tendências desse tipo de experiência que se manifestam de forma cada vez mais dinâmica.

6.2 Conclusões

“Sai, para depois se delimitar. Sai. Se expande. Mistura, mistura, mistura, para ficar com o que é teu”.

(A.F, 26 anos)

Tratar da viagem independente e das questões de gênero de uma maneira transversal foi desafiador, uma vez que a relação entre esses temas ainda é pouco discutida na academia. Além disso, aliado ao processo de subjetivação das viajantes está a subjetividade do pesquisador. E como bem afirma a viajante supracitada, a expansão do *self* ocorre numa relação entre pesquisador e objeto de pesquisa, que se entrelaçam para depois ficar com o que cabe a cada parte.

As profundas transformações e constantes crises de ordem social, cultural, econômica, ambiental e política vivenciadas na contemporaneidade servem para que sejamos capazes de repensar os modelos a que temos nos sujeitoado. Sobre isso, concordamos com Mendonça (1999), que nos leva a refletir que, para mudarmos os paradigmas da sociedade atual, é necessário proporcionar um espaço saudável de vivência pessoal, onde essas transformações possam ser experimentadas inicialmente numa relação consigo mesmo, para que, posteriormente, possam nutrir comportamentos saudáveis com o outro e com o meio que nos cerca.

Verificamos, assim, que as discussões de gênero, sob o olhar da viagem e do turismo, apresentam um ponto em comum e agregador, pois os pesquisadores reconhecem e destacam a necessidade de aprofundar estudos que integrem os temas, a fim de melhor compreender as transformações da sociedade pós-moderna. Recentemente, essas lacunas estão sendo preenchidas por estudos aprofundados,

capazes de identificar e analisar os novos comportamentos e tendências existentes no contexto da atividade turística e no universo das viagens, além de contribuir com sugestões que agreguem valor para o desenvolvimento humano.

Sabemos que ainda na atualidade, homens e mulheres não partilham o mundo em igualdade de condições e nenhum país conseguiu eliminar por completo as lacunas que resultam das questões de gênero, uma vez que não existem sociedades completamente igualitárias. Apesar das transformações sociais contemporâneas serem responsáveis pelo acesso das mulheres aos espaços prioritariamente masculinos, a exemplo da viagem independente, este acesso ainda é restrito e permeado de riscos, constrangimentos, preconceitos e limitações, no qual a mulher moderna continua com a sua luta contra a opressão e a exploração (Porter & Schänzel, 2018a; Byrne, 2003; Myers, 2010; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017; Wilson & Little, 2008). Dentre as principais disparidades entre os gêneros estão: salários desiguais; tipos de contrato (tempo parcial ou integral); casamento e filhos; qualificação específica; cultura, estereótipos e valores sociais, entre outros.

Os cenários apresentados neste estudo podem ser modificados a qualquer tempo, visto que estão sob as forças de diversos agentes externos, o que pode significar o surgimento de novas demandas. Nesse entendimento, ainda que se preserve a essência das propostas apresentadas, ressaltamos o papel político da mulher no mundo como agente transformador de realidades e tendências no mercado do turismo e viagens, destacando desde já os contributos resultantes da abordagem deste estudo ao tratar, de maneira transversal, as questões de gênero

Este estudo procurou aprofundar as interfaces entre gênero, viagem independente e ócio, partindo de uma teoria enraizada e apoiados por uma densa revisão de literatura. Analisamos a viagem independente feminina sob os aspectos e problemáticas das atuais questões de gênero e do ócio para o desenvolvimento humano, tendo o turismo como pano de fundo desse cenário.

A questão é saber qual o impacto que o comportamento de mulheres em viagens independentes provoca nelas mesmas e na sociedade e, dessa forma, tentar perceber qual o contributo dessas experiências para a construção de uma sociedade

equânime. Em outras palavras, esse movimento de dentro para fora, e de fora para dentro, que as mulheres experimentam nas viagens independentes, o subjetivar-se e trocar informações e sentimentos com o mundo, pode vir a minimizar gradativamente preconceitos ainda existentes em relação às mulheres e criar espaços de resistência na sociedade.

No primeiro capítulo concluímos que o crescente número de mulheres ocidentais em viagens independentes é resultado da conquista por maior independência financeira e pela democratização do acesso à educação (Pritchard, Morgan, Ateljevic & Harris, 2007; Berdychevsky *et al.*, 2013; Wilson, 2004; Myers, 2010; Yang, 2017). Esse facto tem resultado em novas formas de olhar a interseção entre as questões de género e turismo, as quais influenciam diretamente, e de forma global, a economia, a cultura, a política e a sociedade. Além disso, o mercado de viagens e turismo está cada vez mais diversificado, dinâmico e inovador e o consumidor atual é plural, flexível, exigente e bem informado.

Por isso é necessário e importante que os sujeitos ligados ao turismo, tanto aqueles com intervenção direta quanto os que estão ligados de forma indireta, se planejem observando e compreendendo as transformações no ambiente externo global, em particular no que se refere às questões de segurança (o terrorismo, as guerras, o movimento/deslocamento de pessoas e os desastres ambientais resultados das alterações climáticas, entre outros). Logo, o desenvolvimento sustentável do turismo deve considerar a gestão de todos os ambientes, dos recursos naturais e das comunidades receptoras, atendendo suas necessidades económicas e sociais, e garantindo a integridade cultural e a diversidade biológica dos meios humano e natural.

No que se refere aos estudos de género no turismo, em geral, a maioria tem natureza quantitativa e possui um maior enfoque na oferta, em detrimento de um olhar mais atento às especificidades da demanda por meio de uma análise de dados qualitativos. Uma série de pesquisas abordam a mulher no contexto da atividade turística. Muitos estudos sobre género e turismo focam aspectos no âmbito do desenvolvimento do turismo. Pesquisas limitadas examinam as percepções e atitudes

(Meng & Uysal, 2008; Mura & Khoo-Lattimore, 2012). Outras análises focam em aspectos relacionados ao desenvolvimento do turismo (Ferguson, 2010 e 2011; Tran & Walter, 2014); examinam percepções, atitudes e comportamentos sexuais no turismo (Berdychevsky, Poria e Uriely 2013; Small, 1999, 2007); focam nas diferenças de gênero na participação em atividades de lazer e em viagens (Kolyesnikova & Wilcox, 2009; Meng & Uysal, 2008; Wilson, 2004; Yang, 2017; Noy, 2004; Falcone, 2011); discutem questões de gênero ligadas à mulher no mercado de trabalho do turismo (Costa, 2001; Jordan & Aitchison, 2008; Jordan & Gibson, 2005) e literatura relevante tem discutido, principalmente, as diferenças e especificidades de gênero na participação em atividades de lazer (Aitchison, 2000; Jordan & Aitchison, 2008; Wilson, 2004). Quanto à associação dos temas gênero e comportamento do consumidor com foco nas diferenças biológicas entre sexos, no contexto das atividades de lazer existem pesquisas de naturezas diversas (Lewis, Kerr & Pomering, 2010; Lo & Tashiro, 2013; McRobbie, 2008).

Como vimos, no geral os estudos de gênero no turismo têm natureza quantitativa e possui um maior enfoque na oferta em detrimento de um olhar mais atento às especificidades da demanda, por meio de uma análise qualitativa. Ainda que essa realidade já apresente indícios da expansão da pesquisa qualitativa no turismo, ainda é insuficiente (Porter & Schänzel, 2018a; Khoo-Lattimore & Wilson, 2017).

No capítulo 2, vimos que uma em cada sete mulheres brasileiras, tem a intenção de viajar sozinha (Brasil, 2017) e uma em cada quatro mulheres viajantes no Brasil planeja repetir a experiência de duas a quatro vezes nos próximos 12 meses. Acreditamos que a viagem independente revela um espaço de liberdade recentemente conquistado pelas mulheres, e por isso atua como uma metáfora para conquistas maiores, em outras dimensões da vida humana. Atualmente, muitas mulheres trilham inicialmente um caminho de autoexploração, com o objetivo de desenvolver a sua carreira profissional, mantendo-a aberta ao futuro para depois investir na área afetiva e relacional (Arnett, 2014; Bay-Cheng & Goodkind, 2015). Esse movimento justifica a importância de tentar compreender de que forma a condição de ser mulher, no século XXI, afeta as escolhas e preferências individuais de lazer por meio do turismo, para que seja possível a desconstrução de padrões instituídos.

No contexto das motivações para a viagem, ainda que de maneira e intensidade diversas, as viajantes possuem uma finalidade interior, subjetiva, pelas quais as atividades de lazer se convertem em uma atividade de ócio humanista. A crescente individualização nas relações contemporâneas nos leva a refletir sobre a interdependência no mundo globalizado, pelo facto de estarmos todos ligados, coabitando numa comunicação global cada vez mais forte, em pleno uso da tecnologia, publicitando o que antes era da esfera privada. Muitas vezes, privilegiamos as conexões *online* ao invés do “cara a cara”. Estamos todos numa solidão e multidão ao mesmo tempo.

Nesse entendimento, este estudo trouxe uma reflexão aprofundada e sustentada em bases teórico-conceptuais sobre o significado da experiência da viagem independente no feminino e, sob o enfoque das viagens de lazer, apresenta a importância da viagem na construção da subjetividade da viajante. Essa tendência vai ao encontro do movimento chamado *slow mobilities* e suas experiências, que consiste na diminuição do ritmo acelerado proposto pela lógica da modernidade, considerado como metáfora para sair do frenesi do consumo exacerbado a que estamos expostos (Markwell *et al.*, 2012).

A viagem independente de que tratamos neste estudo está inserida no contexto do lazer, e refere-se à mulher brasileira que viaja ou viajou ao menos uma vez desacompanhada para o exterior. Entre as qualidades e características encontradas nos depoimentos foram: flexibilidade do roteiro feito por elas; destino internacional; hospedagem particular (albergue, hotel, pousada, outro); passam a maior parte do tempo sozinhas e fazendo, a todo momento, suas escolhas pessoais e de lazer (Chai, 1996; Wilson, 2004; Yang, 2017).

Além disso, as viagens sempre provocaram profundas e intensas transformações das visões de mundo, de povos e culturas, especialmente pelo facto de modificar o viajante, o explorador. Talvez seja esse o ganho substancial da viagem: conferir ao praticante uma ideia de descoberta do *self*, do eu interior, tendo como base a vivência em sociedades muito diferentes da sua de origem. Por isso, o *self* é construído, modificado e reproduzido na interação com outras pessoas. Mais do que

um eu fixo, cada indivíduo tem múltiplos *eus*, que são permeáveis e dependentes do contexto (Cohen, 2010; Vaughan & Hogg, 2002).

Apesar das diferentes visões, podemos concluir que o sentimento e a vontade em explorar eram inerentes aos primeiros viajantes. Tomados pela coragem, curiosidade e excitação pela descoberta, homens e mulheres fizeram de suas vidas um experimento, construindo trilhas que conduziram civilizações inteiras a outro tempo e espaço. Nesse viés, turistas se lançam pelo mundo em busca da autenticidade existencial, ou seja, desejam alcançar um estado subjetivo de estar e ser através de uma experiência do eu verdadeiro (Cohen, 2010). Isso nos leva a concordar que o viajante observa a experiência de viagem como um recurso na busca pela autorrealização (Rojek, 1993).

Já em relação a discussão das questões de gênero, até há muito pouco tempo as mulheres tinham diante de si apenas um universo resumido de possibilidades: casar e ter filhos. Noseworthy e Lott (1984) encontraram evidências que qualificam as mulheres em cinco subestereótipos principais: dona de casa, mulher de carreira, objeto sexual, atleta e feminista. Atualmente, as mulheres podem, por exemplo, escolher ter filhos ou não, engravidar quando desejarem, se relacionar sexualmente com outras pessoas, seduzir com diferentes objetivos, trabalhar em diferentes frentes (Barbieri, 1993). Para Swirsky e Angelone (2015), o encontro entre o feminismo e os assuntos de gênero se dá na busca, na liberdade de escolha; em quebrar regras; na igualdade no contexto das diferenças de gênero e na determinação do comportamento aceitável.

As performances, quer seja do pesquisador ou das viajantes, estão subjugadas a uma condição social de dominação masculina, tanto na esfera pública como na privada, pelas quais nossas relações quotidianas e comportamentos são moldados com o que cabe ao gênero feminino. A viagem independente de mulheres é uma prática que levanta uma diversidade de questões éticas e de gênero que corroboram e dão continuidade à uma transformação sutil de padrões estabelecidos, com a atenção às liberdades individuais. Percebemos, portanto, a viagem independente a partir de outras perspectivas, incorporando algumas novas formas de performar o eu feminino.

No capítulo 3 apresentamos as origens da construção do pensamento do lazer e do ócio, em Hegel, a partir da noção de *Homo Faber*, e em Nietzsche, enquanto *Homo Ludens*. Observamos que são dois discursos que seguem atualizando as diversas problemáticas em torno da articulação entre o trabalho e o lazer, sobretudo por serem necessidades que integram o ser humano.

À luz dos estudos do ócio e do lazer, verificamos que o novo sujeito do mundo globalizado transita, de maneira fluida, pelas novas demandas sociais e políticas da modernidade. A estrutura emergente permite que o ser humano se expresse, incluindo aqueles que dentre nós se manifestam como pertencentes a mais de uma cultura, orientação sexual e idiomas (MacCannell, 1992). E, ainda que existam conflitos, intervenções e discriminações de toda ordem, as questões de gênero ganham espaço e contribuem para a diminuição das dissemelhanças.

Ao revisitarmos as práticas do lazer e do ócio, verificamos que muito se tem avançado nas discussões sobre educar e qualificar a experiência humana de ócio, contribuindo para estruturar as sociedades a partir de indivíduos que cultivem valores como o respeito pelas diferenças, a promoção do diálogo e a negação de todo e qualquer tipo de intolerância.

Na verdade, enfrentamos uma realidade quotidiana que pode ser retratada pela expressão “as coisas parecem ser menos do que poderiam ser” (Rojek, 1995, p. 192). Constantemente, somos levados a crer nos ideais de realidade das imagens projetadas pelo mercado de bens e serviços. O mundo globalizado parece nos mostrar incessantemente que somos ou estamos inadequados.

No mundo virtual, a ‘grama’ do vizinho parece sempre mais verde, mas, muitas vezes, é mera ilusão que remete para a nossa tediosa vida ordinária. Estamos fascinados pelo extraordinário, pelo diferente, apostados em afirmar ao mundo a nossa singularidade, nossa condição especial, subjetiva e valiosa. Para isso, usamos as redes sociais e aplicativos que nos dão mais do mesmo: o vazio na multidão. Somos apenas uma alma no mundo de mais de 6 bilhões de vidas.

Conectar, verbo tão presente em nossas relações virtuais, sociais e íntimas, permite o aumento concreto da conexão entre os dissemelhantes, quer seja no mundo do trabalho, quer no mundo do lazer. Afinal, o acesso às informações em tempo real propicia um rico e diverso intercâmbio sociocultural. Rojek (1995) nos convida a um novo olhar para o lazer, estimulando uma atitude comprometida, a fim de emancipar o lazer da necessária conotação de liberdade, escolha, satisfação de vida e escapismo.

Como vimos, a viagem independente também pode ser um lugar de resistência da mulher contra os estereótipos instituídos, além de um tempo para nutrir o bem-estar e a felicidade, que resultam numa melhor qualidade de vida, o que confirma a dimensão política do ócio. Podemos ir um pouco mais longe ao afirmar que a viagem independente, ou apenas a viagem, contribui para a felicidade e para o bem-estar das pessoas. Em suma, esse tipo de viagem pode ser entendida como uma forma de ócio débil enquanto resistência e subversão do conceito estereotipado das mulheres, e este estudo, por sua vez, traz luz a dimensão política da viagem independente das mulheres, quer elas tenham consciência disso ou não.

No capítulo 4 evidenciamos a natureza exploratória desta investigação que tem como objetivo dar pistas para propostas de investigação futuras, lançando hipóteses a serem investigadas e traçando perfis de comportamento, tendo como base uma abordagem interpretativa. Além do mais, o paradigma fenomenológico abarca esse tipo de estudo, sendo o mais adequado para tratar as questões de gênero (Collins & Tisdell, 2002) e o objeto de análise é a ação e os significados atribuídos pelo sujeito e dos que com ele interagem, cabendo ao investigador a análise das variáveis descobertas.

Para dar qualidade às interações entre o pesquisador e o objeto pesquisado, na investigação qualitativa Laperrière (2008) recomenda um conhecimento aprofundado do contexto e da diversidade das perspectivas dos atores envolvidos; além de uma postura de escuta crítica do pesquisador. Tal processo foi vivenciado neste estudo, quando o pesquisador foi constantemente instigado a rever e a repensar nos seus posicionamentos teóricos. Diante disso, acredita-se na importância do pesquisador interagir com o objeto estudado, na construção de um conhecimento que

possibilite o pesquisador colocar-se inteiro, com sua realidade, história de vida, valores e crenças. Sobre isso, Laperrière (2008) esclarece que o pesquisador leva para o campo a sua experiência integral de vida, isto é, seus sentimentos, sua intuição, seus valores.

Além disso, é considerada a voz reflexiva do pesquisador, que participa ativamente e interage com a realidade estudada, na qual o método de entrevistas é orientado pelos princípios da co-construção, flexibilidade e historicidade (Pernecky & Jamal, 2010; Deslauriers & Kérisit, 2008). Aliado a isso, adotamos a perspectiva feminista, que observa os acontecimentos a partir do olhar das mulheres e tem como referência a identidade, a visão interior e a proximidade das mesmas, uma vez que as investigadoras impõem uma atenção e cuidado que resultam da própria condição de ser mulher (Smith, 1987; Bell, Caplan, & Karim, 1993; Golde, 1970; Whitehead & Conaway, 1986).

O caráter emancipatório e crítico da investigação feminista empodera a mulher fortalecendo suas reivindicações a partir de suas realidades pessoais, como também abre um espaço intelectual e emocional para o posicionamento da mulher na sociedade (Hesse-Biber, 2012), como pode ser comprovado nos depoimentos das viajantes. Além disso, a viajante independente combate, por meio da sua performance, os paradigmas e preconceitos enraizados na sociedade, trazendo à tona uma discussão contra o sexismo, o racismo e a homofobia (Hesse-Biber, 2012) destacando as liberdades individuais, transformando sutilmente padrões já estabelecidos além de incorporar algumas novas formas de performar o feminino.

Finalmente, é nesse contexto de exposição da vulnerabilidade, de atos performativos, de quebra de paradigmas que este estudo se desenvolveu. A expansão do feminino no cenário das viagens independentes evidencia essa resistência, tal como reivindicado pelas entrevistadas neste estudo, que, indignadas, exigem esse espaço de atuação e reconhecimento da legitimidade da mobilidade de seus corpos como instância política e social.

Como qualquer pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, esta investigação tem limitações e desafios. As limitações deste estudo incluem um número de entrevistadas relativamente pequeno, pois trata-se de um grupo específico de

viajantes mulheres independentes, amostragem que, se permite delinear e assinalar inúmeros aspetos e orientações essenciais a investigar, nem por isso não permite declarações sólidas sobre mulheres e viagens.

A questão norteadora deste estudo consiste em compreender como se dão os processos de subjetivação de mulheres em viagens independentes. A partir da questão central, nosso estudo tentou perceber quais as diferenças e semelhanças entre as viajantes entrevistadas se considerarmos as variáveis da faixa etária, do estado civil, da maternidade, da área de atuação profissional e o número de viagens independentes já realizadas. Além da dinâmica da viagem independente no contexto macro do turismo, os temas que emergiram das entrevistas dizem respeito às questões de género e empoderamento feminino, ao ócio e processos de subjetivação. As questões iniciais eram: qual o impacto qualitativo da viagem independente na história de vida dessas mulheres? Qual o grau de autonomia que essas mulheres têm quando viajam? Qual o impacto na reestruturação de vida em função da viagem?

Não se tratando, como anteriormente dissemos, de proceder à validação de afirmações solidamente generalizáveis, a amostra do nosso estudo apontou inequivocamente para alguns aspetos que importa articular na transversalidade de várias perspetivas.

Assim, de um ponto de vista do turismo, podemos dizer que a viagem independente no feminino é um nicho de mercado que deve ser tido em atenção, e a sua expansão merece um conhecimento mais aprofundado.

De um ponto de vista identitário, a viagem independente no feminino pode propiciar metamorfoses operadas pelo incremento da consciência (“em ato”) dos estereótipos que pesam negativamente sobre a mulher, acicatando o sentimento de emancipação e o caminho do empoderamento. É óbvio que aqui entra também o próprio confronto com as questões de género, no peso que estas têm na tessitura das relações sociais e dos preconceitos instituídos. A viagem independente propicia que se proceda a uma desconstrução das discriminações baseadas no género e dá azo a múltiplas reconfigurações identitárias que, certamente, se repercutem em mudanças nas mulheres que as vivenciam.

Ainda que tenhamos detalhado, através da tipificação apresentada, diferentes aspectos e variáveis presentes na viagem independente feminina, o denominador comum mais relevante está contido nos aspectos reconfiguradores, emancipadores, transformadores, de crescimento pessoal, de conhecimento, de superação de barreiras e de alargamento dos horizontes vivenciais, intelectuais e culturais que a viagem potencialmente proporciona a quem por esse caminho se deixar desafiar.

As indicações apresentadas no presente estudo — corroborados por literatura que assinala inequivocamente a mesma tendência — mostram que, para além da dimensão utilitária que geralmente lhe atribuímos, a viagem, tal como a caracterizamos, tem um potencial transformador consonante com os valores que clamam pela igualdade de género e que procuram fomentar o processo de libertação da mulher dos estigmas sociais que, objectivando-a, a colocam numa redoma que dificulta a sua própria reinvenção por processos de subjetivação livres e de sua iniciativa.

É claro que, neste movimento, a fecundidade da experiência do ócio pode ser um desencadeador no que diz respeito à desaceleração necessária para a reflexão, para o descobrir-se e o saber estar consigo mesma e para o romper com as forças que expropriam a autonomia em detrimento de rotinas que formatam e amordaçam. Neste sentido, o contributo dos Estudos Culturais e, dentro destes, das correntes mais focadas nas questões do género e do feminismo, são suportes que fazem parte de todo este lento processo de transformação.

Certamente que estudos que valorizem o ócio, que desconstruam os estilos de vida consumista, que identifiquem preconceitos sociais conducentes à falta de liberdade e à desigualdade de direitos, que analisem criticamente os estigmas e as coerções que pesam sobre as mulheres, colocando-as em estado de condicionamento e de limitação — por exemplo quando viajam sozinhas e de forma independente — contribuirão para promover a reforma das mentalidades, já em curso, mas muito carente de aprofundamento e consolidação.

Em suma, se inicialmente este estudo teve como objetivo conhecer as aprendizagens, os desafios e as experiências proporcionados pela viagem independente, o aprofundamento teórico descortinou um foco mais desafiador, capaz de revelar muito sobre os processos de subjetivação de mulheres quando viajam sozinhas. Soma-se a isso a construção de novas temáticas e cruzamentos que enriqueceram o percurso desta pesquisa e os seus resultados. As reflexões desta investigação pretendem contribuir para o avanço do pensamento sobre mulheres e viagens e, em especial, concordando com Yang (2017) sobre as viajantes asiáticas, ser capaz de dar vozes a grupos silenciados e, por vezes, estereotipados tal como acontece com as mulheres brasileiras.

Finalmente, as performances dessas viajantes ganham espaço, tanto na esfera pública como na privada, transformando subtilmente padrões estabelecidos, rompendo limites, desconstruindo preconceitos de género e empoderando a mulher enquanto sujeito de direitos. A partir de um olhar mais apurado sobre a viagem independente, este estudo pretende agregar valores a serem incorporados pela sociedade, capazes de expandir as possibilidades dos processos de subjetivação no feminino.

Bibliografia

- Aitchison, C., MacLeod, N. E., & Shaw, S. J. (2000). *Leisure and Tourism Landscapes: Social and Cultural Geographies*. London: Routledge.
- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Thomson.
- Anderson, K., & Smith, S. (2001). Editorial: Emotional Geographies. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 26(1), pp. 7-10.
- Arnett, J. J. (2014). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Baptista, M. M. (2014). Ócio, Temporalidade e Existência: Uma Leitura a Luz da Fenomenologia e Hermenêutica Heideggerreanas. In M. M. Baptista, & A. Ventura, *Do Ócio - Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (pp. 95-102). Coimbra: Grácio Editor.
- Baptista, M. M. (2016). Estudos de ócio e leisure studies - o atual debate filosófico, político e cultural. *Revista Brasileira de Estudos Do Lazer*, 3(1), pp. 20-30.
- Barbieri, T. (1993). *Sobre a Categoria Gênero: uma introdução teórico-metodológica*. Recife: S.O.S Corpo.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barretto, M. (2000). *Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papirus.
- Baum, T. (2013). *International perspectives on women and work in hotels, catering and tourism*. Geneva: International Labour Office.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bay-Cheng, L. Y., & Goodkind, S. A. (2015). Sex and the Single (Neoliberal) Girl: Perspectives on Being Single Among Socioeconomically Diverse Young Women. *Sex Roles*, 74(5-6), pp. 181-194.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Bell, D., Caplan, P., & Karim, W. J. (Eds.). (1993). *Gendered Fields: Women, Men and Ethnography*. London and New York: Routledge.
- Berdychevsky, L., Gibson, H., & Poria, Y. (2013). Women's Sexual Behavior In Tourism: Loosening The Bridle. *Annals of Tourism Research*, 42, pp. 65-85.
- Berdychevsky, L., Poria, Y., & Uriely, N. (2013). Sexual behaviour in women's tourist experiences: motivations, behaviour, and meanings. *Tourism Management*, 35, pp. 144-155.
- Bergen, D. J., & Willians, J. E. (1991). Sex Stereotypes in the United States Revisited: 1972-1988. *Sex Roles*, 24(7-8), pp. 413-423.
- Bijlstra, G., Holland, R. W., Dotsch, R., Hugenberg, K., & Wigboldus, D. H. (2014). Stereotype Associations and Emotion Recognition. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 40(5), pp. 567-577.
- Binkhorst, E., & Dekker, T. D. (2009). Agenda for Co-Creation Tourism Experience Research. *Journal of Hospitality Marketing & Management*, 18(2-3), pp. 311-327.

- Bond, M. (1997). *Women Travellers: A New Growth Market*. Singapore: Pacific Asia Travel Association.
- Boniface, B., Cooper, R., & Cooper, C. (2005). *Worldwide Destinations: The geography of travel and tourism (Volume 1)*. London and New York: Elsevier.
- Braidotti, R. (2002). Diferença, diversidade e subjetividade nômade. *Revista Estudos Feministas*(1-2), pp. 1-16.
- Brasil. (2017). *Sondagem do consumidor: intenção de viagem / FGV Projetos, Ministério do Turismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas.
- Brasileiro, M. (2014). O lazer e as transformações socioculturais contemporâneas. In M. M. Baptista, & A. Ventura, *Do ócio – debates no contexto cultural contemporâneo* (pp. 33-48). Coimbra: Grácio Editor.
- Brown, B. (2006). Shame Resilience Theory: A Grounded Theory Study on Women and Shame. *Families in Society: The Journal of Contemporary Social Services*, 87, pp. 43-52.
- Bruhns, H. T. (2009). A Crise do Lazer Moderno e Concepções de Corpo. *Licere*, 12(4).
- Buhalis, D. (2001). The tourism phenomenon: the new tourist and consumer. In S. Wahab, & C. Cooper, *Tourism in the age of globalization* (pp. 69-96). London: Routledge.
- Buhalis, D., & Costa, C. (Eds.). (2005). *Tourism Business Frontiers: consumers, products and industry*. Amsterdam: Elsevier.
- Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological Paradigms and Organizational Analysis*. London: Heineman.
- Butler, J. (1998). Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. *Cadernos Pagu*(11), pp. 11-42.
- Butler, J. (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Butler, J. (2009). Performativity, precarity and sexual politics. *Revista de Antropología Iberoamericana*, 4(3).
- Butler, J. (2015a). *Conferência Magna I - Seminário Queer*. Retrieved from YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=hydaHt7pd70>
- Butler, J. (2015b). *Senses of the subject*. New York: Fordham University Press.
- Byrne, A. (2003). Developing a Sociological Model for Researching Women's Self and Social Identities. *European Journal of Women's Studies*, 10(4), pp. 443-464.
- Campbell, R. (1995). Weaving a new tapestry of research, a Bibliography of Selected Readings on Feminist Research Methods. *Women's Studies International Forum*, 18(2), pp. 215-222.
- Campos, M. (2011). *Sozinha Mundo Afora de Mari Campos*. Rio de Janeiro: Editora Record.
- Campos-Soria, J. A., Marchante-Mera, A., & Roperó-García, M. A. (2011). Patterns of occupational segregation by gender in the hospitality industry. *International Journal of Hospitality Management*, 30, pp. 91-102.
- Camps, V. (1998). *El Siglo de Las Mujeres*. Madrid: Cátedra.
- Carvalho, G., Costa, C., Baptista, M. M., & Bakas, F. (2017). Citizens of the World: Brazilian Women's Performances in Independent Travel. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson,

- Women and Travel: Historical Contemporary Perspectives* (pp. 67-84). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Carvalho, I., Costa, C., Lykke, N., & Torres, A. (2014). An Analysis of Gendered Employment in the Portuguese Tourism Sector. *Journal of Human Resources in Hospitality & Tourism*, 13(4), pp. 405-429.
- Cash, T., & Brown, T. (1989). Gender and Body Images: Stereotypes and Realities. *Sex Roles*, 21(5-6), pp. 361-373.
- Chai, P. (1996). Fully independent travelers. *BTR Tourism Update*, 3(Autumn).
- Cohen, S. (2010). Searching for escape, authenticity and identity: Experiences of lifestyle travellers. In M. Morgan, P. Lugosi, & J. R. Ritchie, *The Tourism and Leisure Experience: Consumer and Managerial Perspectives* (pp. 27-42). Bristol: Channel View Publications.
- Cohen, S. (2013). Leisure, identities and personal growth. In S. Elkington, & S. Gammon, *Contemporary Perspectives in Leisure: Meanings, Motives and Lifelong Learning*. London: Routledge.
- Collins, D., & Tisdell, C. (2002). Gender and differences in travel life cycles. *Journal of Travel Research*, 41(2), pp. 133-143.
- Collis, J., & Hussey, R. (2003). *Business Research: A Practical Guide for Undergraduate and Postgraduate Students*. Hampshire: Palgrave.
- Coriolano, L. N. (2006). *O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza*. São Paulo: Annablume.
- Costa, C. (2001). An emerging tourism planning paradigm? A comparative analysis between town and tourism planning. *Int. J. Tourism Res.*, 3, pp. 425-441.
- Costa, C., Caçador, S., & Breda, Z. (2013). The human capital in the tourism sector: Is the employment situation of Portuguese tourism graduates similar in rural and urban municipalities. *International Conference on Rural Tourism: Re-Inventing Rural Tourism and the Rural Tourism Experience - Conserving, Innovating and Co-Creating for Sustainability (ORTE)* (pp. 1-22). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Costa, C., Carvalho, I., & Breda, Z. (2011). Gender inequalities in tourism employment: The Portuguese case. *Revista Turismo & Desenvolvimento*(15), pp. 37-52.
- Costa, C., Durão, M., Bakas, F., Breda, Z., Carvalho, I., & Caçador, S. (2015). "Walking on broken glass": The changing nature of gendered constraints to career development and performance. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 23, pp. 9-19.
- Costa, R. A. (2012). Dinâmicas territoriais geradas pelo investimento privado no turismo. *Tese de Doutoramento*. DEGEI - Universidade de Aveiro.
- Cramer, P., & Skidd, J. (1992). Correlates of Self-Worth in Preschoolers: The Role of Gender-Stereotyped Styles of Behavior. *Sex Roles*, 26(9-10), pp. 269-390.
- Crane, R. (2007). Is There a Quiet Revolution in Women's Travel? Revisiting the Gender Gap in Commuting. *Journal of the American Planning Association*, 73(3), pp. 298-316.
- Crouch, G., & Richie, J. (1999). Tourism, Competitiveness, and Societal Prosperity. *Journal of Business Research*, 44(3), pp. 137-152.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity: Flow and the Psychology of Discovery and Invention*. New York: HarperPerennial.
- Cuenca Cabeza, M. (1999). *Ocio y formación. Hacia la equiparación de oportunidades mediante la educación del ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto.

- Cuenca Cabeza, M. (2000). Ocio humanista: dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. *Documentos de estudios de ocio*, 16.
- Cuenca Cabeza, M. (2004). *Pedagogía del ocio: Modelos y Propuestas*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Cuenca Cabeza, M. (2005). Emergencia de un discurso - realidad en la sociedad de ocio. *Cuadernos de Pedagogía*, pp. 60-63.
- Cuenca Cabeza, M. (2006). *Aproximación multidisciplinar a los estudios de ocio*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Curcic, N., Zakic, L., & Galantic, M. (2009). Segmentation of Tourist Markets: Women as Consumers. *Geogr. Temisiensis*, 19(1-2), pp. 67-74.
- Damasio, A. (2000). *O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Danziger, K. (1997). The historical formation of selves. In R. D. Ashmore, & L. J. Jussim, *Rutgers series on self and social identity, Vol. 1. Self and identity: Fundamental issues* (pp. 137-159). New York: Oxford University Press.
- Deem, R. (1990). *Gender and Leisure-Past Progress, Future Prospects*. International Sociological Association (ISA).
- Desforges, L. (2000). Travelling the World: Identity and Travel Biography. *Annals of Tourism Research*, 27(4), pp. 926-945.
- Deslauriers, J., & Kérisit, M. (2008). O delineamento de pesquisa qualitativa. In J. Poupard, J. Deslauriers, L. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 127-153). Petrópolis: Vozes.
- Dias, R. (2005). *Introdução ao Turismo*. Rio de Janeiro: Atlas.
- Doistua, R. (2006). Introducción a la Historia de los Estudios de Ocio en el siglo XX. *Cuadernos de Estudios de Ocio*, 3, pp. 1-87.
- Dolan, P. (2014). *Projetar a felicidade*. Lisboa: Temas e Debates.
- Doyal, L., & Gough, I. (1984). A Theory of Human Needs. *Critical Social Policy*, 10, pp. 6-38.
- Dwyer, L., Edwards, D., Mistilis, N., Roman, C., & Scott, N. (2009). Destination and enterprise management for a tourism future. *Tourism Management*, 30(1), pp. 63-74.
- Eagly, A. H., & Wood, W. (2013). Feminism and Evolutionary Psychology: Moving Forward. *Sex Roles*, 69(9-10), pp. 549-556.
- Eagly, A., & Steffen, V. (1984). Gender Stereotypes Stem From the Distribution of Women and Men Into Social Roles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46(4), pp. 735-754.
- Edwards, G. (1992). The Structure and Content of Male Gender Role Stereotype: An Exploration of Subtypes. *Sex Roles*, 27(9-10), pp. 533-551.
- Elsrud, T. (2001). Risk creation in traveling. *Annals of Tourism Research*, 28(3), pp. 597-617.
- Elsrud, T. (2006). Gender creation in travelling or the art of transforming an Adventuress. In K. Meethan, A. Anderson, & S. Miles, *Tourism Consumption and Representation: Narratives of Place and Self* (pp. 178-195). Wallingford: CABI.
- Falconer, E. (2011). Risk, Excitement and Emotional Conflict in Women's Travel Narratives. *Recreation and Society in Africa, Asia and Latin America*, 1(2), pp. 65-89.

- Ferguson, L. (2010). Tourism development and the restructuring of social reproduction in Central America. *Review of International Political Economy*, 17(5), pp. 860-888.
- Ferguson, L. (2011). Promoting gender equality and empowering women? Tourism and the third Millennium Development Goal. *Current Issues in Tourism*, 14(3), pp. 235-249.
- Figueiredo, S. (2010). *Viagens e Viajantes*. São Paulo: Annablume.
- Figueiredo, S. (2014). Cultura e natureza: a viagem e o turismo como necessidades humanas. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, 2, pp. 283-299.
- Figueiredo, S., & Ruschmann, D. (2004). Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. *Novos Cadernos NAEA*, 7(1), pp. 155-188.
- Filep, S., Cao, D., Jiang, M., & Terry, D. (2013). Savouring tourist experiences after a holiday. *Leisure/Loisir*, 37(3), pp. 191-203.
- Finnegan, R. (1997). Storying the self: personal narratives and identity. *Consumption and everyday life*, pp. 65-112.
- Firestone, J., & Shelton, B. (1994). A Comparison of women's and men's leisure time: Subtle effects of the double day. *Leisure Sciences*, 16(1), pp. 45-60.
- Fleming, P. J., & Agnew-Brune, C. (2015). Current trends in the study of gender norms and health behaviors. *Current Opinion in Psychology*, 5, pp. 72-77.
- Foa, E. B. (2012). How Being Female Influenced My Professional Experiences and Growth. *Behavior Therapy*, 43(4), pp. 715-717.
- Foucault, M. (1993). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- Franco, M. L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Gerber, G. (1991). Gender Stereotypes and Power: Perceptions of the Roles in Violent Marriages. *Sex Roles*, 24(7-8), pp. 439-458.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2005). *O Inquérito, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Gibson, H. J. (2001). Gender in tourism: theoretical perspectives. In Y. Apostolopoulos, S. Sönmez, & D. J. Timothy, *Women as Producers and Consumers of Tourism in Developing Regions* (pp. 19-43). Westport, CT: Praeger.
- Gilbert, E. (2008). *Comer, rezar, amar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Giorgi, A. (2008). Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 386-409). Petrópolis: Vozes.
- Golde, P. (1970). *Women in the Field Anthropological Experiences*. Chicago: Aldine Publishing Company.
- Gomes, M. (2016). Dimensões simbólicas da desigualdade de gênero: uma análise a partir do trade turístico sergipano. In K. d. Alvez, *Turismo, trabalho e gênero: uma abordagem interdisciplinas* (pp. 77-93). Ouro Preto: UFOP/Departamento de Turismo.
- Goodkind, S. (2009). "You can be anything you want, but you have to believe it": Commercialized Feminism in Gender-Specific Programs for Girls. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 34(2), pp. 397-422.

- Gorz, A. (1980). *Farewell to the Working Class*. London: Pluto.
- Gouldner, A. (1960). The norm of reciprocity: A preliminary statement. *American Sociological Review*, 25, pp. 161-178.
- Graburn, N. (1983). The anthropology of tourism. *Annals of Tourism Research*, 10(1), pp. 9-33.
- Grossi, M. P. (1998). *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Florianópolis: PPGAS/UFSC.
- Grossman, M., & Wood, W. (1993). Sex Differences in Intensity of Emotional Experience: A Social Role Interpretation. *Journal of personality and social psychology*, 65(5), pp. 1010-1022.
- Groulx, L.-H. (2008). Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 97-124). Petrópolis: Vozes.
- Guba, E. G. (1990). The alternative paradigm dialog. In E. G. Guba, *The paradigm dialog* (pp. 17-27). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gubrium, J. F., & Holstein, J. A. (1997). *The New Language of Qualitative Method*. London: Oxford University Press.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e Formas de Uso*. Cascais: Príncipeia.
- Guerrero, S. (2014). Até onde vai a religião: um estudo do elemento religioso nos movimentos da Nova Era. *Horizonte*, 12(35), pp. 902-931.
- Guimarães, C. R., & Silva, J. R. (2015). Diferenças de salários, por gênero, no setor de turismo do Brasil. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 23, pp. 143-154.
- Gullone, E. (2000). The development of normal fear: a century of research. *Clinical Psychology Review*, 20(4), pp. 429-451.
- Gustafson, P. (1998). Gender Differences in Risk Perception: Theoretical and Methodological Perspectives. *Risk Anal*, 18(6), pp. 805-811.
- Hakim, C. (1996). The sexual division of labour and women's heterogeneity. *British Journal of Sociology*, 47(1), pp. 167-188.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hanmer, L., & Klugman, J. (2015). Exploring Women's Agency and Empowerment in Developing Countries: Where Do We Stand? *Feminist Economics*, 22(1), pp. 237-263.
- Hansen, C. H., & Hansen, R. D. (1988). How Rock Music Videos Can Change What Is Seen When Boy Meets Girl: Priming Stereotypic Appraisal of Social Interactions. *Sex Roles*, 19(5-6), pp. 287-316.
- Haraway, D. (2000). Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In T. Tomaz, *Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano* (pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Harding, S. (1986). *The Science Question in Feminism*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Harding, S. (1987). Introduction. In S. Harding, *Feminism and Methodology* (pp. 1-14). Bloomington: Indiana University Press.
- Harris, C., & Ateljevic, I. (2003). Perpetuating the male gaze as the norm: Challenges for 'her' participation in business travel. *Tourism Recreation Research*, 28(2), pp. 21-30.

- Harris, C., & Wilson, E. (2007). Travelling beyond the boundaries of constraint: women, travel and empowerment. In A. Pritchard, N. Morgan, I. Ateljevic, & C. Harris, *Tourism and gender: embodiment, sensuality and experience* (pp. 235-250). Wallingford: CABI.
- Hatton, E., & Trautner, M. N. (2013). Images of powerful women in the age of 'choice feminism'. *Journal of Gender Studies*, 22(1), pp. 65-78.
- Haxton, P. (2015). A Review of Effective Policies for Tourism Growth. *OECD Tourism Papers*, 2015(01).
- Hegel, G. W. (1992). *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes.
- Heimtun, B. (2011). The friend, the loner and the independent traveller: norwegian midlife single women's social identities when on holiday. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 19(1), pp. 83-101.
- Heimtun, B. (2012). The Friend, the lone and the independent traveller: norwegian midlife single women's social Identities when on holiday. *Gender, Place and Culture: a Journal of Feminist Geography*, 19(1), pp. 83-101.
- Heintzman, P., & Mannell, R. C. (2003). Spiritual Functions of Leisure and Spiritual Well-being: coping with time pressure. *Leisure Science*, 25, pp. 207-230.
- Henderson, K. (2002). Ocio y género: un concepto global? In M. Setién, & A. Marugán, *Mujeres Y Ocio: Nuevas redes de espacios y tempos* (pp. 21-37). Bilbao: Universidad de Deusto.
- Henderson, K. A., & Bialeschiki, M. D. (1993). Negotiating constraints to women's physical recreation. *Society and Leisure*, 16(2), pp. 389-411.
- Henderson, K. A., & Bialeschki, M. D. (2005). Leisure and Active Lifestyles: Research Reflections. *Leisure Sciences*, 27(5), pp. 355-365.
- Herman, J. (1983). *Les langages de la Sociologie*. Paris: P.U.F.
- Hesse-Biber, S. (2012). *Handbook of Feminist Research Theory and Praxis*. London: Sage.
- Hogg, M. A., & Vaughan, G. M. (2002). *Social Psychology*. Upper Saddle River: Prentice Hall.
- Hosany, S. (2012). Appraisal determinants of tourist emotional responses. *Journal of Travel Research*, 51(3), pp. 303-314.
- Inchaurreaga, Z. (2012). Por un ocio posmoderno [no] violento. Interpretado desde la crisis y la hermenéutica de Gianni Vattimo. *OcioGune 2012-El Ocio Transformado[r]. Resignificaciones y Tendencias del Ocio en Tiempos de Crisis*. Bilbao: Universidade de Deusto.
- Iso-Ahola, S. (1982). Toward a social psychological theory of tourism motivation: A rejoinder. *Annals of Tourism Research*, 9(2), pp. 256-262.
- Jaccoud, M., & Mayer, R. (2008). A observação direta e a pesquisa qualitativa. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 255-294). Petrópolis: Vozes.
- Jackson, E., & Henderson, K. (1995). Gender-based analysis of leisure constraints. *Leisure Sciences: An Interdisciplinary Journal*, 17(1), pp. 31-51.
- Jackson, L. A., Hodge, C. N., & Ingram, J. M. (1994). Gender and Self-Concept: A Reexamination of Stereotypic Differences and the Role of Gender Attitudes. *Sex Roles*, 30(9-10), pp. 615-630.

- Jordan, F., & Aitchison, C. (2008). Tourism and the sexualisation of the gaze: solo female tourists' experiences of gendered power, surveillance and embodiment. *Leisure Studies*, 27(3), pp. 329-349.
- Jordan, F., & Gibson, H. (2005). 'We're not stupid but we'll not stay home either': Experiences of solo women travelers. *Tourism Review International*, 9(2), pp. 195-212.
- Julius, F. S., & Valle, M. d. (2007). *Viaje sozinha: dicas e experiências para que você embarque na boa*. São Paulo: Panda Books.
- Khan, S. (2011). Gendered Leisure: Are Women More Constrained In Travel For Leisure. *Journal Tourism*, 6(1), pp. 105-121.
- Khoo-Lattimore, C., & Wilson, E. (2017). Introduction: women and travel, past and present. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and travel: historical and contemporary perspectives* (pp. 1-13). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Kinnaird, V., & Hall, D. R. (1994). *Tourism: A Gender Analysis*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Kinnaird, V., & Hall, D. R. (1996). Understanding tourism processes: a gender-aware framework. *Tourism Management*, 17(2), pp. 95-102.
- Kinnaird, V., & Hall, D. R. (2000). Theorizing gender in tourism research. *Tourism Recreation Research*, 25(1), pp. 71-84.
- Kolyesnikova, T., & Wilcox, J. (2009). Gender as a moderator of reciprocal consumer behavior. *Journal of Consumer Marketing*, 26(3), pp. 200-213.
- Kolyesnikova, T., Dodd, T., & Wilcox, J. (2009). Gender as a moderator of reciprocal consumer behavior. *Journal of Consumer Marketing*, 26(3), pp. 200-213.
- Kortenhaus, C., & Demarest, J. (1993). Gender Role Stereotyping in Children's Literature: An Update. *Sex Roles*, 28(3-4), pp. 219-232.
- Krippendorf, J. (1987). *The Holiday Makers: Understanding the Impact of Leisure and Travel*. Oxford: Butterworth Heinemann.
- Lafargue, P. (1977). *O Direito à Preguiça*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Lanzendorf, M. (2010). Key Events and Their Effect on Mobility Biographies: The Case of Childbirth. *International Journal of Sustainable Transportation*, 4(5), pp. 272-292.
- Laperrière, A. (2008a). A teorização enraizada (grounded theory): procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 353-385). Petrópolis: Vozes.
- Laperrière, A. (2008b). Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 410-435). Petrópolis: Vozes.
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*(19), pp. 20-28.
- Leal, M. L., & Leal, M. d. (2002). *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para Fins de Exploração Sexual Comercial no Brasil (Pestraf)*. Brasília: CECRIA.
- Leed, E. (1991). *The Mind of The Traveller*. New York: Basic Books.
- Leiper, N. (1990). *Tourism systems: An interdisciplinary perspective*. Palmerston North, New Zealand: Massey University.

- Leiper, N. (2000). Are destinations 'the heart of tourism'? The advantages of an alternative description. *Current Issues in Tourism*, 3(4), pp. 364-368.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lewis, C., Kerr, G., & Pomeroy, A. (2010). Self-identity and Social Norms in Destination Choice by Young Australian Travellers. *Tourist Studies*, 10(3), pp. 265-283.
- Lima, M. L., & Mello, R. P. (2012). As Vicissitudes da Noção de Gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. *Gênero na Amazônia*, 1(jan/jun), pp. 181-206.
- Lipovetsky, G. (2007). *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lo, C.-P., & Tashiro, S. (2013). Are women more generous than men? Evidence from the US Consumer Expenditure Survey. *Journal of Gender Studies*, 22(3), pp. 282-296.
- Lopez-Zafra, E., & Garcia-Retamero, R. (2012). Do gender stereotypes change? The dynamic of gender stereotypes in Spain. *Journal of Gender Studies*, 21(2), pp. 169-183.
- Loureiro, C. (2006). *O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- MacCannell, D. (1992). *Empty meeting grounds: the tourist papers*. London: Routledge.
- Madeira, M. Z. (2010). *Feminino e feminicídio? Estudos sobre relações de gênero, violência, feminilidade e cultura*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora.
- Maffesoli, M. (2001). *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina.
- Manen, M. v. (2007). Phenomenology of Practice. *Phenomenology & Practice*, 1, pp. 11-30.
- Mannell, R. C., Zuzanek, J., & Larson, R. (1988). Leisure states and 'flow' experiences: testing perceived freedom and intrinsic motivation hypotheses. *Journal of leisure research*, 20, pp. 289-304.
- Mariano, S. A. (2005). O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, 13(3), pp. 483-505.
- Markwell, K., Fullagar, S., & Wilson, E. (2012). Reflecting Upon Slow Travel and Tourism Experiences. In S. Fullagar, K. Markwell, & E. Wilson, *Slow tourism, experiences and mobilities* (pp. 227-233). Bristol: Channel View Publications.
- Martins, J. (2014). Tempo livre, Ócio e Lazer: Sobre Palavras, Conceitos e Experiências. In M. Baptista, & A. Ventura, *Do Ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (pp. 103-114). Coimbra: Grácio Editor.
- Maturana, H. (2002). Transdisciplinaridade e Cognição. In B. Nicolescu, *Educação e Transdisciplinaridade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- McCabe, S., & Johnson, S. (2013). The happiness factor in tourism: subjective well-being and social tourism. *Annals of Tourism Research*, 1, pp. 42-65.
- Mcclinchey, K. (2017). Women's Travel Narratives of Paris and the Emotional Geographies of Place. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel. Historical Contemporary Perspectives* (pp. 117-138). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.

- McKercher, B., Pang, S., & Prideaux, B. (2011). Do gender and nationality affect attitudes towards tourism and the environment? *International Journal of Tourism Research*, 13(3), pp. 266-300.
- McNamara, K. E., & Prideaux, B. (2010). A typology of solo independent women travellers. *International Journal of Tourism Research*, 12(3), pp. 253-264.
- McRobbie, A. (2008). Young Women and Consumer Culture. *Cultural Studies*, 22(5), pp. 531-550.
- Medeiros, M. (2012). *Um lugar na janela: relatos de viagem*. Porto Alegre, RS: L&PM.
- Mehta, A. (1999). Embodied Discourse: On gender and fear of violence. *Gender, Place & Culture*, 6(1), pp. 67-84.
- Mendonça, R. (1999). *Sentido da Viagem*. São Paulo: ECA/USP.
- Meneses, J. N. (2004). *História e turismo cultural*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Meng, F., & Uysal, M. (2008). Effects of gender on perceptions of destination, attributes, motivations, and travel values: an examination of a nature-based resort destination. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(4), pp. 445-465.
- Moesch, M. (2002). Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In S. Gastal, *Turismo: investigação e crítica*. São Paulo: Contexto.
- Monteagudo, M., Cuenca, J., Bayón, F., & Kleiber, D. (2014). Ócio ao Longo da Vida: as Potencialidades dos Itinerários de Ócio para a Promoção do Desenvolvimento Humano. In M. Baptista, & A. Ventura, *Do ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (pp. 135-149). Coimbra: Grácio Editor.
- Monterrubio, J., & Mendoza-Ontiveros, M. (2014). Tourism and the demonstration effect: empirical evidence. *Tourism & Management*, 10(1), pp. 97-103.
- Morin, E. (1989). *Ciência com Consciência*. São Paulo: Bertrand.
- Moroz, M. (2006). *O processo de pesquisa: iniciação*. Brasília: Líber Livro Editora.
- Mura, P., & Khoo-Lattimore, C. (2012). Young tourists, gender and fear on holiday. *Current Issues in Tourism*, 15(8), pp. 707-724.
- Myers, L. (2010). Women Travelers' Adventure Tourism Experiences in New Zealand. *Ann. Leis. Res.*, 13(1-2), pp. 116-142.
- Myers, L. (2017). Independent Women Travelers' Experiences and Identity Development Through Multi-Sensual Experiences in New Zealand. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel. Historical Contemporary Perspectives* (pp. 161-177). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicol. estud.*, 11(3), pp. 647-654.
- Neal, J., & Uysal, M. (2007). The effect of tourism services on travelers' quality of life. *Journal of Travel Research*, 46, pp. 154-163.
- Netto, A. P. (2011). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Neulinger, J. (1981). *To leisure: An introduction*. Boston: Allyn & Bacon.
- Neumann, M. (1992). The trail through experience: Finding self in the recollection of travel. In C. Ellis, & M. G. Flaherty, *Investigating Subjectivity: Research on Lived Experience* (pp. 176-203). London: Sage.

- Nicolescu, B. (2000). Um novo tipo de conhecimento – Transdisciplinaridade. In A. Sommerman, M. F. Mello, & V. M. Barros, *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIOM.
- Nietzsche, F. (1997). *O Anticristo, Ecce Homo e Nietzsche Contra Wagner*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Noseworthy, C., & Lott, A. (1984). The cognitive organization of gender-stereotypic categories. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 10, pp. 474-481.
- Noy, C. (2004). This Trip Really Changed Me: Backpackers' Narratives of Self-Change. *Annals of Tourism Research*, 31(1), pp. 78-102.
- Noy, C. (2008). Sampling Knowledge: The Hermeneutics of Snowball Sampling in Qualitative Research. *International Journal of Social Research Methodology*, 11(4), pp. 327-344.
- OECD. (2016). *OECD Tourism Trends and Policies 2016*. Paris: OECD Publishing.
- Oliveira, A. (2010). Religião e Sociedade Pós-Tradicional: O Caso da New Age Popular do Vale do Amanhecer. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 2, pp. 277-290.
- Oliveira, R. C. (2006). *O trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Ortiz, R. (1998). *Otro Territorio*. Bogotá: Convenio Andrés Bello.
- Page, S. (2003). Evaluating research performance in tourism: The UK experience. *Tourism Management*, 24(6), pp. 607-622.
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Newbury Park, CA: Sage.
- Pearce, P., Murphy, L., & Brymer, E. (2009). *Evolution of the Backpacker Market and the Potential for Australian Tourism*. QLD, Australia: CRC For Sustainable Tourism.
- Peixoto, N. B. (1987). *Cenários em ruínas*. São Paulo: Brasiliense.
- Pereiro Pérez, X. (2009). *Turismo Cultural. Uma visão antropológica*. Tenerife, España: ACA y PASOS, RTPC.
- Pernecky, T., & Jamal, T. (2010). (Hermeneutic) Phenomenology in Tourism Studies. *Annals of Tourism Research*, 37(4), pp. 1055-1075.
- Peterson, C., & Seligman, M. (2004). *Character, strengths and virtues: A handbook and classification*. New York: American Psychological Association/Oxford University Press.
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1999). *The Experience Economy*. Harvard: Harvard University Press.
- Pires, Á. P. (2008a). Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 43-91). Petrópolis: Vozes.
- Pires, Á. P. (2008b). Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 154-211). Petrópolis: Vozes.
- Piscitelli, A. (2002). Recriando a (categoria) mulher? In L. Algranti, *A prática feminista e o conceito de gênero*. Textos Didáticos (pp. 7-42). Campinas: IFCH/Unicamp.

- Plog, S. (2001). Why Destination Areas Rise and Fall in Popularity: An Update of a Cornell Quarterly Classic. *Cornell Hospitality Quarterly*, 42(3), pp. 13-24.
- Pomerleau, A., Bolduc, D., Gfileérard, M., & Cossette, L. (1990). Pink or Blue: Environmental Gender Stereotypes in the First Two Years of Life. *Sex Roles*, 22(5-6), pp. 359-367.
- Poon, A. (1993). *Tourism, Technology and Competitive Strategies*. New York: CAB International.
- Poon, A. (2003). Competitive strategies for a 'new tourism'. In C. P. Cooper, *Classics reviews in tourism*. Clevedon, UK: Channel View Publications.
- Popcorn, F., & Marigold, L. (2000). *Eveolution: The Eight Truths of Marketing to Women*. New York: Hyperion.
- Porter, B., & Schänzel, H. (2018a). *Femininities in the Field: Tourism and Transdisciplinary Research*. Bristol, UK: Channel View Publications.
- Porter, B., & Schänzel, H. (2018b). Introduction - Issues in the Field: A Female Perspective. In B. Porter, & H. Schänzel, *Femininities in the Field: Tourism and Transdisciplinary Research* (pp. 1-9). Bristol, UK: Channel View Publications.
- Poupart, J. (2008). A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & Á. P. Pires, *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 215-253). Petrópolis: Vozes.
- Pritchard, A., & Morgan, N. (2000). Constructing tourism landscapes: gender, sexuality and space. *Tourism Geographies*, 2(2), pp. 115-139.
- Pritchard, A., Morgan, N., Ateljevic, I., & Harris, C. (2007). Editor's Introduction: Tourism, Gender, Embodiment and Experience. In A. Pritchard, N. Morgan, I. Ateljevic, & C. Harris, *Tourism and gender: embodiment, sensuality, and experience* (pp. 1-111). Wallingford: CABI.
- Quaresma, H. D. (2003). *O desencanto da princesa: os pescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodão/Ananideua*. Belém: NAEA.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rabinovici, A. N. (2010). *Turismo e meio ambiente no Brasil*. Barueri, SP: Manole.
- Rajecki, D. W., Graaf-Kaser, R. D., & Rasmussen, J. (1992). New Impressions and More Discrimination: Effects of Individuation on Gender-label Stereotypes. *Sex Roles*, 27(3-4), pp. 171-185.
- Randon, M. (2006). O território do olhar. In V. Barros, M. Mello, & A. Somermann, *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo: TRIUM.
- Reid, A., & Purcell, N. (2004). Pathways to Feminist Identification. *Sex Roles*, 50(11-12), pp. 759-769.
- Reinharz, S. (1992). *Feminist methods in social research*. New York: Oxford University Press.
- Reisinger, Y., & Steiner, C. J. (2006). Reconceptualizing object authenticity. *Annals of Tourism Research*, 33, pp. 65-86.
- Rey, F. G. (2005). Diferentes Momentos do Processo de Pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In F. G. Rey, *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira.

- Rhoden, I. (2014). Atributos das Experiências de Ócio e Implicações Contraditórias Decorrentes do Estilo de Vida Contemporâneo. In M. Baptista, & A. Ventura, *Do Ócio – Debates no Contexto Cultural Contemporâneo* (pp. 63-74). Coimbra: Grácio Editor.
- Richards, G., & J., W. (2003). *New Horizons in Independent Youth and Student Travel–Today’s Youth Travellers: Tomorrow’s Global Nomads*. Beaumont: ISTC-ATLAS.
- Riedle, J. E. (1991). Exploring the Subcategories of Stereotypes: Not All Mothers Are the Same. *Sex Roles*, 24(11-12), pp. 711-723.
- Ritchie, J. R., & Crouch, G. I. (2000). The competitive destination: a sustainability perspective. *Tourism Management*, 21(1), pp. 1-7.
- Rojek, C. (1993). *Ways of Escape: Modern Transformations in Leisure & Travel*, Macmillan. London: Rowan & Littlefield.
- Rojek, C. (1995). *Decentring Leisure: Rethinking Leisure Theory*. London: Sage.
- Romano, L. (2013). Viagens e viajantes: uma Literatura de Viagens Contemporânea. *Estação Literária*, 10B, pp. 33-48.
- Rowe, M. (2017). The Role of a Female-only Online Hospitality Network in the Changing World of Women’s Independent Travel. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel: Historical Contemporary Perspectives* (pp. 257-269). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Ruschmann, D. (1997). *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. São Paulo: Papirus.
- Saffioti, H. I. (1992). Rearticulando Gênero e Classe Social. In C. Bruschini, & A. d. Costa, *Uma questão de Gênero*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Saffioti, H. I. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, 16, pp. 115-136.
- Salgado, M., Martins, J., & Reis, S. (2015). Students demand for higher education in Tourism and the perception of gender issues in a Tourism degree. *Revista Turismo & Desenvolvimento/Journal of Tourism & Development*, 23, pp. 105-118.
- Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Santos, R. J. (2012). A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing. *Seminário De Pesquisa em Turismo do Mercosul*. Caxias do Sul.
- Sayers, S. (1987). The Need to Work. *Radical Philosophy*, 46, pp. 17-26.
- Schechner, R. (2014). Podemos Ser o (Novo) Terceiro Mundo? *Revista Sociedade e Estado*, 29(3), pp. 711-726.
- Scheiner, J. (2014). Gendered key events in the life course: effects on changes in travel mode choice over time. *Journal of Transport Geography*, 37, pp. 47-60.
- Scott, J. E. (1995). Sexual and national boundaries in tourism. *Annals of Tourism Research*, 22(2), pp. 385-403.
- Scott, J. W. (1986). Gender: A Useful Category of Historical Analysis. *The American Historical Review*, 91(5), pp. 1053-1075.
- Serrano, S. (2014). *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Edições Tinta-da-China.

- Sharpley, R., & Stone, P. (2011). *Tourist experience, contemporary perspectives*. London: Routledge.
- Simão, P. M. (2013). Igualdade de género e liderança: o caso do sector da restauração. *Dissertação de Mestrado - DEGEI*. Universidade de Aveiro.
- Simão, P. M. (2015). A theoretical review on gender disparities and glass effects. *Revista Turismo & Desenvolvimento/Journal of Tourism & Development*, 23, pp. 129-142.
- Simão, P. M., & Breda, Z. M. (2014). *Gender and leadership: The case of the food and beverage (F&B) sector*. Ankara, Turkey.
- Siqueira, D. (2005). *História social do turismo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Six, B., & Thomas, E. (1991). A Closer Look at the Complex Structure of Gender Stereotypes. *Sex Roles*, 24(1-2), pp. 57-71.
- Sky, P. (1993). The tangency of theory: Feminis and Leisure. In A. B. Lamond, & S. E., *Proceedings of the Inaugural Conference of ANZALS* (pp. 399-403). Brisbane: ANZALS.
- Small, J. (1999). Memory-work: A method for researching women's tourist experiences. *Tourism Management*, 20, pp. 25-35.
- Small, J. (2007). The emergence of the body in the holiday accounts of women and girls. In R. Sharpley, & P. R. Stone, *Tourist Experience, contemporary perspectives*. London: Routledge.
- Small, J., & Wearing, S. (2017). Expanding Understanding: Using the 'Choraster' to Provide a Voice for the Female Traveler. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel: Historical Contemporary Perspectives* (pp. 103-116). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Small, J., Harris, C., Wilson, E., & Ateljevic, I. (2011). Voices of women: a memory-work reflection on work-life dis/harmony in tourism academia. *Journal of Hospitality, Leisure, Sports and Tourism Education*, 10(1), pp. 23-36.
- Smith, D. E. (1987). The Everyday World as Problematic: A Feminist Methodology. In D. E. Smith, *The Everyday World as Problematic: A Feminist Sociology* (pp. 105-145). Toronto: UPNE.
- Souza, M. S. (2016). As Ilusões do Espelho: Gênero e Identidade na Polícia Militar de São Paulo. *O público e o privado*(28).
- Stanford, D. (2017). Women and the Tourist Gaze: Historical and Contemporary Issues for Women Traveling in Male-dominated Public Space. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel: Historical Contemporary Perspectives* (pp. 17-30). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.
- Stanley, L., & Wise, S. (1983). *Breaking out: Feminist consciousness and feminist research*. London: Routledge.
- Stebbins, R. (1982). Serious Leisure: A Conceptual Statement. *Pacific Sociological Review*, 25(2), pp. 251-272.
- Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Swain, M. B. (1995). Gender in Tourism. *Annals of Tourism Research*, 22, pp. 247-266.
- Swirsky, J. M., & Angelone, D. J. (2016). Equality, empowerment, and choice: what does feminism mean to contemporary women? *Journal of Gender Studies*, 25(4), pp. 445-460.

- Tran, L., & Walter, P. (2014). Ecotourism, gender and development in northern Vietnam. *Annals of Tourism Research*, 44, pp. 116-130.
- Tribe, J. (2002). The philosophic practitioner. *Annals of tourism research*, 29(2), pp. 338-357.
- Tribe, J. (2010). Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of tourism research*, 37(1), pp. 7-33.
- Trigo, L. (2010). A viagem como experiência significativa. In A. P. Netto, & A. Gaeta, *Turismo de Experiência* (pp. 21-41). São Paulo: Editora Senac.
- Trigo, L. G. (2015). As milenares origens do preconceito de gênero. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 23, pp. 37-47.
- TripAdvisor. (2015). *TripBarometer*. Retrieved from TripAdvisor Insights: <https://www.tripadvisor.com/TripAdvisorInsights/tripbarometer>
- UNWTO. (2016a). *Panorama OMT del turismo internacional - Edición 2016*. Madrid: UNWTO.
- UNWTO. (2016b). *UNWTO Tourism Highlights, 2016 Edition*. Madrid: UNWTO.
- Urry, J. (1990). *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*. London: Sage.
- Valle, M., & Julius, F. (2007). *Viaje Sozinha*. São Paulo: Panda Books.
- Vogel, D., Lake, M., Evans, S., & Karraker, K. (1991). Children's and adults' sex-stereotyped perceptions of infants. *Sex Roles*, pp. 605-616.
- Wearing, B., & Wearing, S. (1996). Refocussing the Tourist Experience: The Flâneur and the Choraster. *Leis. Stud.*, 15, pp. 229-243.
- Wearing, S. (2001). *Volunteer Tourism. Experiences that make a difference*. Wallingfor: Cabi.
- Wearing, S. L., Stevenson, D., & Young, T. (2010). *Tourist Cultures: Identity, Place and the Traveler*. London: Sage.
- West, C., & Zimmerman, D. H. (1987). Doing Gender. *Gender & Society*, 1(2), pp. 125-151.
- Whitehead, T. L. (1986). *Self, sex and gender in cross-cultural fieldwork*. Illinois: University of Illinois Press.
- Wilson, E. &. (2008). The Solo Female Travel Experience: Exploring the "Geography of Women's Fear". *Current Issues in Tourism*, 11(2), pp. 167-186.
- Wilson, E. (2004). 'A journey of her own'? The impact of constraints on women's solo travel. Griffith University, PhD thesis.
- Wilson, E., & Harris, C. (2006). Meaningful travel: women, independent travel and search for self-meaning. *Tourism*, 54(2), pp. 161-172.
- Wilson, E., & Little, D. (2005). A 'relative escape'? the impact of constraints on women who travel solo. *Tourism Review International*, 9(2), pp. 155-174.
- Xie, H. J., Costa, C. A., & Morais, D. B. (2008). Gender Differences in Rural Tourists' Motivation and Activity Participation. *Journal of Hospitality & Leisure Marketing*, 16(4), pp. 368-384.
- Yang, E. (2017). Risk Perception of Asian Solo Female Travelers: an Autoethnographic Approach. In C. Khoo-Lattimore, & E. Wilson, *Women and Travel: Historical Contemporary Perspectives* (pp. 139-157). Oakville, Ontario: Apple Academic Press.

Anexos

Anexo A - Guião de Entrevista

Guião para a entrevista aprofundada

Tema: viagem independente no feminino

Pré-entrevista

Introduzir a conversa e abordar um pouco sobre mim sobre a pesquisa: como e porque eu escolhi esse tema? Em que a pesquisa pretende contribuir para os estudos e gênero (por que é importante?). Em seguida, colher informações sobre o contexto da entrevistada/histórico de viagens:

Breve história de vida:

- Onde nasceu e morou?
- Sua idade?
- Família? Casada/solteira? Filhos?
- Lugares que morou?
- Situação atual de vida - estuda, trabalho, família, relacionamentos, religião, etc.
- Lugares que viajou? Destinos internacionais.
- Idade que fez as viagens.
- Quantas viagens no total?

Planejamento da viagem

Motivações/benefícios

- De forma geral, o que a motivou para fazer esse tipo de viagem?
- E viagens sozinha a negócio/trabalho/estudo?
- Por que você escolheu viajar sozinha? Decisão ou falta de companhia?
Inspirou-se em alguém?
- A viagem trouxe benefícios? Quais?
 - ✓ - Emocional?
 - ✓ - Físico?
 - ✓ - Espiritual?
 - ✓ - Outro?
- Como você se sente realizando esse projeto de viajar sozinha?
- Porque escolheu o destino?
- Quantas dessas viagens foram feitas especificamente sozinha?
- Durante a viagem segue algum estilo/rotina específico?
- Alguma preparação antes da viagem?
- Que tipo de informações você usou? Algum guia para mulheres?
- Porque escolheu um destino internacional?
- Já viajou sozinha pelo Brasil?

A Viagem

- Quais desafios você enfrentou:
 - ✓ Antes da viagem?
 - ✓ Durante a viagem?
 - ✓ Por ser mulher?
 - ✓ Por ser brasileira?
 - ✓ Como lidou com esses desafios?
- Gênero
 - ✓ Que tipos de reações seus amigos/família/amigos de trabalho tiveram sobre você viajar sozinha?
 - ✓ Que tipo de reações você percebia das pessoas locais nos lugares que visitou?
 - ✓ Serviços:
 - ✓ Que tipos de serviços turísticos utilizou?
 - ✓ Sentiu falta de algo mais específico?
- Você tem/faz um diário de viagem? Por que?
- Em algum momento sentiu falta de alguém ou arrependida em viajar sozinha?
- Depois dessa experiência prefere viajar sozinha ou acompanhada?
- Alguma experiência/sensação espiritual durante a viagem?

Pós viagem - Retorno para casa

- Como foi voltar para casa depois de uma viagem sozinha?
- Quais dificuldades?
- Quais aprendizados essa experiência trouxe para sua vida? (pessoal, familiar, profissional, espiritual)
- O que te marcou? Que tipo de impacto a viagem que você fez teve/causou na sua vida?
- Qual o significado da viagem em sua vida?
- Você se sente satisfeita com as experiências que fez de viagens sozinhas? Faria alguma coisa diferente?
- Você pretende continuar a viajar de forma independente? Planos futuros?
- Algo a acrescentar? Pensamentos/palavras?

Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PROGRAMA DOUTORAL EM TURISMO – UNIVERSIDADE DE AVEIRO
ESTUDO SOBRE MULHERES E VIAGENS INDEPENDENTES



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Cara participante,

Para assegurar a confidencialidade de suas informações pessoais, seu nome e nome de outras pessoas que poderão ser mencionadas durante a entrevista, não serão referenciados no texto da tese, somente suas iniciais e idade serão informadas (Ex: G., 38 anos). Inclusive qualquer outra informação com a qual não se sentir à vontade para divulgar, será apagada. O gravador poderá ser desligado a qualquer momento durante a entrevista.

Se estiver à vontade para participar da entrevista, por favor, assine a declaração abaixo.

Eu concordo que as informações por mim prestadas sejam gravadas durante a minha entrevista, para que sejam utilizadas em um estudo de doutorado sobre mulheres e viagens independentes. Aceito que apenas as iniciais do meu nome e minha idade sejam indicadas na tese.

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____